

UNIVERSIDADE ABERTA

ANA JOSEFA GOMES CARDOSO

**AS INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS DO CABOVERDIANO NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS**

Mestrado em Relações Interculturais

Orientadores:

Professora Doutora Maria Manuela Malheiro Ferreira

Professor Doutor Manuel Monteiro da Veiga

Lisboa, 2005

AGRADECIMENTOS

As palavras, por mais bonitas que sejam, nunca são suficientes para agradecer, contudo, ainda que de forma limitada, são elas que melhor expressam essa intenção. Por isso, obrigada!

Agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para que fosse possível a realização deste trabalho.

Um agradecimento muito especial aos meus orientadores, Professora Doutora Maria Manuela Malheiro Ferreira pelas portas abertas, pela confiança e pelo apoio, e Professor Doutor Manuel Monteiro da Veiga pela referência, pelo interesse, pelos contactos e pela disponibilidade, mesmo a longa distância.

Não posso deixar de referenciar ainda:

- os colegas do 11º MRI pelo companheirismo e pela partilha, em especial, Amália, Elisabet, Zita, Edmundo e Joaquim;
- Ana Paula Augusto pela amizade, pelo companheirismo e pelas caminhadas às bibliotecas do ISCSP e da Sociedade de Geografia;
- Fernanda Pratas pela amizade, pelo apoio e pela força nos momentos mais críticos;
- Paulo Feytor Pinto pelo incentivo e pelo apoio;
- Dulce Pereira pela referência, pelo apoio e pela motivação;
- Corsino Tolentino pelo incentivo e pelas pontes com Cabo Verde;
- Tomé Varela da Silva pelo exemplo e pela motivação;
- Moacyr Rodrigues pelos contactos e dados recolhidos em São Vicente;
- Directores, professores de Português e alunos da Escola Secundária Constantino Semedo e Escola Padre Moniz, na Ilha de Santiago, Cabo Verde, pelo acolhimento e pelo contributo;
- Directores, professores de Português e alunos da Escola Salesiana de Artes e Ofícios e Escola Secundária José Augusto Pinto, São Vicente, Cabo Verde, pelo contributo;

- Conselhos Executivos, professores de Português e alunos das escolas, EB 2/3 Vale da Amoreira, EB 2/3 Monte da Caparica, EB 2/3 Ana de Castro Osório, EB2 Nun'Álvares e EB2 Pedro Eanes Lobato, pela colaboração;

Finalmente, agradeço à minha família por todo o apoio e pela confiança que depositaram em mim.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	2
Introdução	6
Justificação e Relevância do Estudo	8
Limitações do Estudo	12
Questões de Investigação	14
Objectivos da Investigação	15
Definição de Alguns Termos e Conceitos	16

PARTE I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1- O Caboverdiano e a sua Língua	19
1.1- E Assim Nasceu o Caboverdiano	19
1.2- O Percurso Histórico da Língua Caboverdiana	24
1.3- A Língua Caboverdiana como Factor Estruturante da Identidade	32
1.4- A Importância do Património Oral: Lobu Ku Xibinhu	36
1.5- Atitudes e Tomadas de Posição em Relação à Língua Caboverdiana	41
1.6- Situação da Língua Caboverdiana em Portugal face à Declaração Universal dos Direitos Linguísticos	50
1.7- A Relação entre a Língua Caboverdiana e a Língua Portuguesa em Contexto Escolar	53
2-O Bilinguismo.....	65
2.1- A Aquisição do Estatuto Bilingue	65
2.2- A Diglossia	70
2.3- O Bilinguismo Caboverdiano	72
2.4-O Bilinguismo das Crianças de Origem Caboverdiana em Portugal	73
3-A Gramática da Língua Caboverdiana – Breve abordagem	75
4- A Escrita do Caboverdiano	84
5- O Erro numa Perspectiva de Aquisição de uma Língua não Materna	90
6- A Interferência Linguística	95

PARTE II – O ESTUDO

1- Metodologia	103
2- Análise de Conteúdo	105
3- Procedimentos	108
4- Amostra e Justificação da Escolha: As Escolas e os Sujeitos de Investigação ..	119
5- Validade do Estudo	122
6- Análise dos Dados	123
7- Análise do <i>Corpus</i>	125
8- Conclusões	151

PARTE III

1- Bibliografia	156
1.1- Bibliografia Referente ao Tema	156
1.2- Bibliografia Referente à Metodologia	165
2- Anexos	166

INTRODUÇÃO

Comunicar é uma das necessidades básicas do ser humano, pois o homem é um ser cultural e social.

Para comunicar o homem criou códigos que lhe possibilitavam interagir com os outros membros da sua comunidade.

O contacto entre comunidades diferentes “obrigou” a uma aprendizagem do código do outro ou a uma criação de um novo código que permitisse a interacção e a intercompreensão dos implicados neste processo (como é o caso da língua caboverdiana¹).

Presentemente, a diversidade cultural e linguística é uma realidade em quase todo o mundo, devido às migrações que cada vez são mais frequentes pelas mais diversas razões.

Neste processo de migrações também se deslocam línguas e culturas das comunidades, pois cada homem é portador de uma língua e uma cultura que são inerentes à sua identidade.

Contrariamente àquilo que pressupõe a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, muitas línguas e culturas continuam a beneficiar de um estatuto desigual, que as inferioriza e desvaloriza relativamente às línguas e culturas política e economicamente mais fortes, uma vez que, continuam a ser discriminadas e menosprezadas pelas comunidades linguísticas e culturais da maioria, que pouco se têm preocupado em conhecê-las e reconhecer a sua importância como instrumento de comunicação e marca de identidade cultural.

¹ Optámos por escrever **caboverdiano** sem hífen. Não se trata de um erro, mas sim de uma representação que não está conforme a norma ortográfica portuguesa. Conforme refere Veiga (2002:3) Cabo Verde representa um único monema, tal como cabo-verdiano. O elemento “**verdiano**” não é um monema autónomo e por isso, o uso do hífen para separar duas unidades do mesmo monema não faz sentido. A lógica deveria ser a mesma utilizada para os monemas santantonense, sanvicentino ou boavistense. Esta palavra surge representada graficamente de outro modo quando se trata da transcrição de citações ou de títulos.

Se olharmos para a realidade portuguesa, podemos constatar que pertencer a uma minoria linguística, como por exemplo à caboverdiana, pode ser uma barreira à integração e ao sucesso, pois a falta de domínio da língua portuguesa impede os seus falantes de aceder aos recursos que lhe permitem exercer os seus direitos de cidadania.

Com a massificação do ensino, surgiu um grande número de minorias linguísticas nas nossas escolas, havendo casos em que a comunidade linguística minoritária corresponde à maioria da população escolar, como acontece em algumas escolas da zona Metropolitana de Lisboa cuja população escolar é essencialmente de origem africana, constituindo os caboverdianos o número mais representativo.

Esta nova situação obriga a escola a repensar as metodologias utilizadas no ensino e nomeadamente, no que diz respeito à língua portuguesa, que tem sido ministrada para todos como língua materna, ignorando a situação de desvantagem em que se encontram os alunos falantes de outras línguas maternas.

A realidade caboverdiana, embora seja diferente, debate-se com um problema que se assemelha à situação portuguesa, visto que a língua da escola é a língua oficial, neste caso o português, e a língua materna é a língua caboverdiana (o crioulo), que só agora começa a dar os primeiros passos para a instrumentalização.

Estas duas línguas beneficiam de estatutos diferentes e são utilizadas em circunstâncias diferentes, embora ambas complementem as necessidades do universo linguístico caboverdiano, ainda que de uma forma desequilibrada. O bilinguismo caboverdiano encontra-se em fase de construção e caracteriza-se por uma situação de diglossia em que a língua portuguesa e a língua caboverdiana estão em contacto e se influenciam mutuamente pelos fenómenos naturais que ocorrem do contacto entre línguas, como o é o caso dos empréstimos e das interferências linguísticas.

Neste estudo pretendemos dar a conhecer a realidade linguística caboverdiana e dos alunos de origem caboverdiana em Portugal e mostrar alguns efeitos do contacto entre a língua portuguesa e a língua caboverdiana, em particular, as interferências linguísticas.

JUSTIFICAÇÃO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Actualmente já é universalmente reconhecido o papel que cabe à escola na socialização² das crianças e dos jovens e da sua capacidade de criar elos de ligação fortes com as comunidades locais. As boas relações entre a escola e a comunidade, assim como a colaboração de representantes dos grupos minoritários são um factor chave para a implementação de currículos de educação intercultural, bem como para a obtenção do sucesso escolar.

O ensino da língua tem um grande peso em quase todos os currículos e por isso, nas classes multilíngues a aprendizagem da língua não se limita apenas à disciplina em si, estendendo-se a todas as outras. Os professores devem ter em conta as línguas em presença quando delineiam as estratégias e organizam as tarefas de ensino/aprendizagem à volta de situações reais de comunicação, pois os fluxos migratórios contribuíram de forma significativa para que as comunidades monolíngues sejam cada vez menores.

Das comunidades linguísticas e culturais minoritárias existentes em Portugal, a caboverdiana é a maioritária e nalgumas escolas a maior parte dos alunos são de origem caboverdiana, o que faz com que nestes casos a língua caboverdiana seja a mais falada, apesar de não fazer parte dos currículos e não ser a língua da escola.

É sabido que falar uma língua diferente daquela que a escola veicula, significa também ter uma ligação a um determinado grupo que tem valores e atitudes que podem não coincidir com os da cultura da escola.

Quando falha o sistema de comunicação da escola, surgem problemas que os professores e os alunos têm dificuldade em resolver. A falta de comunicação e os erros

² entenda-se por socialização a definição dada por António Perroti (1997) “*É um processo através do qual a cultura de uma sociedade é transmitida à nova geração. Produz-se ao mesmo tempo que se desenvolve a identidade de uma pessoa. A criança aprende a olhar-se como os outros a olham e a reconhecer os papéis dos outros. Distinguimos a socialização primária, que se realiza na família, da socialização secundária, que se efectua na escola e através dos contactos com os outros grupos sociais, formais e informais, em particular com o grupo dos pares.*”

de comunicação são razões que por vezes estão na base do insucesso e do abandono escolar.

O ensino ministrado tem tentado submeter estes alunos a um processo de assimilação, no qual se pretende que sejam “*despojados de todo e qualquer elemento cultural próprio*” (Perotti, 1997) subvalorizando a sua língua materna e esquecendo-se que ela faz parte da sua identidade e é o principal ponto de referência para aprendizagem de qualquer outra língua.

Carlos Cardoso (1996: 29) enumera um conjunto de “*barreiras ao sucesso educativo de crianças*” entre as quais a da língua é aquela que agora importa salientar. Segundo o autor, “*As dificuldades no domínio da língua usada na escola são factores de insucesso. Quando se trata de uma segunda língua as dificuldades são obvias e é considerado indispensável a aprendizagem da língua usada na escola. (...) No entanto, tem sido dada pouca atenção aos problemas de aprendizagem e outros efeitos marginais (na auto-estima, na auto-confiança, na motivação, etc.) decorrentes das dificuldades linguísticas que se levantam às crianças africanas que falam por exemplo o crioulo ou suas variantes.*”

O autor acrescenta ainda que estas crianças “*...em geral, prejudicadas pelo facto do crioulo ser visto como português deficiente e não como símbolo de identidade e meio de comunicação no contexto da sua cultura. As diferenças linguísticas entre o português - padrão – e o crioulo, conjugadas com atitudes inadequadas dos professores face a essas diferenças desfavorecem as crianças...*”

Já não é possível fingir que os alunos de origem caboverdiana, assim como outros alunos crioulófonos, não necessitam de estratégias adequadas à sua situação de portadores de outra língua materna e aprendentes de português como segunda língua, aliás, a prova disso é o artigo 8º do Decreto-Lei 6/2001/ME de 18 de Janeiro, que prevê que sejam proporcionadas actividades curriculares específicas para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não é o português.

Pôr em prática o que está legislado implica um maior conhecimento das línguas maternas dos alunos e uma mudança de atitude face às línguas consideradas de menor prestígio, como é o caso da língua caboverdiana.

Gorgette Gonsalves (1995) afirma que *“as teorias actuais sobre a língua e a pedagogia consideram que um dos factores de sucesso na aquisição de uma segunda língua é o nível de conhecimento da língua materna. Um bom professor de segunda língua compreende o papel da L1 e parte daí para o ensino da L2.”*

A competência linguística da criança portuguesa em idade escolar permite-lhe estar na posse de um inúmero conjunto de frases que aplica a situações diversas. A criança caboverdiana possui esta mesma competência linguística em relação à sua língua materna, no entanto, contrariamente ao que acontece com a criança portuguesa, a criança caboverdiana *“possui um instrumento de comunicação oral – o crioulo – suficientemente próximo do português para poder compreender com relativa facilidade, mas com uma estrutura gramatical diferente. Falta-lhe, em relação ao português, a competência fonológica, morfológica, sintáctica e lexical da criança portuguesa da mesma idade.”* (Duarte, 1998)

Em Cabo Verde não se pode falar em língua maioritária e língua minoritária, mas antes da função e do prestígio de cada uma das línguas em presença.

As crianças são alfabetizadas numa língua que não dominam. O português é para a maioria delas uma língua estranha cujo contacto, quando existe, limita-se quase, ao que é proporcionado pela rádio e pela televisão. O acesso à língua portuguesa é maior nos meios urbanos do que nos meios rurais, onde a tecnologia ainda não chegou e a possibilidade de existir situações formais é praticamente nula.

O facto da língua materna não fazer parte do processo de ensino/aprendizagem, dificulta o convívio saudável com a língua de ensino, comprometendo assim o desenvolvimento de um bilinguismo verdadeiro e equilibrado.

No processo de aquisição de uma língua não materna, o professor deverá ser consciente e saber reconhecer que a língua materna é a língua dos laços afectivos com as pessoas significativas para a criança, como tal, é indissociável da identidade psicossocial da criança e da sua auto-estima. O domínio das competências linguísticas na língua materna não só favorece o bom desenvolvimento intelectual e emocional da criança, como facilita a aprendizagem da língua segunda e melhora o aproveitamento escolar.

A valorização da língua materna, no espaço escolar, tem efeitos positivos na representação individual e social do estatuto dessa língua, favorecendo a auto-estima do aluno e da sua família e também, a socialização de todos os alunos.

Acreditamos que o sucesso escolar dos alunos que têm a língua caboverdiana como língua materna passa por uma maior valorização desta língua.

Conhecer a língua caboverdiana e reconhecer a sua utilidade como um recurso de excelência, objecto de estudo e instrumento de aprendizagem são aspectos fundamentais para a melhoria das práticas pedagógicas dos docentes que trabalham com esta população escolar. O conhecimento desta língua permitirá ao professor conhecer as áreas sensíveis e prever as interferências que podem ocorrer na aprendizagem da língua portuguesa.

Consideramos que o contributo deste trabalho, ainda que modesto, tem uma enorme relevância quer para a interiorização do estágio e da complexidade do bilinguismo caboverdiano, quer pela utilidade pedagógica que terá tanto para a comunidade caboverdiana residente em Portugal como para os professores portugueses que trabalham com alunos de origem caboverdiana, como ainda para o ensino da língua portuguesa em Cabo Verde.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Para levar a cabo este estudo estávamos conscientes de algumas limitações que poderiam condicionar o nosso trabalho.

A obrigatoriedade de concluir a investigação no período de um ano exigia uma gestão correcta do tempo e das oportunidades e uma total disponibilidade, o que não foi possível cumprir devido a imprevistos de ordem diversa.

Uma interacção positiva com as instituições e uma boa receptividade por parte dos responsáveis foram essenciais para que fosse possível recolher os dados necessários à concretização do projecto de investigação. O trabalho de campo ficou dependente da colaboração do público alvo, que participou de forma empenhada, mas nem sempre correspondeu ao esperado.

A pesquisa bibliográfica foi dificultada pela dispersão dos documentos existentes e pela escassez de estudos feitos nesta área.

A distância entre os locais onde foi realizado o trabalho de campo (Margem Sul do Tejo – Portugal e Cabo Verde) foi mais um obstáculo a contornar.

Os custos elevados desta investigação (recursos materiais, deslocações em Portugal, viagem a Cabo Verde, estadia e deslocações em Cabo Verde, etc.) dificilmente seriam suportáveis sem o apoio que foi dado por parte de algumas instituições, nomeadamente a Fundação Calouste Gulbenkian.

Este estudo centrou-se em duas Escolas do Segundo e Terceiro Ciclos do Ensino Básico do Distrito de Setúbal onde existe uma forte presença de alunos de origem caboverdiana, e em quatro escolas secundárias de Cabo Verde, sendo duas da Ilha de Santiago e duas da Ilha de São Vicente.

Apesar da quantidade de dados recolhidos, este estudo torna-se limitativo dado que o universo é bastante restrito e não permite generalizar os resultados obtidos a todos

os alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal nem a todos os alunos caboverdianos residentes em Cabo Verde.

QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Sabendo que existem poucos estudos sobre a língua caboverdiana e o seu uso no dia-a-dia dos seus falantes, propusemo-nos a levar a cabo uma investigação que nos permitisse verificar até que ponto esta língua consegue demarcar o seu espaço no seio do espaço linguístico português e caboverdiano, pelo que colocámos as seguintes questões de partida:

Que consequências advêm do contacto entre a língua caboverdiana e a língua portuguesa?

Que interferências da língua caboverdiana ocorrem no processo de aquisição da língua portuguesa dos alunos de origem caboverdiana?

Será que as interferências linguísticas dos alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal são as mesmas que as dos alunos caboverdianos residentes em Cabo Verde?

Ao longo do processo de investigação tentámos encontrar as respostas para estas questões, por forma a atingir os objectivos deste estudo.

OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A investigação que levámos a cabo teve como base os seguintes objectivos:

- Identificar as diversas situações de uso da língua caboverdiana pelos seus falantes.
- Verificar que interferências da língua caboverdiana ocorrem nas produções escritas em língua portuguesa.
- Averiguar se as interferências que ocorrem são as mesmas nos alunos de origem caboverdiana em Portugal e nos alunos caboverdianos em Cabo Verde.
- Identificar o tipo de interferências linguísticas que ocorrem do contacto entre a língua caboverdiana e a língua portuguesa.
- Reconhecer a importância da língua materna na aprendizagem de uma segunda língua.
- Contribuir para um maior conhecimento da língua caboverdiana.

DEFINIÇÃO DE ALGUNS TERMOS E CONCEITOS

Língua – é uma noção político-institucional que corresponde a um sistema linguístico abstracto que, por razões políticas, económicas e sociais, adquiriu uma independência tanto funcional como psicológica para os seus falantes. Dão conta do funcionamento desse sistema instrumentos próprios, tais como gramáticas, dicionários, prontuários...

Hub-Faria e outros, (1996 : 482)

Dialecto – cada uma das subdivisões que se podem aplicar a uma determinada língua, tomando por critério a região geográfica ou a camada social a que pertencem os falantes.

Xavier e Mateus, (1990 : 127)

Crioulo – instrumento de comunicação de carácter vocal exercida no âmbito de uma dupla articulação linguística que resultou da mutua interferência entre dois ou mais idiomas, um deles europeu e outro ou outros não europeus, nomeadamente africanos ou asiáticos.

Barbosa, (1967 : VII)

Crioulo – língua formada pela expansão e complexificação de um pidgin e que se torna a primeira língua de uma comunidade.

Xavier e Mateus, (1990 : 111)

Bilinguismo – é a utilização de dois sistemas linguísticos pelos locutores de uma mesma comunidade.

Garmadi, (1983 :128)

Diglossia – conceito teórico introduzido por Ferguson (1959), é uma situação linguística relativamente estável na qual, além da variedade adquirida em primeiro lugar, se encontra também uma variedade sobreposta, muito divergente e altamente codificada, por vezes mais complexa ao nível gramatical, e que é a base de uma vasta literatura escrita e prestigiada. Esta variedade é geralmente adquirida por meio do sistema educativo e utilizada a maior parte das vezes na escrita e em situações formais do discurso. Não é, no entanto utilizada por nenhum grupo da comunidade na conversação corrente.

Garmadi, (1983 : 131)

Diglossia – é o uso de cada uma das línguas, preferencialmente com determinados fins e em determinadas circunstâncias.

Hub-Faria e outros (1996 :520)

Competência Comunicativa – termo estabelecido por Dell Hymes (1971), é a capacidade de perceber as frases não só como realidades linguísticas, mas também como realidades socialmente apropriadas. É pela aquisição dessa competência que a criança se torna capaz de discernir os momentos em que deve ou não deve falar, que aprende do que deve ou não falar, onde e como é que se fala de qualquer coisa. Torna-se assim capaz de avaliar o seu grau de sucesso em relação aos outros.

Garmadi, (1983 : 84)

Competência Linguística – é um conjunto de saberes linguísticos.

Hub-Faria e outros, (1996 :451)

Língua Materna – língua nativa do sujeito que a foi adquirindo naturalmente ao longo da infância e sobre o qual ele possui intuições linguísticas quanto à forma e uso.

Xavier e Mateus, (1990 : 231)

A língua materna define-se segundo os seguintes critérios:

- Origem: a língua que o indivíduo aprendeu primeiro;
- Competência: a língua que o indivíduo conhece melhor;
- Função: a língua que o indivíduo utiliza mais;
- Identificação interna: a língua com a qual o indivíduo se identifica;
- Identificação externa: a língua com a qual os outros identificam o indivíduo como falante nativo.

Skutnabb-Kangas (1984:18)

Língua Segunda – é uma língua não materna que beneficia oficialmente de um estatuto privilegiado, em virtude de ser a língua veicular numa comunidade. No ensino/aprendizagem difere da língua estrangeira pelo facto de, para além do acesso a um código que é propriedade dos outros, permitir uma apropriação e a aquisição do direito de intervir e modificar.

Alcobia-Gomes, (1998 : 5)

Língua Oficial – é a língua do estado usada nas situações formais.

Língua Nacional – é a língua partilhada pelos nacionais de um determinado estado. Esta língua nem sempre coincide com a língua oficial.

Interferência Linguística – é a simbiose entre duas ou mais línguas. É uma consequência do contacto entre línguas. A interferência pode dar-se a todos os níveis: tanto ao nível da estruturação do léxico como ao nível gramatical, em que a sintaxe estará tão implicada como os inventários de forma e em que a sua estreita estruturação já não protegerá o nível fonológico.

Garmadi, (1983 : 141)

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1-O Caboverdiano e a sua Língua

1.1- E Assim Nasceu o Caboverdiano

É ponto assente que as ilhas foram achadas pelos navegadores portugueses durante duas viagens sucessivas entre 1460 e 1462.

A maioria dos historiadores portugueses defende que o arquipélago era desabitado aquando do seu achamento.

António Carreira, que consagrou a maior parte da sua investigação à História de Cabo Verde, afirma que, embora a documentação antiga apresente as ilhas como desertas à chegada dos navegadores portugueses, não se deve excluir a hipótese de Santiago ter sido, anteriormente, refúgio de um pequeno grupo de náufragos jalofos ou outros grupos étnicos do Senegal. Encontram-se também referências quanto à presença de grupos humanos antes da chegada dos portugueses, nos principais escritos, dos finais do século XVII e início do século XIX.

Seja qual for a verdade, parece que esses grupos de povos não constituíram uma população suficientemente importante nem solidamente implantada, para oferecer resistência à implantação colonial portuguesa. “ *Quando o descobridor chegou à primeira ilha/ nem homens nus/ nem mulheres nuas/espreitando inocentes e medrosos/detrás da vegetação/...nessa hora então/ nessa hora inicial/ começou a cumprir-se este destino ainda de todos nós*”³.

É essa inexistência de população solidamente implantada nestas ilhas que vai determinar a política de povoamento que no início, deveria orientar-se para a fixação de uma população europeia, à semelhança dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, mas

³ Poeta Caboverdiano Jorge Barbosa , poema “*Prelúdio*”

o rigor do clima e a impossibilidade de desenvolver as culturas cerealíferas, às quais as famílias europeias estavam habituadas inviabilizou o esquema de povoamento branco.

Os poucos brancos que se encontravam em Cabo Verde passaram a importar mão-de-obra escrava do continente para trabalhar e para comercializar que vinha de toda a costa da Guiné, do Rio Senegal à Serra Leoa.

Dos africanos predominaram os escravos provenientes de vários grupos étnicos da costa da Guiné, também vieram negros livres (dos quais muitos falavam português) que acompanhavam espontaneamente os comerciantes, os missionários e os capitães dos navios.

Dos portugueses brancos contam-se essencialmente madeirenses. Pertenciam a várias classes sociais, eram nobres, deportados políticos e de direito comum.

Deste processo de miscigenação também fizeram parte outros povos, como espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e outros de origem nórdica e japonesa.

Nesta “*espécie de babel étnica*” como lhe chama António Correia e Silva (2001:174), em que várias línguas, religiões, usos, costumes, e crenças diferentes coexistiam, a mistura de povos era inevitável e esta miscelânea conduziu à crioulização da sociedade.

Uns e outros vieram ou foram trazidos como escravos ou desterrados para Cabo Verde. Eram portadores de culturas diferentes, tendo sido obrigados a enfrentar um novo meio geográfico, onde todos estiveram em contacto permanente e directo.

Vendo-se numa situação em que as mulheres europeias escasseavam, o homem branco coabitava com o mulher negra quer para encontros furtivos quer para constituir família e os mestiços nascidos destas relações são os primeiros a confrontarem-se com as diferenças étnicas e culturais dos seus progenitores,

De acordo com a afirmação de António Correia e Silva (2001:176), “*A sociedade insular quinhentista é... caracterizada...pela indefinição étnico-cultural dos filhos da*

terra.” Os híbridos culturais não eram apenas resultantes do cruzamento entre o branco e a escrava negra, mas também do cruzamento entre escravos de diferentes etnias, estando todos marcados pela indefinição cultural e pela necessidade de criar uma identidade própria.

De uma forma ou de outra, todos sofreram mudanças nos seus modelos culturais de origem e com o tempo criaram uma cultura própria – a cultura caboverdiana – que é o resultado de múltiplos processos de aculturação que ocorreram nas ilhas, caracterizadas pela simbiose das formas de ser, estar e fazer.

Esta fusão deu origem a um povo mestiço quer biológico, quer culturalmente, ou seja, a uma nova identidade.

“Em Cabo Verde não havia uma população verdadeiramente nativa e os brancos e quase brancos nunca conseguiram impor a cultura portuguesa, a não ser no plano formal e oficial. Saindo da escravidão, os negros tinham perdido a sua cultura original e tinham adquirido outra e foi essa cultura cabo-verdiana que sobreviveu.” (Davidson, 1988:45-46).

A respeito da identidade cultural caboverdiana, Ana de Saint-Maurice (1997:42) escreve que ela *“estrutura-se (...) a partir do processo de miscigenação”*. No entanto, há que ter em conta o espaço dentro do qual os caboverdianos se forjaram e actuaram: a insularidade, em que o mar se torna um elemento fortemente estruturante das maneiras de ser e de estar; as condições naturais adversas e a pertença deste espaço insular ao continente africano. Este espaço onde se constrói a identidade caboverdiana pode ser caracterizada por uma espécie de *ethnoscape*⁴, uma vez que houve necessidade de reinventar a apropriação do espaço *“com grupos migrantes, reagrupados em novas localidades a reconstruir as suas histórias e a reconfigurar os seus projectos étnicos..”*⁵.

⁴ APPADURAI, A.(1997), citado por SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do Espaço*, Lisboa, Celta Editora.

“Por “ethnoscape”, eu entendo a paisagem de pessoas que constróem os mundos mutáveis em que vivem (turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores estrangeiros e outros grupos e indivíduos móveis), constituem uma característica essencial do mundo e aparecem para afectar as políticas das nações, num grau até aqui sem precedentes...”

⁵ Idem

As populações africanas foram retiradas do seu habitat natural e exportadas para Cabo Verde em situação de ruptura ambiental, cultural e social, tendo sido espalhadas indiscriminadamente pelas diferentes ilhas, perdendo assim os seus laços clânicos e de linhagem, as suas estruturas familiares e os seus poderes tradicionais, sendo forçados a renunciar aos seus rituais.

Apesar do desenraizamento da população que inicialmente povoou Cabo Verde, sobrevivem aspectos da cultura africana e da cultura europeia que são identificáveis no todo cultural caboverdiano.

De África, tal como refere Veiga (1993), herdou-se o esforço das tarefas quotidianas, as técnicas de cultivo, o ritmo das tabancas e do batuque, práticas mágico-feiticistas, o hábito de transportar as crianças às costas, a utilização do pau e do pilão entre outros.

Da Europa, sobretudo dos portugueses, ficaram a forma de vestir, o tipo de habitação, formas de ordenamento do território, as instituições administrativas, a instituição familiar, festas populares entre outros.

O povo caboverdiano dotou-se de uma língua e de uma cultura próprias. Esta “*desterritorialização*”, fez com que o todo cultural resultante possuísse uma identidade própria no sentido da especificidade colectiva de um grupo humano. Gabriel Mariano (1991:53) refere que a “*harmonização de antagonismos*” e a construção de uma “*unidade na diversidade*” estão na base da cultura caboverdiana e do papel do mestiço na sua constituição. Esta nova e original identidade dos mestiços caboverdianos criou um homem novo, com uma profunda “*consciência nacional*”, segundo afirma Dulce Almada Duarte (1978).

Há quem afirme que no século XIX já havia em Cabo Verde uma forte consciência nacional. António Correia e Silva afirma que “*Cabo Verde é um exemplo único, ao nível africano, onde a Nação precedeu o Estado*”. Eugénio Tavares refere numa das suas obras que a nação nasce com a emigração para os Estados Unidos da América e esta já se tinha iniciado antes do século XIX.

A desterritorialização da africanidade e da europeidade deram os seus contributos para que aquilo que António Contador (2001:46) designa por *third space*, neste caso, a caboverdianidade, se construísse e se enraizasse.

Segundo Francisco Mascarenhas, os caboverdianos conseguiram “*através de dois ou três séculos ser diferente do europeu e do africano. Lográmos uma identidade própria, rica, expressiva, dinâmica...*”.

Mesquitela Lima diz que “*...Cabo Verde não é África, Cabo Verde é Cabo Verde, Cabo Verde são os trópicos, é uma parte da África e uma parte da Europa. Cabo Verde é geograficamente africana, mas, do ponto de vista da cultura não é, nem África, nem Europa, nem América, é Cabo Verde, tem uma cultura específica, tem a sua cultura própria.*”(Andrade, 1997:17).

1.2- O Percurso Histórico da Língua Caboverdiana

A língua caboverdiana é um crioulo de base lexical portuguesa.

Como diz Dulce Pereira (s/d) “...são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis. Chamam-se de base portuguesa os crioulos cujo léxico é, na sua maioria, de origem portuguesa. No entanto, do ponto de vista gramatical, os crioulos são línguas diferenciadas e autónomas. Os crioulos de base portuguesa são habitualmente classificados de acordo com um critério de ordem predominantemente geográfica embora, em muitos casos, exista também uma correlação entre a localização geográfica e o tipo de línguas de substrato em presença no momento da sua formação.”

No século XV, aquando do povoamento partir de 1462, foram para Cabo Verde os vários dialectos do português, sobretudo do Norte, do Sul, das ilhas dos Açores e da Madeira e os vários falares da costa ocidental africana.

Era urgente comunicar e foi necessário criar um novo código linguístico que permitisse essa comunicação, surge assim o crioulo de Cabo Verde, que é hoje a língua materna de todos os caboverdianos.

O surgimento desta nova língua é motivada sobretudo por duas razões principais, uma prende-se com a juventude da maioria dos escravos e a multiplicidade étnico-linguística dos mesmos e a outra, prende-se com a fraca representatividade da língua do colonizador. Os escravos, dada a sua juventude, possuíam uma estrutura linguística ainda pouco consistente e muito susceptível a modificações ou até ao esquecimento, e pertencendo a várias etnias, em que nenhuma podia ser considerada maioritária, (Carreira, 2000) tornava-se difícil a imposição de uma das línguas étnicas. Por outro lado, os colonos eram pouco representativos em termos numéricos (Carreira, 2000: 310), possuíam um nível cultural baixo (sendo muitos deles iletrados), e havia uma ausência quase total de instrumentos e de políticas de imposição cultural como escolas, professores, material didáctico, etc. (Veiga, 2001: 84)

Os dialectos portugueses, sem a força nem os instrumentos de imposição, foram conquistando, pouco a pouco, a unidade e construindo a sua própria standardização, mas sem a força para impor a exclusividade do seu código e da sua gramática.

Conforme afirma Veiga, é neste ambiente de pluralidade étnica e linguística e de diversidade dialéctica onde a presença demográfica do negro é bastante forte e a formação académica do branco é pouco significativa, que a língua caboverdiana encontrou condições favoráveis para o seu nascimento.

Apesar dos negros serem em grande número, muitas vezes a sua presença na ilha de Santiago era transitória, o tempo necessário para a ladinização.

O clero desempenhou um papel preponderante na formação do crioulo através da catequese, da educação e da instrução ministrada nas igrejas, nas casas-grandes e nas fazendas agrícolas para aprendizagem de ofícios.

Carreira dá-nos conta que “...a menos de cem anos do achamento existiam em Santiago escravos africanos de estirpe Jalofa que se entendiam (necessariamente por um pidgin ou um proto-crioulo) com os europeus, e que eram utilizados como intérpretes junto dos povos do continente...”, refere ainda que em 1564, André Álvares D’Almada, um ilustre caboverdiano, elogiou o papel desempenhado pelos “línguas” (intérpretes) jalofos que o acompanharam na sua missão de explorar as condições de navegabilidade do rio Senegal, que foi cumprida com êxito. (Carreira, 1982: 53)

Nos finais de 1600, em resposta a um pedido do rei para a criação de uma “Casa de Recolhimento” para educação e preparação dos escravos recém importados (“escravos novos”), a Câmara, constituída por homens influentes de Santiago, utilizou vários argumentos contra esta proposta do rei em que o problema seria sempre a redução da possibilidade dos escravos aprenderem o crioulo, nomeadamente: “*Os negros importados eram importados de diversas nações, cada qual com a sua língua própria e uma vez internados no Recolhimento continuariam, segundo os grupos a que pertenciam, a usar os respectivos falares e assim seria impossível o aprendizado do crioulo.*”; “*Não era fácil conseguir catequistas e párocos que falassem as diferentes*

línguas dos escravos e, portanto prejudica a doutrinação e a aprendizagem do crioulo.”; e ainda “Que os escravos de idade até 30 anos, só com grande dificuldade e muita persistência aprenderiam o crioulo; e os de “maior idade” (acima dos 30 anos) nunca o chegariam a falar, “como se acham hoje nesta ilha grande número de escravos”, a despeito das diligências empregues pelos senhores, e a mando destes, pelos escravos ladinos de idêntico grupo linguístico.”.

Para que o rei não fosse desagradado, os oficiais da Câmara sugeriram no final da sua carta que os “escravos novos” fossem distribuídos por zonas e confiados aos párocos que seriam obrigados a doutriná-los e a ensinar-lhes o crioulo (Carreira, 1982: 49-51), mas o governo acabou por desistir da sua proposta.

Obviamente, estes argumentos apresentados não eram os de maior peso e escondiam a verdadeira razão da oposição dos oficiais da Câmara à criação desta “Casa de Recolhimento”, que era o facto desta situação retardar o exportação dos escravos e assim prejudicar os interesses dos traficantes.

A finalidade primeira da dominação era mais económica do que cultural, o que propiciou o surgimento de uma cultura mestiça em que a língua caboverdiana é um dos elementos mais expressivos. O colonizador estando mais interessado na produção do que na ‘educação’ foi obrigado a mostrar-se bastante flexível e a contentar-se que o escravo aprendesse o mínimo que lhe permitisse executar as tarefas, pois cedo se deu conta que obrigar a falar uma língua estranha não era a mesma coisa que obrigar a trabalhar nos campos.

Um outro aspecto determinante na formação do crioulo foi a presença do elemento feminino junto do dominador. As mulheres europeias rareavam e havia necessidade de conviver com as escravas negras, e, naturalmente, esse tipo de relação exigia uma intercompreensão mais delicada.

É nesse cenário que o aparecimento do crioulo se justifica. Era uma necessidade e tornava-se urgente comunicar . A língua caboverdiana surge da interadaptação de todo o *puzzle* linguístico em presença.

Com uma força maior, e com estruturas sedimentadas, ao contrário dos pidgins que com o tempo se iam extinguindo, o crioulo tornou-se língua materna das comunidades, e símbolo de identidade e resistência cultural.

Em Cabo Verde, o crioulo espalhou-se por todas as ilhas do arquipélago, desenvolvendo-se e enriquecendo-se com algumas variações de ilha para ilha devido ao processo de povoamento que também foi diferenciado. António Mendes Corrêa (1954:187), cita Fausto Duarte que escreveu “*O novo dialecto teve em cada ilha formas diversas, vocábulos típicos, modelações suaves e entonações que variam consoante o cunho da paisagem.*”. Esta variação dialectal, é sensível e permite uma intercompreensão bastante razoável entre as várias ilhas do Sotavento e do Barlavento, e como afirma Manuel Veiga, (1998:120), “*...a nível da estrutura profunda existe um único crioulo...*”.

Esta nova língua, um crioulo de base portuguesa, criada por este povo mestiço, tinha uma força tal, que se enraizou e se expandiu tornando-se a língua materna de todos os caboverdianos e a língua de uso diário dos próprios colonos.

Manuel Veiga refere que a “*consolidação do crioulo se processou sem grandes sobressaltos*” durante os séculos XVII e XVIII, uma vez que fazendo fé aos documentos citados pelo historiador António Carreira, no início do século XVII o falar das ilhas caminhava já para o estatuto de crioulo, caracterizado por uma estrutura interna e externa muito mais estáveis e desenvolvidas que as do *pidgin* originário. (Veiga, 1993: 82).

Em 1784, um escritor anónimo afirma que dos brancos residentes em Santiago “*raro (são) os que sabem falar a língua portuguesa com perfeição, e só vão seguindo o estilo de falar da terra*” (Carreira,1982: 68).

A coroa portuguesa preocupava-se com esta situação, mas ela era irreversível. O testemunho de José Joaquim Lopes de Lima, datado de 1844 refere que “*Os indígenas não falam outra linguagem: rezam em crioulo; os párocos lhes explicam a doutrina cristã em crioulo, e em crioulo falam eles a qualquer autoridade, que não sendo do país carece de intérprete para os entender. Os que habitam nas povoações marítimas pela*

maior parte compreendem o português, mas não o falam. (...) Os mesmos brancos animam este uso, aprendendo o crioulo logo que chegam da Europa, e usando-o depois no trato doméstico, educando os seus filhos a falarem-no quase com exclusão do português limpo (assim lá chamam, e com razão, o puro)”(Duarte, 1998:124).⁶

Ao longo de todo o período colonial a língua caboverdiana foi sempre desprezada, apesar de ser a língua falada por toda a população e ter havido momentos em que a sua aprendizagem era incentivada. Ela beneficiou sempre de um estatuto inferior e não foram criadas condições para a sua instrumentalização, apesar de haver já no século XIX alguns textos escritos em crioulo. É de referir o trabalho apresentado por Adolfo Coelho em 1880 à Sociedade de Geografia, intitulado “Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América” no qual dedica um capítulo ao “Crioulo da Ilha de Santiago (Arquipélago de Cabo Verde)”, onde aparecem várias cartas de um anónimo dirigidas a Adolfo Coelho escritas em crioulo e é feito um estudo que procura encontrar correspondência entre o Crioulo e o Português e o trabalho de Joaquim Viera Botelho da Costa e Custódio José Duarte, publicado em 1886 intitulado “O Crioulo de Cabo Verde: Breves Estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo Verde Oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt” em que na última parte traduz para as variantes dialectais de algumas ilhas a “Parábola do Filho Pródigo”.

Segundo Manuel Veiga (1994), é também no século XIX que o Crioulo começou a ser fortemente atacado com a introdução do ensino oficial em Cabo Verde. No século XX é reclamado como suporte principal da caboverdianidade, o que, segundo o autor, não é de admirar, uma vez que é neste período que também ascendeu ao estatuto de língua nacional e materna.

A língua caboverdiana é uma língua essencialmente oral, mas, apesar da sua condição e de todas as pressões, tem acompanhado a evolução e o crescimento do povo e da cultura caboverdiana.

⁶ LOPES DE LIMA, José Joaquim (1844) *Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas no Ultramar*, citado por DUARTE, Dulce Almada (1998) *bilinguismo ou Diglossia*, Mindelo, Edições Spleen.

“A história do crioulo é a história da escravatura, do “regime de plantação”, do colonialismo, da dominação, mas também da resistência.”(Veiga,1994:203).

A língua caboverdiana, constitui um idioma comum a todas as ilhas e a todas as camadas sociais.

A língua caboverdiana é, pois, o fruto da criatividade do caboverdiano e talvez por isso, o seu principal elemento identitário. Ela é, como diz Dulce Pereira (2001:153) *“...a doce língua da mãe, das estórias, dos provérbios, dos pensamentos mais íntimos, da poesia em verso ou em prosa, que se diz ou escreve conforme se pode ou a nova lei manda: língua de todos os cabo-verdianos sem excepção, mesmo dos que falam portugueses.”*

O crioulo não é apenas um suporte de comunicação mas uma forma de afirmação cultural.

Após a Independência de Cabo Verde, têm sido dados alguns passos muito importantes no sentido de valorizar a língua caboverdiana e reconhecer a sua importância na vida dos seus falantes.

Embora o português seja a língua oficial em Cabo Verde, não tem força nem expressividade para ser considerado língua nacional. O crioulo é a única língua que é falada por todos quer tenham tido ou não, o privilégio de frequentar a escola. É aprendida desde o berço e é esta língua que veicula o modo de ser, de viver e de agir do caboverdiano.

Desde a Independência, que de forma progressiva, se vem reconhecendo a necessidade de se proceder à valorização da língua nacional.

Em Abril de 1979, três anos após a Independência, foi realizado o Colóquio Internacional do Mindelo, o primeiro evento que juntou especialistas nacionais e estrangeiros para uma séria reflexão sobre o a língua caboverdiana.

Os diversos Programas do Governo da 1ª República dão conta disto. Porém, é na 2ª República que alguns passos mais decisivos foram dados. É assim que na Resolução nº8/96 (BO nº12, de 31 de Abril) se declara, em matéria de língua nacional o seguinte:

“O Governo pretende nesse domínio, com base em estudos científicos que vêm sendo desenvolvidos e orientados por técnicos competentes na matéria, fixar metas e determinar etapas, para a oficialização do crioulo como língua nacional, ao lado do português. Refira-se que a aprovação, a título experimental, do alfabeto é uma das primeiras metas. Incentivos serão estabelecidos com vista à promoção de obras, estudos e trabalhos sobre o crioulo e em crioulo.”

A Resolução (nº8/98) que é tomada dois anos mais tarde e publicada no BO nº10, diz no seu artigo3º:

“Será valorizada, progressivamente, o crioulo caboverdiano, como língua de ensino”.

Pelo decreto-lei nº67/98, de 31 de Dezembro (BO nº48), foi aprovado, a título experimental, um alfabeto unificado para a escrita da língua caboverdiana, nos seguintes termos:

“(…)Sendo o crioulo a língua do quotidiano em Cabo Verde e elemento essencial da identidade nacional, o desenvolvimento harmonioso do País passa necessariamente pelo desenvolvimento e valorização da língua materna. Porém, esse desenvolvimento e valorização não serão possíveis sem a standardização da escrita do Crioulo ou seja da Língua Caboverdiana. Ora, a standardização do alfabeto constitui o primeiro passo para a standardização da escrita. Assim, no uso da faculdade conferida pela alínea a) do nº2 do artigo 216 da Constituição da República, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1º: É aprovado, a título experimental, o Alfabeto Unificado para a escrita da Língua Cabo-verdiana (o Crioulo), adiante designado ALUPEC, cujas Bases são publicadas em anexo ao presente diploma”.

Na recente revisão constitucional, ocorrida nos finais de Julho/99, o Governo caboverdiano foi mandatado a criar as condições necessárias com vista à oficialização da língua caboverdiana, o artigo 9º, no ponto 2 refere o seguinte: *“O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a*

língua portuguesa.”. Acrescenta ainda no ponto 3 que “*Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.*”⁷

A acompanhar as decisões políticas, estão estudos científicos sobre o crioulo caboverdiano, publicações várias e produção de instrumentos de difusão (gramáticas, dicionários, etc.), ensino da língua caboverdiana nos cursos de formação inicial de professores, Licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses, no Instituto Superior de Educação.

⁷ DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS PARLAMENTARES (2000) *Constituição da República de Cabo Verde - revisão de 1999*, Praia, Assembleia Nacional – Divisão de Documentação e Informação Parlamentar.

1.3-A Língua Caboverdiana como Factor Estruturante da Identidade

O termo identidade implica obrigatoriamente, a noção de especificidade colectiva de um grupo humano em relação com o outro, aliás, só na relação com o outro é que se torna possível construir a identidade. José Carlos Gomes da Silva (1994) afirma que *“É sempre pelo outro, pelas diferenças que lhe reconheço, me permite construir uma imagem de mim próprio, É ele a testemunha indispensável, ... dos meus actos, do meu papel, do meu estatuto, e da minha existência.(...) É preciso que eu estabeleça com o outro... uma relação de proximidade e distância.”*

Aquilo que intrinsecamente caracteriza a língua é a sua capacidade interna de poder veicular toda a experiência de um povo, toda a sua maneira de ser e de agir. A língua caboverdiana é a língua nacional e materna do povo de Cabo Verde. É o instrumento fundamental não só de comunicação como também da própria vivência desse mesmo povo. Ela é a marca que permite aos caboverdianos reconhecerem-se entre si e serem reconhecidos pelos outros.

A generalidade dos caboverdianos, mesmo os que podem ser considerados bilingues, na medida em que detêm um domínio correcto da língua portuguesa, preferem falar a língua caboverdiana entre si. Este facto é, geralmente tido como um dos principais traços da identidade cultural caboverdiana. A sua língua materna mantém-se na emigração, estruturando quer a relação familiar e o reconhecimento mútuo, em público, quer a formação das comunidades e as suas organizações. *“O crioulo funciona como denominador comum, vinculo de pertença e tantas vezes de defesa. “O crioulo é a única arma que leva quando sai de terra.””*(França, 1992:67).

A língua aparece como estruturante da inserção social no país de acolhimento, não só por significar para os outros (não caboverdianos) um traço exterior, tal como por exemplo a cor da pele, que indicia uma identidade estrangeira, mas sobretudo porque a língua aparece associada aos sentimentos dos próprios caboverdianos, relacionados com a percepção da sua inserção nas sociedades de acolhimento.

Em família, persiste uma estratégia de reprodução da língua-mãe. A língua caboverdiana atravessa horizontalmente toda a estrutura social da sua comunidade e é, por excelência, o traço de união de todos os caboverdianos, uma vez que predomina na comunicação tanto no espaço privado e íntimo como em toda a vida social.

A sua identificação como caboverdianos é expressa de diferentes formas, sobretudo ao nível da língua, das práticas de sociabilidade, das crenças e ritos, da alimentação e da música. É através do património concreto de quem emigra que se reforça a exterioridade face à comunidade receptora não só numa atitude de continuidade face à terra-mãe, isto é, numa atitude de reconhecimento constante das suas origens, como também numa atitude de defesa em relação a uma cultura e modo de vida estranhos, que põem em causa a sua identidade cultural.

A língua caboverdiana é por excelência, o pilar de difusão da cultura, não é possível imaginar as representações colectivas como o batuque, o funaná, as rezas, as estórias, os provérbios ou as adivinhas noutra língua, conforme afirma Manuel Veiga (2001), “...cada palavra, cada construção sintáctica, cada ritmo tem uma função específica que a tradução numa outra língua não era capaz de significar. (...) o crioulo é a nossa mundivisão, grande parte daquilo que somos e pensamos”. Com efeito, “...é através dela que melhor nos entendemos, que melhor pensamos, sonhamos, nos divertimos, sofremos, trabalhamos, criamos, enfim, vivemos.”⁸.

É a língua caboverdiana que representa a memória colectiva do caboverdiano, é nela que se expressa o seu real e o seu imaginário. Pierre Nora define memória colectiva como sendo “...a recordação ou o conjunto de recordações conscientes ou não, de uma experiência vivida e, ou mitificada, por uma colectividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento de passado”⁹. Este poderoso instrumento de comunicação é o produto e o rosto da caboverdianidade, representa o passado, o presente e possivelmente o futuro. Ele é um marco da história caboverdiana que tem persistido ao longo do tempo e que preserva as suas características. Faz parte não só da memória dos cidadãos, como também, da memória dos historiadores. Manuel Veiga (1994:202)

⁸ VEIGA, Manuel, “A Língua Caboverdiana: Porquê Ensinar e Como Ensinar”, III Seminário para a Edificação do IILP, Centro Cultural de Belém, 5-8 de Junho de 2001.

⁹ In apontamentos fornecidos pela Professora Doutora Isabel João no Seminário de Identidade e Memória Colectiva, 11º MRI, Universidade Aberta, 2002.

refere que *“falar crioulo hoje é fazer justiça aos nossos antepassados, reconhecendo o valor e a importância da sua própria criatividade.”*

Ela representa uma memória social, uma vez que é instrumento de uma cadeia de produção e reprodução de saberes que se vão comunicando e transmitindo às novas gerações.

A língua é tida como o reflexo da mentalidade de uma nação. Ela constitui um dos factores mais importantes na determinação da consciência nacional e por conseguinte, da unidade e da coesão dessa mesma nação.

O crioulo foi uma das maiores formas de resistência do povo caboverdiano, na luta pela Independência, o líder histórico Amílcar Cabral e os seus companheiros de luta falavam quase sempre em crioulo nas suas reuniões e nos seus convívios. Todos reconhecem o valor da independência para um povo que esteve subjugado ao colonialismo desde o seu nascimento.

A língua caboverdiana tem uma representação de relevo tanto na memória histórica, como na memória social e colectiva. O seu reconhecimento é feito quer na história dos cidadãos, quer na história oficial dos caboverdianos.

Ela surge da aprendizagem dos indivíduos numa sociedade e representa a sua dinâmica cultural. O crioulo, ainda que considerado um exemplo de hibridismo cultural, assume um papel unificador e torna-se vital na construção da identidade do caboverdiano. É através da língua que o caboverdiano melhor se reconhece e é reconhecido como caboverdiano.

A língua caboverdiana nasceu e desenvolveu-se com o nascimento e o desenvolvimento do seu povo. Tem a idade e a história do povo que a fala. Ela é o principal elemento identitário do caboverdiano e, conseqüentemente, um dos factores mais importantes da caboverdianidade. Para este povo, falar a sua língua não é simplesmente comunicar, mas é sobretudo uma forma de sentir-se caboverdiano.

Resta dizer que “... é sobretudo pelo Crioulo que Cabo Verde marca a sua diferença no mundo, já que é particularmente nesta língua que a sua identidade se encontra moldada. Assim, negar o Crioulo é negar a sua própria identidade.”(Veiga, 1994).

1.4- A Importância do Património Oral: Lobu ku Xibinhu

O homem sempre teve a necessidade de contar e recontar histórias. As fábulas e os contos tradicionais fazem parte do imaginário de qualquer povo. A história e as estórias ajudam a construir a memória colectiva e a forma de ver e de estar no mundo. Segundo M .Louise Franz, “*Os contos populares são a expressão mais simples e mais pura dos arquétipos do inconsciente colectivo.*” É esta a razão que os torna originais nas culturas nacionais e em simultâneo universais.

Os contos tradicionais são produções colectivas que nascem no meio da sociedade de acordo com as condições socio-culturais e económicas que transformam acontecimentos e ocorrências quotidianas em realidade histórica. Relatam acontecimentos e aspectos da vida social e emocional, dando vida às suas personagens fantásticas que falam do nascimento, do casamento, do envelhecimento, da morte e que estabelecem contrastes entre o bem e o mal, o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, a verdade e a mentira, a rivalidade e a amizade, a riqueza e a pobreza, a generosidade e a avareza, mas sempre com o objectivo de passar lições de vida.

A passagem de geração em geração tem sido garantida pelos sobretudo pelos considerados Arquivos Vivos, homens e mulheres, quase sempre analfabetos, mas com uma enorme capacidade de guardar e reproduzir os saberes que foram armazenando ao longo da vida.

A concorrência desleal provocada pelos avanços tecnológicos, tendem a pôr em risco a preservação do património oral, extinguindo os contadores de histórias. No entanto, os contos continuam a exercer a sua função de transmitir conceitos, valores e modelos comportamentais que apesar de apresentarem fórmulas espaciais e temporais que remetem o ouvinte/leitor para o passado, adquirem um significado sempre actual, tendo em conta que essas fórmulas mágicas como “Era uma vez...” exprimem o carácter de intemporalidade dos contos, não identificando a época em que se enquadram e reforçando a ideia que os conflitos e as peripécias que neles se vivem são atemporais, possíveis de serem transportados para o presente e para o futuro.

O interesse pela tradição oral em geral, e pelo conto tradicional em particular, tem sido crescente, o que levou alguns autores, entre os quais , Perrault, os irmãos Grimm e Teófilo Braga a explorá-los de forma exaustiva e a fixá-los pela escrita.

As Ilhas de Cabo Verde também são detentoras de um vasto património oral, que é transmitido, essencialmente, na língua crioula, que é aquela que melhor a exprime. Apesar das expressões do folclore terem um carácter essencialmente oral , em 1923, Elsie Clews Parsons publicou nos Estados Unidos da América, um livro intitulado “Folklore From the Cape Verde Islands”, em versão bilingue, crioulo caboverdiano/inglês, com recolhas feitas junto da comunidade caboverdiana aí residente, nos verões de 1916 e 1917. Esta obra viria a ser traduzida para português e publicada pela Agência Geral do Ultramar em 1968, com uma introdução de Fernando de Castro Pires de Lima.¹⁰

Luís Romano, em 1970, publica “Cabo Verde – Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio” onde retrata os mais diversos aspectos do folclore caboverdiano com base no património oral e que surgem escritas em versão bilingue (caboverdiano/português), acompanhadas de comentários e notas explicativas.

Vários autores caboverdianos têm tido a preocupação de perpetuar através da escrita o património oral existente, publicando na sua língua materna, sobretudo, após a Independência. São de salientar: Oswaldo Osório com a sua obra “Cantigas de Trabalho – Tradições orais de Cabo Verde” (1980); Tomé Varela da Silva com a sua vasta e variada obra nomeadamente “Finasons di Na Nasia Gomi” (1985), “Na Boka Noti” (1987), “Na Bibina Kabral: bida y obra” (1988), “Na Gida Mendi: simenti di onti na con di manan”(1990), “Tenpu di Tenpu” (1992), “Konparason di Konbersu” (1997); e mais recentemente Humberto Lima com estórias do Ciclo do Lobo da qual foram publicados “Un Bes Tinha Nhu Lobu ku Xibinhu...”(1999) e “Un Bes Tinha Nho Lobu ku Tubinhu...” (2000). Todas estas obras são da colecção Tradições Orais.

¹⁰ PARSONS, Elsie Clews (1968) *Folclore do Arquipélago de Cabo Verde*, Agencia Geral do Ultramar, Lisboa.

O conto utilizado para a recolha dos dados desta investigação foi extraído desta obra.

Tanto na obra de Elsie Parsons (1923), recolhida além fronteiras, fruto da diáspora, como nas recolhas de Luís Romano (1970) e Tomé Varela da Silva (1987) as estórias do Lobu e do Xibinhu têm lugar de destaque, pela importância que desempenham no imaginário colectivo caboverdiano. As publicações de Humberto Lima (1999 e 2000) vêm reforçar esta importância pois têm exclusivamente estas duas personagens como centrais em todas as estórias recolhidas e retratam a forma como são vistas nas diferentes ilhas.

O Lobu e o Xibinhu são duas personagens emblemáticas nas fábulas caboverdianas. Todos os caboverdianos quer estejam dentro ou fora de Cabo Verde, já ouviram contar estórias do Lobu e do Xibinhu ao cair da noite, pois segundo a tradição, contar estórias durante o dia pode ser fatal para os pais do contador, caso ainda estejam vivos.

Os temas abordados nestas histórias focam situações reais e imaginárias que reflectem o dia-a-dia, a actividade socio-económica e os acontecimentos vividos em determinado momento.

Almeida (1963:66) refere que “*Em cada localidade caboverdiana existe um Lobo...*”. Este tem uma caracterização mais ou menos uniforme em todas as ilhas. Aparece como sendo um homem corpulento e de meia-idade, feio, marcha pesada, mal vestido, com dificuldades na fala, covarde, estúpido, desajeitado, ladrão, manhoso (mas enganado com facilidade devido à sua ingenuidade), desleal, perjuro, preguiçoso, odiado e acima de tudo um comedor insaciável (o defeito mais realçado nas fábulas) que o leva a comer tudo o que encontra e o conduzem a situações muito críticas como o sofrimento de duros castigos, e muitas vezes à morte.

Apesar de todos os seus defeitos, o Lobu é tratado com respeito, sendo chamado de Ti Lobu, Mestre Ti Lobu, Nho Tio Lobu, Compadre.

O Xibinhu é o sobrinho do Lobo. Trata-se de um jovem a quem todos querem bem, fraco e magro, inteligente, esperto e astuto, que engana o tio; é sempre bem sucedido, planeia as más acções do Tio Lobu, mas só intervém directamente quando é

obrigado, prepara ciladas e situações prejudiciais ao tio para que este seja punido pelos seus comportamentos menos dignos.

O Xibinhu apenas é tratado com cortesia nas ilhas de S. Vicente e Santo Antão onde recebe o nome de Pedro e qualificativos familiares de Tio e Compadre.

Segundo Almeida (1963:71) “*O Ciclo do Lobo Caboverdiano filia-se no Ciclo do Lobo da Guiné Portuguesa, trazido para o arquipélago pelos colonos negros; o influxo civilizador metropolitano afeiçãoou morfológica e psicologicamente os protagonistas das fábulas caboverdianas, impregnando-as de humanidade, beleza literária e sensibilidade.*”.

Lima (2000) diz-nos que estas estórias têm uma função educativa no plano intelectual, afectivo e moral, pois o mais importante nos contos tradicionais é a moral que deles se pode tirar, uma vez que trazem sempre uma mensagem e propõem soluções lógicas para resolver as coisas da maneira mais simples.

A moral da história remete para o carácter universal dos contos tradicionais pois os seus ensinamentos são aplicáveis a toda a sociedade.

Todos estes aspectos referentes a estas personagens em particular e à importância do património oral em geral, levou-nos a escolher o conto tradicional que se segue como ponto de partida para objecto desta investigação.

A MELHOR MANEIRA DE COMER O MACACO

Havia um lobo e o seu sobrinho. O tio Lobo era preguiçoso, comia tudo o que via. O sobrinho era trabalhador.

Lançaram-se ao trabalho de plantar mandioca. O sobrinho cavou o chão, plantou os seus pés de mandioca. O tio Lobo comia tudo o que plantava.

O tio Lobo viu as plantas do sobrinho a crescer, foi e disse ao sobrinho:

- Estou com fome. Quero que me des um pouco da tua mandioca.

O sobrinho respondeu-lhe:

- Ainda não está boa para comer.

O lobo disse-lhe:

- Então dá-me qualquer coisa que se coma. Quero experimentar essa mandioca.

Atormentou o sobrinho até que este arrancou um pé e deu-lho.

O lobo gostou muito e arranjou maneira de correr com o sobrinho para ficar com a mandioqueira para si.

Passaram-se dois dias.

O sobrinho arranjou duas cordas e passou pela casa do lobo. O lobo viu-o, e perguntou-lhe:

- O que vais fazer com essa corda toda?

O sobrinho apontou para uma nuvem preta ao Norte.

- Que é aquilo? - perguntou o lobo.

O sobrinho respondeu-lhe:

- Aquela nuvem é um temporal que se aproxima e matará tudo o que não estiver amarrado.

O lobo pediu-lhe:

- Vende-me um pouco de corda.

O sobrinho disse-lhe:

- Não posso vender esta corda. Vou-me amarrar com ela a uma árvore.

O sobrinho começou a amarrar-se e o lobo pediu-lhe:

- Amarra-me primeiro.

O sobrinho então amarrou-o bem amarrado ao pé de uma figueira e deixou-o ali.

Quatro ou cinco dias depois, um macaco chegou junto da figueira a que o lobo estava amarrado e pôs-se a comer figos. O lobo pediu:

- Atire-me um figo, senhor Macaco! Estou com muita fome!

O macaco atirou-lhe um figo que lhe caiu mesmo na boca.

O lobo voltou a pedir:

- Desamarra-me, senhor Macaco!

O macaco respondeu:

- Não, não te desamarro porque não és homem em que se possa fiar.

O lobo prometeu:

- Dou-te a minha terra e tudo o que ela tem.

O macaco voltou a dizer:

- Não, não és pessoa em que se possa confiar.

- Desamarre-me, senhor Macaco! De verdade lhe darei a minha terra e tudo o que nela houver.

O macaco voltou a recusar.

Quatro vezes o lobo pediu e o macaco recusou; por fim o macaco concordou em desamarrá-lo.

Quando o desamarrou, o lobo agarrou no macaco pelo rabo.

O macaco perguntou:

- Porque me estás a agarrar o rabo, senhor Lobo?

- Tenho a mão dormente por ter estado tanto tempo amarrada. Quero acordá-la.

- Tio Lobo, deixe-me ir, por favor! Largue-me! Lembre-se que fui bom para si!

- Não, não te largarei. Vou-te matar e comer aqui mesmo.

Por essa altura o sobrinho estava perto, no cimo de um monte e gritou:

- Ó ti Lobo! Quer que lhe diga a melhor maneira de comer macaco? Amarre-lhe os pés e atire-o ao ar. Ele cairá dentro da sua boca e não perderá nem a ponta de um cabelo.

- Sobrinho, és um rapaz sabido! É isso mesmo! E o lobo pegou no macaco atirou-o ao ar com toda a força. Quando ele caiu, caiu longe, fora de alcance.

O lobo ficou um dia à espera, com a boca aberta,

- Hei-de compensar-te, sobrinho, por me teres salvo do tio Lobo. - disse o macaco.

Adaptado das versões recolhidas por Elsie Clews Parsons, **Folclore do Arquipélago de Cabo Verde**, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1968.

Informantes: João Dias (Brava), Manuel da Costa (Santiago).

1.5- Atitudes e Tomadas de Posição em Relação à Língua Caboverdiana

Ao longo dos cinco séculos ficou claro que a língua que nasceu, cresceu e se desenvolveu com o caboverdiano tem lutado e tem demonstrado a sua força para conseguir sobreviver. Muitas vezes se ergueram contra ela, sobretudo durante o período colonial, mas outras vezes houve que se ergueram a seu favor e com o contributo da própria natureza das ilhas, manteve-se vigorosa e forte, encontrando-se hoje de perfeita saúde, mas estando sujeita a outros males como é o caso da descrioulização que ameaça a sua autenticidade, com o perigo de tornar o crioulo naquilo que Dulce Almada Duarte chama de “*Black Portuguese*” .

Em 1784, um Anónimo ataca o crioulo dizendo tratar-se de “*uma corruptela ridícula do português*” e acrescenta que dos brancos residentes em Santiago “*raro (são) os que sabem falar a língua portuguesa com perfeição, e só vão seguindo o estilo de falar da terra*” (Carreira, 1982:68). Esta e outras afirmações levam a concluir que até meados do século XIX, o crioulo era a língua de comunicação que predominava nas ilhas e que o português só terá começado a ser falado nas relações não oficiais, por um grupo bastante restrito, na segunda metade deste mesmo século.

É sobretudo a partir do século XIX, com a introdução do ensino oficial em Cabo Verde, que o uso generalizado do crioulo se torna alvo de ataques mais ferozes.

António Pusich em 1810 escreve que “*a língua que usam é um ridículo crioulo, diferente em cada ilha na pronúncia, e em muitos termos, sendo como vergonha entre eles, e mui particularmente entre as mulheres, o falarem e o usarem o idioma do Reino*” (Duarte, 1978:63)¹¹.

Lucas de Senna, em 1818, num tom menos grosseiro, afirma que “*Uma prova bem evidente é que o povo miúdo, assim como todos os grandes, a maior parte não falam a língua portuguesa. Qualquer pessoa de fora que queira comunicar-se com eles*

¹¹ António Pusich – “Memórias” in “*As Ilhas de Cabo Verde no princípio do século XIX*” (Separata da revista Garcia de Orta, vol.IV, nº4, pág. 617; citado ainda por (Carreira, 1982:69; Ferreira, 1985: 139).

é preciso prática, uma vez que não saiba falar a língua do país, o que nos não sucede nas outras capitánias...”

Chelmichi e Varnhagen, em 1841, continuam a ridicularizar a língua caboverdiana com o seu discurso declarando que “... *são apenas os filhos de Portugal que ainda falam a língua portuguesa; e mesmo estes acostumam-se logo à ridícula linguagem do país, geralmente usada e chamada a língua crioula, idioma o mais perverso, corrupto e imperfeito, sem construção, sem gramática e que se não pode escrever...*” (Duarte, 1978)¹². No entanto, consideram que esta situação é consequência de “*pouca civilização, falta de instrução, a qualidade dos vindos de Portugal, a dispersão dos habitantes e mais causas dependentes daquelas...*”

Lopes de Lima, em 1844, escreve palavras bastante duras em relação ao crioulo, descreve-o como “*ridículo crioulo, idioma o mais perverso, corrupto e imperfeito; gíria ridícula, composto monstruoso de antigo português e das línguas da Guiné que aquele povo tanto preza e os mesmos brancos se comprazem a imitar; miscelânea de português antigo, de castelhano e francês, sem regras, algumas de gramática; língua...que carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei e, desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente*”(Veiga,1998:116). Recomenda a criação de escolas “*regidas por professores europeus que pronunciem bem a língua portuguesa sem os vícios do crioulo africano.*” E que este “*...vício (uso generalizado do crioulo) só se poderá ir destruindo pouco a pouco com a introdução de párocos e de escolas de bom português*”.

O ensino foi implementado com o uso exclusivo da língua portuguesa, mas o objectivo de generalizar o seu uso nunca foi conseguido, pois o acesso à escola sempre foi privilégio de uma minoria e mesmo essa minoria, não prescindia do uso do crioulo, conforme afirma António José do Nascimento Moura (1934), no Congresso de Antropologia Colonial, “*embora proibido no liceu*”...os alunos falavam-no “*constantemente, durante os recreios, fora do liceu e em casa, salvo poucas excepções*” e propõe que contra estes alunos e contra os portugueses que “*animam este uso*

¹² José Conrado de Chelmichi e Francisco Adolfo de Varnhagen – “*Corografia cabo-verdiana ou Descrição geográfico-histórica de província de Cabo Verde e Guiné*”, 1841, pág. 331; citado ainda por (Carreira, 1982:70; Ferreira, 1985: 139)

aprendendo o crioulo logo que chegam da Europa, usando-o no trato doméstico e educando os seus filhos a falarem-no quase com exclusão do português...” e ainda porque “*o crioulo (...) não favorece a ideia unitária do império*” sejam tomadas medidas drásticas “*utilizando se for preciso os meios coercivos nos edifícios públicos e em actos oficiais se proibisse o emprego do crioulo.*” (Ferreira, 1985:141)

Conforme afirma Veiga, estas atitudes glotofágicas, racistas, preconceituosas e ridículas que pretendiam suprimir a língua das ilhas, ajudaram a fortificar os argumentos dos que tentavam defender o crioulo destes ataques tão ferozes.

Ainda no século XIX, enquanto durava a guerra aberta ao crioulo, começaram a surgir os primeiros escritos em crioulo e os primeiros estudiosos da língua crioula.

Em 1880, Francisco Adolfo Coelho, num capítulo dedicado ao “Crioulo da Ilha de Santiago – Arquipélago de Cabo Verde” integrado no seu trabalho intitulado “Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América”, faz um estudo que tenta encontrar correspondência entre o Crioulo e o Português através da tradução de cartas e apresenta observações ao nível da fonética, da morfologia, e da lexicografia do crioulo.¹³

Escrito em 1884 e publicado em 1886, a obra de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte “O Crioulo de Cabo Verde: Breves estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo Verde Oferecidos ao Dr. Hugo Schuhardt” apresenta-nos considerações relativas a alguns aspectos gramaticais, sobretudo fonéticos e morfológicos, e a tradução da “Parábola do Filho Pródigo” nas variantes dialectais de algumas ilhas.¹⁴

Em 1887 é publicado um trabalho que pode ser considerado pioneiro, é a primeira tentativa de gramática da língua caboverdiana, o seu autor é A. de Paula Brito e o seu título é “Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde”. Adolfo Coelho refere que este trabalho “*merece publicidade*

¹³ In BARBOSA, Jorge Morais (1967) *Estudos Linguísticos Crioulos*, reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

¹⁴ idem

porque contém muitos dados novos e, sobretudo, porque tem por objecto o estudo especial do dialecto de Santiago, que o autor fala desde a infância”¹⁵. Este estudo para além de aprofundar diversos aspectos gramaticais do crioulo falado em Santiago, propõe um alfabeto de base fonética para a escrita da língua caboverdiana. Com ideias bastante arrojadas para a sua época, esta proposta de uniformização da escrita é a primeira de que há notícia.

O Cónego Manuel da Costa Teixeira, já nos finais da última década do século XIX, fundou o “Almanaque Luso-Africano” onde iniciou estudos sobre o folclore de Cabo Verde. Deixou textos escritos em português e em crioulo, sendo de salientar “Despedida de S. Nicolau” (escrito na variante de São Nicolau) dedicada ao bispo de Cabo Verde D. António Moutinho, a tradução do Canto V dos Lusíadas, Estrofes 8 e 9, para a variante de Santo Antão (Pedro Cardoso, 1933:26-28) e há ainda notícia de que foi autor de uma Cartilha do Crioulo (Veiga, 1998:118), cuja data precisa se desconhece, mas que o escritor Manuel Lopes, nascido na primeira década do século XX testemunhou ter estudado quando era criança sob a orientação do próprio Cónego Teixeira.

Já em pleno século XX outras vozes se levantam tecendo críticas à forma como o crioulo tem sido (mal)tratado, e são feitas várias tentativas no sentido de instrumentalizar o crioulo.

Estas novas vozes reclamam o real valor da língua das Ilhas e a literatura vem trazer um novo alento, nesta fase em que se defende a causa do crioulo. Como diz Manuel Ferreira (1985) “*Se o crioulo existe, por alguma razão fundamental será – e essa razão fundamental, por sua própria natureza, encontra-se arreigada à alma do homem caboverdiano*”.

A valorização da língua é também a valorização do seu falante. Eugénio Tavares, no seu artigo intitulado “*Língua de Pretos*” publicada no jornal *O Manduco*, nº11, em Janeiro 1924,¹⁶ critica as atitudes pouco abonatórias que tinham sido tomadas

¹⁵ idem

¹⁶ In MONTEIRO, Félix (org.) (1997) *Eugénio Tavares – Pelos Jornais*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.

em relação ao crioulo dizendo “*Desde que não seja possível negar que o cabo-verdiano pensa; e que dispõe de palavras para dizer o seu pensamento; e que usa de regras para arrumação dessas palavras; e que, finalmente, tais palavras e regras constituem o resultado de uma colaboração de elementos associados na colonização, - fica admitida a utilidade do estudo dessas palavras e regras, como elementos para o estudo da colonização . E, se não me ilude minha incompetência, esse estudo é que constitui a gramática*”.(Monteiro, 1997:218)

Mais adiante reafirmando que o crioulo é uma transformação da língua portuguesa, Eugénio Tavares ironiza um pouco mais o seu discurso dizendo: “*E a chamá-lo língua de pretos, melhor seria dizê-lo língua de brancos mal ensinada a pretos, - a pretos que criaram os filhos desses brancos, que os trouxeram ao colo, e que lhes acalentaram os sonos da infância com as tristíssimas melopeias da saudade dos lares distantes e do sofrimento da escravidão; e que tendo vivido e sofrido o contacto de inteiras gerações de brancos, lhes deixaram imorredoura herança, as reminiscências bárbaras que eivaram a própria língua dos senhores*.”(Monteiro, 1997:219). Antes de concluir as suas ideias, refere ainda a distância a que a língua portuguesa se encontra das diversas variantes dialectais do crioulo caboverdiano, tomando como exemplo Santiago e Brava.

Conclui salientando que “*o dialecto cabo-verdiano pode falar-se e grafar-se. Por muitos motivos, e, principalmente, porque constitui a documentação de uma transformação, digo, de uma das transformações mais felizes da língua portuguesa entre os povos coloniais*.” (Monteiro, 1997:219).

Para dar provas de que seria possível ‘grafar’ a língua caboverdiana Eugénio Tavares escreve o seu emblemático livro *Mornas- Cantigas Crioulas* que é publicado em 1932 e que abre portas à criatividade literária em crioulo, demonstrando toda a sua funcionalidade linguística e literária. Este exímio defensor da caboverdianidade, desempenhou um papel activo na afirmação político-cultural da especificidade de Cabo Verde, fazendo reivindicações de ordem política e administrativa, em que são de realçar a luta pela equiparação de estatuto entre os *filhos da terra* e os metropolitanos e a postulação de uma personalidade cultural genuinamente caboverdiana que passa pela

reclamação de “*a África para os africanos*”- na verdade um dos primeiros apelos à Independência para Cabo Verde.

Gabriel Fernandes (2002:74-76) coloca Eugénio Tavares entre os principais *nativistas* caboverdianos, do qual Pedro Cardoso parece encabeçar.

Pedro Cardoso, um crítico acérrimo à política cultural assimilacionista praticada pelo colonizador e um forte defensor da língua e da cultura caboverdiana, é considerado um dos protagonistas na defesa do uso da língua crioula no sistema de ensino. No seu célebre discurso proferido no Teatro Virgínia Vitorino em 1933 (Veiga, 2002:19-20) aclamava a afirmação e o respeito pela língua materna, ousando levantar a voz, dar voz ao povo e elevar a cultura caboverdiana.

Na sua obra publicada em 1933, “Folclore Caboverdeano” Pedro Cardoso apresenta algumas recolhas da tradição oral das ilhas, refere-se a algumas produções já existentes em crioulo (Cónego Teixeira, Eugénio Tavares), escreve ainda algumas considerações sobre o crioulo e dedica um capítulo às “Noções Elementares de Gramática – Fonética, Morfologia e Sintaxe.

Na segunda década do séc. XX Napoleão Fernandes decide dar o seu contributo para a afirmação da língua das Ilhas e inicia um trabalho que demorou cerca de 40 anos a ser compilado e que só veio ser publicado postumamente no início da última década do séc. XX com o título “Léxico do Dialecto Crioulo do Arquipélago de Cabo Verde”. Apesar deste trabalho ter sido publicado ainda incompleto (uma vez que a morte em 1969 impediu o seu autor de o concluir), tornou-se uma obra de referência não só pela atitude cultural e política do autor, como também para outros estudos posteriores no campo lexical da língua caboverdiana.

Baltazar Lopes da Silva publica em 1957 um trabalho de cariz científico sobre a língua caboverdiana intitulado “O Dialecto Crioulo de Cabo Verde” que vem trazer um reconhecimento académico do valor da língua da Ilhas descrevendo as suas regras e a sua gramática. No entanto, neste estudo há uma “*colagem quase exclusiva à matriz portuguesa*”(Veiga, 2002:23) que de alguma forma submete este valor da língua caboverdiana à língua portuguesa.

Maria Dulce de Oliveira Almada¹⁷ publica também um estudo científico em 1961 intitulado “Cabo Verde – Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago”. Este trabalho vem reafirmar o valor da língua caboverdiana e da sua gramática, demonstrando as suas diferenças em relação à língua da metrópole, para que não se continue a pensar que o crioulo é apenas um português mal falado.

Dulce Almada tem desempenhado um papel activo no processo de afirmação da língua caboverdiana, sobretudo após a Independência em que defende o estatuto de Língua para o crioulo caboverdiano, sugere medidas de afirmação política e propõe metodologias de ensino da língua portuguesa como língua segunda e da língua caboverdiana como língua materna. (Veiga, 2002).

Eduardo Augusto Cardoso deu também o seu contributo neste processo de afirmação linguística publicando um estudo que vem dar a conhecer melhor mais uma variante dialectal do crioulo caboverdiano com a sua obra “O Crioulo de S. Nicolau de Cabo Verde”(1989).

Outras vozes de grande relevo na afirmação do universo linguístico do crioulo caboverdiano têm sido Manuel Veiga e Tomé Varela da Silva.

Manuel Veiga conta com um vasto leque de trabalhos publicados sobre a língua, sendo de salientar: “Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu”(1982), “Sementeira” (1994), “Introdução à Gramática do Crioulo” (1995), “Le Créole du Cap-Vert – Étude grammaticale descriptive et contrastive” (2000), “O Caboverdiano em 45 Lições” (2002) e ainda o primeiro romance integralmente escrito em crioulo caboverdiano intitulado “Oju d’Águ” (1987) que marca uma etapa no processo de escrita do crioulo caboverdiano, demonstrando que esta língua serve para escrever qualquer tipo de texto.

Tomé Varela da Silva tem-se dedicado com afinco na defesa da língua crioula escrevendo sobretudo na língua dos caboverdianos e criticando ferozmente aqueles que de alguma forma têm resistido quer de forma clara, quer de forma subtil à libertação e

¹⁷ Actualmente conhecida por Dulce Almada Duarte.

ao desenvolvimento pleno desta língua. Este autor dedica-se de uma maneira especial à recolha e publicação do património oral, possuindo diversas obras das quais salientamos os três títulos dedicados ao batuque “Finasons di Ña¹⁸ Násia Gomi”(1985, “Ña Bibiña Kabral : bida y obra” (1988) e “Ña Gida Mendi : simenti di onti na çon di mañan”(1990); a compilação de estórias tradicionais “Na Boka Noti- Volumi I” (1987); as adivinhas em “Tenpu di Tempu”(1992); os provérbios e adágios com “Konparason di Konbérsu”(1997) e ainda diversos títulos dedicados à poesia. Tomé Varela da Silva tem um papel de destaque na divulgação e na prática do sistema escrito do crioulo caboverdiano.

Encontramos ainda outros nomes que também contribuíram para a afirmação social e literária da língua caboverdiana, ainda que de forma mais discreta como é o caso de Jorge Barbosa, Sérgio Frisconi, B. Léza , Ovídio Martins, Corsino Fortes, Kaoberdiano Bambará, Luís Romano, Manuel de Novas, Artur Vieira, Emanuel Tavares, Oswaldo Osório, José Luís Hopffer de Almada, David Hopffer de Almada, Inês Brito, Alice Matos, Ano Nobo, Kaká Barbosa, Dany Spínola, entre outros. Destaca-se também, Ariki Tuga , um português que ao descobrir Cabo Verde e a sua língua aventurou-se na publicação de duas obras poéticas exclusivamente escritas em língua crioula.

Além fronteiras, na diáspora, nos Estados Unidos da América, é de salientar Manuel da Luz Gonçalves que tem desenvolvido um trabalho de grande envergadura no Capeverdean Creole Institute, e na promoção do programa de ensino bilingue para os alunos de origem caboverdiana. Recentemente (2003) publicou um manual de aprendizagem do crioulo intitulado “Pa Nu Papiá Kriolu” em co-autoria com Lelia Andrade. Nos programas de ensino bilingue destacam-se para além dos nomes acima referidos, Georgette Gonçalves, Inês Brito e Marlyse Baptista que desempenham um papel activo na ascensão do estatuto e na divulgação da língua caboverdiana.

Aqui em Portugal destaca-se Dulce Pereira que tem desenvolvido um vasto trabalho de intervenção no combate ao preconceito e à ignorância em relação às línguas crioulas em geral , e à língua caboverdiana em particular. Salienta-se também outros

¹⁸ O acento circunflexo das palavras *Ña* e *mañan* devem ser considerados na mesma posição do que o das palavras *Oju* e *çon*.

investigadores que mais recentemente têm demonstrado interesse pelo estudo desta língua como é o caso de Fernanda Pratas, Nélia Alexandre e Hans-Peter Heilmair.

Há que reconhecer ainda o trabalho desenvolvido por investigadores estrangeiros na área da língua caboverdiana, nomeadamente na edição de dicionários, contribuindo de forma significativa para a instrumentalização desta língua como é o caso de Jürgen Lang, Nicolas Quint e Françoise e Jean Michel Massa.

1.6- A Situação da Língua Caboverdiana em Portugal Face à Declaração Universal dos Direitos Linguísticos

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos¹⁹ proclama a igualdade de direitos linguísticos para além das classificações arbitrárias e distinções não pertinentes entre línguas oficiais/não oficiais, nacionais/regionais/locais, maioritárias/minoritárias ou modernas/arcaicas e tem como principais objectivos alcançar uma paz linguística mundial justa e durável e propiciar um quadro de organização política da diversidade linguística, baseado no respeito, na convivência, no conhecimento, no benefício recíproco e no reconhecimento dos direitos linguísticos.

No seu artigo 10º, alínea 1, declara-se que “*Todas as comunidades linguísticas são iguais em direito.*” e na alínea 2 refere que “*Na presente declaração considera-se que qualquer discriminação contra as comunidades linguísticas baseadas em critérios como o seu grau de soberania política, a sua situação social, económica ou qualquer outro critério bem como o nível de codificação, de actualização ou de modernização que atingiu a sua língua, são inadmissíveis.*”, mas esta discriminação é algo bem visível, pois nem todas as línguas beneficiam do respeito e dos direitos que lhes são legítimos.

É do conhecimento geral a diversidade linguística que neste momento existe em Portugal.

Apesar do artigo 23º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos referir na alínea 1 que “*O ensino deve contribuir para o desenvolvimento da capacidade de livre expressão linguística e cultural da comunidade linguística no território onde é oferecido*”, este aspecto é completamente esquecido quando os currículos e as metodologias utilizadas são inadequados e não contemplam os diferentes graus de conhecimento do aluno sobre a língua de ensino. Ainda neste mesmo artigo é salientado que “*O ensino deve estar sempre ao serviço da diversidade linguística e cultural e favorecer as relações harmoniosas entre as diferentes comunidades linguísticas.*”, no entanto, o ensino que temos, apesar de estar um pouco mais sensível a

¹⁹ s/d, *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, Lisboa, Comissão Nacional da UNESCO. Este documento foi assinado em Junho de 1996 na cidade de Barcelona.

estas questões, continua a dar poucas oportunidades aos grupos culturais e linguísticos mais desfavorecidos de atingir o tão desejado sucesso escolar. As suas diferenças ainda não são suficientemente valorizadas e o pluralismo cultural e linguístico estão longe de ser uma realidade assumida nas escolas.

Promover a interculturalidade, fomentando o pluralismo cultural e linguístico, pode-se considerar ainda uma utopia porque aquilo que acontece, neste momento, ainda continua a contrariar a alínea 3 do artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos que menciona que *“Os direitos das pessoas e dos grupos linguísticos anteriormente referidos (grupos minoritários) não devem em caso algum, representar um obstáculo à inter-relação e à integração da comunidade linguística receptora, nem nenhuma limitação dos direitos dessa comunidade, ou dos seus membros usar sem restrições a própria língua em público ...”*. Sabe-se que muitos deixam de exercer os seus direitos de cidadania por não dominarem a língua que ‘faz deles’ cidadãos.

A desvalorização da sua língua materna dificulta a sua aquisição da língua portuguesa e põe em causa a sua integração e o seu sucesso escolar.

Segundo Banes, o pluralismo linguístico pressupõe alguns princípios como a aceitação das diferenças linguísticas e ensino da diversidade linguística com base no respeito e na valorização da cultura e da língua do outro, mas o que acontece é que o aluno pertencente a grupos linguísticos e culturais minoritários está sujeito a um sistema de ensino completamente injusto que pretende fazer dele uma tábua rasa quando chega à escola, ignorando e menosprezando a pequena, mas valiosa história de vida que traz consigo, não tendo em conta que *“nos casos em que diferentes comunidades e grupos linguísticos partilhem um mesmo território, os direitos formulados na presente Declaração, devem ser exercidos na base do respeito mútuo e ser protegidos dentro das máximas garantias democráticas.”*(Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, artigo 2º, alínea 1), pois muitas vezes ser portador de uma língua e uma cultura maternas diferente da maioria, é considerado ser portador de uma deficiência e por essa razão, muitos são os alunos que já foram enviados para o ensino especial como tendo problemas graves de adaptação e de aprendizagem. No entanto, tudo leva a crer que a deficiência diagnosticada terá sido, provavelmente, ‘língua e cultura desconhecidas’.

Segundo o artigo 27º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, “*Todas as comunidades linguísticas têm o direito a um ensino que permita aos seus membros adquirir um conhecimento das línguas veiculadas às suas próprias tradições culturais, como as línguas literárias ou sagradas, usadas antigamente como línguas habituais da comunidade.*”. O artigo 28º acrescenta que “*Todas as comunidades linguísticas têm o direito a um ensino que permita aos seus membros adquirir um conhecimento aprofundado do seu próprio património cultural...assim como o máximo domínio possível de qualquer outra cultura que desejem conhecer.*”. Estes direitos têm sido negados aos alunos cuja língua materna não é aquela que a escola veicula.

A sua língua e a sua cultura não estão contemplados no processo ensino/aprendizagem e muitas vezes, a escola promove o corte de relações com as suas origens aconselhando os pais a não falar a sua língua materna com os filhos obrigando-os “ *...ta papia un purtuges ki kuazi ta nkomoda Camões na labanta di koba pa ben tapa obidu di obintis pa ka obi tamanhu monstruzidadi*” (*...a falar um português que quase obriga Camões a levantar-se do túmulo para tapar os ouvidos dos ouvintes, de forma a que estes não oiçam tamanha monstruosidade.*), como diria Tomé Varela da Silva (1998:112).

A falta de formação dos professores e educadores na área de interculturalidade, assim como o desconhecimento da língua e cultura maternas dos alunos aliado à escassez de recursos didáticos e pedagógicos, são razões que condicionam a prática pedagógica dos docentes que trabalham com este público.

Para modificar esta situação de injustiça linguística e cultural é indispensável apostar numa ‘pedagogia do sucesso’, promovendo a interculturalidade e dotando os docentes de conhecimentos sobre a língua e a cultura maternas do aluno, de forma a que possam respeitá-las, conhecê-las, compreendê-las, valorizá-las, reconhecer a sua importância como instrumento de comunicação e marca de identidade cultural, utilizando-a como objecto de estudo e de aprendizagem.

1.7- A Relação entre a Língua Caboverdiana e a Língua Portuguesa em Contexto Escolar

Em Portugal

No documento Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, do Ministério da Educação, o primeiro parágrafo da introdução das competências essenciais para a área curricular disciplinar de Língua Portuguesa, que passamos a citar, refere que “*A língua materna é um importante factor de identidade nacional e cultural.*” Esta frase não é válida apenas para a língua portuguesa, mas sim para todas as línguas maternas.

O mesmo documento não omite a presença de minorias linguísticas e menciona no parágrafo seguinte que “*No espaço nacional, o Português é a língua oficial, a língua de escolarização, a língua materna da maioria da população escolar e a língua de acolhimento das minorias linguísticas que vivem no País. Por isso, o domínio da língua portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania.*” (DEB, 2001)

Fica claro que apesar das minorias linguísticas não serem ignoradas, a língua exclusiva de ensino e de acesso ao sucesso e exercício dos direitos de cidadania é o Português.

Num recente estudo do Departamento de Educação Básica²⁰ concluiu-se que existem 17535 alunos a cumprir o Ensino Básico (1º ao 9º ano de escolaridade) que não têm o português como língua materna. Foram encontradas cerca de 230 línguas para 140 minorias identificadas. Este estudo mostra que 28,42% dos alunos que frequentam o Ensino Básico são de origem caboverdiana, e que, das 15 línguas mais faladas, o crioulo ocupa o primeiro lugar, com 8076 falantes. É de salientar que neste estudo todos os alunos crioulofónos, independentemente da sua origem (caboverdianos, guineenses e santomenses) foram integrados na categoria Crioulo, o que torna difícil saber quantos são os que realmente falam a língua caboverdiana. Contudo, está mais que provada a

²⁰ Departamento de Educação Básica (2003) *Caracterização Nacional dos Alunos com Língua Portuguesa como Língua não Materna*, Lisboa, Departamento de Educação Básica.

superioridade numérica dos alunos de origem caboverdiana em relação aos outros grupos crioulófonos.

Este estudo revela ainda que dos alunos de língua materna crioula, 5784 têm um domínio satisfatório da língua portuguesa e apenas de 115 se diz não entender a língua portuguesa.

Um “Estudo de Caracterização da Comunidade Caboverdiana em Portugal” levado a cabo pela Embaixada de Cabo Verde (Gomes (coord.), 1999:146-147) vem demonstrar que a língua continua a ser um factor de coesão dentro do grupo, cerca de 40 % dos inquiridos afirma falar crioulo em casa com os filhos e 31% refere que fala o crioulo e o português. Neste mesmo estudo, 95% dos inquiridos afirmam que falam e percebem o crioulo. Os inquiridos neste estudo têm idades compreendidas entre os 15 e mais de 65 anos de idade, com maior incidência em indivíduos com idades compreendidas entre os 35 e os 64 anos.

A língua materna é muitas vezes apontada como uma das importantes razões para o insucesso escolar dos alunos de origem caboverdiana.

Carlos Cardoso (1996) evoca ainda as consequências provocadas pelas atitudes pouco pedagógicas que muitas vezes estes alunos são alvo. A primeira delas são as interferências linguísticas devido às diferentes estruturas, sons e significados da língua caboverdiana e do português, criando confusões, falta de compreensão e, conseqüentemente, fraco desempenho no português falado e escrito. As críticas dos professores à forma como os alunos falam português podem excluir ou restringir a sua participação no processo de aprendizagem e afectar a sua autoconfiança. A ausência da língua materna do aluno no processo ensino/ aprendizagem, pelo menos como estratégia de motivação e ajuda na aprendizagem do português, pode ser interpretada como desvalorização dessa mesma língua enquanto elemento fundamental da identidade cultural das crianças.

A política de língua em Portugal determina o uso exclusivo da língua portuguesa como língua de ensino e sofre os efeitos do contacto de línguas quando estamos em presença de alunos cujo português não é a língua materna. Esses efeitos nem sempre

impedem uma comunicação eficaz nas relações quotidianas, no entanto, na escola, podem tornar-se determinantes para a marginalização do aluno, dificultando a sua progressão na aprendizagem da língua não materna e até, o desenvolvimento da própria língua materna.

O português tem sido ensinado às crianças caboverdianas como língua materna, ignorando-se totalmente o facto de serem dotados de uma língua materna diferente. Estes alunos têm sido submetidos a uma avaliação injusta e penalizante das suas capacidades linguísticas, uma vez que são avaliados pelos mesmos critérios e com os mesmos instrumentos que qualquer aluno que nunca falou outra língua que não fosse a portuguesa.

O facto da língua caboverdiana ser pouco valorizada, até pelos seus falantes, faz com que, seguindo muitas das indicações menos correctas dos professores, os pais impeçam os filhos de falar a sua língua materna e comecem a falar em casa um português que muitas vezes está longe daquele que a escola se propõe veicular. Esta situação, promove um bilinguismo substractivo e sem benefícios, uma vez que a criança passa a não dominar convenientemente nenhuma das línguas, pois ainda não adquiriu bases suficientes na língua materna para uma aquisição satisfatória de uma segunda língua e vê-se forçada a cortar laços com a sua língua materna. O resultado deste processo poderá ser um agravamento das condições de aprendizagem da segunda língua, dada a enorme confusão em que a criança passa a viver.

Estas situações causam um *sofrimento linguístico* (Pereira, 1997) nas crianças, que muitas vezes se estende aos professores que também se encontram incapacitados de encontrar soluções para resolver estes problemas.

Repetindo a afirmação de Gorgette Gonsalves (1995:15) “*as teorias actuais sobre a língua e a pedagogia consideram que **um dos factores de sucesso na aquisição de uma segunda língua é o nível de conhecimento da língua materna. Um bom professor de segunda língua compreende o papel da L1 e parte daí para o ensino da L2***”

O ensino da língua portuguesa como língua não materna ainda não é uma realidade, apesar dos avanços efectuados a nível de enquadramento legal. Em 2001 foi publicado o Decreto-Lei nº6/ME/2001 de 18 de Janeiro, que refere no seu artigo 8º que “*As escolas devem proporcionar actividades específicas para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português.*”

Dulce Pereira (1997) considera que para as crianças caboverdianas deveria ser ministrado um ensino *bilingue* em que coexistem as duas línguas (e cita Duverge, 1996:19) dizendo que “*não apenas como línguas de comunicação, mas como matérias de ensino, de aprendizagem e de cultura.*”. Defende que o primeiro passo a dar é “*libertar as línguas. Ou seja favorecer não só o uso, mas também a discussão sobre o uso e o valor das línguas dos alunos e das suas famílias. Não permitir ... que estes neguem ou ocultem uma parte da ...da sua identidade, ou que inibam o desenvolvimento da sua língua materna arriscando-se a cair em situações de semi-linguismo.*”

Existem pelo menos duas experiências de ensino bilingue com crianças caboverdianas realizadas em Portugal, na área metropolitana de Lisboa. A primeira teve a duração de 4 anos, entre 1990 e 1994, destinava-se a alunos do Ensino Pré-primário e Primário e foi protagonizado por Raja Litwinoff. O segundo, o Projecto *Nursery Policy and Practice within Bilingual Context* teve início em 1998, foi promovido pelo Secretariado Entreculturas destinava-se a dois Jardins de Infância, e desenvolvido em Portugal, em parceria com a Dinamarca e a Inglaterra, e teve como consultora e colaboradora Dulce Pereira.

Estes projectos foram muito importantes e conseguiram resultados bastante válidos, mas como projectos que eram, chegaram ao fim e não tiveram continuidade. Contudo, conseguiram provar que coabitação da língua caboverdiana com a língua portuguesa pode ser harmoniosa e pacífica se não se esquecer o papel que cada uma desempenha na vida de todos quanto se servem delas.

O projecto de *Ensino do Português como 2ª Língua*, da responsabilidade do Departamento de Educação Básica, tinha como principais objectivos: apoiar os alunos filhos de (i/e)migrantes no seu processo de integração escolar e social através de uma

aprendizagem adequada do Português como segunda língua, integrando as suas experiências e os seus conhecimentos linguísticos na dinâmica geral da escola; fomentar a elaboração de materiais adequados e elaborar um modelo de formação contínua e inicial de professores neste domínio. Os resultados obtidos contribuíram de forma significativa para aumentar a atenção para esta temática, com a publicação de materiais didácticos e textos de referência teórica no domínio do ensino da língua não materna. (Fischer, 1998: 111-114)

A comunidade caboverdiana residente nos Estados Unidos não padece do mesmo mal, uma vez que as crianças quer de origem caboverdiana quer de outras minorias linguísticas podem beneficiar de programas bilingues no ensino público, desde o Jardim de infância, evitando a discriminação e promovendo a igualdade no acesso à educação. Os pais dispõem de toda a informação sobre a escolarização dos filhos na sua língua materna, podendo participar de forma mais activa e consciente na educação dos seus filhos. O “Manual di Rigulamentu pa Pais & Alunos” publicado no início de cada ano lectivo é um documento fundamental tanto para a integração dos alunos como dos seus encarregados de educação na vida escolar. (Skolas Públiku di Boston, 2002).

É também de referir que o CapeVerdean Creole Institute²¹ tem um papel de relevo não só na implementação dos programas bilingues para os alunos de origem caboverdiana como também na produção de documentos e divulgação da língua e da cultura caboverdiana nos Estados Unidos da América.

Nas notas conclusivas do estudo já referido, levado a cabo pelo Departamento de Educação Básica²², é reconhecida a necessidade de alterar atitudes e práticas pedagógicas, salientando que a escola, enquanto “*lugar de realizações pessoais e de aprendizagens efectivas*” deve ser capaz de gerir a pluralidade social, cultural e linguística sem a perda de qualidade democrática. É feita uma chamada de atenção de para o facto de a legislação por si só não é suficiente, e que se torna necessário uma actualização e uma abrangência que permita a integração real dos alunos com português

²¹ <http://www.capeverdeancreoleinstitute.org>

²² Departamento de Educação Básica (2003) *Caracterização Nacional dos Alunos com Língua Portuguesa como Língua não Materna*, Lisboa, Departamento de Educação Básica.

como segunda língua e um acesso efectivo à educação. Cabe ao sistema educativo prever um estatuto que possibilite a definição de percursos adequados às necessidades reais dos alunos e de uma avaliação em conformidade. Acrescenta ainda, que urge a criação de condições que promovam a revisão dos planos de formação inicial e formação contínua de professores nesta área, centrada nas escolas e em situações concretas. As ofertas de formação contínua em áreas ligadas à interculturalidade ainda são muito reduzidas e pouco diversificadas.

Dulce Pereira (2002: 150-151) propõe alguns princípios e actuações básicas para uma reformulação da política linguística em relação às minorias, na defesa da língua portuguesa e das línguas que com ela convivem. Passamos a enumerá-las: divulgação e valorização explícita das línguas minoritárias; *libertação* do uso das línguas, nomeadamente nos meios de comunicação social; acolhimento e informação bilingue na saúde e na educação com a presença de mediadores e intérpretes; introdução nas escolas da educação linguística ; actuação concertada entre Portugal e os países de origem das minorias linguísticas para o estudo e criação de métodos, e materiais de ensino, intercâmbio de professores e formação e contratação de mediadores falantes das línguas minoritárias; formação inicial e contínua de educadores e professores na área do ensino em contexto multilingue, ensino diferenciado e ensino bilingue; introdução a curto prazo de ensino bilingue no jardim de infância; reforço da oralidade nas aulas de língua portuguesa; estudo e consideração da cultura de origem dos alunos e dos diferentes modos de aprender.

A situação da língua caboverdiana face à escola, está bem longe daquilo que seria desejável, pois apesar de haver uma mudança positiva, ainda que lenta, no reconhecimento e aceitação da sua importância como língua materna, continua a ser menosprezada e ignorada no processo de ensino aprendizagem das crianças de origem caboverdiana.

Em Cabo Verde

Em Cabo Verde estas duas línguas também não coexistem da forma desejada. Elas gozam (e sempre gozaram) de estatutos diferentes e continuam a desempenhar funções diferentes na sociedade caboverdiana em geral e na escola em particular.

A língua portuguesa foi sempre a língua de prestígio e de acesso aos bens culturais, sociais e tecnológicos em Cabo Verde. É nesta língua que se desenrolam as situações formais de comunicação e são escritos os documentos oficiais. Ela é também, a língua da escola, dos contactos interculturais e internacionais. O seu uso é o mais representativo e o mais frequente na comunicação escrita, na literatura, na administração e nos meios de comunicação social.

São a importância das funções que a língua portuguesa desempenha em Cabo Verde e o reconhecimento da mesma que lhe conferem o estatuto de língua oficial, porém, apesar do seu estatuto, o seu uso nunca foi generalizado entre os caboverdianos. O domínio da língua portuguesa é privilégio de uma minoria da população (elite cultural e económica que a utiliza apenas a determinados níveis e em determinadas situações) que, por via de regra, a aprendeu na escola onde é veiculada como língua exclusiva de ensino.

Este estatuto apenas formal da língua portuguesa é bastante redutor apesar de todo o prestígio e o valor instrumental e histórico que lhe é reconhecido em Cabo Verde. A nível da oralidade, o seu emprego é bastante insignificante, mesmo junto da referida elite, pois limita-se, muitas vezes, a situações de formalidade entre pessoas desconhecidas ou de pouca familiaridade e ainda quando se pretende exibir o nível cultural ou a superioridade da classe a que se pertence.

Para preencher todos os espaços destinados à comunicação oral, o privilégio é da língua caboverdiana, aquela que todos aprendem desde o berço e dominam desde a mais tenra idade.

Gozando sempre de um estatuto inferior e sendo menosprezada por muitos, foi, e é, a língua caboverdiana que serve todas as situações informais de comunicação. É a

língua materna dos caboverdianos e tem o estatuto de língua nacional. É a língua utilizada para descrever e veicular toda a substância do rico e vasto património oral existente em Cabo Verde e de toda a mundividência caboverdiana. Ela representa a língua dos afectos e do sentir caboverdiano. Como refere Maria Alice Gomes (1998:42) “... com o crioulo realiza-se a integração no todo nacional da cultura, tradição, imaginário colectivo, família, sociedade e mentalidade histórica.”

Nas escolas caboverdianas as crianças são alfabetizadas numa língua que não dominam, o português. O facto da língua materna estar excluída do processo de ensino/aprendizagem dificulta o convívio saudável com a língua de ensino, comprometendo assim o desenvolvimento de um verdadeiro bilinguismo, pois o conhecimento aprofundado da língua materna não existe, e a exposição à língua portuguesa para além de reduzida, é limitada e não privilegia as situações reais de comunicação.

A alfabetização nestas circunstâncias é doloroso e penoso para a criança que aprende a ler e a escrever numa língua que para ela (pelo menos inicialmente) não tem qualquer significado.

Já em 1933, Pedro Cardoso, um dos grandes defensores da língua das ilhas, reclamava a valorização da língua materna caboverdiana no ensino, dizendo: “*Todos aprendem a língua estrangeira tendo por instrumento a língua materna; saibam também os professores de instrução primária servir-se do crioulo como veículo para mais rápido e profícuo ensino das matérias do programa a cumprir, principalmente do português (...).*” e acrescenta ainda criticando a prática vigente que “*Em toda a parte se estudam os dialectos regionais, só em Cabo Verde é que aparecem uns ilustres pedagogos a denunciar o crioulo como trombolho, e se a mais não se atrevem é que se podem levantar as pedras da calçada*”.²³

Dulce Almada Duarte, em 1961, publicou a obra “Cabo Verde – Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago” e em 1977 publicou na revista

²³ Pedro Cardoso, Conferência pronunciada no teatro Virgínia Vitorino, na Praia, em 1933, citado por VEIGA, Manuel (1998) “*O Crioulo de Cabo Verde – emergência e afirmação*” in ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL (CABO VERDE) (1998) Descoberta das Ilhas de Cabo Verde, AHN Praia / SÉPIA Paris, pp.116.

Raízes o ensaio “Uma Nova Pedagogia de Ensino do Português em Cabo Verde” (nº2, ano1, 1977) no qual propõe o ensino da língua portuguesa numa perspectiva de segunda língua, deixando algumas orientações para esta nova metodologia.

No ano seguinte, a mesma autora publica naquela revista (nº5/6, ano 2, 1978: 33-80) o seu estudo intitulado “A problemática da utilização das línguas nacionais: língua, nação, identidade cultural”, onde para além de traçar a história do crioulo de Cabo Verde, defende não haver línguas “*incapazes de serem desenvolvidas*”. Refere que durante o tempo colonial tudo foi feito para que o crioulo desaparecesse, praticando-se uma política de assimilação linguística, com a criação de escolas onde o português é língua exclusiva, tentando-se impor a todo o custo, com base em teorias racistas do século XIX que afirmavam que as línguas locais não eram não podiam ser consideradas línguas pelo facto de não serem escritas. No entanto, do que se sabe apenas nas colónias inglesas houve essa preocupação. (Duarte, 1978:65)

Referindo se à época do Pós-independência, avança que “*...há que definir uma política no tocante ao problema da futura integração do crioulo, não só como língua de ensino, mas também como veículo de informação e cultura, de modo que essa utilização se possa fazer por etapas sucessivas*” não pretendendo de modo algum diminuir a importância da língua portuguesa em Cabo Verde. Recomenda que esta seja ensinada pelos métodos utilizados para o ensino de línguas segundas, para que se tenha um maior rendimento no ensino e salvaguarda a posição dos defensores da língua materna caboverdiana dizendo: “*Contrariamente ao que poderão pensar alguns, o facto de procurarmos estudar o crioulo e de querermos fazer dele a nossa língua não significa que queiramos rejeitar a língua portuguesa.*”(Duarte, 1978:79).

A UNESCO ciente da importância socio-cultural das línguas nacionais, na segunda metade dos anos 70 do século XX, patrocinou vários eventos com vista à promoção dessas mesmas línguas e à sua inserção nos sistemas de ensino .

Em 1978, foi realizado em Bissau um Seminário sobre o Crioulo em que participaram ministros e quadros da Educação dos PALOP e no ano seguinte, em 1979, foi realizado um Colóquio sobre o Crioulo, no Mindelo, patrocinado pela UNESCO, donde saíram um conjunto de propostas das quais passamos a citar uma das que foi

integrada nas tidas como “*medidas imediatas*”²⁴, nomeadamente, “ *Que através de encontros, e de divulgação de documentos, se comece ... a alertar os professores para alguns pontos considerados essenciais: O sujeito da aprendizagem é efectivamente o aluno com as suas capacidades e necessidades concretas(...); A relação do sujeito de aprendizagem com a língua a aprender não pode ser pressuposta, mas é resultante de um esforço e de um progresso; A avaliação é encarada como relação com os objectivos a atingir, exigirá atitudes necessariamente diferentes em cada situação.*”.

Estas medidas visam melhorar o ensino da língua portuguesa e minimizar o sofrimento linguístico da criança, combatendo a contaminação e as interferências linguísticas que decorrem do contacto entre as duas línguas em presença.

A competência linguística de uma criança portuguesa em idade escolar permite-lhe estar na posse de um inúmero conjunto de frases que pode aplicar nas mais diversas situações. A criança caboverdiana possui essa mesma competência linguística em relação à sua língua materna. No entanto, contrariamente ao que acontece com a criança portuguesa, a criança caboverdiana “*possui um instrumento de comunicação oral – o crioulo – suficientemente próximo do português para poder compreender com relativa facilidade, mas com uma estrutura gramatical diferente. Falta-lhe, em relação ao português, a competência fonológica, morfológica sintáctica e lexical da criança portuguesa da mesma idade.*” (Duarte, 1998).

Todas as recomendações feitas não foram esquecidas e, gradualmente, vão sendo tomadas algumas medidas no sentido de valorizar a língua materna e melhorar o ensino e aprendizagem do português.

O Caderno 2 sobre o Ensino Básico Integrado, publicado pelo Instituto Pedagógico de Cabo Verde (Carvalho, 1998), no que diz respeito à Língua Portuguesa, cita Maria Angélica Ribeiro que no Seminário I sobre “A evolução e a situação actual do Ensino Básico em Cabo Verde” refere que “*A Área da língua portuguesa privilegia a aprendizagem da língua como instrumento indispensável de comunicação e suporte da aquisição de conhecimentos em todos os domínios disciplinares*”. Podemos ler mais

²⁴ REIS, Carlos e DUARTE, Dulce Almada, (1979) “*Colóquio sobre o Crioulo – intervenções e resoluções*”, África – Literatura, Arte e Cultura nº5, ano II, Lisboa, Plátano Editora.

adiante, referindo-se à Introdução da portaria nº53/93 que “ *A língua nacional, o crioulo não sendo a língua veicular do sistema educativo, não é ensinada na escola. Este papel é atribuído à língua portuguesa. A metodologia adoptada “encara a língua portuguesa como língua segunda, deve dar tratamento científico às interferências linguísticas e ao erro, pelo recurso adequado e oportuno à língua materna(...)”* ”.

Segundo Margarida Santos, até 1993, o português era ensinado com o estatuto de língua materna e com uma metodologia analítica, onde a organização e os conteúdos “*raramente eram enquadradas em situações específicas ou genéricas de comunicação*” e com a introdução do Ensino Básico Integrado no sistema, o português é ensinado como segunda língua, “*Privilegia-se o desenvolvimento de capacidades e habilidades para construir e produzir aprendizagens em direcção à comunicação que resulta da iniciativa do aluno e que proporciona espaço para o alargamento e fruição do prazer que a sua intervenção acarreta.*”

O português continua a ser a língua de constrangimento. Apesar de ser a língua de ensino, o seu uso nas situações de comunicação está longe de atingir o grau de naturalidade que tem a língua caboverdiana

A aprendizagem da língua portuguesa desenvolve-se quase exclusivamente entre quatro paredes (sala de aula) e em situações de comunicação criadas para o efeito, situações essas, que são irreais e limitativas para aquisição de competências da língua de ensino, uma vez que fora da escola o contacto com a língua portuguesa é muito reduzido e nalguns casos, pode ser considerado nulo. Interessa apenas aprender a ler e a escrever, dando-se pouca importância à criatividade do aluno que dadas as suas limitações na língua portuguesa, apenas está habilitado a fazê-lo na sua língua materna.

O ‘banho’ linguístico não existe. O processo de imersão na língua portuguesa é fictício e problemático, agravado pelo facto de se ignorar a língua materna que se encontra oficialmente excluída, tendo como consequência uma aquisição deficiente e pouco eficaz da língua alvo.

Não podemos esquecer ainda a qualificação e a formação dos professores que são bastante insuficientes fazendo com que estes profissionais por vezes tenham alguns

constrangimentos no seu próprio desempenho na língua portuguesa. As dificuldades vão desde a interdisciplinariedade, ao ensino específico da língua portuguesa, uma vez que o português, sendo a língua de ensino, também é veiculado nas outras áreas disciplinares.

Conforme afirma Manuel Veiga (2001) tanto a língua portuguesa como a língua caboverdiana encontram-se em fase de construção em Cabo Verde, embora em níveis diferentes. Enquanto a língua portuguesa necessita de rigor pedagógico, alargamento do ensino formal e de implementação do estatuto informal, a língua caboverdiana precisa da implementação do ensino formal, do reconhecimento do estatuto oficial e alargamento do seu uso em situações formais.

Para que Cabo Verde se torne num país verdadeiramente bilingue onde o português e o caboverdiano beneficiam do mesmo estatuto linguístico é urgente fazer-se uma *“assunção descomplexada do bilinguismo através de uma política linguística sem concorrência desleal, sem discriminação, sem tentativas glotofagistas, sem a prática da diglossia.”*²⁵

²⁵ VEIGA, Manuel, *“A Língua Caboverdiana: Porquê Ensinar e Como Ensinar”*, III Seminário para a Edificação do IILP, Centro Cultural de Belém, 5-8 de Junho de 2001.

2-O Bilinguismo

2.1- A Aquisição do Estatuto Bilingue

Actualmente, as populações que falam mais que uma língua são maioritárias, por isso, o bilinguismo não deve ser considerado como uma situação de excepção.

O bilinguismo pode ser social ou individual. O bilinguismo social existe quando a presença de duas línguas dentro de uma sociedade tem consequências linguísticas e sociais. O bilinguismo social está sempre relacionado com o bilinguismo individual, uma vez que as circunstâncias sociais têm uma grande influência no processo de aquisição bilingue e variam de indivíduo para indivíduo.

Considera-se bilingue um indivíduo que para além da sua língua materna possui uma competência linguística e comunicativa equivalente numa outra língua e que é capaz de utilizar uma ou outra em todas as circunstâncias com uma eficácia semelhante.

Segundo Emília Ricardo Marques (2003) o bilinguismo implica uma organização mental que distingue três relações diferentes entre os dois sistemas linguísticos. Essa relação pode ser coordenada, subordinada ou composta.

Na relação coordenada, as duas línguas são adquiridas na mesma fase de desenvolvimento linguístico da criança, em contextos diferentes interagindo com grupos específicos de falantes nativos, criando-se assim as condições ideais para que as competências linguísticas sejam equivalentes às dos falantes nativos de cada língua.

Na relação subordinada, uma das línguas domina a outra, sendo geralmente a primeira língua que desempenha o papel dominante. A segunda língua é aprendida num contexto de primeira língua, geralmente através da tradução e ficará sujeita a uma forte influência da língua materna.

Na relação composta os dois sistemas linguísticos têm uma estrutura de fusão, sendo cada uma delas usada de forma indiscriminada em todos os contextos, podendo ocorrer interferências nos dois sentidos.

O tipo de bilinguismo adquirido é determinado pelo contexto, idade e ordem de aquisição.

Segundo Sim-Sim (1998) se a criança cresce num ambiente em que desde sempre contacta com as duas línguas no mesmo contexto, desenvolve um *bilinguismo de raiz* ou seja, esteve exposta e adquiriu em simultâneo as duas línguas. Se por outro lado a criança inicia a sua socialização estando exposta apenas a uma língua e, numa fase posterior, quando inicia a sua vida escolar, é exposta à segunda língua, desenvolve um *bilinguismo compósito* ou seja, a criança aprende as duas línguas de forma sucessiva ou sequencial; quando inicia a aprendizagem da segunda língua, já possui um vasto repertório linguístico na primeira língua.

O ritmo e as características de desenvolvimento linguístico da criança bilingue depende do processo de aquisição das duas línguas.

Na aquisição simultânea (*bilinguismo de raiz*) a criança adquire ambas a línguas de forma idêntica à que sucede com o falante monolíngue, o que não implica que o domínio das duas línguas seja sempre equitativa tanto em quantidade como em qualidade. A mestria da produção linguística em ambas a línguas depende da consistência do uso das duas línguas no ambiente de socialização primária, que normalmente é a família, e a separação das línguas, associando cada uma delas a falantes específicos. O aumento crescente da consciência das diferenças entre as duas línguas leva a uma verdadeira separação dos sistemas fonológicos e sintácticos por volta dos sete anos de idade, como afirma Inês Sim-Sim. Nestes casos a criança fica apta a utilizar a alternância de códigos (*code-switching*) sem qualquer dificuldade, distinguindo os sistemas das duas línguas em contacto sem que haja cruzamento de traços de uma língua na outra. No entanto a escolha da língua a usar em cada momento, terá sempre uma grande dependência da língua dominante.

Na aquisição sucessiva ou sequencial (*bilinguismo compósito*), a criança possui as estruturas básicas da primeira língua quando inicia o processo de aprendizagem da segunda língua. É o caso das crianças cuja língua falada em casa é diferente da língua veiculada pela escola.

Os factores determinantes para o sucesso de aquisição da segunda língua, são sobretudo, a atitude, a identificação com os falantes de segunda língua e a motivação gerada pela necessidade. O desenvolvimento desta forma de bilinguismo passa por três etapas: a primeira caracteriza-se pelo estabelecimento de relações sociais que privilegiam as interações em relação à comunicação da informação, uma vez que a função é apenas socialização; a segunda caracteriza-se por uma tentativa de comunicar a informação, fixando-se apenas no essencial e usar todas as unidades de discurso que conhece; a terceira fase caracteriza-se por uma elaboração formal do discurso, quando já possui um maior domínio da língua (Sim-Sim, 1998:275). A identificação com os novos parceiros de comunicação, as atitudes perante as duas línguas e as culturas subjacentes podem tornar a segunda língua na língua de preferência.

O bilinguismo individual desenvolve-se de acordo com a necessidade de usar cada uma das línguas. Um bilingue não possui igual fluência nas duas línguas se as circunstâncias quotidianas não o exigirem.

Se a aprendizagem das duas línguas aconteceram em situações diferentes e em diferentes ocasiões, a proficiência linguística deste bilingue resulta da adição da sua proficiência na primeira língua com a da segunda língua, podendo existir circunstâncias em que apenas aplique a sua proficiência na primeira língua e nunca na segunda.

A competência bilingue de um indivíduo pode ser apenas passiva em relação a uma das línguas, quando existe a compreensão em relação a uma língua, mas não uma capacidade suficiente para expressão. A competência passiva é *“a capacidade de compreender tudo o que diz um interlocutor, sem estar, necessariamente em condições de falar a língua utilizada ... limita-se à descodificação dos enunciados recebidos.”* (Hagège, 1997:224) Esta situação acontece frequentemente com alguns filhos de migrantes que utilizam preferencialmente a língua do país de acolhimento e que mesmo quando os pais lhes falam na sua língua materna, respondem na sua língua de preferência, *“ela é favorecida pela proximidade entre a língua assim percebida e aquela em que se é capaz de falar e compreender”*.

A competência activa é aquela que “*se desenvolve tanto na emissão como na recepção*”, ou seja o indivíduo é capaz de compreender e de se expressar nas duas línguas.

Hagège (1997:223) refere que Comenius escrevia em 1632 que “*As línguas não devem ser todas aprendidas de forma completa até à perfeição, mas apenas até ao limite da necessidade.*” (citado por Girad 1995)

A competência bilingue é individual e é desenvolvida de acordo com as necessidades de cada um. Quando o meio familiar é estimulante e favorável, os resultados são geralmente bons, mas quando a situação é inversa e não se domina convenientemente as línguas envolvidas, a mistura e a insegurança linguística são geradoras de conflito, uma vez que a criança não aprende correctamente nenhuma das línguas, e fica limitada no seu léxico, na sua criatividade e na sua capacidade de produzir, tornando-se duplamente incompetente e conseqüentemente, muitas vezes duplamente marginalizada uma vez que não domina nem a língua materna da família nem a língua veicular do país de acolhimento, falando com constantes interferências e dominando uma língua que Eduardo Mayone Dias denominou de “emigrês”.

Pereira–Muller (2001) enumera “*erros específicos*” que habitualmente se verificam durante o desenvolvimento linguístico de crianças bilingues mas que quase desaparecem por volta dos seis/sete anos. Salienta que inicialmente há um período de mistura de códigos na qual a criança detém inicialmente um único sistema que abarca elementos de ambas as línguas e depois dos dois sistemas lexicais, mas uma só sintaxe; em seguida faz a separação lenta mas firme, separando os sistemas semânticos, lexicais e sintácticos em ambas as línguas.

A influência de uma língua na outra é maior quando o ambiente linguístico favorece uma das línguas fazendo com que evitem palavras e construções difíceis na língua fraca.

A mesma autora sugere ainda alguns aspectos a ter em conta na educação bilingue, nomeadamente, que se fale naturalmente a língua com a criança evitando um bilinguismo artificial; que se pratique o método “*uma pessoa, uma língua*” em que a criança, muda espontaneamente de uma língua para outra quando fala com pessoas das duas línguas; que se seja rigoroso e não se permita que a criança fale a “língua errada”

para que mais tarde não se recuse a falar a língua mais fraca; que se enfatize a língua mais fraca contando histórias tradicionais do seu país e ensinando canções infantis; que evite situações de secretismo, fazendo pequenos resumos na outra língua sempre que haja no grupo pessoas que não entendam a língua falada; que não se deixe influenciar por pessimismos e preconceitos e finalmente, que se tente encontrar com outras famílias que falem a língua fraca.

2.2- A Diglossia

Numa mesma sociedade podem coexistir duas línguas ou dois códigos linguísticos diferentes, tendo cada um deles uma função comunicativa determinada. Esta forma de bilinguismo social, foi denominada por Ferguson como *diglossia*.

Este conceito teórico introduzido por Ferguson (1959), “*é uma situação linguística relativamente estável na qual, além da variedade adquirida em primeiro lugar, se encontra também uma variedade sobreposta, muito divergente e altamente codificada, por vezes mais complexa ao nível gramatical, e que é a base de uma vasta literatura escrita e prestigiada. Esta variedade é geralmente adquirida por meio do sistema educativo e utilizada a maior parte das vezes na escrita e em situações formais do discurso.*” (Garmandi, 1983:131)

Numa situação de diglossia, tendo em conta o estatuto social das línguas em presença, Fishman refere que a língua mais familiar e de menor prestígio social usada nas relações quotidianas, na cultura popular, no seio da família e no meio de trabalho é considerada língua L (*Low*, baixa) por ser uma língua comum ou coloquial. A língua usada na religião, no ensino, na literatura e em situações oficiais é considerada língua H (*High*, elevada) por ser mais cuidada e erudita. A variante *Low* e a variante *High* complementam-se para satisfazer todas as necessidades comunicativas das situações diglósicas. (Garmandi, 1983:133)

A língua *Low* corresponde à língua materna, que é aprendida em primeiro lugar e é utilizada em contextos informais. A Língua *High* corresponde à segunda língua, que é língua materna de um número muito restrito de cidadãos, possui regras gramaticais mais complexas e cuja proficiência é condição para aceder aos bens sociais.

Pode existir diglossia sem bilinguismo quando uma sociedade dispõe de duas comunidades linguísticas separadas e unilingues, mas esta realidade não se aplica a Cabo Verde, onde temos apenas uma comunidade com a possibilidade de acesso a duas línguas que beneficiam de estatutos diferenciados.

Segundo Fishman, numa situação de bilinguismo sem diglossia, há sempre mudança linguística , porque as duas línguas concorrem entre si nas suas funções, suprimindo-se a língua menos usada, cuja posição se torna cada vez mais fraca.

2.3- O Bilinguismo Caboverdiano

O bilinguismo existente em Cabo Verde caracteriza-se por uma situação de diglossia. A língua caboverdiana é aquela que se utiliza nas situações informais da comunicação e a língua portuguesa preenche todas as situações formais. Estas duas línguas desempenham papéis diferenciados e beneficiam de estatutos diferentes. A língua caboverdiana corresponde à língua *Low* e a língua portuguesa corresponde à língua *High*. O caboverdiano é a língua materna e nacional e o português é a língua oficial. Ambas constituem o instrumento e o suporte do desenvolvimento, e são elementos fundamentais do património e da identidade caboverdiana, segundo Manuel Veiga, “*O português é o filho adoptivo muito estimado. O crioulo é um filho gerado e muito amado*”.

No caso caboverdiano, aplica-se a afirmação de Martinet (1991:184) “*El bilinguismo sería individual, en tanto que la diglossia correspondería a comunidades en su conjunto*”.

O bilinguismo existente em Cabo Verde é apenas individual e caracteriza-se por uma aquisição sequencial, uma vez que os que dominam o português, por via da regra, aprenderam-no na escola e em contexto formal onde as situações de comunicação não são reais.

Embora 75% dos caboverdianos sejam falante das duas línguas e apenas 25% serem apenas falantes de crioulo (Alcobia Gomes,1998:44) a proficiência linguística no caboverdiano é bastante superior àquela que existe no português, uma vez que grande parte das actualizações linguísticas processam-se no caboverdiano. Mesmo aqueles que dominam de forma satisfatória as duas línguas, tem uma performance mais apurada na sua língua materna do que no português.

O bilinguismo caboverdiano encontra-se em fase de construção. É necessário generalizar o uso das duas línguas. O português precisa de conquistar os espaços não formais da comunicação, e o caboverdiano precisa de se instrumentalizar e assim conquistar os espaços formais de comunicação donde ainda se encontra afastado.

2.4- O Bilinguismo das Crianças de Origem Caboverdiana em Portugal

Há crianças de origem caboverdiana verdadeiramente bilingues e outras que não sendo monolíngues, a sua capacidade bilingue é bastante reduzida.

As crianças de origem caboverdiana que vivem em Portugal passam pelos dois processos de aquisição bilingue. Umhas têm um bilinguismo de raiz e outras um bilinguismo compósito. No entanto este processo de aquisição é influenciado por diversos factores exteriores que por vezes impedem o desenvolvimento de um bilinguismo bem sucedido e consistente.

As atitudes pouco favoráveis em relação à língua dos pais, a desvalorização da língua materna no sistema de ensino e a incapacidade socio-cultural, e baixo nível de escolaridade dos pais muitas vezes conduzem a um bilinguismo substractivo ou a uma situação de semi-linguismo em que as crianças não dominam convenientemente nenhuma das línguas. Tanto a língua materna como a segunda língua ficam comprometidas. Pois muitas vezes a criança ainda não adquiriu as bases estruturais da sua língua materna e vê-se obrigada a cortar relações com ela e iniciar a aprendizagem de uma segunda língua com metodologias de aprendizagem destinadas a alunos que têm o português como língua materna.

Esta aquisição é caracterizada por um sofrimento linguístico a que a criança fica sujeita, vendo-se forçada a fingir que ignora a sua língua materna na escola. Esta realidade que dificilmente conseguirá ultrapassar provoca um sentimento de angústia, rejeição, uma enorme insegurança linguística e uma incapacidade de se identificar plenamente com qualquer uma das línguas.

A escola tem responsabilidades no desenvolvimento do bilinguismo dos alunos, sobretudo quando as famílias têm um fraco nível de instrução, carências socio-económicas, fracas expectativas em relação à escola e uma ideia de fatalidade em relação ao sucesso escolar..

A não aplicação de metodologias de ensino do português como segunda língua e a desvalorização das questões sociais ligadas ao insucesso escolar, limitam e

condicionam o processo de aquisição linguística das crianças, comprometendo assim o seu futuro escolar, profissional e social. Estas restrições vão criar jovens e futuros adultos limitados linguisticamente e segundo Raffaele Simone, “*Quem é linguisticamente limitado é simplesmente limitado.*”(Álvaro Gomes, 2004:10).

3- A Gramática da Língua Caboverdiana – Breve Abordagem

Não é nossa intenção fazer uma descrição exaustiva da Gramática da Língua Caboverdiana, contudo, parece-nos ser importante uma abordagem breve (sobretudo dos aspectos morfo-sintáticos) que permita compreender melhor o modo de funcionamento desta língua e entender como surgem alguns “erros” no processo de aquisição da língua portuguesa motivados pelas interferências linguísticas, que mais à frente focamos.

Esta abordagem é feita com base em estudos e publicações várias de linguistas e estudiosos especializados nesta matéria, nomeadamente Baltasar Lopes da Silva, Dulce Almada, Manuel Veiga, Eduardo Cardoso, Jürgen Lang, Dulce Pereira, Fernanda Pratas, Nicolas Quint-Abrial, Marlyse Baptista. Recuando um pouco mais, podemos referir, A. de Paula Brito, Adolfo Coelho e Pedro Cardoso.

Antes de abordarmos os aspectos morfo-sintáticos, vamos realçar alguns aspectos do ponto de vista fonológico que nos parecem importantes para a compreensão dos interferências fonéticas. É sabido que muitos fonemas da língua portuguesa são idênticos ou aproximam-se dos fonemas do crioulo caboverdiano como afirma Veiga (1999). O que naturalmente acontece pelo facto de a maior parte do léxico ter a sua origem no português. Muitas palavras sofreram alterações tanto a nível fonético e fonológico, como a nível morfo-sintático e semântico. Nas palavras de Veiga (2002:8) “...os termos podem ter a origem no português, mas tiveram uma actualização que nem sempre se coaduna com o sentido do radical. E se a isto acrescentarmos a reestruturação gramatical operada, concluiremos que o Ccv é um novo código. Novo pela sua fonética e fonologia, novo pela sua morfo-sintaxe e semântica.”

As palavras que se seguem sofreram alterações fonéticas em relação às palavras portuguesas que estão na sua origem, sobretudo na variante de Santiago que é a que mais se distancia do português.

As palavras *baka*, *berdi*, *basora* (em português vaca, verde , vassoura) sofreram alterações, mas não criaram uma nova regra fixa, pois não é correcto dizer-se que o som /v/ passou a /b/ porque palavras como *vós*, *vulanti*, *verbu*, (em português voz, volante, verbo) vêm comprovar isso mesmo. Este caso corresponde àqueles em que

consoantes e dígrafos admitem dupla realização, de acordo com o contexto dialectal, pois nas formas mais próximas do português é aceitável dizer-se *vaka*, *verdi* e *vasora*.

Palavras como *kabélu*, *kabésa*, *béku*, (em português cabelo, cabeça, beco) deixaram de ser vogais fechadas e assumiram o /é/ aberto, enquanto que nas palavras como *bonéka*, *mizéria*, *géra* (em português boneca, miséria, guerra) o /é/ aberto mantem-se.

As palavras *ripitidu*, *pidinti*, *tilifoni*, (em português repetido, pedinte, telefone) também sofreram alterações substituindo o /e/ mudo por /i/ em Santiago. Em S. Vicente, este /e/ mudo é praticamente inaudível, pois ao pronunciar-se estas palavras parece que estas vogais desapareceram das palavras. Ouvindo-se, “*rptide*”, “*pdinte*”, “*tlfone*” .

O som /r/ forte não se realiza em Santiago, usando-se apenas o /r/ fraco em todas as situações. Nas palavras *tera*, *mizéria*, *rua* (em português terra, miséria e rua) o som /r/ é sempre fraco, correspondendo ao som /r/ da palavra miséria. Na variante de S. Vicente há distinção entre estes dois sons.

Nas palavras *djustisa* e *mátxu* (em português justiça e macho) temos os sons africados /dj / e /tx/ que também se podem realizar nas formas mais próximas do português como /j/ (justisa) e /x/ (máxu). Relativamente ao caso do som /tx/, é uma transformação apenas aparente, porque este som proveio do “ch” do português quinhentista que assim se pronunciava e que no português moderno passou a ser representado pelo som /x/.

Tomando como referência Santiago, alguns ditongos sofreram reduções, mas não de forma sistemática. Assim temos caixa = *kaxa*, pai = *pai*; pau = *pó*, mau = *mau*; beijo = *beju*, feijão = *fixon*; eucaristia = *okaristia*, , céu = *seu*; armário = *armari*, brio = *briu*; doido = *dodu*, boi = *boi*; cuidado = *kudadu*, gratuito = *gratuitu*.(Veiga , 1999, 2002)

Passando aos aspectos morfo-sintácticos, vamos dar uma especial atenção aos nomes, adjectivos e verbos. Os aspectos que abordamos seguidamente referem-se sobretudo a Santiago, dado que há um maior número de estudos sobre esta variante, a

comunidade caboverdiana residente em Portugal é maioritariamente de origem santiaguense e ainda o facto de dominarmos melhor esta variante.

Esta língua tende a minimizar o peso da morfologia gramatical em favor das relações sintagmáticas. Rege-se pela lei do menor esforço, pela economia estrutural e pelo princípio da não redundância, prescindindo da realização dos morfemas sempre que a informação possa ser deduzida pelo próprio contexto quer seja ele cultural, situacional ou verbal. São estas mesmas características que determinam a falta de concordância em género e número.

A morfologia flexional é muito reduzida e regular. Os verbos não têm flexões de pessoa, número, nem modo e só admitem um sufixo temporal. Os pronomes e os determinantes têm apenas a flexão de número. Os nomes e os adjectivos apresentam flexão não obrigatória de género e número.

A morfologia derivacional realiza-se sobretudo pela sufixação que está mais aberta à constante importação do português.

Se estivermos a falar de olhos (*odju*), por exemplo, só teremos necessidade de marcar a forma singular, porque os olhos naturalmente existem em par e por isso a tradução de *odju* é olhos., inibindo assim o uso de alguma marca de plural. Na frase “*N tene dor na odju.*” cuja tradução é “Tenho dores nos olhos.”, o plural é marcado pelo próprio contexto. Para colocarmos a frase no singular podemos por exemplo, dizer “*N tene dor na ... kel odju li, odju skerda, odju dretu*” (este olho, o olho esquerdo, o olho direito).

Os nomes admitem a flexão em género, mas esta não é obrigatória. O género é marcado, basicamente pela oposição das terminações *-u* (masculino) – *a* (feminino). Os nomes que mais recebem a marca de género são os que se referem a seres humanos e animais mamíferos. Exemplo:

tiu – tia (tio – tia), *donu – dona* (avô – avó), *alunu – aluna* (aluno – aluna), *porku – porka* (porco – porca), *báka – boi* (vaca – boi), *kabra – bodi* (cabra – bode).

Os animais não mamíferos, e em alguns casos, seres humanos não adultos, não recebem marca de género e a diferenciação de sexo, faz-se por intermédio da justaposição da palavra *matxu* (macho) ou *fémia* (fêmea). Exemplo:

patu matxu (pato), *patu fémia* (pata)
mininu matxu (menino) *mininu fémia* (menina)

A tradução da palavra *mininu* é criança que com a justaposição de *nobu* (novo), *mininu nobu* significa recém-nascido.

Os nomes que se referem a seres não animados ou a vegetais são neutras quanto ao género e a sua terminação tem a ver com a forma portuguesa de que derivam. Exemplo: *pédra prétu* (pedra preta), *flor bunitu* (flor bonita), *káru nobu* (carro novo), *livru bedju* (livro velho).

Os adjectivos que variam em género são aqueles que fazem oposição pela terminação .

- u / - a . Exemplo:

altu /alta (alto /alta) *mudjer alta / ómi altu* (mulher alta / homem alto)

É também correcto dizer-se “*mudjer altu*”, uma vez que a mulher sendo contextualmente do sexo feminino, prescinde de outros atributos para marcar o género.

Os pronomes, os artigos e os numerais não têm flexão de género. Exemplos.

un ómi, un mudjer (um homem, uma mulher)
kel alunu, kel aluna (aquele aluno, aquela aluna)
dos rapás, dos rapariga (dois rapazes, duas raparigas)
nha fidju (matxu), nha fidja (fidju fémia) (meu filho, minha filha)

A flexão de número aplica-se aos pronomes, artigos, nomes e adjectivos (apenas nas variedades mais próximas do português).Exemplo:

kel/ kes (aquele/aqueles), *un/uns* (um/uns), *otu/otus*(outro/outros), *ómi/ómis* (homem/homens), *bunitu/bunitus* (bunito /bonitos).

O plural é marcado pela justaposição de:

-s depois de uma vogal; Exemplo: *kasa / kasas* (casa/casas);

-is quando a palavra termina em consoante; Exemplo: *mudjer / mudjeris* (mulher/mulheres);

-s / -sis quando a palavra termina em vogal nasal. Exemplo *armun / armuns / armunsis* (irmão/irmãos).

Por aplicação do princípio da não redundância, sempre que um elemento do sintagma nominal é marcado quanto ao número, os restantes elementos dispensam essa marcação.

Por esse mesmo motivo, os adjetivos, não recebem marca de plural uma vez que surgem sempre depois do nome. Exemplos:

livrus (os livros)

uns livru (uns livros)

kes livru (aqueles livros)

nhas livru (os meus livros)

kes livru burmedju (aqueles livros vermelhos)

txeu livru abertu (muitos livros abertos)

kuatu livru pikinóti (quatro livros pequenos)

No último exemplo, o numeral quatro é contextualmente plural e sempre que o determinante tem uma semântica de plural, inibe a presença de outras marcas de número.

Não existem na língua caboverdiana artigos definidos. Exemplo:

Kazaku branku é diméu. (O casaco branco é meu).

Saia prétu é di Lina. (A saia preta é da Lina).

A preposição *a* não existe e portanto, também não se realizam as contracções desta preposição. Exemplos:

N bai kasa di Lita. (Fui a casa da Lita.)

Onti N bai sinéma. (Ontem fui ao cinema.)

A preposição *em* e a sua contracção com os artigos definidos realizam-se em caboverdiano numa única forma, *na*. Exemplos:

N staba na kasa. (Eu estava em casa.)

El mora na Porto. (Ele mora no Porto.)

El partisipa na koridas. (Ele participou nas corridas)

As preposições *para* e *por* realizam-se da mesma forma, *pa*, ficando a preposição *por* sem possibilidade de contracção. Exemplos:

El bai pa kasa. (Ele foi para casa.)

El ka bai pa la. (Ele não foi por ali.)

El pasa pa jardin. (Ele passou pelo jardim.)

Os verbos não têm flexão de pessoa nem número e por isso obriga a presença do sujeito, não admitindo portanto um sujeito subentendido. Exemplo: *N kume un bolu.* (Comi um bolo.) Se omitirmos da frase o *N* (eu) não se sabe quem praticou a acção.

O radical dos verbos permanece inalterável se exceptuarmos as terminações *ba*, *du* e *da*.

O tempo, o modo e o aspecto são actualizados, na maioria dos casos não pelas terminações, como acontece no português, mas por morfemas predicativos como *ta*, *sa ta*, *al*, *ba*, *du*, *da*. Exemplo:

verbu kume (verbo comer)

N kume, *bu kume*, *el kume*, *nu kume*, *nhos kume*, *es kume* (eu comi, tu comeste, ele comeu, nós comemos, vós comestes, eles comeram).

Realçando os morfemas predicativos temos então, *N ta kume*(como /comerei) dependendo do advérbio temporal, *N sa ta kume* (estou a comer), *N al kume* (hei-de

comer/comerei/ devo comer), *N ta kumeba* (eu comia), *N kumeba* (eu tinha comido), *kumedu* (comeu-se) *kumeda* (comia-se). Nos dois últimos exemplos o sujeito é indeterminado, sendo portanto formas impessoais.

Antes do verbo *é* (ser) ocorrem as formas acentuadas do pronome pessoal sujeito (*Ami/mi, bo, el, nos*). Nos outros verbos ocorrem formas átonas como no verbo *kume* (comer). Vejamos a realização do Verbo Ser – *É*:

Ami/mi é, bo é, el é, nos é, nhos é, es é (eu sou, tu és, ele/ ela é, nos somos, vós sois, eles são).

As formas pronominais reflexas dos verbos existentes em português realizam-se de maneira diferente, em caboverdiano. Quando o contexto não as torna evidentes, formam-se justapondo as expressões “*kabésa*” para a reflexividade e “*kunpanheru*” para a reciprocidade.

Exemplo 1:

Manel labanta dés óra. (O Manuel levantou-se às dez horas).

N txoma Manel. (Eu chamo-me Manuel.)

Exemplo 2:

El ka ta da si kabésa valor. (Ele não se valoriza.)

El odja si kabésa na spedju. (Ele viu-se ao espelho.)

Exemplo 3:

Djuzé ku Maria beja kunpanheru. (O José e a Maria beijaram-se.)

Es xatia ku kunpanheru. (Eles chatearam-se.)

Relativamente aos pronomes pessoais, convém realçar o uso do *el* (forma tónica)/-*l* (forma átona) correspondente a o, a, lhe, terceira pessoa gramatical, na sua forma de complemento. Este pronome segue sempre o verbo e é utilizado tanto para o complemento directo como para o complemento indirecto. Exemplo:

N da-l un bolu. (Eu dei-lhe um bolo.)

N kunpra-l na merkádu. (Comprei-o no mercado.)

N kunpra-l el pamódi éra sábi. (Comprei-lho (lhe+o) porque era gostoso.)

Quando a forma verbal recebe o sufixo *ba*, o pronome pessoal assume sempre a forma tónica. Exemplo:

N ka ta kunpraba el el si N ka teneba dinhéru. (Eu não lho (lhe+o) comprava se não tivesse dinheiro.)

Para verificarmos alguns aspectos estruturais, vamos analisar a estrutura da frase.

Numa frase simples, declarativa, afirmativa, a ordem básica é: Sujeito – Verbo – Objecto. Exemplo: *Djon tra txapéu.* (O João tirou o chapéu.)

Quando a frase têm dois objectos (complementos), um dos quais tem o papel de beneficiário ou locativo e o outro de objecto, a ordem é a seguinte:

Sujeito–Verbo– Beneficiário/Locativo – Objecto. Exemplo:

Maria kunpra Ntóni lápis. (A Maria comprou o lápis ao António.)

Djuzé da katxor un pedrada. (O José deu uma pedrada ao cão.)

Contrariamente ao que acontece no português, os complementos indirectos *Ntoni* (ao António) na primeira frase e *katxor* (ao cão) na segunda frase são colocados antes do complemento directo *lápiss* (lápiss) na primeira frase e *pedrada* (pedrada) na segunda frase.

A negação é feita com palavras como *náu* (não) para dar uma resposta imediata, *ka* (não) para tornar uma frase afirmativa em negativa, e ainda as palavras *nen* (nem), *ningen* (ninguém), *ninhun* (nenhum) *nunka/ tioxí* (nunca) , *náda* (nada), que são apoiadas pela partícula negativa *ka*. Exemplo:

- *Náu, N ka gusta di bolu.* (- Não, não gosto de bolos.)

Maria ka kunpra xinélu. (A Maria não comprou os chinelos.)

N ka ta kume bolu nen xukuláti (Não como bolos nem chocolates.)

N ka tene ninhum tiston (Não tenho nenhum tostão.)

N ka tene náda. (Não tenho nada.)

Ningen ka sta na kasa. (Ninguém está em casa.)

Kunka/tioxi N ka bai sinéma (Nunca fui ao cinema.)

Nos dois últimos exemplos temos duas partículas negativas em caboverdiano, para uma em português, *ningén ka* para ninguém e *nunka/ tioxi ka* para nunca, quebrando excepcionalmente a regra do princípio da não redundância.

No aspecto semântico, temos situações bastantes diversas em que os vocábulos e as expressões caboverdianas de origem portuguesa assumem significados completamente diferentes podendo induzir a erros de significado. Exemplo:

manhan “manhã” significa amanhã

galanti “galante ”significa feio

mata kabésa “matar a cabeça” significa suicidar-se

ragála odju na kabésa “arregalar os olhos na cabeça ”significa ficar espantado.

Esta breve abordagem gramatical, mostra claramente a complexidade da língua caboverdiana, e a sua diferença da língua portuguesa.

4- A Escrita do Caboverdiano

A língua Caboverdiana é uma língua essencialmente oral. Como já ficou dito, o português tem sido a língua privilegiada nas produções escritas.

É no século XIX que se inicia a tradição de escrita espontânea em crioulo caboverdiano, mas as produções escritas nesta língua ganham força apenas no pós independência.

O facto de não haver uma norma escrita e o próprio preconceito em relação a esta língua foram razões que de alguma forma limitaram esta produção escrita aos mais audazes.

As primeiras experiências eram de base etimológica, assentando na ortografia e no alfabeto português, que era o único código escrito dominado, ou seja, o ponto de referência era o português, a língua de alfabetização.

Esta forma de escrita revelou-se pouco eficaz, porque cada um escrevia à sua maneira, uma vez que não havia qualquer orientação sistemática de o fazer. Vejamos os exemplos referidos por Veiga (2002:44) quanto ao uso do modelo etimológico e à sua fragilidade “...escritores como Napoleão Fernandes a escrever umas vezes **jh** (*jhbakós*) e outras vezes **gh** (*longhe*). Pedro Cardoso escreve **j** (*jugutâ*), Sérgio Fruzoni escreve **dj** (*fidje*), Corsino Fortes escreve **dg** (*fidge*).” Para além desta insegurança, era também posta em causa a sua pouca economia estrutural uma vez que há sons que são representados por várias letras e vice versa. Para o som /z/, por exemplo, podemos encantar o **s** (*casa*), o **z** (*doze*) e o **x** (*exame*), enquanto que a letra **x** adquire sons diferentes nas palavras *sintaxe*, *exército*, *fixo* e *bruxo*.

Esta insegurança ortográfica é comum a todas as línguas quando estas se encontram num processo de estabilização da escrita. Este processo é longo na padronização de qualquer língua. Segundo refere Feytor-Pinto. (2001:59-92) relativamente à língua portuguesa, apesar da preocupação em estabelecer uma ortografia ter surgido, sobretudo entre os séculos XII e XVI, só em 1911 é estabelecida a primeira

norma ortográfica oficial da língua portuguesa, que viria a ter um uso generalizado até 1914.

A primeira proposta de alfabeto, do sistema escrita e da Gramática do caboverdiano é apresentada por A. Paula de Brito e é publicado em 1888 no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 2ª série, nº3 1880, no seu estudo “Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago”.

Este alfabeto proposto por A. Paula de Brito, anterior à fonologia como ciência (Veiga, 2002:44) é de base fonológica e procura representar o mesmo som pela mesma letra ou conjunto de letras e vice-versa. É constituído por vinte e uma letras e quatro dígrafos, a que o autor chama de “*Létra sijélu i dobradu di alfabétu kiriôl /Letras simples e dobradas do alfabeto crioulo*” : A B CH D E F G JH J K L M NH N O P R RR S T U V X Z. (Brito, 1888: 342, in Morais-Barbosa, 1967). Por razões ainda não esclarecidas, esta proposta não teve repercussões junto dos que usavam a escrita de base etimológica.

No Colóquio de Mindelo, em 1979, foi proposto um alfabeto de base fonética e fonológica, que em parte, se regia pelas mesmas bases que a proposta de A. Paula de Brito, embora desconhecendo-a. Esta nova proposta foi inspirada na corrente linguística do “*funcionalismo*” de André Martinet e nas orientações da UNESCO para o uso do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) e do Alfabeto do Instituto Africano Internacional (IAI) para a transcrição das línguas que até então não tinham uma forma escrita. Este alfabeto exibia vinte e seis letras que correspondiam a igual número de sons.: A B C D E F G I Ž Ĵ K L L^ M N Ń Nˆ O P R S T U V Ŝ Z.²⁶(Veiga, 2002:46,47)

Apesar de muitos terem aderido a esta proposta e de ela ter sido utilizada na transcrição de várias obras de recolha de tradição oral e ainda por alguns escritores e activistas da língua caboverdiana, nomeadamente Tomé Varela da Silva, Manuel Veiga, Kaká Barbosa, entre outros, apresentava alguma fragilidade sobretudo na representação gráfica que era de difícil leitura para quem não tivesse uma explicação mais detalhada

²⁶ O acento circunflexo que acompanha as consoantes Z, L, N deve considerar-se na mesma posição que o acento usado em Ĵ e Ŝ.

sobre a correspondência fonética das consoantes que surgiam acompanhadas de acento circunflexo.

Aprovado por uns e reprovado por outros, esta proposta de escrita de 1979 e a forma de escrita espontânea baseada no sistema de escrita português coexistiram durante uma década sem qualquer decisão oficial sobre o rumo da escrita do caboverdiano.

Em 1987, surge um projecto novo de alfabetização de adultos, no Ministério da Educação, motivado e apoiado pela Cooperação Suíça em Cabo Verde, que teve a duração de cinco anos. Tratava-se, de um projecto de alfabetização em crioulo que seguia as directrizes da UNESCO (*IV Conferência Internacional de Educação de Adultos*, 1985) que consignam o direito de todos os indivíduos ao ensino em língua materna.

Por acordo dos consultores estrangeiros e dos nacionais que integravam a equipa²⁷, bem como do Ministro da Educação, o projecto passou a ter como objectivo a alfabetização não só em língua materna, mas também em língua portuguesa, tomando a designação de ***Projecto Experimental de Alfabetização Bilingue***: numa primeira fase os alunos seriam alfabetizados em crioulo e, mais tarde, em português, enquanto língua segunda. Conforme afirma Dulce Pereira (2004a) “*Procurava-se, assim, não só ser realista (não haveria vantagem em alfabetizar apenas em crioulo sabendo que a única língua oficial era o português), como reconhecer e promover o valor da língua materna e ainda melhorar os métodos didácticos e o sucesso educativo, pondo em prática a ideia prevalecente das vantagens e da necessidade política de um bilinguismo funcional em Cabo Verde.*”

Alfabetizar em crioulo obrigava à produção de materiais adequados que servissem de base à aprendizagem. Daí surgir a necessidade urgente de definir um sistema gráfico para a produção de textos.

²⁷ Marcela Ballara, Dulce Pereira, Manuela Menezes e Arminda Brito.

Neste contexto, como diz Dulce Pereira “*Não havendo uma aceitação generalizada (nem social, nem mesmo política) da chamada proposta do Mindelo, foi a consultora de linguística do projecto de alfabetização bilingue²⁸ incentivada a fazer a sua própria proposta de grafia, num prazo útil para o desenvolvimento do projecto e sua aplicação no terreno que, numa primeira fase, seria na ilha de Santiago, prevendo-se que a experiência fosse, posteriormente, alargada a outras ilhas de Sotavento e de Barlavento. É assim que surge uma nova grafia para representar o crioulo de Santiago, variedade em que foram escritos os primeiros manuais.*”

Este alfabeto contém as seguintes letras: A B C D E F G H I J L M N O P K R S T U V Z. As letras C e H são empregues apenas nos dígrafos CH como em ‘decha’, NH como em ‘vinhu’ e LH como em ‘pilha’ e no trígrafo TCH como em ‘tcheu’. Contempla ainda o dígrafo DJ para o som /dj/ como em ‘odju’. (Fanha, 1989:42)

Esta nova grafia é apresentada em 1989, na cidade da Praia, juntamente com todas as actividades, documentos de descrição linguística e materiais elaborados, até então, no âmbito do Projecto-piloto, num encontro a que se deu o nome de **Fórum sobre Alfabetização Bilingue** (23 e 24 de Junho de 1989). O texto contendo a *Proposta de Grafia* e os argumentos que a opõem à proposta do Mindelo é nesse mesmo ano publicado pela autora, de forma abreviada, na *Revista Internacional de Língua Portuguesa*²⁹ (Pereira, 2004a).

É na sequência da discussão do documento com os defensores da anterior grafia e com os participantes no Fórum que, por proposta do então Ministro da Educação, Corsino Tolentino, se forma uma Comissão Consultiva que tem como incumbência analisar a nova proposta e sobre ela redigir um parecer que, a ser favorável, alteraria, nos pontos relevantes, os anteriores hábitos de representação gráfica.

²⁸ A autora do presente texto (Dulce Pereira; na altura, Dulce Fanha).

²⁹ Fanha, Dulce. 1989. “Crioulo de Cabo Verde: Proposta de Grafia”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 2, Dez. de 1989: 41-48.

Essa Comissão³⁰ (liderada por Manuel Veiga, na parte respeitante aos estudos linguísticos) emite, em 24 de Agosto de 1989, um parecer que se mostra favorável, na sua globalidade, embora com algumas alterações, à proposta de grafia do Fórum.

Esta nova grafia não ganhou imediatamente estatuto oficial embora tenha sido adoptada por praticantes da proposta de Mindelo como Tomé Varela da Silva.

Quatro anos mais tarde, em 1993, foi criado um Grupo para a Padronização do Alfabeto, presidido pelo linguista Manuel Veiga, que reunia diversas personalidades de renome das áreas do ensino, da literatura e da linguística caboverdiana, nomeadamente, Alice Matos, Dulce Duarte, Eduardo Cardoso, Inês Brito, Luis Hopffer Almada e Tomé Varela da Silva.

Este grupo de trabalho propõe um novo alfabeto que ficou denominado como ALUPEC (Alfabeto Unificado para a escrita do Caboverdiano), que tem a particularidade de combinar os dois modelos de alfabeto, o de base etimológica e o de base fonológica e ainda a proposta de Dulce Pereira.

Este alfabeto é composto por vinte e três letras e quatro dígrafos: A B D DJ E F G H I J K L M N NH NˆO P R S T TX U V X Z. Esta proposta foi aprovada pelo decreto-lei nˆo67/98, BO nˆo48, 5ˆo Suplemento, por um período experimental de cinco anos.

A "standardização da escrita" a que o preâmbulo se refere exige a formalização de outros aspectos como a fixação da forma gráfica das palavras, tendo como modelo a variedade que for escolhida para padrão.

O ALUPEC tem sido amplamente utilizado e é ele que norteia os trabalhos desenvolvidos nos programas de Educação Bilingue nos Estados Unidos e as publicações dos autores que escrevem na língua crioula, embora alguns tenham

³⁰ Constituída por Albino Tavares, Alice Matos, André Moura, Arminda Brito, Inês Brito, Manuel Veiga e Tomé Varela.

introduzido pequenas alterações, sobretudo no que diz respeito à acentuação, como é o caso de Tomé Varela e Dany Spínola.

Passados dois anos sobre o fim do período experimental, ainda não há eco da avaliação feita nem das resoluções tomadas em relação ao ALUPEC, mas é certo que a sua aprovação política, ainda que por um período experimental, trouxe um novo alento ao processo de desenvolvimento e valorização da língua caboverdiana, abrindo caminho para um projecto de oficialização, que se espera não tardar por um período muito longo, tal como aconteceu com as várias línguas nacionais europeias, quando começaram a ser escritas e usadas para alguns fins oficiais, ganharam força e impuseram-se, tendo ascendido ao estatuto de língua oficial. Um exemplo é o caso da Hungria, o húngaro em 1840 passa a língua oficial em vez do latim. (Hobs Bawm, 1992:151-165).

6-O Erro numa Perspectiva de Aquisição de uma Língua Não Materna

Numa situação de aprendizagem da língua não materna, a noção de erro é conceptualizada em termos conjunturais, dependendo da fase de aquisição de uma segunda língua, que não está relacionada com os “erros” de linguagem cometidos pelos que falam a língua alvo, como língua materna. A teoria actual sobre o erro na prática da aquisição e ensino da língua segunda defende que o mais importante é determinar a compreensão básica do erro. Os erros são vistos como parte integrante e inevitável durante o processo de aquisição de uma língua. Por consequência, a visão dos erros é mais descritiva do que prescritiva, ou seja, em vez de se considerar que algo está certo ou errado em termos absolutos, deve-se saber o que é um erro, que tipos de erro ocorrem e qual a razão da sua ocorrência.

O erro, pode dar informações importantes sobre o estágio de desenvolvimento real do aluno na língua alvo.

Segundo Chun et al (1982:537-547) citado por Stroud (1997:11) o erro é *“o uso de um item linguístico de forma que, de acordo com os utentes fluentes da língua, indica aprendizagem com falhas ou incompleta.”*

A identificação e a interpretação do erro não são de forma alguma um processo simples. Para detectar um problema torna-se necessário ser-se capaz de reconstruir a enunciação pretendida pelo aprendente e esse número de reconstruções pode nalguns casos ser elevado. O erro identificado acaba por estar sempre dependente da reconstrução escolhida. Por vezes, as enunciações consideradas erradas são problemáticas, porque podem conter vários pequenos problemas que se combinam para criar uma enunciação errada. (Lennon, 1991) referenciado por Stroud (1997).

O discurso coloquial diário, tanto do falante de língua materna como do aprendente da segunda língua, está recheado de omissões e descontinuidades que na linguagem escrita são considerados erros embora sejam consequência de processos naturais da produção oral.

Uma outra dificuldade encontra-se ainda na identificação de erros dos aprendentes em estado avançado, como pode ser o caso de muitos alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal. Conforme afirma Stroud (1997:12) “*Embora este tipo de erros possam conter traços não-nativos, ou ocorrer em frequências não nativas, muitas vezes eles não são completamente errados, o que os torna difíceis de assinalar.*” Na frase “*Ele tomou as mandiocas do sobrinho.*”, não se perde o sentido, nem o significado da frase, no entanto, dificilmente, um falante nativo diria desta forma.

Há ainda a estratégia do ‘evitar’ que acontece quando o aluno se abstém de usar estruturas nas quais não se sente seguro e cometeria erros se fosse forçado a aplicá-las, escolhendo outras alternativas mais fáceis para expressar um significado específico.

O mesmo autor refere que Lennon (1991) propõe que os erros identificados com base em critérios estruturais, não sejam erróneos em si mesmos, “*mas tornam-se (palavras) erróneas apenas no contexto da unidade linguística mais alargada em que ocorrem.*” Lennon introduz o conceito de domínio e extensão para tratar este aspecto da identificação dos erros. O domínio refere-se à quantidade de contexto linguístico e não-linguístico que deve ser considerado para identificar o erro, e, a extensão refere a quantidade de contextos linguísticos necessários ao aluno para reconstruir a frase correctamente.

Os erros distinguem-se basicamente como erros de produção e erros de compreensão. Embora os erros de produção sejam os que mais facilmente se notam, e por conseguinte, sejam discutidos quer em contextos pedagógicos, quer em contextos científicos, os erros que conduzem a mal-entendidos ou à falta de compreensão são provavelmente tão dominantes como os outros. Numa perspectiva de análise pode tornar-se difícil indicar com precisão que características numa frase conduziram a falhas de compreensão, pois um caso isolado de erro de compreensão pode depender da falta ou confusão de elementos lexicais por parte do aprendente, de uma incapacidade de discriminar distinções fonológicas, ou de dificuldades em processar relações sintácticas de orações e entre elas. Há factores não linguísticos, como problemas de audição, fadiga, falta de atenção, etc. que também podem estar na origem dos erros de compreensão.

Entre os erros de produção é possível categorizar ou diferenciar tipos de erro com base na referência à sua forma linguística, às suas causas hipotéticas, em relação a um modelo psicolinguístico, dentro de um modelo de proficiência linguística ou segundo os efeitos que têm no interlocutor.

A tipologia de erros mais utilizada é aquela que se baseia em categorias linguísticas tradicionais. Os erros são classificados dependendo da sua ocorrência ou não, em categorias lexicais (substantivos, verbos, adjetivos, etc.), características morfológicas, (gênero, número, tempo, etc.), categorias sintáticas (sintagmas nominais, tipo de orações, etc.), ou unidades fonológicas (vogais, consoantes, acentuação, etc.). Estas tipologias de erro baseadas na forma linguística têm a vantagem de localizar as áreas gerais de dificuldade na aquisição de uma estrutura linguística e de serem acessíveis ao técnico não especialista que precisa de um panorama geral daquilo que é fácil ou difícil numa situação de aprendizagem de língua.

A tipologia de erro baseada em causas hipotéticas surge como consequência natural do processamento psicolinguístico envolvido na aprendizagem de uma língua, designadamente, erros de transferência/interferência e erros de desenvolvimento, sendo também possível encontrar erros induzidos pelo ensino, numa outra dimensão.

Os erros de transferência referem-se a erros que resultam do uso de traços e regras da língua materna (ou da língua de referência) na língua alvo. A transferência pode ser positiva ou negativa. A transferência positiva, é um recurso para o falante, particularmente quando as línguas são aparentadas, podendo recorrer a ela para enriquecer o seu discurso. A transferência negativa ou interferência constitui uma dificuldade a ser ultrapassada..

Os erros de desenvolvimento são consequências das tentativas de verificar hipóteses sobre a forma como a nova língua é construída a partir da gramática construída pelo aprendente (interlíngua). Os processos psicolinguísticos que estão na base dos erros de desenvolvimento são a sobregeneralização e a simplificação das regras da língua alvo.

Os erros de sobregeneralização resultam da suposição errada sobre as restrições de uma certa regra da língua alvo. Os erros de simplificação caracterizam-se pela negligência de distinções feitas na língua alvo.

Estes dois tipos de erro relacionam-se, na medida em que os traços ou regras específicas da língua alvo ainda não foram adquiridas em ambos os casos.

Os erros induzidos pelo ensino são aqueles que resultam da forma como uma estrutura é ensinada nas aulas. A explicação do professor pode fornecer uma descrição demasiado limitada ou até errada, da estrutura e por conseguinte encorajar uma aplicação demasiado geral ou demasiado específica da regra. Estas situações ocorrem particularmente quando a língua não é falada fora da aula e as explicações do professor são a única fonte de *input*.

Os erros de *performance*, também chamados lapsos, dependem das diferentes formas como os falantes falham. As causas podem estar no cansaço, na falta de concentração ou nas limitações de memória, etc. Estes erros podem ocorrer tanto no discurso dos falantes de língua materna como no dos aprendentes da língua não materna. Distinguem-se dos erros de competência pelo facto de serem facilmente corrigíveis pelo próprio autor do erro se os detectar ou se lhe chamarem a atenção para eles. São erros temporários e não reflectem o conhecimento real da língua.

Nos erros de *performance*, o aprendente pode conhecer as regras da língua alvo mas em determinados contextos parece haver uma regressão e produzir formas incorrectas encontradas em fases anteriores no seu processo de aquisição.

De acordo com Stroud (1997:18-23) podemos ainda identificar erros relacionados com os modelos de proficiência linguística ou modelos de competência comunicativa e erros de acordo com a influência no interlocutor. Os primeiros testam a competência sociolinguística, o discurso e as estratégias do aprendente. Estes erros que têm um carácter mais subtil, são os chamados erros encobertos. Os segundos, dependem da atitude face ao erro e da forma como os erros são percebidos pelos interlocutores, sejam eles falantes nativos ou não.

Para o nosso estudo interessa desenvolver um pouco mais os erros que ocorrem por interferência linguística.

6- A Interferência Linguística

Não se pode falar em interferência linguística colocando de parte a interferência cultural, se tivermos em conta que a língua é uma forma de expressão cultural e que o contacto entre línguas é também um contacto entre culturas.

Marques (2003: 251-263) refere a importância da cultura implícita na aquisição da língua não materna. Define a cultura implícita como “*A parte silenciosa da cultura : a dos comportamentos quotidianos, a dos códigos implícitos, a dos saberes partilhados pelos nativos de uma mesma cultura...*” e acrescenta que “*... toda essa dimensão invisível é um obstáculo para a comunicação.*”

As interferências linguísticas ocorrem sempre que há línguas em contacto. Por interferência ou transferência negativa entende-se o uso de uma regra ou padrão linguístico presente na primeira língua e transferido erradamente para a segunda língua. O facto de os bilingues, duma maneira geral, especializarem as línguas de que dispõem consoante as situações de comunicação em que se encontram, faz com que intervenham vários parâmetros.

Segundo Leiria (1996:72-73) de acordo com as propostas de Chomsky (1956,1965) a aquisição de uma língua surge como uma “construção criativa” que atribui à criança a capacidade de criar e testar hipóteses e P. Corder (1967) alerta para a possibilidade de poder ocorrer a mesma situação na aquisição de uma segunda língua. Vários trabalhos de investigação afirmam que a aquisição da segunda língua é, nos seus aspectos cruciais, idêntica à da língua materna, no entanto os erros cometidos por aquele que aprende uma segunda língua adquirem um estatuto diferente, deixando de ser hábitos a erradicar, passando a ser a evidência que apoia as hipóteses construtivas daquele que aprende.

No processo de aquisição de uma segunda língua há sempre interferências da língua materna, pois é frequente recorrer-se a ela para analisar os dados da nova língua, uma vez que a língua materna predomina o pensamento e tende a interferir nas línguas

aprendidas em segundo lugar. Quando a língua alvo é aprendida apenas em contexto formal, como a escola, o fosso entre o domínio das duas línguas ainda é maior.

As interferências da língua materna na língua alvo ocorrem a todos os níveis da língua, sendo o lexical o mais frequente na medida em que tanto num pequeno elemento linguístico como o fonema, como num maior como o sintagma, transmitem-se, geralmente, através do elemento lexical. É necessário ter em conta que neste processo de aquisição há características no falar de um bilingue que não são explicáveis nem por interferência nem pela gramática da língua alvo, o que requer um extremo cuidado na interpretação dos dados linguísticos em situações de contacto de línguas. Estes casos podem ser imputáveis a universais linguísticos, depois de analisados e comparados com casos idênticos já testados em produtos de contacto entre outras línguas ou em línguas não sujeitas a contacto.

Durante o processo de aquisição de uma segunda língua, o indivíduo constrói um sistema novo baseado em hipóteses onde vai introduzindo modificações de acordo com as sucessivas aproximações à língua alvo, criando ele próprio uma gramática provisória entre as duas línguas, que vai avaliando e reformulando à medida que adquire novos dados, dando origem a diversas etapas da interlíngua, que Xavier e Mateus (1990:215) denominam como sendo “*cada uma das gramáticas construídas por um indivíduo no processo de aquisição de uma língua alvo.*” Neste processo de construção de hipóteses, o indivíduo, analisa os novos dados adquiridos com base nos seus conhecimentos linguísticos anteriores. No entanto, por vezes constrói regras que não têm origem no seu conhecimento da língua materna. Esta situação explica a ocorrência de alguns erros que não podem ser atribuídos nem à influência da língua materna., nem à língua alvo.

Thomason e Kaufman (1988) discutem a importância relativa dos factores linguísticos e sociológicos que favorecem ou bloqueiam a aquisição da língua alvo e ainda os graus de interferência que uma língua pode exercer sobre a outra hierarquizando-os em leve, moderado e forte (*light, moderate and heavy*). Consideram que os factores sociais são determinantes e condicionam a natureza do contacto linguístico quer em termos de extensão, quer em termos de resultado, de acordo com a convivência social e as relações de força existente entre as comunidades e/ou entre as línguas e escrevem o seguinte: “*...it is the social context, not the structure of the*

language involved , that determines the direction and the degree of interference, Turkish influenced Greek in Asia Minor because it was the Greek who where under cultural pressure and (therefore) the Greeks who became bilingual . Greek could not have influenced Turkish structurally ...no matter how much Greek structure might have favored such interference...” (p. 19).

Mota (1996:519) afirma que por análise de muitos casos, a relação verificada entre interferência leve, moderada e forte e a mudança decorrente do contacto, permite prever quais os elementos estruturais da língua alvo que serão modificados por influência da língua de origem e como exemplo refere que “*se na ocorrência de interferência moderada ou forte qualquer elemento estrutural pode ser afectado, no caso de interferência leve são prioritariamente afectados traços que não implicam uma ruptura tipológica. Ou seja, se sob forte interferência pode haver ruptura tipológica, no segundo caso, as características tipológicas da língua alvo tendem a manter-se*”.

Tendo em conta o nosso objecto de estudo, ousamos afirmar que os alunos caboverdianos residentes em Cabo Verde poderão ser enquadrados no grau de interferência forte ou moderado do caboverdiano sobre o português, e os alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal poderão ser enquadrados no grau leve, uma vez que o facto de estarem expostos constantemente à língua portuguesa (tendo acesso ao contexto formal e informal) lhes permite uma maior aproximação à língua alvo.

O empréstimo linguístico é o meio mais disponível e mais utilizado para aumentar o vocabulário. Neste contexto, a sua utilização é motivada pela necessidade de encontrar a palavra ou a estrutura correcta na língua alvo ou ainda pela convicção de que uma palavra emprestada da língua materna tem maiores possibilidades de exprimir uma determinada ideia ou conceito. Segundo Dubois (1973) “*Há empréstimo linguístico quando um sistema A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia antes num sistema linguístico B e que A não possuía. A unidade ou o traço tomados como empréstimo são eles próprios chamados empréstimos*”. (Xavier e Mateus, 1990:140).

As interferências entre as línguas em contacto podem ocorrer nos dois sentidos e por vezes a língua materna sofre as influências da língua alvo pelo facto de os seus

falantes julgarem que se tornam melhores falantes, por exemplo do caboverdiano, se o aproximarem o mais possível do português, quer em termos de estrutura, quer em termos de vocabulário, motivados pelo prestígio que esta língua beneficia. A propósito desta situação Tomé Varela da Silva (1998:114) alerta, numa resposta dada a alguém que afirmou que a sua comunicação proferida em crioulo estaria cheia de erros o seguinte: “ *É ka nha kumunikason ki sta xeiu di éru, mas sin nha kistionador, óras ki el ta kunfundu strutura di kauberdianu ku strutura di purtuges, régras di kauberdianu ku régras purtuges. É ki régras di konkordansa na kiriolu ta distansia di purtuges sima séu di tera, tantu na nunbru komu na jéneru.*” (Não é a minha comunicação que está cheia de erros, mas sim o meu questionador, quando confunde a estrutura do caboverdiano com a estrutura do português, as regras do caboverdiano com as regras do português. É que as regras de concordância no crioulo distanciam-se do português como o céu da terra, tanto em número como em género.).

De acordo com Thomason e Kaufman (1998:37-57) as interferências caracterizam-se sobretudo pelo empréstimo e contaminação que podem ser de ordem fonológica, gramatical, lexical e semântica. As interferências podem ser fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas e até dialectais.

As interferências fonéticas ocorrem quando há transferência ou substituição de um fonema da língua de alvo por outro da língua de origem. Encontram-se em unidades e estruturas de entoação, ritmo e articulação. Os casos mais comuns detectáveis através da escrita são: a substituição do */R/* dobrado por */r/* (sobretudo em Santiago) e do */e/* mudo por */i/*.

Exemplo 1: *carregar, amarado, agarou, desamarasse* em vez da forma correcta em português *carregar, amarrado, agarrou, desamarrasse*..

Exemplo 2: *acreditou, simente, pidir, dimorou*, em vez da forma correcta em português *acreditar, semente, pedir, demorou*. ” A tradução para caboverdiano é *kridita, simenti, pidi,(dimora) dura*.

As interferências morfológicas caracterizam-se sobretudo pela substituição das da funcionalidade das categorias gramaticais por outras semelhantes da língua de

origem ou pela substituição das próprias regras gramaticais. Os casos mais frequentes são: a flexão verbal, a falta de concordância em género e número , a falta de uso dos artigos definidos .

Exemplo 1: (flexão verbal) “*O tio lobo comi as mandiocas*”. em vez da forma correcta em português *O tio lobo comeu as mandiocas.* ” A tradução para caboverdiano é *Ti(u) Lobu kume mandiokas.*

Exemplo 2: (falta de concordância em género) “*Achou a mandioca tão gostoso*.” em vez da forma correcta em português *Achou a mandioca tão gostosa*. ” A tradução para caboverdiano é *E’ atxa mandioka (ton gostozu) sabi.*

Exemplo 3: (falta de concordância em número)”*O sobrinho tinha dois corda*” como em caboverdiano *Xibinhu tinha dos kórda* em vez da forma correcta em português *O sobrinho tinha duas cordas*. ”

Exemplo 4: (falta de uso do artigo definido) “*O Sobrinho não deu corda...*” como em caboverdiano *Xibinhu ka da kórda...* em vez da forma correcta em português *O sobrinho não deu a corda...*

As interferências sintácticas são sobretudo de ordem estrutural, aplicando a estrutura da língua de origem na estrutura da língua alvo. Ocorrem ainda situações de falta de uso da preposição a e do uso incorrecto dos pronomes pessoais.

Exemplo 1: (estrutura da frase) “*O sobrinho disse lobo para amarar o macaco pé*”. como em caboverdiano *Xibinhu fla lobu pa mara makaku pé*. em vez da forma correcta em português *O lobo disse ao sobrinho para amarrar os pés do macaco*.

Exemplo 2: (falta de uso da preposição a) “*O sobrinho foi casa do lobo.*” como em caboverdiano *Xibinhu bai kasa di lobu.* em vez da forma correcta em português *O sobrinho foi a casa do lobo.* Ou *O sobrinho foi à casa do lobo.*

O facto de não haver no caboverdiano nem o artigo definido, nem a preposição *a* inibe também a realização da contracção da preposição *à*, pois não se pode contrair dois elementos que não existem.

Exemplo 3: (uso do pronome forma de complemento nas formas *o, a, os, as, lhe* e *lhes*) “*O sobrinho amarrou-lhe e deixou-lhe sozinho.*” em vez da forma correcta em português *O sobrinho amarrou-o e deixou-o sozinho.* (a tradução para caboverdiano é *Xibinhu mara-l y dexa-l el só.*)

“ *...o lobo por curiosidade perguntou-o onde ia* em vez da forma correcta em português *...o lobo por curiosidade perguntou-lhe onde ia.* ”.(a tradução para caboverdiano é *...lobu pa kuriosidadi purgunta-l undi ki el sa ta baba.*)

As interferências lexicais caracterizam-se pelo empréstimo de formas ou palavras da língua de origem que são introduzidas na língua alvo por falta de domínio, desconhecimento ou insegurança em relação à língua alvo. Estes desvios podem ser corrigidos explicitamente numa aula , por exemplo , ou implicitamente em ambientes onde a língua é falada correctamente.

Exemplo 1: (empréstimo de léxico) “*O lobo marou o macaco e fluliou.*” Como em caboverdiano *Lobu mara makaku el fúlia.* em vez da forma correcta em português *O lobo amarrou o macaco e atirou-o.*

“*O figo cambou dentro da boca.*” como em caboverdiano *Figu kamba dentu-l boka.* em vez da forma correcta em português *O figo entrou dentro da boca.*

As interferências semânticas mais comuns são as frases idiomáticas, os falsos amigos, ou seja palavras que existem nas duas línguas, mas com significados diferentes, e as expressões cuja tradução das frases palavra a palavra conduz a uma perda do verdadeiro significado que tinha na língua de origem .

Exemplo 1: (frases idiomáticas) “*O lobo tem alma cansado.*” que em português pode ser entendido como “*O lobo está triste*” mas que na realidade em caboverdiano significa que *O lobo tem um desejo incontrolável ou exagerado de comer e que só passará quando o concretizar.*

Exemplo 2: (falsos cognatos) “O *sobrinho rodiou a corda na porta do lobo.*” que em português significa *O sobrinho colocou a corda à volta da porta do lobo.* mas que em caboverdiano significa que *O sobrinho amontoou (acumulou) a corda (em frente) à porta do lobo.*

Exemplo 3: (tradução palavra a palavra) “*Quando ele viu a mandioca do sobrinho já deu flor...*” como em caboverdiano *Kantu e’ odja mandioka di Xibinho dja da flor...* em vez da forma correcta em português *Quando viu que a mandioca do sobrinho já estava florida...*”

As interferências dialectais são aquelas que ocorrem apenas em relação a determinada variante dialectal da língua de origem. No nosso caso, verificamos que algumas palavras foram usadas apenas por alunos de Santiago e outras que eram usadas apenas por alunos de São Vicente.

Exemplo 1: (Santiago) “*O lobo fuliou o macaco.*” em vez da forma correcta em português *O lobo atirou o macaco.*” a tradução para caboverdiano, variante dialectal de Santiago, é *Lobu fúlia makaku.*

Exemplo 2: (São Vicente) “*O lobo remessou o macaco.*” em vez da forma correcta em português *O lobo arremessou (atirou) o macaco.*” a tradução para caboverdiano, variante dialectal de São Vicente, é *Lobe remesá makóke.*

O exemplo que se segue não corresponde a uma interferência do caboverdiano no português. Na frase “*Ele lhe pediu um figo, ele lhe deu.*” cuja forma correcta seria *Ele pediu-lhe um figo, ele deu-lhe.* o pronome pessoal *lhe* precede o verbo e no caboverdiano não há nenhuma situação em que o pronome pessoal complemento possa anteceder o verbo. Vejamos a tradução “*E’ pidi-l un figu, e’ da-l’.*” Neste caso, a causa do erro pode estar na própria língua portuguesa que admite a colocação do pronome pessoal complemento tanto antes, como depois do verbo, conforme o tipo de oração.

No caso das frases negativas, interrogativas e relativas, por exemplo, a norma obriga à colocação do pronome pessoal complemento antes do verbo como nas frases que se seguem:

O macaco não lhe deu o figo. em caboverdiano *Makaku ka da-l figu .*

Quem lhe deu o figo? em caboverdiano *Kenha ki da-l figu?*

O macaco que lhe deu o figo, fugiu. em caboverdiano *Makaku ki da-l figu , fuxi.*

Pereira (2004:8) refere relativamente a exemplos semelhantes aos da frase “*Ele lhe pediu um figo, ele lhe deu.*” que “*há outras regras que o falante constrói, nestas etapas da interlíngua que em nada dependem do conhecimento da língua materna.*” e que, apenas os conhecedores das regras de funcionamento de ambas as línguas podem afirmar sem receios que estes erros não são motivados pela interferência da língua materna.

Ambrizeth Lima (1997:22-25) apresenta um estudo sobre as interferências do inglês no caboverdiano. Este estudo foi feito junto da comunidade caboverdiana residente nos Estados Unidos, na Nova Inglaterra. Neste estudo a autora denomina estas ocorrências como sendo expressões de uma língua nova a que chamou “*Creolenglish*”. Refere que “*...the mixture English and Creole has “given birth” to a new language.*” Neste trabalho a autora faz uma análise das áreas sensíveis às interferências e ilustra com exemplos os diversos aspectos identificados, realçando os aspectos sintáticos e lexicais em que há não apenas o empréstimo lexical, mas também a mistura e a alternância dos dois códigos linguísticos. Vejamos um dos exemplos apresentados:

Make sure the door is locked. (English)

Faze serteza ma porta sta lokadu. (Creolenglish)

Spia si porta sta trankadu (Creole)

A autora coloca a hipótese de que com o passar do tempo, a não ser que continuem a chegar novos imigrantes, a próxima geração adote definitivamente algumas regras do inglês para o crioulo.

PARTE II - ESTUDO

1-Metodologia

A investigação que nos propusemos realizar foi levada a cabo em estabelecimentos de ensino, nos quais os processos educativos formais se apresentaram como fonte directa e preciosa de recolha de dados. Neste cenário, privilegiámos o paradigma qualitativo uma vez que o objectivo do nosso estudo se encontra direccionado para a compreensão, a descrição e o processo.

Segundo Bogdan e Blikem (1994) na investigação qualitativa os acontecimentos devem ser estudados numa situação natural em que o investigador é um instrumento-chave da recolha de dados. A sua preocupação prioritária deve ser a de descrever primeiro e só posteriormente analisar os dados. A questão fundamental é todo o processo, bem como o produto e o resultado final, devendo os dados ser analisados indutivamente penetrando nos detalhes e aspectos específicos dos dados para descobrir categorias, dimensões e inter-relações importantes, pois segundo os autores referidos *“as questões desenvolvidas para orientar um estudo qualitativo devem ser de natureza mais aberta devendo revelar mais preocupação pelo processo e significado, e não pelas suas causas e efeitos.”* (Bogdan, Blikem,1994:209)

O investigador usa os seus conhecimentos e a sua experiência pessoal relativamente à matéria em estudo, mas deve fazê-lo com a máxima objectividade possível, para que não seja posta em causa a credibilidade e a validade do estudo. Ao incluir a sua experiência pessoal como parte integrante dos dados relevantes, o investigador deve assumir uma postura neutra, sem avançar com notas pessoais ou tomadas de posição que prejudiquem o estudo. O seu papel deverá ser apenas o de observar, recolher os dados, analisá-los e compreender as situações em estudo.

Tendo em conta que o nosso objecto de estudo é a língua e vamos abordar aspectos relacionados com o contacto entre duas línguas, Mota (1996:514) salienta que *“...o conhecimento do investigador não deverá limitar-se à língua padrão mas indispensavelmente abarcar as variedades regionais e as chamadas variedades*

periféricas , não normativas, mas de uso suficientemente frequente e generalizado para serem considerados.”

As técnicas de investigação utilizadas foram variadas e compreenderam instrumentos diferenciados, nomeadamente inquéritos por entrevista e por questionário, observação participante e análise de textos escritos pelos alunos que constituíram a principal fonte de dados.

Os dados recolhidos neste estudo foram objecto de análise de conteúdo.

2- Análise de Conteúdo

Um estudo qualitativo que tem como fonte de dados documentos escritos, obriga a uma análise do conteúdo do documento em estudo. Bardin (1977:42) define análise de conteúdo como “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens*”.

Carmo e Ferreira (1998:253-254) dão-nos conta de seis etapas a ter em conta numa análise de conteúdo, são elas: a definição dos objectivos e do quadro de referência teórico; a constituição de um *corpus*; a definição de categorias; a definição das unidades de análise, a quantificação (facultativa) e a interpretação dos resultados. O mesmo número de fases são apresentadas por Vala (1986). Bardin (1977) resume este percurso a três fases: a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Com base neste enquadramento teórico, realizámos a análise de conteúdo do nosso trabalho em várias fases. Numa primeira fase organizámos todo o material recolhido de modo a que facilitasse a sistematização das ideias tidas inicialmente. Seleccionámos e preparámos os documentos que seriam submetidos à análise de conteúdo, ajustámos os objectivos anteriormente definidos e elaborámos alguns indicadores que pudessem ajudar a interpretação final. Após várias leituras de todo o material recolhido e das anotações que fomos fazendo, iniciámos a análise propriamente dita.

Para a codificação do material seleccionado utilizámos o recorte, a enumeração e a agregação. Dörnyei (2003:97-98) referindo-se a questionários recomenda que a cada um seja dado um único código de identificação e que aqueles que pertencem a um grupo devem ainda conter um código especial que identifique esse grupo. O anonimato foi garantido ocultando a identificação dos alunos.

Como unidades de registo seleccionámos palavras, expressões e frases, e tentámos encontrar núcleos de sentido significativos para o nosso trabalho, servindo-nos da unidade de contexto que no nosso caso, são as interferências linguísticas.

Após a definição das unidades, foram determinadas as categorias. Grawitz (1993) define categorias como sendo “*rubricas significativas, em função das quais o conteúdo é classificado e eventualmente quantificado*” (Carmo e Ferreira, 1998:255). Vala (1986) refere-se às categorias como sendo compostas por um termo-chave, que é indicador da significação do conceito que se pretende aprender e de outros indicadores que descrevem o seu campo semântico.

Para determinar as diversas categorias tivemos em consideração os seguintes aspectos: a objectividade, a pertinência, a exaustão, a homogeneidade e a produtividade. Na selecção e identificação dos indicadores constantes em cada categoria tivemos em conta os seguintes critérios: a exclusão dos conteúdos que se afastassem do nosso objecto de estudo, a ocorrência das unidades de registo e a transcrição das expressões tal como haviam sido escritas pelos sujeitos.

A escolha das categorias é essencial na análise de conteúdos e estas podem ser definidas *à priori*, *à posteriori* ou através da combinação de ambos. As categorias por nós definidas resultam da combinação de ambos os processos, pois foi estabelecido um plano de categorias com base nos objectivos, nas questões de investigação e no quadro teórico deste trabalho mas surgiram outras após as várias leituras feitas dos diversos materiais.

Mota (1996:514) alerta ainda que neste caso específico em que vamos analisar interferências linguísticas, a análise deve ser feita com rigor e para tal “*torna-se necessário que o investigador conheça profundamente tanto a língua alvo como a língua de origem, de forma a não atribuir à interferência produtos cuja explicação só longinquamente nela encontrará razão.*” Apesar de surgirem das interferências produtos que a gramática da língua de origem não explica, é possível defender-se que determinado traço ocorre devido ao contacto entre a língua de origem e a língua alvo. Deste modo, esse traço deverá ser analisado em si mesmo, sem recurso à gramática da língua de origem para a sua explicação, desde que seja enquadrado num contexto de

contacto com vista ao bilinguismo, pois segundo a referida autora, *“Não se deverá, de facto, esquecer que a aquisição de uma nova língua é geralmente caracterizada por “terceiras hipóteses” passageiras ou definitivas, de funcionamento de determinados subsistemas da LA (língua alvo), frequentemente por influência da L O (língua de origem) mas também por reanálises originais da gramática da LA em fase de apropriação.”*

3- Procedimentos

Os procedimentos foram idênticos tanto em Portugal como em Cabo Verde. O primeiro passo dado foi contactar as escolas onde se pretendia recolher dados, de forma a viabilizar o projecto de investigação.

Os primeiros contactos em Portugal foram feitos pessoalmente, e em Cabo Verde houve um contacto prévio feito via correspondência e telefone e, posteriormente aquando da deslocação a Cabo Verde, o contacto pessoal. Os Conselhos Executivos e as Direcções das escolas contactadas deram um parecer favorável à recolha de dados nos seus estabelecimentos de ensino.

A par da pesquisa bibliográfica foram construídos os instrumentos de recolha de dados, nomeadamente os questionários, os guiões de entrevista e a escolha do conto que serviu de base para a actividade de reconto. Procedeu-se à realização de entrevistas a alunos e informantes qualificados, aplicação dos questionários a professores, reconto escrito feito pelos alunos.

As escolas portuguesas onde recolhemos os dados são as seguintes: EB2/3 Ana de Castro Osório – Setúbal, EB2/3 da Baixa da Banheira nº3 (hoje EB2/3 Vale da Amoreira)- Moita, EB2 Nun' Alvares e EB2/3 Pedro Eanes Lobato – Seixal e EB 2/3 do Monte da Caparica – Almada.

As escolas caboverdianas envolvidas nesta recolha de dados são: Escola Secundária Padre Moniz – Calheta – Ilha de Santiago, Escola Secundária Constantino Semedo – Praia- Ilha de Santiago, Escola Secundária José Augusto Pinto – Ilha de São Vicente e Escola Selesiana de Artes e Ofícios – Ilha de São Vicente.

Aqui em Portugal, o passo seguinte foi contactar os Coordenadores do Departamento de Língua Portuguesa para dar conta dos objectivos deste estudo e marcar uma reunião com os professores do Departamento para apresentar o projecto de investigação e prestar esclarecimentos sobre o tipo de colaboração pretendido.

Antes da aplicação da actividade de reconto, reunimo-nos com os professores aplicadores para que os dados fossem recolhidos, tendo em conta as mesmas condicionantes e assim assegurar que a sua aplicação fosse feita de forma homogénea.

Solicitámos que o reconto fosse aplicado pelo professor curricular a todos os alunos da turma, numa aula de Português correspondente a um tempo lectivo, para que a actividade surgisse um contexto normal de sala de aula e evitar que os alunos alvo sentissem quaisquer constrangimentos na realização desta tarefa.

Os professores aplicadores tinham que fazer uma leitura expressiva do conto “A Melhor Maneira de Comer o Macaco” e em seguida os alunos faziam um reconto escrito na folha que lhes foi fornecida, onde colocavam também alguns dados pessoais que considerámos importantes como a idade, o local de nascimento e as línguas faladas em casa, o local de nascimento dos pais e a ascendência cultural, para melhor identificar os alunos alvo.

Foram feitas entrevistas gravadas a alunos com base num guião de entrevista previamente testado. A professores de Língua Portuguesa foi aplicado um inquérito por questionário.

Após a recolha de dados em Portugal procedeu-se à recolha de dados em Cabo Verde, utilizando os mesmos instrumentos e os mesmos procedimentos.

Em Portugal a recolha foi feita em todos os anos de escolaridade do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

Em Cabo Verde os dados foram recolhidos sobretudo em turmas de 7º,8º e 9º anos e algumas turmas de 10º e 11º anos, porque o Ensino Primário é de 6 anos.

Após uma primeira leitura de todos os textos recolhidos, eliminámos os textos recolhidos no 2º ciclo em Portugal, os de 10º e 11º anos em Cabo Verde e todos aqueles em que o reconto estava muito incompleto e pouco coerente.

Os textos recolhidos foram inicialmente agrupados de acordo com a escola e anos de escolaridade. Os textos recolhidos em Portugal foram divididos em três grupos de alunos, os de origem caboverdiana, os de origem portuguesa (“lusos”) e outros.

Pensámos inicialmente tratar também os dados referentes aos alunos de origem portuguesa, mas tendo em conta as limitações de tempo e os objectivos deste estudo, foram eliminados da análise, tendo sido usados apenas para controlar desvios à norma que estavam presentes tanto nos textos produzidos por estes alunos como nos textos produzidos pelos alunos de origem caboverdiana, nomeadamente o uso do conjuntivo, a colocação incorrecta do pronome pessoal *lhe*, etc.

Após uma primeira análise excluámos os textos em que as interferências não existiam ou eram pouco significativas. Do conjunto de textos considerados válidos para uma análise mais aprofundada, escolhemos 20 de cada ano de escolaridade (7º, 8º, 9º), um total de 60 textos das escolas onde havia um maior número de alunos de origem caboverdiana. Nesta selecção privilegiámos as escolas EB 2/3 do Monte da Caparica e EB 2/3 do Vale da Amoreira por serem aquelas onde foi possível recolher um maior número de textos referentes aos anos de escolaridade que pretendíamos estudar.

Dos textos recolhidos em Cabo Verde foi feita uma primeira selecção excluindo apenas os textos cujas interferências eram pouco significativas. Como era necessário limitar o *corpus* a analisar, escolhemos 20 textos de cada ano de escolaridade (7º, 8º, 9º) para cada uma das realidades escolares, ou seja, 60 textos de Santiago e 60 textos de São Vicente.

Após esta selecção, agrupámos os 180 textos em três categorias:

- **A – Santiago**, inclui as escolas secundárias Padre Moniz e Constantino Semedo, **A1-7º ano, A2-8º ano, A3-9º ano.**
- **B – São Vicente**, inclui as escolas secundárias Selesiana de Artes e Ofícios e José Augusto Pinto, **B1-7ºano, B2-8ºano, B3-9º ano.**
- **C – Portugal**, inclui as escolas EB 2/3 Monte da Caparica e EB 2/3 Vale da Amoreira, **C1-7º ano, C2-8º ano, C3-9º ano.**

Seguidamente procedemos à análise de conteúdo dos dados recolhidos.

Por fim, foi elaborado o relatório de pesquisa, com o apuramento dos resultados, conclusões e recomendações.

Há muito material recolhido que não foi tratado e que poderá futuramente dar lugar a outro estudo.

Recolha de dados em Cabo Verde

A recolha de dados em Cabo Verde decorreu nos meses de Fevereiro e Março de 2003.

Na Ilha de Santiago, foram desenvolvidas as seguintes actividades:

nas duas primeiras semanas de Fevereiro:

- Reunião com o Professor Doutor Manuel Veiga, orientador do trabalho de investigação, linguista e investigador na área da Língua Caboverdiana, na Assembleia Nacional (cidade da Praia) para discutir o trabalho já realizado, validar os instrumentos de recolha de dados, reorganizar o plano de trabalho e tomar conhecimento de novos contactos.
- Reunião na Escola Secundária Padre Moniz com Alcides Furtado, Director responsável da área Educativa do Concelho de Calheta – São Miguel, Felisberto Lopes da Veiga, Director da Escola Secundária Padre Moniz e José Landim, Sub-director da Escola Secundária Padre Moniz, para dar a conhecer o projecto de investigação e solicitar a colaboração dos órgãos de gestão da escola, dos professores e dos alunos para a recolha dos dados.
- Reunião com José Rito Teixeira, Director da Escola Secundária Constantino Semedo e a Coordenadora do Departamento de Língua Portuguesa, em Achada São Filipe – Praia, para dar a conhecer o projecto de investigação e solicitar a colaboração dos professores e dos alunos para a recolha dos dados.

- Marcação de audiências com Jorge Tolentino, Ministro da Cultura, e com Vitor Borges, Ministro da Educação.
- Contacto com o Dr. Moacyr Rodrigues (via telefone) para preparar os trabalhos a realizar em São Vicente.
- Preparação dos instrumentos de recolha de dados e dos materiais a utilizar em São Vicente.

De regresso a Santiago, entre 24 de Fevereiro e 13 de Março, concretizaram-se as actividades que foram agendadas durante a primeira semana e realizaram-se outras que não estavam previstas, nomeadamente:

- Reunião com os professores da disciplina de Língua Portuguesa para distribuir os questionários, dar instruções sobre a forma como deve ser aplicado o instrumento de recolha de dados dirigidos aos alunos e entregar alguns materiais cedidos por algumas editoras de livros escolares e outras instituições portuguesas ligadas à educação e à criança.
- Reuniões com Professor Doutor Manuel Veiga para fazer o ponto da situação, delinear as questões que devem ser aprofundadas e reorganizar o trabalho.
- Reunião com alguns professores do Departamentos de Língua Caboverdiana e Portuguesa do Instituto Superior de Educação da Praia para dar conhecimento do projecto de investigação e entregar alguns materiais cedidos pela Associação de Professores de Português e editoras de livros escolares e outras instituições portuguesas ligadas à educação e à criança.

- Entrevista com Lurdes Lima, Coordenadora do Departamento de Línguas Cabo-Verdiana e Portuguesa, do Instituto Superior de Educação da Praia. Os temas abordados foram: o currículo da disciplina de Língua Caboverdiana, a introdução da Língua Caboverdiana como língua de ensino, a formação de professores, a situação da Língua Portuguesa em Cabo Verde, as dificuldades do ensino em Cabo Verde, a criação de uma Associação de Professores de Português.

- Entrevista com Felisberto da Veiga, Director da Escola Secundária Padre Moniz. Os temas abordados foram: a realidade de uma escola não-estatal, as dificuldades dos alunos que vivem em zonas do interior, a qualificação dos professores, a situação linguística dos professores e dos alunos.

- Entrevista com Tomé Varela da Silva, escritor, especialista em Língua Caboverdiana e investigador do Departamento de Tradições Orais, do Instituto Nacional de Investigação e Promoção Cultural. Os temas abordados foram: a atitude dos caboverdianos face à oficialização da língua caboverdiana, o papel dos intelectuais na promoção da língua caboverdiana, iniciativas no âmbito da recolha do património oral, a investigação linguística em Cabo Verde.

- Entrevista com Vitor Borges, Ministro da Educação. Os temas abordados foram: a política educativa em Cabo Verde, a oficialização da língua caboverdiana, medidas para a promoção das línguas caboverdiana e portuguesa, atitude dos políticos face à língua caboverdiana, as dificuldades existentes no ensino em Cabo Verde, a formação e a colocação de professores.

- Entrevista com Jorge Tolentino , Ministro da Cultura. Os temas abordados foram: a situação linguística caboverdiana, actividades de promoção da língua caboverdiana, atitude dos intelectuais e políticos face à língua caboverdiana, investigação linguística em Cabo Verde, o futuro da Língua caboverdiana.

- Entrevistas com alunos das escolas Secundárias Padre Moniz e Constantino Semedo sobre a situação linguística que vivem dentro e fora do espaço escolar e a sua atitude perante as línguas em presença.

- Conversa com Humberto Lima, historiador, investigador e Chefe do Departamento das Tradições Orais do Instituto Nacional de Investigação Cultural sobre as actividades desta instituição, as dificuldades de ser investigador em Cabo Verde.

- Pesquisa bibliográfica na biblioteca pessoal do Professor Doutor Manuel Veiga, Centro Cultural Português da Praia, Biblioteca Nacional, Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde e Centro de Recursos da Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos.

- Visita a uma exposição no Palácio da Cultura intitulada “Desastre de Assistência”, sobre a Fome de 1947.

- Presença no lançamento das “Obras Completas de Jorge Barbosa” e Entrega de Prémios da Associação de Escritores Caboverdianos, onde estiveram presentes vários escritores e intelectuais caboverdianos.

- Participação numa Acção de Formação destinada aos professores de Língua Portuguesa da Escola Secundária Padre Moniz, sobre o “Ensino dos Lusíadas” e “As Formas de Tratamento”, dinamizadas por dois Técnicos de Língua Portuguesa do Instituto Superior de Educação.
- Orientação de uma palestra com professores e alunos da Escola Secundária Constantino Semedo sobre “As Interferências da Língua Caboverdiana na Aprendizagem da Língua Portuguesa”.
- Recolha dos questionários distribuídos aos professores e dos textos produzidos pelos alunos.
- Participação na inauguração do Jardim Infantil de Tagarra (S. Miguel) e contacto com educadores, monitores e responsáveis municipais pelos jardins de infância locais.

De 17 a 22 de Fevereiro, nas Ilhas de São Vicente e Santo Antão foram desenvolvidas as actividades que se seguem:

- Reunião no Instituto Pedagógico do Mindelo com a Directora, Ruth Alinho, a Sub-directora, Margarida Santos, os professores do Departamento de Línguas Cabo-verdiana e Portuguesa e ainda alguns elementos do projecto “Vamos conversar na escola – Nu bem papia na skola” da Escola Superior de Educação João de Deus, de Lisboa para dar conhecimento do projecto de investigação, entregar alguns materiais cedidos pela Associação de Professores de Português e editoras de livros escolares e outras instituições portuguesas ligadas à educação e à criança.
- Reunião com Moacyr Rodrigues (investigador na área Língua e da Cultura CaboVerdiana e professor no Instituto Superior de Educação) para planear o contacto com os professores e a recolha de dados nas escolas do Mindelo.

- Reunião com os professores de Língua Portuguesa das Escola Técnica do Mindelo e da Escola Secundária Ludgero Lima – Mindelo para distribuir os questionários e dar instruções sobre a forma como deve ser aplicado o instrumento de recolha de dados dirigidos aos alunos.

- Orientação de uma Oficina de Formação subordinadas ao tema “O Ensino do Português como Língua Não Materna” que decorreu no Instituto Pedagógico do Mindelo, dirigida a educadores e professores de vários níveis de ensino.

- Entrevista com Margarida Santos, Subdirectora do Instituto Pedagógico do Mindelo. Os temas abordados foram: a formação de professores, a situação linguística de Cabo Verde, o relevo dado à língua portuguesa e à língua caboverdiana na escola, as taxas de sucesso escolar na disciplina de Língua Portuguesa, as dificuldades encontradas no ensino da língua portuguesa tendo em conta que não é a língua materna dos alunos.

- Entrevista com Moacyr Rodrigues para abordar os seguintes temas: a política linguística de Cabo Verde, a oficialização da língua caboverdiana, o ensino em Cabo Verde, a investigação que tem sido levada a cabo na área da língua caboverdiana.

- Conversa com Rolando Martins, escritor e considerado um especialista em língua portuguesa, sobre o ensino da língua portuguesa e da língua caboverdiana em Cabo Verde, as questões políticas que atrasam a oficialização da língua caboverdiana e a situação actual da língua portuguesa em Cabo Verde.

- Conversa com Ana Cordeiro, directora do Centro Cultural do Mindelo, para averiguar que actividades promove esta instituição, que tipo de colaboração

presta às escolas dos vários níveis de ensino e qual a situação da língua portuguesa em Cabo Verde.

- Pesquisa bibliográfica nas bibliotecas pessoais de Moacyr Rodrigues e Rolando Martins, no Centro Cultural Português do Mindelo e no centro de recursos do Instituto Pedagógico do Mindelo.

- Participação numa *workshop* de Expressão Dramática, animada pelo jovem contador de histórias Américo Fortes.

- Visita a uma exposição fotográfica sobre o Carnaval, de Tchalé, que decorreu no Centro Cultural do Mindelo.

- Contacto com Valdemiro Tolentino, jornalista, para preparar a viagem a Santo Antão.

- Visita guiada a algumas localidades de referência da Ilha de Santo Antão.

- Conversa com José Manuel Pinto, professor da Escola Secundária Suzete Delgado – Ribeira Grande, sobre as particularidades do crioulo de Santo Antão, o relacionamento com as Ilhas de São Vicente e Santiago, a sua posição quanto à oficialização da língua caboverdiana e as dificuldades da aprendizagem da língua portuguesa.

- Conversa com Gilda Silva, Directora da Escola Secundária do Paul, sobre as carências materiais da escola, as dificuldades de ensinar e aprender língua portuguesa, a vontade de implementar projectos que visem melhorar a

aprendizagem da língua portuguesa e as vantagens de implementar a língua caboverdiana no ensino.

O trabalho desenvolvido durante a estadia em Cabo Verde foi de uma enorme relevância para a investigação e realização deste trabalho. Os dados recolhidos permitiram elaborar um trabalho, com base em informações fiáveis, actuais e bastante consistentes.

O plano de trabalho previamente elaborado foi cumprido na íntegra e foi possível desenvolver outras actividades que inicialmente não estavam previstas.

4- Amostra e Justificação da Escolha: As Escolas e os Sujeitos de Investigação

A população abrangida por este estudo é constituída por dois grupos que são: os alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal e os alunos caboverdianos residentes em Cabo Verde.

O grupo dos alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal é composto apenas por aqueles que frequentam escolas do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, da Margem Sul do Tejo. Estas escolas foram cuidadosamente seleccionadas devido às suas características comuns que permite tratá-las como um único universo de estudo. As escolas em questão são: EB2/3 Ana de Castro Osório – Setúbal, EB2/3 da Baixa da Banheira nº3 (hoje EB2/3 Vale da Amoreira)- Moita, EB2 Nun’Alvares e EB2/3 Pedro Eanes Lobato – Seixal e EB 2/3 do Monte da Caparica – Almada.

Estas escolas servem bairros sociais onde há uma forte presença da comunidade caboverdiana, tornando-se um terreno propício à investigação do fenómeno linguístico existente e da forma como a língua de ensino e a língua materna dos alunos coabitam.

A maioria dos alunos nasceu em Portugal, mas todos eles mantêm contactos com a língua caboverdiana e a cultura caboverdiana, quer no seio familiar, quer no bairro onde habitam. As suas condições socio-económicas são geralmente precárias e o nível de instrução das famílias é baixo.

De acordo com o estudo levado a cabo pelo Centro Padre Alves Correia (CEPAC) (1995), que abrangia 106 bairros de barracas, bairros e edifícios degradados e núcleos de habitação social dos distritos de Lisboa e Setúbal. todas estas escolas estão integradas em zonas geográficas denominadas ‘Aldeias Africanas’ pertencentes ao distrito de Setúbal . Segundo, Martins (1997:15) estas zonas foram assim denominadas por haver freguesias em Portugal com população inferior a estas concentrações de comunidades africanas.

O “Estudo de Caracterização da Comunidade Caboverdeana Residente em Portugal”, levado a cabo pela embaixada de Cabo Verde em Portugal apresenta um quadro com o número de caboverdianos por concelhos da Área Metropolitana de Lisboa, onde se pode constatar que as escolas onde recolhemos os dados para a nossa investigação pertencem a concelhos de referência no distrito de Setúbal.

Quadro nº1

Nº de caboverdianos por concelhos da Área Metropolitana de Lisboa, comparação CEPAC /IECCV

Concelhos	CEPAC 1995	%	IECCV 1997	%
Cascais	1414	3,5	3869	5,2
Lisboa	4034	9,9	12506	16,7
Loures	2818	6,9	7730	10,3
Mafra	-	-	104	0,1
Oeiras	9787	23,9	10399	13,9
Sintra	828	2,0	5149	6,9
Vila Franca de Xira	1342	3,3	2395	3,2
Amadora	13052	31,9	15138	20,2
Alcochete	-	-	11	0,0
Almada	1195	2,9	5630	7,5
Barreiro	860	2,1	1918	2,6
Moita	930	2,3	2868	3,8
Montijo	-	-	113	0,2
Palmela	-	-	253	0,3
Seixal	2493	6,1	4658	6,2
Sesimbra	-	-	205	0,3
Setúbal	2151	5,3	2082	2,8
Total	40904	100,0	75029	100,0

Fonte: CEPAC (Centro Padre Alves Correia) / IECCV (Inquérito do Estudo da Comunidade Caboverdiana), 1998 (Gomes, 1999:65)

Os alunos residentes em Cabo Verde pertencem a 4 escolas, sendo duas da Ilha de Santiago e duas da Ilha de São Vicente.

As escolas de Santiago pertencem a meios geográficos e socio-económicos diferentes. A Escola Secundária Padre Moniz é uma escola não estatal, que recebe

apoios do estado e está localizada no interior da ilha, servindo uma população rural, pobre e com fracos recursos económicos. O contacto que os alunos têm com a língua portuguesa, fora da escola, é menos frequente.

A Escola Secundária Constantino Semedo situa-se numa zona contígua à capital, onde os alunos têm acesso a muitos bens culturais e materiais que a localização perto da cidade oferece. Os alunos têm um maior contacto com a língua portuguesa fora da escola e têm acesso fácil à televisão, rádio, jornais que de alguma forma contribuem para que esse contacto linguístico seja mais facilitado e mais frequente.

As escolas de São Vicente, a Escola Selesiana de Artes e Ofícios e a Escola Secundária José Augusto Pinto, são escolas urbanas e ambas situam-se na cidade do Mindelo. Aqui o contacto com a língua portuguesa é também bastante frequente e a variante dialectal do caboverdiano falado nesta Ilha é mais próxima do português.

Qualquer uma das escolas caboverdianas tem uma grande escassez de recursos materiais e meios humanos para o ensino adequado tanto da língua portuguesa como de outras áreas disciplinares. Como já ficou dito, a formação de professores ainda não é suficiente, existindo muitos professores com fracas qualificações para leccionar ao nível do ensino secundário. A situação é mais grave nas zonas do interior onde as escolas têm mais dificuldades não só em termos económicos, como também no acesso a esses recursos de qualificação e valorização profissional para o ensino.

5- Validade do Estudo

A validade do estudo foi assegurada pelo rigor da recolha e do tratamento dos dados.

Através da triangulação de dados recolhidos provenientes de diversas fontes será possível tornar os resultados mais sólidos e mais credíveis.

A descrição pormenorizada e rigorosa da forma como o estudo foi realizado, desde o processo de recolha de dados até à forma como foram obtidos os resultados, aliada à explicitação dos pressupostos e teorias que estão na base deste estudo, garantem a sua fiabilidade.

O conto escolhido para os alunos fazerem o reconto, foi validado por professores e especialistas na área da língua caboverdiana e recolha de património oral.

O material linguístico produzido pelos alunos foi validado com base em suportes teóricos e opiniões de especialistas na área da linguística e outras pessoas bilingues credíveis com um elevado grau de proficiência na língua caboverdiana e na língua portuguesa.

6-Análise dos Dados

Todo o processo de recolha de dados foi feito de acordo com o que estava inicialmente previsto, no entanto, a selecção e o tratamento dos dados recolhidos foram sujeitos a algumas alterações.

Dos dados recolhido no trabalho de campo, foi dada uma maior relevância aos textos escritos (recontos) pelos alunos pelo facto de serem os que continham informação de maior interesse para a investigação.

Foram recolhidos dados em cinco escolas do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, do distrito de Setúbal, em concelhos onde a comunidade caboverdiana é bastante significativa. Das cinco escolas foram seleccionados apenas os elementos recolhidos nas escolas EB2/3 Vale da Amoreira e EB2/3 Monte da Caparica, por serem os mais representativos tanto em número de alunos caboverdianos como em termos de qualidade do material recolhido.

Os dados recolhidos dos alunos do 2º ciclo não foram tratados por não ter sido possível recolher em Cabo Verde dados referentes a alunos do mesmo nível de escolaridade.

Em Cabo Verde os dados foram recolhidos nas Ilhas de Santiago e São Vicente em duas Escolas Secundárias. Em Santiago os dados foram recolhidos na escola Secundária Padre Moniz e Escola Secundária Constantino Semedo; em São Vicente foram recolhidos na Escola Selestiana de Artes e Ofícios e na Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto.

Tanto em Cabo Verde como em Portugal a actividade de reconto foi aplicada aos alunos pelos seus professores curriculares de Língua Portuguesa numa aula normal, seguindo as instruções que lhes foram fornecidas. Os professores leram a história “A Melhor Maneira de Comer o Macaco” (texto escrito em português) aos alunos e em seguida pediram a todos os alunos da turma que recontassem por escrito e em português a história ouvida.

De todos os textos recolhidos, foram seleccionados apenas os de 7º, 8º e 9º anos de escolaridade que recontavam a história completa e que manifestavam um maior número de interferências linguísticas para constituir o *corpus* para análise. Foi escolhido equitativamente um número de alunos do sexo feminino e masculino.

Dos textos recolhidos em Portugal foram excluídos os alunos não caboverdianos e os alunos “lusos”.

Os textos seleccionados foram agrupados três em categorias A –SANTIAGO, B – S. VICENTE, C - PORTUGAL . De cada um destes grupos fazem parte duas escolas que estão subdivididas em três subgrupos correspondentes aos anos de escolaridade, sendo A1 – 7º ano Santiago, A2 – 8º ano Santiago, A3 – 9º ano Santiago, etc. De cada subgrupo fazem parte 20 textos, perfazendo um total de 180 textos, sendo 60 de cada uma das categorias.

Inicialmente previu-se que também fossem analisados de forma mais aprofundada os textos dos alunos portugueses “lusos”, mas chegou-se à conclusão que tal não era relevante para os objectivos pretendidos com este trabalho.

7- Análise do *Corpus*

O *corpus* em análise é constituído por 180 textos³¹ cuidadosamente seleccionados e validados de acordo com o objectivo do nosso estudo.

Da análise feita aos textos dos alunos foi possível verificar a existência de uma vasta lista de interferências linguísticas da língua caboverdiana nas produções escritas em língua portuguesa, nomeadamente fonéticas, morfológicas, sintácticas, lexicais e semânticas, apesar de nunca ter sido feito o uso efectivo da língua caboverdiana em todo este processo de reconto da história. É também importante voltar a realçar que todos os alunos envolvidos neste estudo foram alfabetizados apenas na língua portuguesa (única língua utilizada até ao momento no ensino formal em Cabo Verde) e portanto, qualquer “erro” existente não resulta da interferência escrita do caboverdiano, ou melhor dizendo, ainda que as palavras não sejam portuguesas, a intenção era escrevê-las em português.

Não vamos ter em conta os erros ortográficos, porque não têm relevância para o nosso objecto de estudo, e além disso, pudemos encontrar nos textos dos alunos de origem portuguesa (chamados ‘lusos’) o mesmo tipo de erros ortográficos.

Não vamos descrever todas as interferências encontradas em cada um dos textos, mas antes realçar a diversidade dessas ocorrências evitando a repetição de exemplos, uma vez que surgem vários traços que se repetem, tanto no mesmo texto como em textos diferentes. Para além disso, o nosso objectivo primeiro é identificar as interferências e não estabelecer uma comparação entre os grupos, que apesar de possuírem a língua materna e a língua alvo em comum, estão enquadrados em contextos e realidades socio-culturais e geográficos completamente distintos e por isso, têm características diferentes.

As interferências mais frequentes são a nível sintáctico e morfológico, mas no tratamento dos dados damos também uma atenção especial às interferências lexicais e semânticas.

³¹ Recontos escritos do conto tradicional “A Melhor Maneira de Comer o Macaco” que apresentamos nas páginas 39-40.

No que diz respeito às interferências fonéticas, encontramos com frequência a substituição do som /e/ mudo por /i/ e do /R/ dobrado por /r/ nos três grupos de alunos, apesar de haver uma maior incidência nos alunos dos Grupo A – Santiago e Grupo B - São Vicente. Vejamos alguns dos exemplos encontrados para a primeira situação.

dismara-me (desamarra-me/*dismara-m*) (A1-3); *disamara* (A1-11), *dismarou* (A2-5), *dismarada* (A2-10), *disamarrasse* (A2-12), *disamarou* (B3-20), *dissamara-me* (C3-15).

acreditou (acreditou/*kridita*) (B1-01)

ispantou (espantou/*spanta*) (A1-15)

pidaso (pedaço/*padás*) (A1-13) *pidação* (A1-16)

timpistade (tempestade/*tenpistadi*) (A1-16)

aria (área/*ária*) (A1-02)

queris (queres/*bu kre*) (A2-02),

servi (serve/*sirbi*) (A2-14)

dipois (depois/*dipos*) (A1-3, A2-09, B2-16)

salvasti-me (salvaste-me/*bu salva-m*) (A2-19)

dissi (disse /*El fla*) (A3-12, B2-20)

vezis (vezes/*bes*) (A3-13)

rispondeu (respodeu/*risponde, rusponde*) (A2-05)

ripitir (repetir/*ripiti*) (A2-05) *repitir* (A3-05)

milhor (melhor/*midjor*) (A1-15) (A3-06)

simenti (semente/*simenti*) (A1-07)

simiado (semeado/*simiádu*) (C1-03)

apariceu (apareceu/*El parse*) (A2-07)

pidir (pedir/*pidi*) (A1-09) *pidio* (pediu) (A1-15) *pidiu* (A2-05, A3-7, B1-12))

pidindo (A2-20) *pideo* (A3-13)

vendi-me (vende-me/*bende-m*) (A3-08)

haviria (haveria/*ta tenba*) (A1-09)

dimorou (demorou/*dimora*) (A1-09)

esfomiado (esfomeado/*esfomiadu, famintu*) (B3-09)

priguiçoso(pregiçoso/*prigisós*) (B3-15) C3-09)

dirapente (de repente/ *dirapenti*) C3-09)

desisperado (desesperado/*dizisperadu*) (B3-12)

Para o caso do /R/ que corresponde sobretudo à substituição de rr por r, encontramos também uma vasta lista de palavras nos três grupos. Vejamos alguns exemplos:

amarou (amarrou/*El mara*) (A1-01) *amarar* (amarrar/*mara*) (B3-12, C1-04),
desmarou (desamarrou/*El dismara*) (B3-01, C3-01) *desamarar*
(desamarrar/*dismara*) (A3-01, C2-11), *amarado* (amarrado/*maradu*) (C2-06)
agarou (agarrrou/*El pega*) (A3-08, C1-06)
aranjou (arranjou/*ranja*) (A2-13, C2-05)
arancou (arrancou/*El rinka*) (B1-11, A2-15, C2-05)

Estes e outros exemplos idênticos repetem-se em muitos textos.

O verbo desamarrar, *dismara* em caboverdiano é a palavras que registou um maior número de ocorrências de “erros”. Vários alunos dos três grupos demonstraram dificuldade e insegurança ortográfica ao escrever este verbo quer no infinitivo, quer conjugado, e a dificuldade prendeu-se com o facto de se poder encontrar nela pelo menos três justificações para o erro: o prefixo des em português corresponde a *dis* em caboverdiano; a palavra primitiva amarrar corresponde à palavra *mara* em caboverdiano e ainda, a palavra portuguesa escreve-se com rr porque tem um som forte e a palavra caboverdiana escreve-se apenas com *r* porque tem um som fraco. Assim sendo, este caso específico pode ser enquadrado tanto nas interferências fonéticas, como alguns exemplos ilustram, como nas lexicais, se tomarmos como ponto de referência a palavra caboverdiana *mara* (amarrar) e *dismara* (desamarrar). O mesmo aluno escreve a palavra de maneira diferente *dismarou-lhe* e depois *desmarou-lhe* (A1-5), *disamará-lo* e *desamara-lo* (A1-8).

Encontrámos também alguns exemplos de hipercorreção fonética, em que os alunos alteraram o fonema na palavra portuguesa sem que tal fosse necessário, cometendo assim novos erros. Substituíram o /i/ pelo /e/ mudo *aterar* (atirar) (A3-14), *derectamente* (directamente/*diretamenti*) (A3-03), *derigiu* (dirigiu/*diriji*) (C2-05); *fegueira* (figueira/*figera*) (C2-02), substituíram o /t/ fraco por /R/ forte *atirrou* (atirou)

(A3-15), *emborra* (embora) (A3-19) e ainda o /b/ pelo /v/ *cavelos* (cabelos, kabélu) (A3-02) *cavelo* (A3-03).

As interferências morfológicas, surgem-nos das categorias gramaticais que se flexionam em pessoa, género e número. Como já foi referido anteriormente as normas de concordâncias nas duas línguas em presença são bastantes distintas e talvez por esse motivo, tenhamos encontrado muitas interferências nesta categoria.

Comecemos pela **flexão verbal**.

O macaco acriditei ... (O macaco acreditou...) (A2-03)

O macaco fui comer o figo. (O macaco foi comer o figo) (A2-05)

Todos aqueles macacos que não está marado... (Todos aqueles macacos que não estão amarrados...) (A2-08)

O sobrinho e o lobo estava plantando mandioca. (O sobrinho e o lobo estavam plantando mandioca.) (A2-15)

O lobo comi dele... (O lobo comeu o dele...) (A2-15)

Quando o lobo vi... (quando o lobo viu...) (A2-09)

O lobo disse então que dalle-lhe alguma coisa. (O lobo disse então que lhe desse alguma coisa.) (A2-12)

O tio dizi-lhe... (O tio disse-lhe...) (C2-12)

O lobo fazeu (O lobo fez...) (A2-10)

O sobrinho satisfazeu a vontade do tio... (O sobrinho satisfez a vontade do tio) (A2-18)

O lobo disse que se lhe desamarou ele daria todo o que havia... (O lobo disse que se o desamarrasse , ele daria tudo o que havia...) (A2-02)

O sobrinho estava a carregar ... (O sobrinho estava a carregar...) (A3-01)

Você tens tantas cordas... (Você tem tantas cordas...) (A3-04)

O lobo resolveu comer mandioca do sobrinho. (O lobo resolveu comer a mandioca do sobrinho.) (A3-09)

Ele arranhou maneira para o sobrinho sair da horta (Ele arranhou maneira do sobrinho sair da horta. (A3-16)

Eu te mostra como se vai comer macaco... (Eu mostro-te como se vai comer o macaco) (A1-04)

O lobo fez de tudo para que o sobrinho se afastar da horta. (O lobo fez de tudo para que o sobrinho se afastasse da horta.) (B3-01)

Agora dou-me vontade de comer... (Agora deu-me vontade de comer) (B3-04)

Estava a querer da um sumiço... (Estava a querer dar um sumiço...) (B3-08)

Vou ensina-lhe uma forma mais fácil... (Vou ensinar-lhe uma forma mais fácil...) (B3-15)

Um dia compensarei-te por me teres salvo.... (Um dia compensar-te-ei por me teres salvo... (B3-19)

...levaria tudo o que não estaria amarrado... (...levaria tudo o que não estivesse amarrado...) (B3-20)

As plantas estava já grande... (As plantas estavam já grandes...) (B2-20)

O lobo atormentou até o sobrinho deu-lhe um.. (O lobo atormentou até o sobrinho dar-lhe um...) (B1-09)

Pediu que o desamarar (Pediu que o desamarrasse) (B1-10)

Está bem, eu tira-te... (Está bem, eu tiro-te...) (C2-07)

O lobo quer corria com o sobrinho... (O lobo queria correr com o sobrinho...) (A1-04)

Estes são apenas alguns dos exemplos que encontramos e que nos demonstram claramente a dificuldade existente na conjugação verbal e a insegurança na sua aplicação. Alguns dos “erros” que encontramos também ocorrem com bastante frequência nos alunos falantes nativos de português, sobretudo quando se trata do uso do modo conjuntivo e dos tempos compostos.

Na frase “*O macaco acriditei ...* “(O macaco acreditou...) (A2-03) as formas verbais *acriditei* que corresponde à primeira pessoa gramatical, no singular e *acreditou* que corresponde à terceira pessoa gramatical, no singular, em caboverdiano realizam-se da mesma forma para todas as pessoas gramaticais, assim sendo, *N kridita* (eu acreditei) ou *El kridita* (ele acreditou) apenas se distinguem pela pessoa gramatical. O mesmo se aplica ao exemplo “*As plantas estava já grande...* “(As plantas estavam já grandes...) (B2-20) em que a forma verbal se mantém igual quer no singular, quer no plural, ou seja, tanto em *Plantas staba grandi* (As plantas estavam grandes.) como em *Planta staba grandi* (a planta estava grande.) o verbo apresenta a mesma forma.

Nos exemplos “*O tio dizi-lhe...*” (O tio disse-lhe...) (C2-12), “*O lobo fazeu* “ (O lobo fez...) (A2-10), “*O sobrinho satisfazeu a vontade do tio...*” (O sobrinho satisfez a vontade do tio) (A2-18), os erros podem resultar do facto dos alunos conhecerem a regra de conjugação dos verbos regulares terminados em er, como o verbo Comer, que mantém o mesmo radical em toda a conjugação.

A conjugação pronominal é feita de forma bastante insegura. Na frase “*...o macaco foi-se cair noutro lado.*” (...o macaco foi cair noutro lado./...*makaku bai kai*

notu kau.) (B3-04) temos o uso indevido da marca pronominal, quer no português, quer no caboverdiano, o verbo cair *lkai* não é reflexo. O mesmo acontece na frase “...o macaco acabou-se por desamaralo.” (...o macaco acabou por desamará-lo./ ...*makaku ben ta dismara-l.*) (C1-12).

Na frase “*Ele disse-o que ia amarra a si próprio.*” (Ele disse-lhe que ia amarrar-se a si próprio. /*El fla-l ma el sa bai mara si kabésa.*) (B3-09) a expressão *a si próprio* transmite-nos essa intenção pronominal, no entanto, falta o pronome pessoal *se* para que a frase fique correcta.

A frase “*O sobrinho ia-se amarrar...*” (O sobrinho ia amarrar-se.../ *Xibinho sa ta bai maraba si kabésa*) (C2-11) apesar de ser “aceitável”, só seria de facto correcta se o pronome pessoal clítico *se* estivesse colocado junto ao verbo principal, em vez de estar junto ao verbo auxiliar.

A frase “*O sobrinho vem com a corda para marar sua cabeça.*” (O sobrinho vem com a corda para se amarrar. / *Xibinho ben ku kórda pa el mara si kabésa.*) (A3-09) é um decalque da frase caboverdiana para o português que pode induzir a um erro de compreensão e ser entendido como “O sobrinho vem com a corda para amarrar a sua cabeça.”. Pois a expressão *si kabésa* é uma marca de reflexividade que significa *a si próprio*.

Analisemos então o uso dos **artigos definidos**.

Como já ficou dito anteriormente, o artigo definido não tem qualquer correspondente na língua caboverdiana. Verificou-se que nos textos analisados o seu uso é bastante frequente e geralmente correcto quando o nome que acompanha desempenha a função de sujeito e está no início da frase. A dificuldade existe quando tem que ser usado no meio de uma frase, nas situações em que o nome surge como objecto depois do verbo ou junto a uma preposição, com a função de complemento.

...para ficar com mandioca toda (...para ficar com a mandioca toda / *pa fika ku mandioca tudu*) (A1-16)

...lobo viu que planta já estava crescida... (...o lobo viu que a planta já estava crescida... /... lobu odja ma planta dja estaba kiriadu ...) (A1-18)

...atira para ar. (...atira para o ar./ ...fulia pa ar.) ((A1-18)

...o sobrinho cavar chão...(O sobrinho cavou o chão... /... xibinho koba txon...)
(A2-07)

...o lobo não viu macaco... (...o lobo não viu o macaco... / ...lobu ka odja makaku...) (A3-07)

...o lobo ficou com boca aberta... (o lobo ficou com a boca aberta... / lobu fika ku boka abertu...) (B3-01)

...resolveu planta mandioca...(resolveu plantar as mandiocas.../ el rozolve planta mandioka...) (C1-01)

Como podemos verificar, não foi colocada qualquer outra partícula para substituir o artigo definido nestas frases, havendo quase uma tradução palavra a palavra, excluindo aquilo que não existe no caboverdiano, ou seja omitido o artigo definido.

No que diz respeito às **preposições**, verificámos que há um uso excessivo da preposição *para*, ela é utilizada para colmatar a dificuldade/insegurança no uso das preposições *a* e *por* e evitar a contracção de preposições com artigos. As preposições *para* e *por* têm o mesmo equivalente na língua caboverdiana que é a preposição *pa*.

O sobrinho arrancou um pé de mandioca e deu para o lobo. (O sobrinho arrancou um pé de mandioca e deu ao lobo / Xibinhu rinka um pé di mandioka E' da lobu.) (A1-01)

Ele pediu o macaco para lhe dar um figo...(Ele pediu ao macaco para lhe dar um figo (Ele pediu ao macaco que lhe desse um figo).../ E' pidi makaku pa da-l un figu...) (B1-06)

Passou com uma corda para casa do lobo (Passou com uma corda pela casa do lobo... / E' pasa ku un kórda pa kasa-l lobu...) (A1-07)

Como a preposição *a* não tem equivalente no caboverdiano, o seu uso é feito com bastante insegurança sendo muitas vezes omitida da frase. A sua contracção com os artigos definidos manifestou-se um aspecto pouco dominado nos três grupos em estudo.

Temos casos em que há omissão da contracção da preposição com o artigo, como nas frases que se seguem, em que é utilizado o artigo em vez da contracção:

...o tio lobo perguntou o sobrinho (...o tio lobo perguntou ao sobrinho... / *tiu lobu purgunta xibinhu ...* (A2-14)

...o sobrinho tira um pé e dá o lobo... (...o sobrinho tira um pé e dá ao tio lobo... / *xibinhu tra um pé El da lobu...*) (A2-03)

O sobrinho estava a passar a porta do ti lobo (O sobrinho estava a passar à porta do Ti Lobo.../ *Xibinhu as ta pasaba na porta di Ti Lobu...*) (A2-18)

O macaco não quis a primeira mas depois prestou o serviço.(O macaco não quis à primeira, mas depois prestou o serviço . / *Makaku na prinsipiu ka kreba , mas dipos El presta(fase) sirbisu.*) (B1-19)

...levar tudo a sua frente..(...levar tudo à sua frente.. / *leba tudo si dianti*) (B2-03)

...ia amarrar-se a figueira (...ia amarrar-se à figueira.../...*El as ta ba maraba si kabésa na figera*) (B2-06,C3-20)

...um macaco foi a tal árvore... (...um macaco foi à tal árvore.../ ...*un makaku bai kel tal árvi*) (C1-12)

...com duas cordas as costas... (...com duas cordas às costas.../ ...ku dos kórda na kósta...) (C1-20)

O macaco foi comer figo a figueira... (O macaco foi comer figos à figueira... / Makaku bai kume figu na fígera...) (C3-18)

Ti Lobo ficou um dia a espera.. (O Ti Lobo ficou um dia à espera .../ Ti Lobu fika un dia ta spéra...) (A1-01)

Na frase que se segue há uma omissão total, a contracção não é realizada nem é substituída por nenhum elemento, como no caboverdiano.

O lobo disse macaco longa-me um figo. (O lobo disse ao macaco “Dá-me/ Alcança-me um figo”. / Lobu fla makaku “Longa-m un figu.”) (A2-15)

Nas frases “*vou amarrar-me à uma árvore.*” (Vou amarrar-me a uma árvore./ *N sa ta bai mara nha kabésa num arvi.*) (C2-02), “*Pediu à um macaco que o soltasse*” (Pediu a um macaco que o soltasse. / *El pidi um makaku pa larga-l/solta-l.*) (B1-18) e “*...eu não confio no você.*” (...eu não confio em si. / *N ka ta kunfia na nho*) (A2-08) há uma adição da contracção da preposição com o artigo, pois em vez de preposição simples, é utilizada indevidamente uma contracção.

Na frase “*O macaco subiu na arvore...*” (O macaco subiu à árvore... / *Makaku subí árvi...*) (B2-01) há uma substituição da preposição conveniente por outra, ou seja, fez-se a contracção da preposição *em* em vez da preposição *a* e na frase “*O lobo pegou o macaco ao rabo*” (O lobo pegou no rabo do macaco. / *Lobu pega makaku na rabu.*) (A3-17) acontece exactamente o contrário.

Nas frases “*...não confio em lobo.*” (...não confio no lobo. / *...N ka ta kunfia na lobu.*) (C2-15) e “*O lobo viu o macaco em cima de árvore....*” (O lobo viu o macaco em cima da árvore.../ *Lobu odja makaku riba di árvi*) (A1-02), são utilizadas as preposições simples *em* (primeira frase) e *de* (segunda frase) em vez das contracções *no* e *da*.

Temos ainda, a falta de concordância da contracção da preposição com o nome, como nesta frase “*O tio lobo pegou na rabo do macaco...*” (O tio lobo pegou no rabo do

macaco.../ *Tiu lobu pega makaku na rabu...*) (A1-08) em que a contracção realiza-se com o artigo no feminino e o nome é masculino. Nesta frase podemos considerar que esta falta de concordância também se prende-se com o facto de termos apenas a preposição *na* no caboverdiano para *em, no, na, nos*, nas em português.

A falta de concordância é bastante frequente tanto em género como em número. Vejamos os casos da falta de **concordância em género**.

Nas frases que se seguem não há concordância entre o determinante e o nome.

Tinha muito fome... (Tinha muita fome... *El teneba /tinha mutu fómi...*) (A1-02)

...o Ti lobo pediu um mandioca...(...o Ti lobo pediu uma mandioca... / *Ti lobu pidi un mandioca...*) (A1-03)

...todo aquele mandioca... (...toda aquela mandioca... / *...tudu kel mandióka...*) (A1-05)

...o mesmo coisa... (... a mesma coisa... / *mesmu kusa...*) (A1-05)

...um nuvem preta... (...uma nuvem preta... / *...un nuven prétu...*) (A2-03)

...toda a terreno...(...todo o terreno... / *...tudu terenu...*) (A2-05)

...um pouco do seu corda... (...um pouco da sua corda... / *un padás di si kórda...*) (A2-08)

...tudo a mandioca... (...toda a mandioca... / *...tudu mandióka...*) (A2-11)

...naquela pé de figo... (...naquele pé de figo... / *naquela figueira... na kel pé di figu...*) (A2-17)

...uma temporal que vem... (...um temporal que vem ... / *un tenpural ki ta ben...*) (A3-12)

O sobrinho plantou os seus mandiocas... (O sobrinho plantou as suas mandiocas... / *Xibinho planta si mandiókas...*) (B1-07)

...na último vez... (...na última vez ... / *...na último bes...*) (B1-12)

o lobo disse para atirar-lhe uma (figo) (o lobo disse para atirar-lhe um.../ lobo fla pa el fúlia-l un...) (B2-01)

...não podia vendê-lo... (corda) (...não podia vendê-la .../ *...el ka podeba bende-el...*) (B2-11)

...só uma pedacinho... (...só um pedacinho.../ *so un padasinh...*) (B3-12)

...um tempestade (...uma tempestade... / *un tenpistadi...*) (B3-20, C1-02)

os mandioca todas (as mandiocas todas... / *mandiókas tudu*) (C1-15)

...depois veio uma macaco... (...depois veio um macaco.../ *...dipos ben un makaku...*) (C3-01)

Quando o nome é uma palavra composta como o caso de *pé de mandioca* em que um dos nomes é masculino e o outro é feminino, as dificuldades são acrescidas, porque a insegurança é ainda maior, uma vez que nos exemplos encontrados a concordância foi feita sobretudo em relação à palavra *mandioca* em vez de ser feita em relação à palavra *pé*.

...as seus pés de mandioca... (...os seus pés de mandioca... / *si pés di mandióka*) (C2-07)

As suas pé de mandioca... (Os seus pés de mandioca... / *si pés di mandióka*) (A1-06)

...nenhuma pé de mandioca... (...nenhum pé de mandioca... / *ninhun pé di mandióka...*) (A1-08)

...uma pé de mandioca... (...um pé de mandioca... / *un pé di mandióka...*) (A1-08)

Uma outra dificuldade é a concordância do nome com o adjectivo. Vejamos as frases que se seguem:

achou mandioca ...tão gostoso (...achou a mandioca ...tão gostosa... / *El atxa mandóka ton sábi/ gostozu*) (A1-12)

...uma nuvem preto.... (...uma nuvem preta... / *un nuven prétu...*) (A1-15)

...aquela coisa negro...(...aquela coisa negra... / ...kel kusa négru...) (B3-03)

...ele experimentou uma e...viu que estava muito bom... (...ele experimentou uma e ...viu que estava muito boa... / *El spurmenta un y...el odja ma staba mutu bon...*) (C2-09).

Se tivermos em conta a tradução das frases em caboverdiano, podemos verificar que essa falta de concordância é na maioria das vezes motivada pela tradução literal que é feita para o português.

Temos ainda o caso da hipercorreção como nesta frase “*...ele tinha as mãos dormentas.*” / ...ele tinha as mãos dormentes. / ...*El teneba mó kaianbradu.*”(C3-14) em que o adjectivo é uniforme quanto ao género, mas a palavra é transformada com a intenção de fazer correctamente a concordância do nome com o adjectivo.

No que diz respeito à **concordância em número** encontrámos várias situações. O uso do numeral com semântica de plural inibiu a realização do plural nos outros elementos da frase, tal como é regra no caboverdiano.

O lobo pediu quatro vez (O lobo pediu quatro vezes... / *Lobu pidi katu bes...* (A1-05) *...quatro vez...* (...quatro vezes ... / ...*katu bes...*) (A2-07, B3-01, C2-08)

O sobrinho aranjou dois corda... (O sobrinho aranjou duas cordas.../ *Xibinho ranja dos kórda...*) (A1-06)

...passou com duas corda nas mão. (...passou com duas cordas na mão. /...*El pasa ku dos kórda na mó.*)(A3-18)

Dois dia ...(dois dias... / dos dia)(A1-08); ... *quatro dia*... (...quatro dias.../ *kuatu dia*...) (C2-08)

...dois pé... (...dois pés... / ...*dos pé*...) (A1-1)

...passado cinco dia... (...passado cinco dias... /*kantu dja pasa sinku dia*...) (B1-01)

Também surgiram muitas frases em que a marca de plural aparece apenas no primeiro elemento da frase, ou apenas no determinante que antecede o nome. O adjectivo poucas vezes aparece marcado.

As suas pé de mandioca... (Os seus pés de mandioca... /*Si pés di mandióka*...) (A1-06)

...as mandiocas ainda não estão pronto para comer... (...as mandiocas ainda não estão prontas/boas para comer.../...*mandiókas inda ka sta prontu pa kume*...) (A1-14)

...todas as pessoa... (todas as pessoas.../ *tudu algén*...) (A1-18)

...toda as coisa... (...todas as coisas.../ *tudu kusa*...) (A1-16)

...amarra os pé (...amarra os pés ... /...*mara pé*...) (A1-18)

...vende-me um pouco dessas corda. (...vende-me um pouco dessa corda. /...*bende-m un padás di kel kórda-la*.) (A2-01)

*...muitas corda... (...*muitas cordas/muita corda...*un munti kórda...)* (A2-06)

*...alguns dia... (...*alguns dias... /...*alguns dia...)* (A2-07)

*...para ficar com os seus família (...*para ficar com a sua família / ...*pa fika ku si família)* (A2-13)

*...tens algumas armadília.. ..(*tens algumas armadilhas.. / ...*bu ten algun armadilha...)* (A2-13)

*...ficou um dia de bocas aberta... (*ficou um dia de boca aberta ... / *el fika un dia ku bóka abertu...)* (A2-20)

*as mandiocas...ainda não estavam crescida (*as mandiocas ainda não estavam crescidas... / *mandiókas inda ka staba kiriadu...)* (B1-07)

*as pernas...bem amarada (...*as pernas bem amarradas... / ...*pé (perna) ben maradu...)* (B1-09)

*não estão boa para comer (*não estão boas para comer /... *ka sta bon pa kume...)* (B2-12)

*uma nuvens escuras (*umas nuvens escuras ... / *uns nuven sukuru...)* (C1-15)

*passado um dias (*passado uns dias ... / *pasadu uns dia...)* (C2-10)

*boa ideias (*boas ideias ... / *bons ideia...)* (A3-01)

Há também falta de concordância de número em relação à pessoa do verbo como nestas frases :

*...cada um deles tinham... (...*cada um deles tinha... / ...*kada un des teneba/tinha...)* (A1-17)

...as pessoas não está amarada... (...as pessoas não estão amarradas.../ ...algén ka sta maradu... (A1-11)

...quando estava todas plantadas... (...quando estavam todas plantadas... /... kantu staba tudu plantadu...) (C2-15)

A insegurança no domínio das regras de concordância no português também leva à construção de expressões com hipercorreção como esta: “...*uns pés de mandiocas...*” (...*uns pés de mandioca... /...uns pé di mandióka...*) (C3-01)

Na frase *Ti lobo amarrou o macaco pé* (O Ti lobo amarrou os pés do macaco. / *Ti lobu mara makaku pé.*) (A3-11) a palavra *pé* apesar de estar escrita no singular em caboverdiano tem um significado de plural (o natural é ter dois pés), pois a forma do singular teria que ser marcada, neste caso, dir-se-ia ‘O Ti lobo amarrou um pé do macaco. / *Ti lobi mara makaku un pé.*’

No que diz respeito á sintaxe, a **estrutura da frase** também fica afectada não só com a falta de concordância, mas também com a posição dos elementos nas frases, em que por vezes foi utilizada a estrutura do caboverdiano em vez da estrutura do português, quando a frase tem complemento directo e complemento indirecto.

Primeiro amarras o macaco os pés e os mãos. (Primeiro amarras os pés e as mãos do macaco. / *Purmeru bu ta mara makaku pé ku mó.*) (A2-17)

O lobo pegou o macaco na rabo.(A3-11) *O lobo pegou o macaco ao rabo*(A3-17) (O lobo pegou no rabo do macaco. / *Lobu pega makaku na rabu.*)

Ti lobo amarrou o macaco pé (O Ti lobo amarrou os pés do macaco. / *Ti lobu mara makaku pé.*) (A3-11)

O sobrinho atirou ao lobo uma fruta (O sobrinho atirou uma fruta ao lobo. / *Xibinhu fulia lobu un fruta.*) (B3-05)

(o lobo) pediu o macaco um figo ((O lobo) pediu um figo ao macaco. / *(lobu) pidi makaku un figu.*) (B3-15)

o tio ...pediu ao macaco um figo (O tio pediu um figo ao macaco. / *tiu pidi makaku un figu.*) (C2-14)

Nestas frases o complemento indirecto aparece sempre antes do complemento directo invertendo assim a ordem da estrutura da frase em português.

O uso dos **pronomes pessoais clíticos na forma o, a, os, as** é bastante inseguro como se pode ver nesta frase “*O lobo disse que vai matar-o*” (o lobo disse que vai matá-lo./ *Lobu fla ma el ta bai mata-l*) (A1-01). De uma maneira geral, estas formas foram substituídas pelo pronome pessoal *lhe*. Lembramos que no caboverdiano existe apenas *el/-l* que é equivalente às formas acima referidas.

O sobrinho amarrou-lhe e deixou-lhe... O sobrinho amarrou-o e deixou-o./ *Xibinhu mara-l , dexa-l...* (A1-17)

O lobo pediu para lhe soltar (O lobo pediu para o soltar / que o soltasse .../ *lobu pidi pa larga-l/solta-l*) (B1-05).

Ensistiu tanto que convenceu-lhe (Insistiu tanto que o convenceu./ *El insisti tantu ki el konvense-l*) (B1-07)

Pediu para o macaco desamar-lhe (Pediu ao macaco para o desamar. / *El pidi makaku pa dismara-l*) (B1-09)

O lobo agarrou-lhe pela cauda (O lobo agarrou-o pela cauda. / *Lobu pega-l pa rabu.*) (C1-05)

Era amarrando-lhe os pés e atirando-lhe ao ar (Era amarrando-lhe os pés e atirando-o ao ar. / *Era mara-l pé y fulia-l/ tra-l pa ar.*) (C2-06)

O tio pediu para ele lhe amarrar primeiro (O tio pediu para ele o amarrar primeiro. / *Tiu pidi p'el mara-l purmeru.*) (C2-14)

O macaco soltou-lhe.(O macaco soltou-o . / *Makaku larga-l/ solta-l.*) (C3-02)

O macaco resolveu turrar-lhe da árvore (O macaco resolveu tirá-lo da árvore./ *Makaku rozolve tra-l di árvi.*) (C3-07)

Em termos lexicais o caso mais frequente é o empréstimo, há um recurso a palavras caboverdianas, que de alguma forma foram ‘aportuguesadas’ para colmatar a falta de vocabulário ou da palavra ideal para dizer o que se pretendia. Algumas dessas palavras foram utilizadas dada a sua semelhança com a palavra portuguesa equivalente, mas noutros casos essa semelhança não existe. Vejamos alguns exemplos.

dismara (A1-03), (C2-04) (desamarrar/ *dismara*)

bota A1-05, *botar* A1-03 *bota-me um figo* (B3-06) (atira-me/bota-me um figo...*bota-m /fulia-m un figu*) (botar, atirar/ *bota*)

acambou , *acamba* (A1-06) *o figo acambou-lhe dentro da boca*(O fgo entrou-lhe dentro da boca . / *figu kamba-l dentu-l bóka*) (entrar/ *kamba*)

fulhou (A1-06) *o lobo fulhou com tanta força...* (O lobo atirou com tanta força/ *lobu fulia ku tantu forsa...*) *folhou* (A1-08) *folhar* (A1-19) *folia/ folhiou* (A2-17) *fluliar , fluliou* (A3-01) *fuliou* (A3-11) (atirar/*fúlia*)

mara (A1-08) (amarrar/ *mara*)

alcanso (A1-09) *o macaco caiu fora do alcanso* (B3-09) (o macaco caiu fora de alcance .../...*makaku kai fora di alkansu...*) (alcance/*alkansu*)

arve, ...*foi ao pé de un arve* (foi ao pé de uma árvore /*El bai djuntu di un árvi*) (A3-13) (árvore/*árvi*)

pontou, ... o sobrinho pontou o dedo... (A1-12) (...o sobrinho apontou o dedo... / Xibinhu ponta dedu...) (apontar / ponta)

ranjou (A2-03) (aranjou /ranja) (arranjar /ranja)

cutelo, ... o sobrinho do lobo estava em cima de um cutelo (A2-04) (O sobrinho do lobo estava em cima de um monte/ subrinhu di lobo staba riba di un kutélu)

fastentar, ... ele fastentar o sobrinho até que ele atormentou (A2-06) (Ele chateou o sobrinho até ele ficar atormentado / el fastenta Xibinhu ti ki el tormenta) (chatear/fastenta)

pulbar, purba, ...o lobo queria pulbar as mandiocas... (A2-13) (o lobo queria provar as mandiocas.../ lobu krebe purba mandióka) (provar /purba)

longa-me, ...longa me um figo. (A2-15) (dá-me/chega-me um figo / longa-m un figu)

rincou, ...rincou um pé de mandioca... (A2-19) (rincou um pé de mandioqueira) (A3-06) (...arrancou um pé de mandioca/uma mandioqueira... /...el rinka un pé di mandióka...) (arrancar/ rinka)

tora, ...tora o macaco... (A3-06) (...gira o macaco.../ tora makaku) (girar/tora)

mas, ...insistiu mas (mais) ainda, até que o sobrinho arancou um pé e lhe deu. (B1-11) (...insistiu mais ainda, até que o sobrinho arrancou um pé e deu-lhe. /...el insisti mas inda , ti ki Xibinhu rinka un pé da-l) (mais/mas)

sim, ...sima que o sobrinho disse (A3-11) (como o sobrinho disse.../...sima Xibinhu fla...)

arremeçou, ... arremeçou um figo...(B3-06) (...atirou/arremessou um figo.../... remesá/fúlia un figu...) (arremessar/atirar/ remesá/ fúlia)

riba,...atirou para riba (B2-12) (atirou para cima / *fúlia a riba*) (cima/ *riba*)

sapar, ...sapar a corda... (B3-07) (cortar a corda /...*sapa kórda*) (cortar/*sapa*)

rastar, ...a tempestade vai rastar tudo (C2-10) (a tempestade vai arrastar tudo /...*tenpistadi ta rasta tudo*) (arrastar/ *rasta*)

fomento, Ele era fomento (A1-02) (Ele era faminto/ *el era fomentu*) (faminto /*fomentu*)

rincada, ...o macaco deu um rincada... (A2-06) (O macaco deu uma arrancada .../ *makaku da un rinkada*) (arrancada/*rinkada*).

bafado,... O tempo estava muito bafado (A2-19) (O tempo estva muito abafado/ *Tenpu staba mutu bafadu*) (abafado/*bafadu*)

Li,... Vou-te comer li mesmo .. (A3-10) (Vou comer-te aqui mesmo.../ *N ta kume-bu li mé*) (aqui/*li*)

Relativamente à formação de palavras, verificámos que nalguns casos se recorreu a expressões do caboverdiano em que há uma justaposição de palavras, como nos casos que se seguem em que *pé* refere-se a árvore ou planta que dá o fruto: *pé de árvore* (A1-02), *pé de figo*(A1-05 , B1-01), *pé de planta* (A3-11), *pé de mandioca* (A3-06), e *filho* refere-se ao fruto dado pela planta: *filho de mandioca* (C2-10). *o sobrinho disse que ainda a mandioqueira não tem filhos.* (A3-05)

Surgiu-nos também a palavra *repedio*, *...e o lobo repedio dessamara me ...* (A2-03) (e o lobo repediou/voltou a pedir: “desamarra-me”/ *...lobu rapidi: “dimara-m”*.) em que a formação da palavra é feita com o uso do prefixo com valor semântico de repetição *re/ra*, dando origem a uma palavra pouco usual.

As questões **semânticas** que surgiram com maior destaque prendem-se com a tradução palavra a palavra que muitas vezes conduz a uma perda do significado real das frases ou à produção de frases incorrectas.

...és um homem que não se ia confia nele. (...és um homem em quem não se confia. / ...bo é un ómi ki ka ta kunfiadu n'el.) (A1-01)

...não é o homem que se posso confiar nele... (...não é um homem em que eu possa confiar... / ...El é ka ómi ki N pode kunfia n'el...) (A1-19)

Saiu na ponta da rocha... (Apareceu n pico do monte... / El sai na ponta-l rotxa...) (A1-05)

...quando que a mandioca do sobrinho já deu... (Quando a mandioca do sobrinho já estava boa (madura)...kantu ki mandióka di Xibinhu dja da...) (A1-05)

...(a mandioca) ainda está novo para comer (a mandioca ainda está verde ser comida / ...mandióka inda sta nobu pa kume).(A1-06)

...já durei amarado...(...já estou amarrado há muito tempo... / dja-m dura maradu) (A1-06)

...porque não me vende um resto... (...porque não me vende um bocado... / pamódi ki bu ka ta bende-m un restu) (A1-09)

marar toda coisa... (amarrar tudo... / mara tudu kusa...) (A1-12)

queria tomar o sobrinho a mandioca toda... (queria tirar a mandioca toda ao sobrinho... / El kreba toma Xibinhu mandióka tudu) (A1-12)

...marar todo dois pés (...amarrar os dois pés... / mara tudu dos pé...) (A1-12)

...dar um pedaso para ver se está bom mandioca. (...dar um pedaço para ver se é uma boa mandioca./...da un padás pa odja si sta bon mandióka.) (A1-13)

*...o lobo comeu e sentir saboroso... (A1-15) *sentiu gostoso (A3-13) (O lobo comeu e achou gostoso/ saboroso .../...lobu kume y el xinti sábi)**

...(a mandioca) ainda não chega come... (...a mandioca ainda não está boa para comer (está verde)... /... mandióka inda ka txiga kume...) (A1-16, A3-03)

o sobrinho ...começou a marar sua cabeça (o sobrinho começou a amarrar-se.../... Xibinhu komesa mara si kabésa.) (A2-01)

...este corda é para marar minha cabeça. (esta corda é para me amarrar./ kel kórda li é pa N mara nha kabesa.) (A2-11)

...o macaco deu um rincada... (O macaco deu uma arrancada .../ makaku da un rinkada) (A2-06)

...aquele corda não é de venda...(aquela corda não é para vender/ não está à venda.../ Kel kórda el ka é di benda) (A2-08)

...rincou um pé de mandioca... (A2-10,A2-19) (...arrancou um pé de mandioca/uma mandioqueira... /...el rinka un pé di mandióka...)

O senhor lobo tinha alma muito cansado. (o senhor lobo tinha uma fome insaciável /um desejo incontrolável de comer /Nhu lobu tinha alma kansadu) (A2-11)

O ti lobo que era tão malandro queria pulbar as mandioca da horta do sobrinho.....(O ti lobo que era tão malandro/preguiçoso queria provar as mandiocas do sobrinho.../ Ti lobu ki era ton malandru kreba purba mandiókas di Xibinho) (A2-13)

A mandioca... não tinha criado bem... (a mandioca ainda não tinha crescido bem.../Mandioka inda ka kiriaba dretu) (A2-14)

O lobo pegou o macaco na costa (o lobo pegou/agarrou o macaco pelas costas. / Lobu pega makaku na kósta.) (A2-17)

O lobo ouviu com o sobrinho (O lobo fez o que o sobrinho lhe disse/ seguiu o conselho do sobrinho. / Lobu obi ku Xibinhu) (A2-17)

amarar o pé de macaco para fluliar (...amarrar os pés do macaco para o atirar. / ..mara makaku pé pa fúlia) (A3-01)

*o tio lobo nada não fiz (o tio lobo não fez nada / tiu lobu nada ka fase) (A3-06)
era bom para te lembres...(era bom que te lembrasses.../ era bon pa bu lembra...) (A3-07)*

Ele disse que já tem quanto tempo marado(Ele disse que já está amarrado há muito tempo. / El fla ma dja el tem kantu tenpu maradu.) (A3-11)

sobrinho plantava tudo a sua mandioca (sobrinho plantava toda a sua mandioca/...Xibinhu ta plantaba tudo si mandioka...) (A3-19)

ele disse que estava com fome ia matar logo lá. (ele disse que estava com fome e ia matá-lo ali mesmo. / El dze k'el tava k' fom' y el ta mata-l log'-lá (São Vicente) El fla ma el staba ku fomi y el ta mata-l kelóra.) (B1-06)

O lobo gostou tanto que quis apossar-se da plantação.(O lobo gostou tanto que quis apoderar-se da plantação./ Lobu gostá tant' k' kis aposá d'plantason (São Vicente)/ lobu gosta tantu ki e kre toma konta di plantason. (B1-08)

o sobrinho rodou uma corda na porta do lobo (o sobrinho amontoou uma corda á porta do lobo / xibinho rodia un korda na porta di lobu. (B1-15)

o lobo ficou a correr-mão no rabo do macaco (o lobo ficou a acariciar o rabo do macaco. / *lobu fuka ta kore-mó na rabu di makaku.*) (B3-04)

o lobo estava enfrontado (o lobo estava aflito / *lobu staba frontádu*) (B3-05)

o sobrinho disse que não podia sapor a corda... (o sobrinho disse que não podia cortar a corda / *Xibinhu fla ma el ka pode sapa kórda*) (B3-07)

ele foi queixar fome no sobrinho (ele foi queixar-se ao sobrinho que tinha fome / *el bai kexa Xibinhu ma el tene fomi*) (B3-10)

passaram 5 diasno dia de 6 apareceu um macaco (passaram cinco dias...no sexto dia apareceu um macaco. / *passa sinku dia ... na dia de seis parse um makaku*) (B3-11)

...vou amarrar-me a árvore mais grande do bosque...(...vou amarrar-me à maior árvore do bosque... /... *N ta bai Mara nha kabésa na árvi mas grandi di boski...*) (B3-18)

o sobrinho arancou um filho de mandioca deu-lhe (o sobrinho arrancou uma mandioca e deu-lhe / *Xibinhu rinka un fidju di mandióka el da-l.*) (C2-05)

Ao analisar estas frases, podemos verificar que para além das palavras não portuguesas há expressões idiomáticas como nas frases “*o sobrinho ...começou a marar sua cabeça*” (o sobrinho começou a amarrar-se.../... *Xibinhu komesa mara si kabésa.*) (A2-01), “*o lobo ficou a correr-mão no rabo do macaco*” (o lobo ficou a acariciar (correr-a-mão) o rabo do macaco. / *lobu fuka ta kore-mó na rabu di makaku.*) (B3-04) “*O lobo ouviu com o sobrinho*” (O lobo fez o que o sobrinho lhe disse/ seguiu o conselho do sobrinho. / *Lobu obi ku Xibinhu*) (A2-17) que são de difícil tradução quando não se domina convenientemente as línguas envolvidas.

Aparecem algumas expressões que não decorrem de qualquer interferência do caboverdiano no português e que convém esclarecer que são ‘modas’ de linguagem utilizadas, normalmente em contexto coloquial pelos jovens. São exemplo disso as seguintes frases:

O lobo começou a dar-lhe coro (C2-07)

O sobrinho gostou bué... (C2-08)

O sobrinho amarou bem, ele deu bué nós. (C2-10)

O seu sobrinho deu lhe uma dica de como comer macacos. (B1-11)

Queremos ainda realçar a diversidade de frases e expressões que surgiram para recontar esta frase do texto original “ *E o lobo pegou no macaco e atirou-o ao ar com toda a força.*”³² que aparentemente é uma frase bastante simples mas que o verbo *atirar* tornou um pouco difícil, criando um vasto leque de ‘sinónimos’.

O lobo botou o macaco para cima... (A1-02)

O lobo botar o macaco para altura... (A1-04)

Amara o pé e coloca na altura (A1-07)

O tio lobo então folhou o macaco com toda a força. (A1-08)

Amara o pé e atira para o alto (A1-09)

O lobo pegou o macaco e botou com tanta força... (A1-10)

O lobo lançou o macaco com toda a força (A1-11)

O lobo fulho o macaco ao alto com toda força (A1-12)

O lobo pegou, amarou os pés e botou para o ar (A1-15)

Pega nos pés joga para cima.. (A1-17)

Folhar no ar (A1-19)

Atira-lhe um salto para cima (A2-01)

O lobo jogou para cima (A2-02)

..botou o macaco.... (A2-04)

... colocou no ar (A2-08)

...bota em cima.. (A2-10)

...o lobo folia/folhiou o macaco (para cima) (A2-15)

o lobo botou o macaco para cima (A2-18)

o lobo jogou para o alto (A3-02)

³² Verificar página 40.

amarar e dirigir ao alto (A3-04)
o tio lobo largou para cima com toda força (A3-08)
empura com forsa para cima (A3-10)
..fuliou-lhe na altura (A3-11)
botar bem alto (A3-17)
lançar o macaco ao alto (B1-04)
o lobo...arremeçar no alto (B1-05)
deitar-lhe ao ar (B1-12)
mandou muito forte (com muita força)... (B1-14)
mandar para o alto (B1-16)
arremessar para o ar (B2-08)
o lobo mandou para cima (B2-10)
atira para riba (B2-12)
mandá-lo para o ar (B2-13)
lançar para o ar (B3-10)
lobo pulou macaco para cima (C1-10)

A quantidade de desvios à norma encontrados nos textos produzidos pelos alunos de Santiago e de São Vicente são idênticos, no entanto, nesta vasta lista de interferências, usámos um número superior de frases e expressões recolhidas em Santiago pelo facto dos textos exibirem uma maior variedade de interferências linguísticas, sobretudo ao nível lexical.

Desta análise foi-nos possível ainda verificar que a frequência das interferências diminui à medida que se avança no nível de escolaridade, sendo que os grupos A1, B1 e C1 apresentam mais interferências do que os grupos A2, B2 e C2, que por sua vez também apresentam mais interferências do que os grupos A3, B3 e C3.

8- Conclusões

Uma das consequências do contacto entre línguas é sem dúvida a mudança linguística, a prova mais contundente dessa consequência é o aparecimento dos crioulos.

No nosso estudo quisemos verificar que consequências advêm do contacto de duas línguas que fazem parte do quotidiano dos caboverdianos, quer em Cabo Verde, quer residentes em Portugal. Estas duas línguas coabitam lado a lado, mas não da forma mais saudável, uma vez que embora Cabo Verde seja um país supostamente bilingue, esse bilinguismo ainda se encontra numa fase de construção, tendo que ultrapassar obstáculos sociais, políticos, culturais e acima de tudo o próprio preconceito linguístico.

As línguas em presença tocam-se provocando interferências em ambos os sentidos. Este contacto necessita de ser baseado no conhecimento e na reflexão sobre as duas línguas para que tanto o caboverdiano como o português sejam beneficiados, sendo falados e escritos cada vez melhor, com uma verdadeira consciência linguística e a percepção clara de que o caboverdiano não é um português mal falado e que o português não é um caboverdiano mais rebuscado, mas antes duas línguas distintas dotadas de particularidades que as diferenciam e as tornam únicas.

O estatuto destas línguas é diferenciado. O caboverdiano é ainda uma língua pouco prestigiada que se encontra numa fase de instrumentalização e num processo para uma futura oficialização. A única língua de ensino é o português e portanto aquela em que todos os caboverdianos são escolarizados. A Convenção dos Direitos da Criança (artigo 30) e da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, alertam para o direito de ser alfabetizado em língua materna, mas esse direito ainda não é uma realidade nem em Cabo Verde, nem em Portugal onde a educação bilingue ainda não adquiriu a importância que realmente tem.

Em Cabo Verde o português é ensinado como segunda língua, e em Portugal é ensinado como língua materna mesmo aos alunos que tenham outra língua materna.

O ensino da segunda língua, neste caso o português, deve ser feito não ocultando a língua materna, e usando metodologias adequadas ao ensino de uma língua não materna.

Os dados que analisámos foram recolhidos em contextos bastante diferenciados, (escolas portuguesas e escolas caboverdianas) e por isso não foram feitas comparações entre os grupos em estudo, pois não é comparável a aprendizagem de uma língua num espaço onde é falado pela maioria como língua materna e o ‘banho linguístico’ pode ser diário e outro onde a língua é aprendida sobretudo em contexto de sala de aula, sujeita a todas as limitações a que esse espaço ‘exíguo’ impõe.

Apesar das diferenças de contexto foi possível constatar que o peso da língua materna não pode ser menosprezado. Tanto nos textos produzidos pelos alunos de origem caboverdiana residentes em Portugal como nos produzidos por alunos residentes em Cabo Verde, encontrámos interferências significativas do caboverdiano nos textos escritos em português, mesmo sem que durante todo o processo de recolha de dados se falasse do caboverdiano ou em caboverdiano. O texto original estava escrito em português, as instruções foram dadas em português e o reconto escrito foi redigido em português, mas mesmo assim, a informação foi retida na língua que se domina melhor e ao reproduzir, na língua do texto original, ficaram marcas da língua que assimilou a informação, neste caso, o caboverdiano.

Após análise dos textos seleccionados para a constituição do *corpus*, conseguimos responder às nossas questões de partida identificando as áreas sensíveis do contacto entre estas duas línguas que por vezes se misturam e se alternam no discurso em português dos caboverdianos, combinando regras de uma língua e de outra e deturpando as normas preestabelecidas.

Em cada texto escolhemos frases e expressões que considerámos dignas de registo por conterem “erros” provenientes da interferência do caboverdiano no português, que foram separados consoante o tipo de interferência identificado e posteriormente foi dada a versão correcta dessas frases ou expressões e a respectiva tradução em caboverdiano.

Encontrámos interferências fonéticas, morfo-sintáticas, lexicais e semânticas que tratámos à luz da gramática da língua portuguesa e da gramática da língua caboverdiana.

Verificámos que a flexão verbal em geral é uma área bastante sensível, assim como a concordância de género e de número em determinantes, nomes e adjectivos. O uso do artigo definido é feito com algumas falhas assim como as preposições e a sua contracção com os artigos.

Os pronomes pessoais clíticos são utilizados com alguma dificuldade, mas verificou-se que tal acontece também com bastante frequência nos alunos de origem portuguesa.

A organização interna das frases por vezes fica comprometida pela aplicação da estrutura da frase em caboverdiano.

Há uma relação muito próxima entre as interferências lexicais e semânticas, e um vasto número de vocábulos emprestados do caboverdiano que foram ‘aportuguesados’ e integrados na produção escrita. Alguns desses vocábulos são de fácil compreensão para um não falante de caboverdiano, mas muitos não têm qualquer semelhança com os seus sinónimos em português.

A tradução literal do caboverdiano para o português deu origem a construções fráscas cujo sentido original se distancia do significado que a frase de facto comporta. Há palavras que existem nas duas línguas mas que têm sentidos completamente diferentes e ainda as expressões idiomáticas que não são traduzíveis à letra.

É notória a insegurança linguística dos alunos que produziram estes textos, pois demonstraram alguma fragilidade que realça o seu domínio insuficiente da língua portuguesa e a transposição frequente das regras da gramática da língua caboverdiana para a língua portuguesa.

As maiores dificuldades apresentadas por estes alunos relacionam-se com as interferências morfo-sintáticas, nomeadamente, o uso incorrecto da flexão verbal, dos artigos definidos, das preposições *a* e *em*, das regras de concordância em género e número e da estrutura da frase simples com dois objectos. Estes tipos de “erro” aparecem com frequência nos três grupos e em todos os anos de escolaridade estudados.

Os dados recolhidos apontam para que os tipos de interferência linguística encontrados nos textos produzidos sejam os mesmos quer nos alunos residentes em Cabo Verde quer nos alunos residentes em Portugal. No entanto, é de salientar que nestes últimos, as interferências linguísticas verificam-se em menor quantidade, sobretudo ao nível lexical e semântico. A justificação para esta diferença pode estar no facto destes alunos estarem mais expostos à língua portuguesa e contactarem com ela diariamente.

É importante destacar que há uma necessidade premente de reflectir sobre estas duas línguas para que os seus falantes adquiram uma consciência linguística e façam uma análise reflexiva e contrastiva que lhes permita usar qualquer uma das línguas sem receios, aumentar a sua competência linguística e comunicativa e construir um bilinguismo sério.

Essa reflexão faz parte daquilo que a escola também deve ensinar, pois não basta simplesmente ensinar e aprender a falar, a ler e a escrever, é também essencial não limitar a capacidade de expressar e de criar nos dois instrumentos de comunicação que estão à disposição e isso, só é possível se houver uma educação linguística desde a mais tenra idade e as línguas sejam usadas de forma livre.

Apesar da pertinência de algumas situações encontradas, estas não são contempladas na nossa análise, pois dadas as características do nosso trabalho tivemos que restringir o campo de estudo.

Outros aspectos como a análise ortográfica, a sequência da estória, a estrutura da narrativa, podem ser estudados a partir dos textos que analisámos.

Seria importante fazer um estudo para verificar que interferências do português ocorrem no caboverdiano, com o intuito de demarcar ainda mais o contraste entre as duas línguas.

Estamos convictos de que atingimos os objectivos previamente traçados, mas estamos conscientes que todos os aspectos aqui abordados podem ser aprofundados e servir de ponto de partida para outros trabalhos de investigação.

PARTE III

1- Bibliografia

1.1- Bibliografia Referente ao Tema

(1959) *Colóquios Cabo-Verdianos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.

(1997) Revista *Kultura-Cabo Verde*, nº1, Praia, Publicom

(1998) Revista *Kultura- Cabo Verde*, nº2, Praia, Publicom.

(2001) Revista *Kultura-Cabo Verde*, Edição Especial, Praia, INIC – Instituto Nacional de Investigação e Cultura.

ABRANTES, Paulo (coord.)(2001) *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, Lisboa, Departamento de Educação Básica.

ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (2001) *História Geral de Cabo Verde – Vol. I*, 2ª edição, Lisboa / Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural Cabo Verde.

ALCOBIA-GOMES, M. Alice Correia Forte(1998) *Alfabetizar em Cabo Verde – Um Processo Isomórfico Sociocultural*, Tese de Mestrado em Relações Interculturais, Lisboa, Universidade Aberta.

ALLEYENE, Mervyn C. (1996) *Syntaxe Historique Créole*, Paris, Éditions Karthala.

Almada, José Luís Hoppfer C. (1991) *Mirabilis de Veias ao Sol – Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-verdianos*, Praia Instituto Caboverdiano do Livro / Lisboa, Editorial Caminho.

ALMADA, Maria Dulce de Oliveira (1961) *Cabo Verde – Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.

ALMEIDA, António (1963) “*Sobre o Ciclo do Lobo em Cabo Verde e na Guiné Portuguesa*” *Actas do Congresso internacional de Etnografia*, Santo Tirso, 10 a 18 de Junho de 1963.

ANÇÃ, Maria Helena (1998) “*Limão/Limões e Outros Plurais*” (em torno do ensino do Português em Cabo Verde)”, *Palavras 13*, Lisboa, Associação de Professores de Português.

ANÇÃ, Maria Helena (1999) “*Ensinar Português – Entre Mares e Continentes*”, Aveiro, Edição Universidade de Aveiro.

- ANÇÃ, Maria Helena (1999a) “*Ensinar as Preposições em Português-Língua Segunda*”, Revista Palavras nº16, Lisboa, Associação de Professores de Português, pp.53-64.
- ANDRADE, Elisa (1997) “*Cabo Verde: Povo, Cultura, Identidade Cultural*” Revista *Kultura – Cabo Verde*, nº1, Praia, Publicom.
- ANGEJA, Maria Olinda, (2000) *Inserção de Jovens de Origem Africana na Escola*, Mem Martins, Associação de Professores de Sintra.
- BARBOSA, Jorge Morais (org.) (1967) *Estudos Linguísticos Crioulos*, reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa.
- BARBOSA, Kaká (1984) *Vinti Sintidu Letradu na Kriolu*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro.
- BARBOSA, Kaká (1996) *Son di Virason*, Praia, Spleen.
- BULL, Benjamim Pinto (1989) *O crioulo da Guiné-Bissau – Filosofia e Sabedoria*, Lisboa, ICALP.
- CARDOSO, Ana Josefa (2001) “*A Língua Materna e o Sucesso Escolar*”, Noesis 57, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, M. E.
- CARDOSO, Carlos (1996) *Educação Intercultural – Percursos para Práticas Reflexivas*, Lisboa, Texto Editora.
- CARDOSO, Eduardo Augusto (1989) *O Crioulo da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*, Lisboa / Praia, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- CARDOSO, Pedro (1933) *Folclore Caboverdeano*, Porto, Edições Maranus.
- CARREIRA, António (1972) *Cabo Verde – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata*, Lisboa, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.
- CARREIRA, António (1982) *O Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão*, Lisboa, Europam.
- CARREIRA, António (1984) *Cabo Verde (Aspectos Sociais. Secas e fomes do século XX)*, 2ª Edição, Lisboa, Ulmeiro.
- CARVALHO, Maria Adriana Sousa (1998) *Ensino Básico Integrado – Caderno 2*, Mindelo, Instituto Pedagógico de Cabo Verde.
- Center for Portuguese Studies and Culture (2003) *Cape Verde – Language, Literature & Music*, Massachusetts, University of Massachusetts, Dartmouth.

CONTADOR, António (2001) *Cultura Juvenil Negra em Portugal*, Lisboa, Celta Editores

CORRÊA, António Mendes (1954) *Ulamar Português II – Ilhas de cabo Verde*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar.

CORREIA, Maria da Luz, FISCHER, Glória (org.)(1998) *Projectos, Modelos, Impulsos – Integração das Diferenças Linguísticas e Culturais na Educação Básica*, Lisboa, Departamento de Educação Básica, M.E..

COTRIM, Ana Maria (coord.) (1995), *Educação Intercultural – Abordagens e Perspectivas*, Lisboa, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, M.E..

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley (1990) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

DAVIDSON, Basil (1988) *As Ilhas Afortunadas*, Lisboa, Editorial Caminho.

Departamento de Educação Básica (2003) *Caracterização Nacional dos Alunos com Língua Portuguesa como Língua não Materna*, Lisboa, Departamento de Educação Básica.

Departamento de Linguística da FLUL (1992) *Actas do Colóquio Sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, Lisboa, Colibri.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS PARLAMENTARES, 2000, *Constituição da República de Cabo Verde - revisão de 1999*, Praia, Assembleia Nacional – Divisão de Documentação e Informação Parlamentar.

DUARTE, Dulce Almada (1977) “*Uma Nova Pedagogia do Ensino do Português em Cabo Verde*”, *Raízes* n°2, Abril/Junho, ano1, 1977, Praia, Imprensa Nacional, pp.3-19.

DUARTE, Dulce Almada (1978) “*A problemática da utilização das línguas nacionais: Língua, Nação, Identidade Cultural*”, *Raízes* n°5/6, ano2, 1978, Praia, Imprensa Nacional, pp. 35-80.

DUARTE, Dulce Almada (1987) “*A literatura oral caboverdiana: as estórias*” *Revista Emigrason* n°20, Praia, Direcção Geral da Emigração e Serviços Consulares, pp.49-51.

DUARTE, Dulce Almada (1998) *Bilinguismo ou Diglossia*, Mindelo, Edições Spleen.

FANHA, Dulce (1989) “*Crioulo de cabo verde: Proposta de Grafia*”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, , 2, Dez. de 1998, pp.41-48.

FARIA, Isabel Hub e outros (org.) (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.

- FEIJÓ, Ildo Maria (1944) “*Um Breve Ensaio Filológico sobre o Creolo de Cabo Verde*”, Anuário da escola Superior colonial, 23º e 24º anos- 1942 e 1943, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Geografia.
- FERNANDES, Gabriel (2002) *A Diluição da África – uma saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial*, Florianópolis – Brasil, Editora da UFSC.
- FERREIRA, H. C. (1998) *Manual di Kriolu Kauberdi*, Praia, Peace Corpus.
- FERREIRA, Manuel (1985) *A Aventura Crioula*, 3ª Edição, Lisboa, Plátano Editora.
- FERREIRA, Manuela Malheiro (2003) *Educação Intercultural*, Lisboa, Universidade Aberta.
- FEYTOR-PINTO, Paulo (1997) “*Educação Intercultural na Aula de Português*”, Palavras 11, Lisboa, Associação de Professores de Português.
- FEYTOR-PINTO, Paulo (1998) “*Educação Intercultural e Ensino de Português*”, in CASTRO, Rui Vieira e SOUSA, Maria de Lourdes, *Linguística e Educação*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, Edições Colibri.
- FEYTOR-PINTO, Paulo (1998) *Formação para a Diversidade Línguística na Aula de Português*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, M.E.
- FEYTOR-PINTO, Paulo (2001) *Como Pensamos a Nossa Língua e a Língua dos Outros*, Lisboa, Editorial Estampa.
- FIGUEIRA, Manuel Bonaparte (1968) *Narrativas e Contos Cabo-Verdianos*, s/ local, s/ editora.
- FILHO, João Lopes (1978) *Estória, Estória... Contos caboverdianos*, Lisboa, Biblioteca Ulmeiro.
- FISCHER, Glória (org.)(1998) *O Ensino da Língua Portuguesa Como Segunda Língua-projectos, modelos, impulsos*, Lisboa, Departamento de Educação Básica.
- FRANÇA, Luís (cood.) (1992) *A Comunidade Caboverdiana em Portugal*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- GAERI, Ministério de Educação (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*, Lisboa, Edições ASA.
- GARMADI, Juliette (1983) *Socio-Lingüística*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- GASS, Susan M, SELINKER, Larry (2001) *Second Language Acquisition – An Introductory Course*, second edition, New Jersey / London, Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- GOMES , Aldónio, CAVACAS Fernanda (1997) *Dicionários de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- GOMES, Álvaro (2004) *A Força das Palavras*, Porto, Porto Editora
- GOMES, Isabel Brigham (coord.) (1999) *Estudo de Caracterização da Comunidade Caboverdeana Residente em Portugal*, Lisboa, Embaixada de Cabo Verde em Portugal.
- GONÇALVES, Manuel da Luz, ANDRADE, Lelia Lomba (2003) *Pa Nu Papia Kriolu*, second edition, Boston, M & L Enterprises.
- GONSALVES, Georgette (1995) “*Política Linguística e Educação Bilingue: o caso dos cabo-verdianos*”, in Revista *Educação e Ensino* nº10, Setúbal, Associação de Municípios de Setúbal, pp.14-17.
- HAGÈGE, Claude (1997) *A Criança de Duas Línguas*, Lisboa, Instituto Piaget.
- HEILMAIR, Hans Peter (1997) *O Crioulo e o Português – Interferências e Mal-entendidos*, Lisboa, Departamento de Educação Básica -N.O.C.F. (M.E.).
- HOBBS-BAWM, Eric (1992) *A Era das Revoluções*, Lisboa, Editorial Presença, 4ª edição.
- INSTITUTO de INOVAÇÃO EDUCACIONAL I (1999) *Dossier Português, Língua Não Materna*, Revista Noesis, nº51, Jul/Set 1999, Lisboa, IIE.
- LANG, Juren (2002) *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, Tübingen, Alemanha, Gunter Narr Verlag Tübingen.
- LANG, Juren (1997) “*O interesse da Linguística pelo Crioulo de Cabo Verde*”, Fragmentos 11/15, Praia, Edição Movimento Pró-Cultura.
- LEIRIA, Isabel (1996) “*Aquisição de Língua não-materna. Um exemplo: O Aspecto Verbal*”, FARIA, Isabel Hub e outros (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- LIMA, Ambrizeth Lima, (1997) “*Creonenglish- the language spoken by capeverdean creole speakers in selected áreas of New England*”, Revista Cimboa, nº2, ano 2, Primavera de 1997, Boston, Consulado Geral de Cabo Verde.
- LIMA, Humberto (1999) *Un Bes Tinha Lobu ku Xibinhu*, Praia, Instituto Nacional de Investigação e Cultura.
- LIMA, Humberto (2000) *Un Bes Tinha Nho Lobu ku Tubinhu*, Praia, Instituto Nacional de Investigação e Cultura.
- MARGARIDO, Alfredo (2000) *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas.

- MARIANO, Gabriel (1991) *Cultura Caboverdiana – Ensaios*, Lisboa, Veja.
- MARQUES, Maria Emília Ricardo (2003) *Português, Língua Segunda*, Lisboa, Universidade Aberta.
- MARTINET, André (1991) *Elementos de Linguística General*, 3ª Edição, Madrid, Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos.
- MARTINS, Humberto Miguel dos Santos (1997) *Ami Cunhá Cumpadri Pitécu- Uma Etnografia da Linguagem e da Cultura Juvenil Luso-Africana em Dois Contextos Suburbabos de Lisboa*, Tese de Mestrado em Práticas e Representações Sociais, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira (coord.) (2002) *Uma Política de Língua Para o Português*, Lisboa, Edições Colibri.
- MENDES, Mafalda, QUINT Nicolas, RAGAGELES, Fátima, SEMEDO, Aires (2002) *Dicionário Prático Português – Caboverdiano*, Lisboa, Verbalis.
- MONTEIRO, Félix (org.) (1997) *Eugénio Tavares – Pelos Jornais*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- MOTA, Maria Antónia (1996) “*Línguas em Contacto*” FARIA, Isabel Hub e outros (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- NETO, Félix (1997) *Estudos de Psicologia Intercultural- nós e os outros*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, Dulce (1993) *O Universo do Crioulo*, Setúbal, Escola Superior de Educação de Setúbal.
- PEREIRA, Dulce (1996) “*O Crioulo de Cabo Verde*”, FARIA, Isabel Hub e outros (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- PEREIRA, Dulce (1997) “*Desenvolvimento linguístico das minorias de origem crioula e formação de professores*”, comunicação apresentada no *Forum II de Reflexão sobre Formação de Professores – Ensino da Língua Portuguesa como 2ª Língua*, Sesimbra.
- PEREIRA, Dulce (1998) “*Linguística e Educação: As Minorias*”, in CASTRO, Rui Vieira e SOUSA, Maria de Lourdes, *Linguística e Educação*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, Edições Colibri.
- PEREIRA, Dulce (1998) *Estórias da Linguagem*, Lisboa, Departamento de Educação Básica – Ministério da Educação.
- PEREIRA, Dulce (2001) “*Fala Crioulo Papia Português*”, Revista *Kultura*, Praia, INIC – Instituto Nacional de Investigação e Cultura, pp. 153-161.

- PEREIRA, Dulce (2002) “As Minorias Linguísticas em Portugal”, in MATEUS, Maria Helena Mira (coord.) (2002) *Uma Política de Língua Para o Português*, Lisboa, Edições Colibri.
- PEREIRA, Dulce (2003) “*Escrever em crioulo: un kaminhu lonji*”, Center for Portuguese Studies and Culture, *Cape Verde – language, literature & music*, Massachusetts, University of Massachusetts, Dartmouth, pp.87-102.
- PEREIRA, Dulce (2004) *Contacto de línguas e aquisição de uma língua não materna*, Projecto “Vamos conversar na escola- Nu ben papia na skola”, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- PEREIRA, Dulce (2004a) *Pa nu Skrebe na skola*, Projecto “Vamos conversar na escola- Nu ben papia na skola”, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- PEREIRA, Dulce (1998/1999) *Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, Departamento de Linguística Geral e Românica, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- PEREIRA-MULLER, M. Margarida (2001) “*Para uma Educação Bilingue – um pequeno guia*”, Revista Raízes- Laços e Língua, nºII, Etno, Comunicação Social, pp. 24/25.
- PEROTTI, António (1997) *Apologia do Intercultural*, Lisboa, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, M.E..
- PRATAS, Fernanda (2002) *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago) Questões de Gramática*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH – Universidade Nova de Lisboa.
- QUINT-ABRIAL, Nicolas (1998) *Dicionário Caboverdiano (variante de Santiago)*, Lisboa, Verbalis.
- REIS, Carlos e DUARTE, Dulce Almada (1979) “*Colóquio sobre o Crioulo – intervenções e resoluções*”, África – Literatura, Arte e Cultura nº5, ano II, Lisboa, Plátano Editora, pp 563-568.
- REIS, Carlos, ARAGÃO, José Victor (1992) *Didáctica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- ROMANO, Luís (1970) *Cabo Verde – Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio*, 2ª Edição, Lisboa, Edições da Revista Ocidente.
- SAINT-MAURICE, Ana (1997) *Identidades Reconstruídas: Cabo-Verdianos em Portugal*, Lisboa, Celta Editora.

- SANCHES, M. de Fátima Fernandes Lopes (2000) *Atitude de Alguns Caboverdianos Perante a sua Língua Materna*, Tese de licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses, Praia, Instituto Superior de Educação.
- SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (1995) *História Geral de Cabo Verde –Vol. II*, Lisboa / Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde.
- SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (2002) *História Geral de Cabo Verde –Vol. III*, Lisboa / Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional de Investigação , Promoção e Patrimónios Culturais de Cabo Verde.
- SCANTAMBURLO, Luigi (2002), *Dicionário do Guineense – Dicionário Guineense-Português*, Volume II, Bissau, Edições FASPEBI.
- SEEBBA, Mark (1997) *Contact Languages – Pidgins and Creoles*, London, Macmillam Press LTD.
- SHAW, Susan (2000) *Intercultural Education in European Classrooms*, Stoke on Trent, Trentham Books.
- SIGUAN, Miquel (1996) *A Europa das Línguas*, Lisboa, Terramar.
- SILVA, António Leão Correia (1995) “A Sociedade Agrária – Gentes das Águas: Senhores, Escravos e Forros” in SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (1995) *História Geral de Cabo Verde –Vol. II*, Lisboa / Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, pp.275-358.
- SILVA, António Leão Correia (2001) “Povoamento e Formação da Sociedade ” in ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (2001) *História Geral de Cabo Verde – Vol. I*, 2ª edição, Lisboa / Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural Cabo Verde, 125-17
- SILVA, Baltazar Lopes (1984) *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- SILVA, José Carlos Gomes (1994) *Identidade Roubada – Ensaios de Antropologia Social*, Lisboa, Gradiva.
- SILVA, T. V. (1989) *Tenpu di Tenpu*-Tradições orais, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro.
- SILVA, T.V. (1987) *Na Bóka Noti*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro.
- SILVA, T.V. (1988) *Natal y Kontus*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro.

- SILVA, T.V. (1997) *Konparason di Konbersu*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro.
- SILVA, T.V. (1999) *Forsa di Amor*, Praia, Publicom.
- SILVA, T.V. (2000) *Na Kaminhu*, Praia, Edições do Autor.
- SILVA, Tomé Varela (1998) “*Kiriolu: Spedju di nos alma*”, Revista Kultura n°2, Praia, INIC, pp.109-121.
- SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do Espaço*, Lisboa, Celta Editora.
- SIM-SIM, Inês (1998) *Desenvolvimento da Linguagem*, Lisboa , Universidade Aberta.
- STROUD, Christopher, GONÇALVES, Perpétua (org.) (1997) *Panorama do Português Oral de Maputo*, Maputo, Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação.
- TAVARES, Manuel Viegas (1998) *O Insucesso Escolar e as Minorias Étnicas em Portugal*, Lisboa, Instituto Piaget.
- THOMSON, Sarah Grey (2001) *Language Contact – an introduction*, Washington, Georgetown University Press.
- THOMSON, Sarah Grey, KAUFMAN, Terence (1991) *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*, Los Angeles / Oxford, University of California Press.
- UNESCO (2003) *L’Education dans un Monde Multilingue*, Paris, Organização das Nações Unidas.
- UNESCO, s/d, *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, Lisboa, Comissão Nacional da UNESCO.
- VAZ, Carmo (1992) *Linguística para Todos*, Lisboa, Circulo dos Leitores.
- VEIGA, Manuel (1978) *Odju D’Agu*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro.
- VEIGA, Manuel (1982) *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*, Praia, Institutu Kabuverdianu di Livru.
- VEIGA, Manuel (1993) “*A Língua das Ilhas*” Revista Africana –Número especial Setembro, Centro de Estudos Africanos, Porto, Universidade Portucalense / Arquivo Histórico de Cabo Verde, pp. 75-87.
- VEIGA, Manuel (1994) *A Sementeira*, Lisboa, ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, Lda..
- VEIGA, Manuel (1995), *Introdução à Gramática do Crioulo*, Mindelo, Instituto Caboverdiano do Livro.
- VEIGA, Manuel (1998) “*O crioulo de Cabo Verde – emergência e afirmação*” in Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde) (1998) *Descoberta das Ilhas de Cabo Verde*, Praia / Paris, AHN / SÈPIA.

- VEIGA, Manuel (2000) *Le Créole du Cap-Vert – Étude grammaticale descriptive et contrastive*, Paris/Praia, Éditions Karthala/Instituto de Promoção Cultural.
- VEIGA, Manuel (2002) *O Caboverdiano em 45 Lições*, Praia, INIC.
- VEIGA, Manuel (2003) “*Bilinguismo Funcional: Assunção Descomplexada*”, Center for Portuguese Studies and Culture, *Cape Verde – language, literature & music*, Massachusetts, University of Massachusetts, Dartmouth, pp. 79-86.
- VEIGA, Manuel, (2001) “*A Língua Caboverdiana: Porquê Ensinar e Como Ensinar*”, III Seminário para a Edificação do IILP, Centro Cultural de Belém, 5-8 de Junho de 2001.
- VON FRANZ, Marie Louise (s/d) *O Significado Psicológico dos Motivos de Redenção dos Contos de Fadas*, S. Paulo, Culturix.
- XAVIER, Maria Francisca, MATEUS, Maria Helena (org.) (1990) *Dicionário de Termos Linguísticos*, volume 1, Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa, Edições Cosmos.
- ZORZI, Jaime Luiz (s/d) *Aprender a Escrever- a apropriação do sistema ortográfico*, Porto Alegre, Artes Médicas.

1.2- Bibliografia Referente à Metodologia

- BADIN, L.(1977), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- BOGDAN, R., BIKLEN, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*, Coleção Ciências da Educação, Porto, Porto Editora.
- CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela Malheiro (1998), *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.
- DÖRNYEI, Zoltán (2003) *Questionnaires in Second Language Research – Construction, Administration and Processing*, New Jersey / London, Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- ECO, Humberto (1991) *Como se Faz uma Tese*, 5ª edição, Lisboa, Presença.
- HILL, Manuela Magalhães, HILL, Andrew (2002) *Investigação por Questionário*, Lisboa, Edições Sílabo.

PHILLIPS, Estelle M., PUGH, D. S. (1998) *Como Preparar um Mestrado ou Doutoramento*, Mem Martins, Lyon Edições.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva.

TUCKMAN, Bruce W. (2002) *Manual de Investigação em Educação*, 2ª Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

2- Anexos

Os anexos encontram-se em formato digital num CD-ROM com o nome “Anexos”:

Anexo 1: Texto para reconto.doc

Anexo 2: Ficha de reconto.doc

Anexo 3: Instruções.doc

Anexo 4: Grupo A - Santiago (directório)

Anexo 5: Grupo B - S. Vicente (directório)

Anexo 6: Grupo C - Portugal (directório)

Anexo 7: Grelha de Análise de Dados

A MELHOR MANEIRA DE COMER O MACACO

Havia um lobo e o seu sobrinho. O tio Lobo era preguiçoso, comia tudo o que via. O sobrinho era trabalhador .

Lançaram-se ao trabalho de plantar mandioca. O sobrinho cavou o chão, plantou os seus pés de mandioca. O tio Lobo comia tudo o que plantava.

O tio Lobo viu as plantas do sobrinho a crescer ; foi e disse ao sobrinho:

- Estou com fome. Quero que me dê um pouco da tua mandioca.

O sobrinho respondeu-lhe :

- Ainda não está boa para comer.

O lobo disse-lhe:

- Então dá-me qualquer coisa que se coma. Quero experimentar essa mandioca.

Atormentou o sobrinho até que este arrancou um pé e deu-lho.

O lobo gostou muito e arranjou maneira de correr com o sobrinho para ficar com a mandioqueira para si.

Passaram-se dois dias.

O sobrinho arranjou duas cordas e passou pela casa do lobo. O lobo viu-o, e perguntou-lhe:

- O que vais fazer com essa corda toda?

O sobrinho apontou para uma nuvem preta ao Norte.

- Que é aquilo? - perguntou o lobo.

O sobrinho respondeu-lhe:

- Aquela nuvem é um temporal que se aproxima e matará tudo o que não estiver amarrado.

O lobo pediu-lhe:

- Vende-me um pouco de corda.

O sobrinho disse-lhe:

- Não posso vender esta corda. Vou-me amarrar com ela a uma árvore.

O sobrinho começou a amarrar-se e o lobo pediu-lhe:

- Amarra-me primeiro.

O sobrinho então amarrou-o bem amarrado ao pé de uma figueira e deixou-o ali.

Quatro ou cinco dias depois, um macaco chegou junto da figueira a que o lobo estava amarrado e pôs-se a comer figos. O lobo pediu:

- Atire-me um figo, senhor Macaco! Estou com muita fome!

O macaco atirou-lhe um figo que caiu-lhe mesmo na boca.

O lobo voltou a pedir:

- Desamarra-me, senhor Macaco!

O macaco respondeu:

- Não, não te desamarro porque não és homem em que se possa fiar.

O lobo prometeu:

- Dou-te a minha terra e tudo o que ela tem.

O macaco voltou a dizer:

- Não, não és pessoa em que se possa confiar.

- Desamarre-me, senhor Macaco! De verdade lhe darei a minha terra e tudo o que nela houver.

O macaco voltou a recusar.

Quatro vezes o lobo pediu e o macaco recusou; por fim o macaco concordou em desamarrá-lo.

Quando o desamarrou, o lobo agarrou no macaco pelo rabo.

O macaco perguntou:

- Porque me estás a agarrar o rabo, senhor Lobo?
- Tenho a mão dormente por ter estado tanto tempo amarrada. Quero acordá-la.
- Tio Lobo, deixe-me ir, por favor! Largue-me! Lembre-se que fui bom para si!
- Não, não te largarei. Vou-te matar e comer aqui mesmo.

Por essa altura o sobrinho estava perto, no cimo de um monte e gritou:

- Ó ti Lobo! Quer que lhe diga a melhor maneira de comer macaco? Amarre-lhe os pés e atire-o ao ar. Ele cairá dentro da sua boca e não perderá nem a ponta de um cabelo.

- Sobrinho, és um rapaz sabido! É isso mesmo! E o lobo pegou no macaco atirou-o ao ar com toda a força. Quando ele caiu, caiu longe, fora de alcance.

O lobo ficou um dia à espera, com a boca aberta,

- Hei-de compensar-te, sobrinho, por me teres salvo do tio Lobo. - disse o macaco.

Adaptado das versões recolhidas por Elsie Clews Parsons, **Folclore do Arquipélago de Cabo Verde**, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1968.

Informantes: João Dias (Brava), Manuel da Costa (Santiago).

Instruções de aplicação da actividade de reconto da estória “A Melhor Maneira de Comer o Macaco”

- . Duração: um tempo lectivo
- . Pedir aos alunos que preencham o cabeçalho.
- . Ler a história .
- . Pedir aos alunos que recontem a estória ouvida, por escrito.
- . Não prestar qualquer ajuda enquanto o aluno escreve o reconto.
- . Recolher os recontos e não fazer qualquer tipo de correcção.

Jan./ 2003

Ana Josefa Cardoso

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um lobo e o sobrinho ele era preguiçoso e o sobrinho era trabalhador. Resolveram plantar mandioca. Plantaram e o tio lobo comeu tudo o que era dele e depois foi pedir ao sobrinho e o sobrinho não queria dar mas, só que o tio lobo lhe atormentou e deu-lhe a mandioca. Resolveu correr com o sobrinho dali e ficar com a mandioca. Viu o sobrinho com duas cordas que ia passar na sua casa, perguntou-lhe o sobrinho para que serve aquela corda. O sobrinho apontou-lhe o dedo para uma nuvem preta que fazia o temporal e matava tudo o que estava desamarrado. O sobrinho ficou amarelo e o tio lobo pediu para o sobrinho amarar primeiro e amarou-lhe bem amarrado. Depois de quatro a cinco dias apareceu um macaco numa figueira. Ele pediu o macaco para o sobrinho dar um figo para comer porque tinha muita fome, e o macaco atirou-lhe um figo que o sobrinho caiu mesmo na boca. Pediu o macaco para o sobrinho desamarar e o macaco disse-lhe: não posso te desamarar porque és um homem que não se ia confiar nele. Continuou a pedir e pediu quatro vezes e o macaco desamarou e agarrou no rabo do macaco e o macaco disse: (tio lobo) sr. Lobo porque é que estás a pegar no meu rabo.

O tio lobo disse que está a pegar porque a sua mão está dormindo de quanto tempo amarrado e o macaco disse para o sobrinho soltar, que lembre que foi bom para ele. O lobo disse não que vai matar-o agora e comer-o agora. Assim o sobrinho apareceu ao cimo de um monte e disse: tio lobo deixa eu vou te dizer a melhor maneira de comer o macaco. Amarrar-lhe o pé e atira-o para cima depois abrir a boca que não vai perder nem um fio de cabelo. E assim o tio lobo amarrou-o e atirou-o para cima com toda a força e abriu a boca e ficou e o macaco caiu muito longe e fora do alcance, o tio lobo ficou um dia a espera com a boca aberta. O macaco disse ao sobrinho obrigado por o sobrinho ter salvado do tio lobo. Assim terminou a história.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A1 Texto: 2

Idade: 12 Local nascimento: Veneza Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Era a maneira de comer o macaco

o lobo comia todas as coisas que via aparecer porque ele era fumento. Ele tinha o sobrinho que plantaria a mandioca e o lobo tinha muito fome ele foi para o casa do sobrinho o lobo disse para o sobrinho para dar um pé de mandioca para comer porque tinha muita fome quando o sobrinho deu um pé da mandioca ele gostou queria que o sobrinho para dar mais o sobrinho não deu o lobo foi procurar uma corda para ele ia si conseguir a tirar a mandioca quando o sobrinho viu o lobo com a corta ele disse o lobo o quê que você esta a fazer ele não respondeu o sobrinho tomou o corda e amarou o lobo num pé de árvores e o lobo via o macaco em cima de árvore ele disse para o macaco para adesmara ele quando o macaco foi adesmarar o lobo pegou no rabo o macaco disse para o lobo para largar o seu rabo o lobo disse para o macaco que não vai largar o rabo vai comer depois apareceu o sobrinho em cima do monte o sobrinho disse para o lobo a forma de comer o macaco para ele para botar o macaco para cima e abre a boca que o macaco vai cair dentro da boca e o lobo disse para o sobrinho que vai fazer assim mesmo o lobo botou o macaco para cima e abriu a boca e o macaco caiu la para outro lugar era fora da aria o lobo ficou com a boca aberta o tempo todo e elle ficou sem comer o macaco.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A1 Texto: 3

Idade: 12 Local nascimento: Praia-Colheta S. Miguel Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

história de ti lobo e sobrinho, a melhor maneira de comer macaco

Era uma vez ti lobo e o sobrinho, o ti lobo sempre que encontrava comida comia, e o sobrinho era trabalhador e tinha uma orta cheia de mandioqueiros, e um dia o ti lobo pediu-lhe um mandioca para comer e o sobrinho deu-lhe, e reconpensou uma ideia, para espulçar o sobrinho da sua casa, dali dois dias o sobrinho veio com duas cordas, espulcou-o para a lua preta do monte, e o ti lobo disse: o que é aquilo, este é para amarrar na arvore para alguém passar para morrer. então o ti lobo disse: amara-me primeiro o sobrinho amara-lhe passando 4 ou 5 dias depois, passou um macaco encima do figo; O ti lobo disse: da-me um figo porque tenho fome, e o macaco deu-lhe e caiu dentro mesmo da sua boca, e tornou a pedir, senhor macaco dismara-me, e o macaco disse que não vai acreditar nele, e tornou a pedir mais uma vez o macaco o dismaro-o e elle agarou o macaco no rabo o macaco disse: porque estas a me agarrar no rabo? O lobo disse: eu vou te comer agora mesmo, e o sobrinho estava perto encima de uma montanha e disse, ti lobo eu voute dar uma maneira de comer este macaco, o sobrinho disse amara-lhe os pés e atira-o para cima e caiaria dentro da sua boca e não deixe escapar nem um cabelo, o ti lobo atirou-o para cima e ficou um dia a esperar e o macaco caiu longe dele e disse muito obrigado sobrinho tú já me espará na boca do ti lobo.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A1 Texto: 4

Idade: 12 Local nascimento: S. Miguel Línguas faladas em casa: Criolo

o lobo e o seu subrinho

O lobo ve a planta do seu subrinho a narcer e o lobo disse tenho fone quero que você me da todo que come para eu comer o subrinho agarou numa planta e tirou e deu lobo para comer e o lobo quer coria com o subrinho para ficar com todo terreno na quele dia o lobo viu o subrinho vem com muitas cordas e disse-se vende um pouco desse corda o subrinho disse não elle apontou o dedo para novem e disse é um temporal que vem para matar toda gente então o lobo disse então vai-me marar primeiro o subrinho marou-se o lobo o depois o macaco estava porcima do figo a comer e disse me atira um figo o macaco atirou um figo e deu e o lobo disse vem me desmarar o macaco disse não o lobo tomou a dizer o macaco resolveu a desmarar o lobo e disse o que me estar a agarar no rabo o lobo disse porque tu tinha muito tem amarado o macaco disse o tio lobo deicha me ir o lobo disse que não vai deichar ir então estava o subrinho em cima dom monte e disse para o lobo para eu te mostra como-se vai comer macaco é só marar nos pés e botar para altura vai cair dentro da sua boca não vai restar nenuma fio de cabelo o lobo disse chibinho você é um rapaz muito esperto o lobo botar o macaco para altura e o lobo tem mais de um dia a esperar o macaco cair dentro da sua bouca.

História

História era uma vez o tio lobo e o seu subrinho eles iam trabalhar e o lobo é malandro e o seu subrinho era trabalhador (e o lobo) estavam a plantar a mandioca e o lobo comeu todo aquela mandioca que ia plantar e o seu subrinho como era trabalhador o subrinho cavou o seu chão e o tio lobo quando viu a mandioca do subrinho já deu e o lobo desse ao subrinho para dar-lhe a mandioca para comer que está com muita fome e o subrinho desse ao lobo que a mandioca não está pronta para comer o lobo desse então para dar-lhe uma coisa que é para comer e o subrinho não deu, quando que a mandioca do subrinho já deu a corda e o tio lobo desse ao subrinho o que é que vai fazer com aquela corda toda e o subrinho levantou a cabeça e mostrou-o aquela nuvem preta e o lobo perguntou ou subrinho. O que é isso? E o subrinho desse aquele lá é a nuvem preta que vem vai levar tudo o que aparecer. E o subrinho disse ao lobo que vai marar as arvores. E o subrinho amarrou-o uma arvores e o lobo desse ao subrinho para amarar-lhe premeiro. E o subrinho amarrou-lhe num pé de figo bem pertado passou uns quatro dias (passou um) estava um macaco a comer um figo e o lobo viu o macaco e desse ao macaco para dar-lhe um figo que ele está com fome e o macaco bateu-lhe um figo e caiu dentro da boca do lobo e o lobo foltou a pedir para o macaco disarmou-lhe o macaco desse não tu não es alguém de confiar em se lobo continuo a pedir e o macaco continua a disser o mesmo coisa o lobo pediu quatro vez no fim o macaco resolveu desmar-lhe quando o macaco desmarou-lhe o lobo pegou o macaco no rabo e o macaco perguntou ao lobo porquê que o senhor pegou no meu rabo e o lobo disse tinha a mão todo a tremer poque tenho quanto tempo aque e o lobo desse ao macaco que vai comer o macaco o macaco pediu a lobo para largar para ir embora. Num mumento o subrinho saiu na ponta da rocha e desso. Oh meu teu o senhor não sabe comer o macaco. O subrinho desse apara lhe os pés e bota para sima não vai escapar nen um fiu de cabelo e o lobo desse o subrinho tu es esperto. E o lobo botou o macaco para simo com muito forço e caiu um pouco afastado e o lobo fico.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A1 Texto: 6

Idade: 12 Local nascimento: Hospital de Calheta Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

êra uma vez tio lobo e o subrinho o subrinho êra trabalhador e o tio lobo comia tudo que aparecia o subrinho começou a cavar o chão plantou as suas pê de mandioca o lobo fui disse-lhe subrinho me da um mandioca o subrinho disse-lhe aindo esta novo para comer o lobo disse não tenho fome o subrinho tirou um pe do mandioco deu-lhe lobo tentou virar o subrinho para ficar com mandioca o subrinho aranjou dois corda fui-lhe para casa do lobo viu-lhe e dísse onde vais com essa corda toda o subrinho respondeu é para amarar toda que esta desamarado o lobo disse vende me um respondeu o subrinho não o lobo disse começa por mim o subrinho amarou bem amarado num figo chegou um macaco ele disse sr. Macaco atira me um figo o macaco tirou o figo acambou lhe dentro da boca que já passava 4 e 5 dias e disse o macaco desmara-me macaco dísse não. não es homem de confiança continua a dizer desmara-me ofereço-te toda o meu chão e o que esta la macaco disse não es homem para confiar e por fim macaco desmarou-lhe ele pegou no rabo do macaco disse o macaco porque estas a me pegar do rabo e lobo disse já durei amarado o macaco disse larga-me é bom pra ti ele disse vou matar e comer aque mesmo o subrinho estava numa muntanha disse-lhe tio lobo posso disser a melhor forma de comer macaco disse o lobo sim acamba ti dentro da boca não fica nem o cabelo amara-lhe os pés atira para cima o lobo disse es muito sabido o lobo fulhou com tanta forza teve um dia a esperar para cair na sua boca

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A1 Texto: 7

Idade: 12 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez o lobo e o sobrinho, o lobo comia tudo que encontrava e o sobrinho era trabalhador, um dia foram plantar mandioca o lobo comia toda semente e o sobrinho plantou a sua mandioca o lobo ficou com fome e pediu ao sobrinho que desse uma mandioca o sobrinho disse que a mandioca ainda não dava para comer e o lobo insistiu. Até que o subrinho deu-lhe uma mandioca, comeu e gostou da mandioca, e queria tomar toda a mandioca do subrinho o sobrinho apercebeu-se, no outro dia o sobrinho passou com uma corda para casa do lobo e o lobo perguntou para que é essa corda? O sobrinho disse vem um tempural que leva toda coisa que encontrar desamarada o lobo disse amara-me o sobrinho disse que não dava para amara-lo o lobo inxestiu e disse amara-me primeiro e sobrinho amarou-o bem amarado e deixou-o amarado na figueira demoraram 3 dias e um macaco veio comer figo e disse ao macaco da-me um figo porque tenho muita fome e o macaco deu-lhe, disse ao macaco que o desamarasse e o macaco disse que ele não eram que se nele cunfiar ele disse que ia da-lo tudo que tinha o macaco continuo a a dizer a mesma coisa e ele ansistiu e o macaco desamarou-o e ele pegou no rabo do macaco e disse eu vou ti comer agora e sobrinho esta a passar e e disse vou te encinar a melhor maneira de comer macaco não vais perder nem um fio de cabelos amara-o o pé coloca na altura.

A melhor maneira de comer o macaco

história história era uma vez o macaco e subrimho e o tiu lobo. havia o subrimho e o tiu lobo. O tiu lobo era malandro e o cobrinho plantou a mandioca e o tiu lobo aproximou para o subrimho e pediu para o subrimho para dar um pé de mandioca. O tiu lobo disse que ele tem fome e o subrimho disse que não vai dar nenhuma pé de mamdioca, depois o tiu Lopo tromentou r tirou uma pé de mandioca e da-lo. Depois passou dois dia o subrimho passou para a casa do tiu lobo e o tiu lobo perguntou esta corda é para qué o subrimho mostou o nuvem e disse esta nuvem é o tempural e quem não está marado, dipois o tiu lobo disse para o subrimha para mara-lo primeiro e o subrimho marou o tiu lobo num pé de figueira, dipois passou o macaco e o tiu lobo disse para o macaco para subir na figueira para tirar um figo para dá-lo o macaco subiu e tirou o figo. Dipois o tiu lobo disse ão macaco para desamaralo e o macaco disse 4 vezes vai disomaralo. O tiu lobo disse para o macaco para desamaralo o macaco disse porque o tiu lobo não é pessoa para confiar. Dipois o tiu lobo disse para o macaco desamáralo e o macaco disse não e o tiu lobo disse para o macaco que vai dar a sua terra. Dipois o macaco desomorou e o tiu lobo pegou na rabo do macaco. E o macaco disse para o tiu lobo para larga-lo o tiu lobo disse não que vai comer o macaco porque ele tem fome. Dipois o subrinho estava encima de uma montanha e disse para o tiu lobo para marar os dois pés do macaco e folhou o macaco com a toda forca que o macaco vais cair dentro da sua boca. O tiu lobo disse para o subrinho que ele e sabido. O tiu lobo então folhou o macaco com a toda forca o tiu lobo abriu a boca e o macaco caiu la lonche do tiu lobo.

história história

Era uma vez tiu lobo e chubinho.

o tiu lobo plantava na sua horta e comia tudo quando ele acabou de comer foi até horta do chubinho e pediu que deixasse comer esas mandioca e o chubinho lhe disse não está pronto para comer. e o chubinho apanhou muitas cordas e passou pela casa do tiu lobo e o lobo apareceu e disse o que é que estas a fazer com toda estas cordas porque não me vende um resto disse o sobrinho não te venderei vou amara-las oque, disse o tiu lobo então amara-me primeiro e o sobrinho amara-lhe no pé de uma figueira deixou 5 dias e o macaco apareceu por-la foi comendo os figos e o lobo disse para ele dar um figo e o macaco atirou-o dentro da boca, e disse o lobo desamar-se o macaco não desmarou porque o lobo não era um homem de confiança. o lobo continuou a pedir o e disse que daria para o macaco as suas terra e tudo que haveria nela. ha quadro vez ele pediu e o macaco desmarou e o lobo pegou no rabo do macaco e o macaco pediu-lhe para largar e o lobo não largou. E ele disse melhor pensaste no que foi bom para ti e logo disse que não ia desmarar que comia ele la mesmo e o sobrinho chubinho estava perto e disse tiu lobo sabes a melhor forma de comer o macaco amara o pé e atira para o alto caíra dentro da sua boca nem um fiu de cabelo restara e o lobo atriou o macaco com toda a forsa e caiu fora do alcanço do lobo e o lobo dimorou um dia com a boca aberta. disse o sobrinho macaco obrigado por tem me salvado do lobo chubinho.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A1 Texto: 10

Idade: 12 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Criolo

história história do sobrinho

e o teu lobo o grande maneira de comer macaco e o teu lobo comia todo o que aparecia e o teu lobo foi para o sobrinho pedir o que tinha para dar para comer e pediu uma mandioca e o sobrinho disse não da para comer ainda e o teu lobo disse da me o que comia e o sobrinho terou a mandioca e deu ão teu lobo e o teu lobo tinha grande fome e o sobrinho tinha muitas cordas e o teu lobo pediu-lhe um pedaço e colocou numa nuvem e o sobrinho disse que é um temporal que matava todo o que não estava marado e o teu lobo pediu para marar-lhe primeiro e o teu lobo ficou 4 ou 5 dia la no pé de arve e apareceu um macaco e o teu lobo disse para lhe disarmar o macaco disse não e o teu lobo tinha tanto fome e pediu ao macaco um figo e o macaco deu um figoe todo dalla dentro da boca e o teu lobo pegou no rabo do macaco e disse ão macaco que comia agora mesmo e o sobrinho gritou e o sobrinho disse ão teu lobo que tem grande maneira de comer macaco disse ao teu lobo marava todos os pés e botava para cima e caia dentro da boca e disse ao sobrinho que ele é esperto e o lobo pegou o macaco botou o macaco com tanta força e fora de alcanse e o lobo ficou um dia com boca aberta a esperar o macaco.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A1 Texto: 11

Idade: 12 Local nascimento: Calheta S. Miguel em Galião Línguas faladas em casa: Criolo

A melhor maneira de comer macaco

A havia um lobo e o sobrinho e um dia sobrinho lançaram em plantas mandioca, o lobo comia tudo o que aparecer e o sobrinho era trabalhador. O sobrinho cavou o chão o plantou mandioca, e lobo disse sobrinho tenho fome, mas tio lobo a mandioca não está boa para comer, a mandioca levantou as folhas verdes e o sobrinho ficou atromentado o tirou uma mandioca o deu para o tio lobo. Lobo aranjou maneira de tirar o sobrinho de lá. E o sobrinho deu uma volta à casa do lobo, e lobo disse sobrinho o que estás a fazer aqui, o sobrinho mostrou-lhe uma nuvem preta e disse, é uma tempestade em que levará tudo e matará as pessoas que não está amarada e lobo disse, vende-me esta corda, não, não posso e vou-me marar a si, e lobo disse não mara-me primeiro, e o sobrinho amarou-lhe bem amarado num pé de figueira. A pareceu um macaco tenho fome dá-me um figo. E o macaco deu-lhe o figo mesmo dentro da boca o lobo voltau a pedir o macaco disse tio lobo não és o homem em que deve confiar e o lobo voltou a pedir macaco dissamara-me, não, não, não és pessoa em que deve confiar o macaco continuo a recosar. Depois o macaco concordou desamarou-o e o lobo agarou-o macaco no rabo o macaco disse, tio lobo porque estás a pergar-me no rabo e o lobo disse eu vou comer-te agora e aqui mesmo. E o sobrinho estava por perto em cima do monte e desse tio lobo posso te dizer a melhor maneira de comer macaco amara-o o pé e lança-o para o ar e cairá dentro da sua boca e não vai restar nenhum fio de cabelo. E lobo disse sobrinho és mesmo sabido, é isso mesmo e o lobo lançou o macaco por ar com toda a força e ficou um dia com boca aberta e pensou que macaco estava lá dentro.

A melhor maneira de preparar o macaco

Havia uma vez um lobo e o sobrinho. O lobo era 1 malandro e comia tudo que encontrou e o sobrinho era trabalhador. Então começou a coltivar a sua terra plantava a mandioca e o logo foi ao sobrinho e disse: sobrinho eu tenho fome você podias dar um pé da sua mandioca e o sobrinho deu. O logo achou a mantioga do sobrinho tão gostoso e queria tomar o sobrinho à mandioca toda. Entao o sobrinho resolveu marar toda coisa de fora o lobo e ele perguntou o que seve isso. O sobrinho pontou o dedo para nuvem preta que ficara no norte e o lobo perguntou o que serve isso e o sobrinho disse que vai matar toda coisa a que não tiver não marado o logo disse ou sobrinho para vender essa cordo. Também, o sobrinho marrou bem amarrado e deixou-o lá. Então veio macaco o lobo disse para dar um figueira e botou ate caiu dentro da boca do lobo. O lobo disse ou macaco para demarar e o macaco disse não e o lobo voltou a demarar e darei todo o chão dele e a casa e macaco demarou-à. O lobo pegou no rabo do macaco e elle pediu o lobo para largar e lobo disse que vai comer e o sobrinho disse ou lobo que vai ensinar a melhor forma de preparar o macaco para marar todo os dois pé para fulhar ao alto que não restava nem uma fita do cabelo e o lobo ao sobrinho que ele e um sabio. O lobo fulho o macaco ao alto com toda força e o macaco caiu disse au sobrinho salvou-o. O lobo ficou um dia com a boca aberta para esperar macaco. e o macaco disse:

A melhor forma de comer o Macaco

Avia um lobo e o subinho, o lobo era malandro e o subrenho era muito trabalhador. Cada um deles tinham a sua parte de plantar comeda, o lobo plantava sua e subrenho plantava o dele. O lobo plantava, mais, comia todos. O subrenho plantava, esperava até chegar altura de comer e coma. O lobo viu, e foi lá e desse, da-me um pidaso da mandioca. O subrenho desse-lhe, não vou te dar porque ainda não esta na altura de comer. E lobo desse-lhe para dar um pidaso só para ver se esta bom mandioca. O subrenho terou e deu-lhe, e ai o lobo gostou e resolveu tirar o subrenho de la para ficar com a mandioca todo. Então o subrenho chegou com uma corda o lobo desse, o que é aquilo, o subrenho desse, aquilo la é para amarar toso aquele que não estiver amarado, que vem um tempural e que leva todo aquele que não estiver amarado. O subrenho pós se amarar a um pés de arvores. O lobo seria que subrenho vende-se a corda, mais o subrenho não vendeu. ele desse o subrenha para amarar ele primeiro, o subrenho concordou e amarou ele ficou la muitos dias. Pereceu um macaco, ele ao macaco que dessamara-se o. O macaco desamarou-o e ai ele queria comer o macaco mais não conseguiu porque o subrenho apareceu e enganou-o. O macaco agradeceu o subrenho e eles ficaram felezes muito amigo.

A melhor maneira de comer Macaco

Era uma vez, havia um lobo e o seu subrinho. Então o lobo era malandro e preguiçoso, e o subrinho dele era muito trabalhador. Tudo o que ele plantava o lobo comia. E então um dia o subrinho do lobo plantou muitos tipos de pés da mandioca. E o lobo com vontade de comer as mandiocas, ele disse ao seu subrinho.

-Me dá um pedaço de mandioca e o subrinho disse-lhe, "as mandiocas ainda não estão prontas para comer". O lobo disse-lhe "então me dá alguma coisa para comer". Então o lobo queria arranjar maneira de tirar o seu subrinho de lá. Então o subrinho do lobo chegou com dois pedaços de cordas. E o lobo perguntou-lhe "Para que serve estas cordas," e o subrinho respondeu-lhe, "estás a ver aquela nuvem preta aí", o lobo disse-lhe "para que serve" e o subrinho respondeu-lhe, aquela nuvem leva todas as pessoas que não estão amarradas. E o subrinho amarrou o lobo. E o macaco desamarrou. O lobo queria arranjar maneiras de comer o macaco, o lobo viu o seu subrinho e disse-lhe, como é que prepararam macaco. O subrinho disse-lhe. E o lobo lançou o macaco a cima, e o macaco caiu lá outro sitio. E o lobo teve um dia com a boca aberta a espera do macaco. E o macaco agradeceu ao subrinho do lobo.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A1 Texto: 15

Idade: 12 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Criolo

A melhor maneira de come o Macaco

O lobo e o sobrinho lançaram a cimiari mandiocas e o lobo comia todas as suas mandiocas e o sobrinho deixava dele crescer e o lobo pidio o subrinho umas mandiocas e o sobrinho dire que ainda não acabou de crescer o lobo dese então para dar alguma coisa que se coma o subrinho ispantou arancou um pé de mandiocas e du-lhe e o lobo comeu e sentiu saboroso e decidio trirar o subrinho daquele citio e o cobrinho noutro dua o sobrinho pasou com duas cordas na mau e o lobo dese aonde e que vais com estas cordas e o sobrinho apontou o dedo para uma nuvem preta e dese vau vir um tempural que nao estiver amarado more e o lobo dese vendene uma corda e o lobo foi amarado e um macaco foi comer figo e o macaco desamarou e o lobo pegou na rabo domacaco e dire que vai comer um macaco amara o pé e bota para o ar e ele caira dentro da sua boura e o lobo dese es um ome sabido e o lobo pegou amarou os pés e botou lhe ar e abriu a bouca e caiu longe e agradeceu au subrique por terá salvado a vida dele

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A1 Texto: 16

Idade: 15 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

O tio lobo era priguesoso subrinho era trabalhador um dia o subrinho foi plantar mandiocas e o tio lobo tinha fome foi ao subrinho desse me dá um mandioca para esperementar o subrinho desse, ainda não chega para comer o tio lobo ensistio um ele até o subrinho foi lá e deu e o teu lobo arangou a maneira de corer com ele, para ficar com mandioca toda. pasaram dois dias o subrinho estava a pasando um cordas na mão, o tio lobo dese-lhe onde vais com eses cordas o vende-me um pidaço ele mostrou uma nuvem e desse que é uma timpistade e para amara as arvores o tio lobo desse amara-me primeiro o subrinho amarou o tio lobo ficou lá dipois do sinco dia apareceu um macaco num arvore pediu um figo o macaco atirou o figo na boca do tio lobo, dipois ele o tio lobo pediu para disamarar o macaco desse não posso o tio lobo voltou a pidir disamaram que vou dar a minha terra com todo as coisa o macaco disamarou o tio lobo pegou o macaco no rabo o subrinho estava insima de um monte desse ó tio lobo para dizer como é melhor maneira de comer macaco amara corda no rabo chega no ar abre boca vai cair dentro do boca o tio lobo amarou o subrinho lhe enganou o.

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e um sobrinho. O lobo era preguiçoso e comia tudo o que encontrava, mas o sobrinho era trabalhador. Cada um deles tinham um campo de plantação. Tudo o que sobrinho plantava o lobo comia tudo, o sobrinho plantou mandioca e o lobo viu a mandioca crescer e disse-lhe:

-Tenho fome, dê-me um pouco da sua mandioca. O sobrinho respondeu.- A mandioca ainda não acabou de crescer. O subrinho arrancou um pé de mandioca e deu para o lobo. Dias depois o sobrinho tinha passado para a casa do lobo com duas grandes cordas, o lobo viu e perguntou-lhe: -O sobrinho, para que serve esta corda. O sobrinho respondeu-lhe: - Esta corda é para amarar as minhas mandiocas porque vem um temporal e leva tudo o que não esta amarado. O lobo desse-lhe: -Amarra-me primeiro. O subrinho amarrou-lhe e deixou-lhe numa figueira. Um macaco tinha passado por aquela figueira e dezamarou o lobo. O subrinho estava a caminho e desse-lhe: -O lobo posso disser-te a melhor maneira de comer macaco. pega nos pés joga para cima e abra a boca, cairá dentro da boca cem perder nem um fiu de cabelo.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A1 Texto: 18

Idade: 13 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Havia o lobo e o seu sobrinho, o lobo era muito preguiçoso o sobrinho era muito trabalhador o lobo gostava de comer comeia tudo via. O sobrinho era muito trabalhador madava-lhe plantar mandioca. Quando o lobo viu que planta já estava crescida fui peder ão sobrinho da-me um pedaço de mandioca sobrinho disse-lhe ainda é muito cedo, então aranga alguma coisa para comer que estou com fome o lobo insisteo o sobrinho deu-lhe ele gostou e queria correr com o sobrinho para ficar com a mandioqueira. Passaram quatro dia o sobrinho aranjou um corta passou por sima da casa do lobo e ele viu e disse o quê que estas a fazer sobrinho estou amarar está nuvem para que poça amarar todas as pessoa que roba vende-me um pedaço de corda não poço sobrinho, então me amara. O sobrinho amarou num arvore. O lobo tive quatro dia amarado. Até que um dia apareceu um macaco. o lobo disse desamara-me o senhor não é um pessoa de confiança o lobo disse três vezes o macaco desamarou o lobo agarou no rabo! Apareceu o sobrinho disse queres que ti diga qual é a melhor maneira de comer macaco amara os pé aterá para ar com toda a força o lobo aterou. Tive quatro dia com a boca aberta o macaco foi agradecer ão sobrinho.

“A melhor maneira de comer macaco”

Havia o lobo e o sobrinho,

O lobo estava com tanta fome, ele desse ão sobrinho para dar um pedaço de mandioca. Sobrinho disse ão lobo ainda não esta pronto, o lobo disse dei-me o qualquer que seja de comer.

O sobrinho tirou-se um pé de mandioca e deu ao lobo. O lobo disse, vou arranjar maneira de tirar o sobrinho desse lugar e ficar com a horta, o lobo pegou-lhe numa corda e voltou para casa do sobrinho. O sobrinho disse para que serveve esta corda, o lobo disse é para amarar todas as plantas que não estiver amarado, porque se tentar uma tempestade matarar todas os que não esta amarado, o sobrinho disse, vou-te amarar primeiro, o sobrinho amarou ele numa pe de figo e deichou-lhe, lâ alguns dia. O lobo disse ão macaco, dei-me um figo, o macaco voltou e tirou o figo que cai dentro da sua boca, o lobo voltou a dizer solme, o macaco disse não te posso soltar. porquê vosse não é o homem que se posso confiar nele, o sobrinho desse a melhor maneira de comer o macaco, amara o a corda e folhar no ar quando descer caira dentro da sua boca.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A1 Texto: 20

Idade: 12 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e o subrinho, o lobo é preguiçoso gosta de comer tudo que havia e o subrinho é trabalhador gosta de plantar mandioca. Um dia o subrinho plantou a mandioca o lobo passou por die viu as mandioca e foi perguntar ao subrinho se pode comer aquelas mandioca e o susrinho desse. As mandioca esta muito pequena não pode comer assim, o lobo desse que tem fome o subrinho respondeu que a mandioca ainda esta muito nova o lobo inestiu o subrinho apanhou um e deu ao lobo e o lobo alhou muito sobinso e correu com o subrinho da sua casa. O su brinho veio com uma corda o lobo viu e desse ao subrinho para quê que serve aquela corta o subrinho apontou-lhe o dedo para muvem preta é para quem não esta amarado aquela pessou vai marar. O subrinho foi marar numa arvore o lobo desse ao subrinho para vender uma corda o subrinho disse não o lobo desse então amara eu o subrinho amarou o lobo numa arvore de fogueira. passou 4 ou 5 dias um macaco apareceu e foi comer um maça o lobo desse ao macaco ma dé um maça o macaco fulhou um e caiu em cima da boca o lobo desse ao macaco para desmarar o macaco não desmarou o lobo ficou aiinsester e pela ultima vez o macaco desmarou e agarou o macaco para comer o subrinho estava por perho e desse ao lobo.

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez o ti lobo e a seu subrinho ti lobo era preguiçoso e comia tudo que aparecia e o subrinho era trabalhador, então um dia resolveram plantar mandiocas, e o tilobo comeu tudo o que tinha plantada e foi para as mandioqueiras do subrinho que estava tudo verde pediu ao subrinho que lhe desse a mandioca e a subrinho disse ainda não esta bem pronta e ele desse para a subrinho lhe desse alguma coisa de comer que elr quer experementor a mandioca até que a subrinho concordou e deu lhe a mandioca então ele resolveu comer todo uns dias depois o subrinho foi a casa delhes com muitos cardos e saiu edesse para que é essa corda o subrinho apontou-lhe o dedo para uma muvum preta a o ti lobo perguntou o que é e o subrinho disse é uma nuvem que vem para matar toda a pessoa que não estiver amarado e o ti lobo disse vende-me um pouvo dessas corda o subrinho disse não e começou a marar a sua cabeça e o ti lobo dissenos amaro-me o premeira então o subrinho começou a marar e foi-se embora então a dois dias depôs o macaco vem comer o fico onde o o ti lobo esta marado numa figueira e o ti lobo desse macaco atira-me um figo e o macaco atirou e desse ainda desmara-me e o macaco disse não ele pediu 4 vezes e prameteu que vai dar ao macaco a sua terra e tudo o que tem e o macaco disse não até que por fim o macaco concordou e desmarou lhe e o lobo agarou-lhe o rabo e o macaco perguntou porque que a lobo esta a agaror o lobo que ele foi solidário com ele e o lobo disse que vai comer ele todo e o macaco disse para o lobo. largame, o subrinho do ti lobo esta numa mante disse ao ti lobo. vou te aranjjar uma forma de comer amara lhe os pés e atira lhe () salto para cima e vai cair dentro da sua boca e o ti lobo disse que lhe era esperto mesmo estão ele fez assim e quando aterou o macaco para cima cai bem longe e o macaco disse ao subrinho do lobo que é ele que salvou a sua vida e o lobo ficou um dia com a boca aberta o espera.

A melhor maneira de comer o macaco

Havia o lobo e o seu sobrinho em que o lobo era preguiçoso e o sobrinho eratrabalhador. O sobrinho foi plantar a mandioca e o teu comia todo o que plantava. Um dia o lobo foi a casa do sobrinho e disse: quero um pouco da sua mandioca. E o sobrinho disse: Ainha não está boa para comer. E o lobo disse: Então dame qualquer coisa de comer. Tromentou o sobrinho até que arancou um pé de mandioca e deu-lhe. O lobo pensou em correr com o sobrinho e tomar todo o que habia. O sobrinha aranjou uma corda e passou a frente da casa do lobo e o lobo disse: O que que vais fazer com esta corda? O sobrinho pontou o dedo para aquela nuvem preta que vem do norte e disse que aquela era um temporal que vai matar toda a gente que não estava amarada. O lobo desse para lhe vender um pedasso daquela corda. O sobrinho disse que não vai vender e o sobrinho começou a amarar, o lobo disse amara-me primeiro e o sobrinho amarou depois o macaco pois a comer o figo naquele figueira onde o lobo estava amarado, o lobo pediu um figo ao macaco e o macacodeu e caiu dentro da sua boca, o lobo pediu ao macaco para lhe desamarar. O macaco disse que não porque o lobo não era homem de confiança. O lobo disse que se lhe desamarou ele daria todo o que havia naquela sociedade. O macaco disse que não. O lobo pediu 4 vezes e o macaco confio e desamarou e o lobo agarou no rabo do macaco e o macaco disse para o lobo lhe alargar. O lobo disse que tinha mão adormicido e que queria acordála. O sobrinho sobiu em cima do monte e gritou: tiu queris que mi diga a melhor maneira de comer macaco? Amara os pés e jogue para cima com toda a força e vai cair dentro da sua boca e não vai ficar nem uma ponta do cabelo fora. O lobo disse és mesmo esperto sobrinho é isso mesmo. O lobo jogou para a cima e o macaco caiu fora do alcance.

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e um seu sobrinho O lobo era preguiçoso e o sobrinho era trabalhador o lobo comia todo aquilo que aparecia e o sobrinho cavou á terra colocou a sua mandioca e o lobo véu a mandioca a crescer e o lobo desse ão sobrinho tenho fome dá me um pé da tua mandioca o sobrinho respondeu-o não porque ainda não chega e o lobo ronjou a melhor maneira de correr com o sobrinho depois o sobrinho de tira um pé e da o lobo o sobrinho foi para casa do lobo e o lobo vio de desse o que vir faz o sobrinho desse ao lobo vé para o céu e vé um nuvem preta encima do mar que esta a vir um temporal está corda é para um amara num pé de árvore quem não esta amarado no pé de árvore vai morrer o lobo desse vende me essa corda o sobrinho disse não é o então disse amara me pré meíro o sobrinho amarou o lobo bem amarado nem pé de figuiera e o macaco foi comer o figo é o lobo disse dá me um figo para comer tenho o macaco deu mesmo um figo que caiu dentro da boca e o lobo desse ão macaco dessamara me o macaco disse tu não é alguém de ficar o lobo disse prometo me vou dar a terra e toda a coisa que ela possoi o macaco disse não e o lobo repedio dessamara me o macaco disse tu não es alguém de confiar e o macaco acriditei é quando dessamarar o lobo agarou o macaco no rabo e o macaco desse larga me e o lobo desse vou comer e o sobrinho perto encima do monte gritou e o sobrinho desse ao lobo para eu arranjar a melhor maneira de comer o macaco amaru os dois pés e atiro para o ar quando cai cai dentro da boca.

A melhor maneira de comer macaco

era uma vez o lobo e o seu subrinho. o lobo era priguçoso aquele dia o seu subrinho foi prà casa dele. e desse o lobo pontar o dedo pra a nuvens escuro e o lobo pergunto o que isso e o subrinho desse. É o sinal que apareceu no céu que mataram todo aquele que não esta marado. Ele queria que o subrinho vender a corda o subrinho não vendeu porque ele queria comer tudo aquilo que encontrava. então un dia ele encontrava macaco emcimo do figo ele disse ou macaco botar-me um fico porque Eu tenho fome o macaco botar um caiu dentro da sua boca então ele desse botaram-me um figo o macaco botaram depois ele desse ou macaco que é prà desmaram que ele vai dar. Toda terra o macaco, desse não vai confiar num homem muito desfio ele desse novamente prà o macaco demorem ou vou dar toda a terra o macaco desse não vai confiar num homem muito disfio ele desse quatro vezes o macaco acridetou desmarou. ele agarou o macaco no rabo o macaco desse porque agarou-me no rabo. agarou no rabo porque você teve quantos tempo não me largou. O macaco desse o lobo alargou me por favor. O lobo desse agora vai te pegar prà matar comer agora mesmo o subrinho do lobo estava encima de um cutelo gritava. ele disse o lobo prà eu desse como que consegue comer macaco. marou todos os pés dipois você vai botar lá encima abriu aboca caiu dentro da boca assim você vai comer que não resto nem o cabelo. assim que eu vai fazer tu es um rapazinho muito esperto. então ele morou botou o macaco caiu longe que ele não vai conseguir alcanço ficar um dia a espera de macaco. ele desse ou sobrinho queria salvar maçaco.

A história falamos de modo de comer o macaco

havia um lobo e o seu subrinho o lobo era malandro que comia tudo o que encontrava no caminho um dia o seu subrinho que era trabalhador queria plantar a mandioga, quando ele plantou a mandioga o lobo disse subrinho posso tarrar algumas mandiocas e ele respondeu ainda não está bom para comer. E o lobo continuou a pedir e o subrinho tirou uma pé e deu-lho. depois o lobo queria correr com o subrinho de lá so para poder ficar com a mandioga toda depois saiu e jiu o subrinho a amarrar a corda que passava atrás da casa dele e disse o quê que você esta a vazer e o subrinho apontou-lhe o dedo para cima que estava uma nuvem preta ao norte, o subrinho disse-lhe que ia fazer uma tempestade que arrastar com todo o que não está amarrado. O lobo disse então para vender um pedaço de corda o subrinho não concordou. O lobo disse para o subrinho amarrar-o, e o subrinho amarrou-o bem amarrado numa figueira. que durou 5 dias e foi um macaco que fui comer o figo. Onde o lobo estava. E o lobo pediu ao macaco para botar-lhe um figo e o macaco atirou-o que caiu mesmo no boca do lobo depois o lobo. pediu-lhe para o dismarar e o macaco não concordar, o lobo torna a repetir o macaco não concordou o lobo disse-ao macaco que se o dismarar que daria todo o terreno para o macaco e o macaco não concordou o lobo prometeu 5 vezes e o macaco dismarou-o depois o lobo pegou o rabo do macaco. E o macaco disse. para o alargar o lobo disse que quer comer o macaco depois o subrinho que estava bem perto num monte disse ao lobo se quer comer o macaco para atirar para-cima o lobo atirou-o para cima e caiu para bem longe e o lobo permanecia boca aberta. mais o macaco caiu fora do seu alcance.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A2 Texto: 6

Idade: 15 Local nascimento: S. Miguel Línguas faladas em casa: Crioulo

era uma vez tilobo e o subrinho

O tiu lobo o subrinho resolveu plantar a mandioca e o lobo comeu tudo o que ele plantou nem a palha restou e ele vê o do subrinho que esta bem verde ele pediu ao subrinho para lhe dar a mandioca para comer porque tem fome e o subrinho disse ainda não esta pronta para comer ele fastentou ao subrinho até que o subrinho atromentou e teror um pé da mandioca para lhe dar o lobo resolvei correr com o subrinho e até aquele dia o subrinho passou porta da casa do lobo com moitas corda o lobo disse vende me uma dessa corda o subrinho disse não o lobo disse para que que vosse presiza dessa corda o subrinho disse para marar todos aqueles que não está marado para que o tempural não pode levar o lobo disse então Mara me primeiro o subrinho marou ele ao pé da figueira bem morado dissei ele ea e vem um macaco subiu ao pé de figueira o lobo disse bota me um figo para cumer o macaco botou caio dentro da boca ele comeu quando o macaco dei-lhe para ir ele disse dizemra-me o macaco disse não vou ti disamorar o lobo disse eu vou-te dar toda a minha terra dizemara-me. o macaco dizemarou macaco deu rincada ele agarou lhe no no rabo o macaco perguntou lhe porque que pegou no meu rabo ele disse poque porque eu já tinha muito tempo aqué amarado, e o subrinho saiu em sima do monte desse ao lobo olha a melho maneira de comer macaco é para morar o pé e soltou no ar vai comer todo não à de restar nenhum cabelo, o lobo morou o pé sotou no ar caiu distante e ficou 1 dia de boca aberta a espera de macaco e o macaco disse ao subrinho vosse é que salvou-me.

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez o lobo e o subrinho eles decidiram a plantar mandioca o tio lobo é tão malandro e o subrinho a cavar chão para plantar mandioca então o subrinho plantar a sua mandioca a alguns dia o lobo apareceu e pediu ao subrinho que lhe der a mandioca para comer, o subrinho disse a mandioca não esta ainda que da pra comer; o tio lobo disse dar-me assim o subrinho torna a dizer a mesma e então o lobo disse então dar-me o que tens para eu comer então o lobo tirou a mandioca comeu e o lobo quer correr com o subrinho para ele ficar com a mandioca toda e alguns dia o subrinho apareceu com duas corda a casa do tio lobo então o tio lobo disse para que tens essa corda toda o subrinho apontou o dedo para uma nuvem do norte que aparecia temporal e o subrinho disse para marrar e o tio lobo disse ao subrinho: amara-me primeiro e o subrinho vai a um pé de arvore e amara bem amarrado e foi-se. Em alguns dia apareceu um macaco e o lobo disse ao macaco: olha atira o figo e dar-me por que eu tenho muito fome, e o macaco atira o figo e botou ao tio lobo e aproximadamente o tio lobo agarou-o dentro da boca, e depois o macaco desceu e o tio-lobo pegou o macaco no rabo e o macaco disse: Alarga-me e o tio lobo, e o tio-lobo não largou, porquê que esta a mi pegar, o tio lobo disse estou a pegar com a minha mão tão... e o tio lobo disse disamara-me o macaco disse não disamero que voze não é um homem de desvio.

) e a quatro vez que o tio lo esta pedir e o macaco disamarou o tio lobo, o tio lobo pegou no rabo do macaco e o macaco disse: Alarga-me tio lobo e o tio lobo disse não largo porquê esta ami pegar estou a pegar com a minha mão tão...e o subrinho que estava próximo a chegar e saiu num monte e disse ao tio-lobo agara-o e amarou todo e botou para cima que não escapa nada em cabelo e o tio lobo disse é tão esperto rapaz e o tio lobo assim vez e o macaco caiu para longe da boca do tio lobo e e fico um dia a espera do macaco para cair na sua boca.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A2 Texto: 8

Idade: 15 Local nascimento: S. Miguel Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho o lobo comia todo que aparecia, o lobo era perguiçoso, o lobo comeu aquela que plantou, o lobo comeu aquela que plantou, o sobrinho era trabalhador, o sobrinho plantou mandioca, o lobo olhou a mandioca de sobrinho a crescer e disse sobrinho dai para mim uma mandioca e sobrinho disse a mandioca não esta boa para comer ainda. Um dia o sobrinho disse ao macaco a nuvens vem para matar todos aqueles macacos que não esta marada e o lobo disse ao sobrinho vende-me um pouco do seu corda e o sobrinho disse não aquele corda não é de venda, deixa eu vou marar você com o ramo de arvore e o sobrinho marrou o lobo, e saiu de lá, e um dia, (eu já esquece o nome) saiu por la achou o lobo marrado no arvore e o lobo disse dismara-me e aquele animal disse, eu não confio no você, e o lobo torna a dizer dismara-me, e aquele animal disse eu não confio no você, e aquele animal pegou no rabo do lobo e o lobo disse porque que você esta a pegar-me no rabo e aquele animal disse eu estou a pegar você no rabo porque você esta marrado aqui em muito tempo, eo lobo disse é porque eu tenho o pé morto. E o animal pegou o sobrinho e colocou no ar e o sobrinho caiu longe do seu alcanço e o animal disse sobrinho você é mesmo esperto e i sobrinho correu e saiu de lá, e o lobo ficou 1 dia com a boca aberta e.t.c

A melhor maneira de comer Macaco

Era uma vez um lobo e o seu subrinho o lobo era molondro e o seu subrinho era trabalhador um dia o subrinho resolveu a cavar chão e plantar mandioca depois quando o lobo ve planta do subrinho resolveu a comer e disse ao subrinho que ele tem fome que o subrinho dá ele um pé de mandioca para comer tentou o subrinho ate o subrinho deu-lhe ele resolver correr com o subrinho para ficar com toda a mandioca. depois um dia vi o subrinho com muitos cordas e disse que vai fazer com todas essas cordas o subrinho pontou para nuvens preta e disse que e um temporal que vai apanhar todo o que não estivesse marado, o lobo disse para marar ele primeiro então ele marou o lobo ate um dia um macaco apareceu afrente do lobo e disse ao macaco que ele tem fome para o macaco subiu para tirar um figo e o figo caiu dentro da boca do lobo. E depois disse ao macaco para dismarar e o macaco desse que ele não é pessoa para confiar nele tornou a dizer e o macaco a mesma, ate 4 vezes depois o macaco desmarou e o lobo pegou no rabo do macaco perguntou isso e o quê o lobo disse que para ocoardar. e o subrinho que estava lá em cima da montanã gritou e disse ao lobo se quer comer o macaco para amarar o pé, para atirar para cima e obrir a boca vai cair dentro da boca e macaco caiu longe e o lobo um dia com a boca aberta e disse que o subrinho e esperto e salvou a vida do macaco.

Era uma vez tio lobo e o seu subrinho

Tio lobo era preguiçoso e comia muito e o sobrinho trabalha muito tinha orta de mandioca e o lobo pediu porque ele está com fome e pediu uma vez o sobrinho não deu e pediu 4 vezes o sobrinho a trapalhou e rincou uma pé de mandioca e entregou ele e comeu todo e disse ao sobrinho que ele vai tomar conta de orta e o sobrinho foi para casa de lobo com muitas cordas e o lobo perguntou ele onde que tu está pensar com esse corda e o sobrinho olhou para uma nuvel negra e de ou tio lobo é um tempo ral que está a fazendo para matar toda as pessoas que está dismarada e o tio lobo disse para vender. E o subrinho disse que ele não vai vende. o sobrinho comeso a marar e o lobo disse amara-me primeiro o sobrinho amarou e pendurou numa figueira e o macaco vem atira o figo. e o lobo disse S. macaco terá um figo e cai la minha boca o macaco tirou caiu dentro da boca do lobo. ele de ou macaco dizamara-me, e o macaco disse não vou desamara você porque eu no vou confiar em te . Ele disse pela 4 vezes o maca dismara. E o lobo pegou o macaco no rabo. o macaco de S. lobo alargueme e o lobo disse não vou lagar. Eu vou matar você agora para comer e o sobrinho estava em sima do monte e gritou o lobo! Lobo não sabe o que vose que vai comer o macaco melhor bota em sima a sua cabeça o lobo de ou subrinho tu esperto meu sobrinho. E o lobo fazeu assim o macaco caiu fora de alcance do lobo. e o lobo ficou 1 dia com a boca aberta.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo A2 Texto: 11

Idade: 15 Local nascimento: Espinho Branco Línguas faladas em casa: Crioulo

A milor manera de comer macaco

O Senhor Lobo era um rapaz muito preguiçoso e um dia o seu sobrinho convidou para fazer uma plantação de mandioca, o Senhor lobo tinha alma muito cançado que não dava tempo o seu mandioca estava pronto para ser mastigada, e o seu sobrinho que deixava o seu mandioca crescer e por infilzimento o senhor lobo queria atentar ele para comer tudo a mandioca tiver de dezer o sobrinho que ele tiver fome e o sobrinho disse para ele a mandioca não está pronto para comere ele queria comer a mandioca e dezer que tem fome e o sobrinho tirou um pé e deu-lhe. E o sobrinho viu que o lobo é capaz de comer todo mandioca e ele inventou a arte de marou o lobo e pecua no corda foi passado pela casa do lobo e lobo perguntou, para qué esse corda e ele disse avera uma tempestade que não está marado vai morrer. O lobo ovia de esperto pediu a venda da corda e o sobrinho fingiu a venda e desse este corda é para marar minha cabesa e o sobrinho começou a marar e o senhor lobo disse sobrinho marar mi primero, e o sobrinho marou bem marado numa pé di figuera passando 5 dia passou um macaco para comer figo e o lobo desse dar mi com figo e o macaco deu ele e caiu dentro da boca. E o macaco não discunfiou que o lobo queria ele mesmo e desse para lbo não.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A2 Texto: 12

Idade: 14 Local nascimento: Hospital Agostinho Neto Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez o lobo e o seu sobrinho, o lobo era malandro e o sobrinho é muito trabalhador, um dia lançaram a plantar a mandioca. O lobo comeu todo o seu mandioca e o sobrinho pelantou todo o seu mandioca alguns dias o lobo viu do sobrinho a nascer e foi pedir ao sobrinhu. O sobrinho disse que ainda não está bem para comer. O lobo disse então que dasse-lhe alguma coisa de comer. Então o sobrinho tirou um pé de mandioca e deu-lhe. O lobo gostou muito até que queria tirar o sobrinho dali para ficar com a mandioqueira. No dia seguinte o sobrinho passou perto da casa dele e perguntou onde vai. O sobrinho disse que vai amarrar, porque havia um tempestade que vai matar tudo o que não estiver amarrado, então pediu o sobrinho que amarrase-lhe numa figueira. Passando cinco dias, um macaco foi naquela figueira e pois-se a comer onde estavs ele amarrado, o lobo disse para ele atira um figo e o macaco atirou-lhe um figo que caiu mesmo na boca, e pediu ao macaco que disamarrase-lhe e ele disse não confio em ti e o lobo disse dou-te tudo o que é meu a minha terra. O macaco desamarrou-lhe e pegou no rabo e disse que vai comer-lhe, naquele momento o sobrinho apareceu e disse: tio lobo posso ti dizer a melhor maneira de comer um macaco. O lobo disse ao sobrinho para lhe dizer, o sobrinho disse amarra-lhe os pés e atira para o ar que vai cair dentro da sua boca e que não vai ficar nenuma ponta do fio de cabelo. O lobo disse tu és um rapaz sábio. O lobo amarrou-lhe nos pés e atira para o ar e ficou com a boca aberta, e macaco caiu fora do seu alcance. E o macaco veio agradecer o sobrinho por ter-lhe salvado.

A melhor maneira de comer o macaco

Ti lobo e o seu subrinho. Ti lobo é muito malandro e o subrinho é muito trabalho e fez uma horta e o ti lobo que era tão malandro queria rubar as mandioca do horta do subrinho pediu muitas vezes para o subrinho lhe deixou rubar uma mandiocaquinha e o subrinho desanimou de tento pedido di ti lobo e deu a mandioca e sentiu muito saborosa e ficou a comer como que se horta seria dele e o subrinho não gostou do que ele ele ficou a fazer e o ti lobo disse ao subrinho para sair da casa dele para ficar com os seus família e o subrinho aranjou uma maneira de amarar o ti lobo e o subrinho aranjou uma corda e disse vou-me amarar por esta vendo uma tempo que todo o que não esta amarado vai ser morto e foi numa figueira tão grande o ti lobo disse me amara primeira e o subrinho amarou o ti lobo bem amarado e foi se embora dipois de cinco dias apareceu um macaco e disse ao macaco satã me um figo na boca e o macaco botou caiu directamente na boca e disse disamara-me e o macaco disse não, tens alguns armadilia, eu não te faço mal nenhum o macaco disamarou ele pegou no rabo do macaco e o macaco disse largame não já teve tanto tempo amarado e estou vendo se a minha mão esta se esforçando e pegou o macaco para comer o subrinho disse ti lobo bota com toda a força e ele vem directamente para boca que nem uma ponta do cabelo se escapa o ti lobo botou contanta a força e abriu a boca o macaco caiu tão longe e o ti lobo ficou um dia inteiro com boca aberta a espera do macaco.

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O seu sobrinho é trabalhador e o tio é prigisozo. um dia o seu sobrinho resolveu plantar algumas pé de mandiocas num campo. o tio lobo pediu o seu sobrinho que lhe da-se um pé de mandioca o seu sobrinho disse-lhe que não podia tirar a mandioca porque não tinha criado bem, o tio lobo disse-lhe que dasse qualquer coisa de comer, e o sobrinho ficou com muita pena de tio lobo e tirou a mandioca e deu-lhe a mandioca e queria comer todas as mandiocas depois de alguns dias o tio lobo viu o seu sobrinho com uma corda na mão o tio lobo perguntou o sobrinho para que servi a corda o seu sobrinho disse que esta a marar a casa porque vinha uma tempestade o tio lobo pediu para amarar ele primeiro o sobrinho amarou o tio lobo num pé de figueira e ali chegou um macaco o tio lobo mediu um figo ao macaco o macaco tirou o figo e o figo caiu dentro da boca do tio lobo o tio lobo pediu ao macaco que desmarasse o macaco disse que não podia disarmar o tio lobo o tio lobo continua a pedir e o macaco continua a dizer não. o macaco desediu a disarmar o tio lobo quando o macaco disarmou o tio lobo o tio lobo pegou o macaco no rabo o macaco perguntou ao tio lobo que vai fazer commigo o tio lobo respondeu eu vou te comer ali estava o subrinho que estava tam perto deles o sobrinho disse ao tio lobo para amarar o macaco a mão e o pé e quando ele terminou de amarar para ele botou o macaco para cima que caísse dentro da boca do tio lobo. quando o tio lobo botou o macaco para acima ficou com a boca aberta para cima o tio lobo ficou com a boca aberta mais de duas ou uma cimana com a boca aberta quando o macaco chegou a cima e caiu junto do sobrinho o macaco disse ao sobrinho que salvou a vida dela para não ser comedo por tio lobo.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A2 Texto: 15

Idade: 14 Local nascimento: Hospital Nossa Senhora da Graça

Línguas faladas em casa: Crioulo

Era uma vez um sobrinho e um lobo

O sobrinho é muito trabalhador e o lobo é muito pragueiro. Um dia o sobrinho e o lobo estavam plantando mandioca. O sobrinho plantava o que é dele, e o lobo comi dele 8 dias depois o lobo sentiu fome e disse: sobrinho tenho fome da-me um pé da sua mandioca. Sobrinho disse disse: Essa mandioca ainda não está preparada para comer. Lobo disse: Tenho fome to não tens alguma coisa para comer o sobrinho arancou-lhe um pé de mandioca e deu-lhe para comer. Um dia o sobrinho estava rodando a sua casa de corda. O lobo disse: sobrinho o que está a fazer, o sobrinho apontou o dedo para nuvens pretas e disse: Aquelas nuvens vêm e se não encontrar alguém marcado vai matar todos. O lobo disse: vendime um pouco da corda, o sobrinho disse: não posso vender. O lobo disse: então amara-me primeiro. O sobrinho amara-lhe, um dia depois um macaco foi comer figo na pé de feijoeira. O lobo disse macaco larga-me um figo. o macaco deu-lhe um figo e caiu na sua boca.

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo A2 Texto: 16
Idade: 12 Local nascimento: Achada S. Filipe - Praia
Línguas faladas em casa: Crioulo, Português, Inglês

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O lobo era muito preguiçoso e o sobrinho era muito trabalhador. Um dia lançaram a plantar mandioca, o lobo comeu todo o seu e o sobrinho cavou o chão e plantou o seu pé de mandioca o lobo sentiu-se fome e pediu ao sobrinho que lhe desse um pé de mandioca e o sobrinho disse que ainda não estava boa para comer. o lobo disse então que lhe desse qualquer coisa que possa comer. Então o sobrinho arrancou um pé de mandioca e deu-lhe. Ele gostou muito e queria arranjar uma maneira de roubar a mandioca do sobrinho. No outro dia o sobrinho tinha uma corda na mão e o lobo perguntou onde ele ia com a corda na mão e o sobrinho atirou a corda para uma nuvem preta e o lobo disse o significa a nuvem preta: E o sobrinho disse-lhe que ia chover uma chuva que matava todo o que não esta amarrado, e então o lobo pediu ao sobrinho que lhe amarrasse primeiro. então esse amarrou passando cinco dia depois, um macaco foi comer figo naquela figueira que estava amarrado o lobo, e o lobo pediu ao macaco que lhe desse um figo e o macaco lançou o figo e caiu dentro da boca do lobo. E o lobo disse ao macaco que lhe disarmasse e daria toda a sua riqueza, e o macaco disse que ele era pessoa que não podia confiar. E insistiu até que o macaco desmarrou-lhe, e pegou no rabo do macaco a puxar, e o macaco perguntou-lhe porque que ele esta a puxar o rabo, e o lobo disse que está a desmarrecer a mão porque tinha muito tempo amarrado e as mãos estava muito mortas. Então pegou no rabo e disse que ia comer-lhe. Naquela altura o sobrinho estava perto deles e disse ao tio lobo, sabes qual e a melhor maneira de comer um macaco. o lobo disse ao seu sobrinho p'ra dizer que ele é um rapaz muito sábio. Amarra o pé e atira para o ar que vai cair dentro da sua boca. O lobo amarrou o pé e atirou o macaco ao ar ficou um dia a espera do macaco com a boca aberta e o macaco foi cair no outro lugar. O macaco disse ao sobrinho obrigado por ter salvado do lobo.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo A2 Texto: 17

Idade: 13 Local nascimento: Hospital Praia Agostinho Neto

Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez o tio lobo e o sobrinho, o tio lobo era muito preguioso, um dia o sobrinho paltou a mandioca, passando dias depois sem se quer a mandioca dava para comer o lobo perseguiu o sobrinho muitas vezes até para o sobrinho lhe dar-se uma mandioca até o sobrinho deu pra ele. Ele queria fazer qualquer coisa para tomar o sobrinho todas as mandiocas o sobrinho tinha muita corda o lobo perguntou, sobrinho para que serve essa corda toda o sobrinho disse ve no céu uma nuvem preta vai ter um temporal que vai levar todas as pessoas, o lobo disse sobrinho então me amaras primeiro o sobrinho disse vou amarar a mim e depois vou te amarar, ó lobo disse não me amara primeiro o sobrinho amarou o lobo bem pertado passando 4 a 5 dias um macaco apareceu naquela pé de figo o lobo disse para o macaco da para ele um figo porque ele está com fome o macaco botou para o lobo e o lobo tinha a boca aberta para cima caiu na boca dele e depois o lobo pediu para o macaco lhe desamarar-se o macaco disse que não deve confiar num homem como ele, o lobo pediu outra vez e o macaco disse que não deve confiar no homem como ele, o lobo insistiu, insistiu até o macaco lhe desamarou, o lobo pegou o macaco na costa o macaco disse o lobo me largar o lobo disse estou a tipegar para ver se a minha mão consegue pegar algumas coisa porque a minha mão está e o macaco enstiu depois o lobo disse para o macaco que vai o matar e comer .o sobrinho que estava lá em cima de um monte disse ó lobo espera eu vou te dizer como pode comer um macaco 1º amaras o macaco os pés e as mãos e folia para cima e abras a boca vai te cair dentro da boca e não vais perder nem um fio de cabelo, o lobo ouviu com o sobrinho e fez como o sobrinho o lobo disse, folhiu o macaco o macaco caiu muito longe dele

Grupo A2 Texto: 18 substituído
Idade: 13 Local nascimento: Hospital Agostinho Neto
Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. Um dia lançaram a plantar mandioca, o lobo comia todo o seu que plantou e o sobrinho não comeu tudo o seu. Alguns dias, o lobo viu do sobrinho a nascer e foi pedi-lo. O sobrinho disse ao lobo que ainda não está bom para comer, então para dasse-lhe alguma coisa de comer. Então o sobrinho apanhou um pé e deu-lhe, ele gostou, e queria correr com o sobrinho. No dia seguinte o sobrinho passou junto da casa do lobo com uma corda e o lobo perguntou aonde vais o sobrinho pontou-lhe o dedo para a nuvem e disse que ia amarrar-sse e o lobo pediu que amarrasse o primeiro porque aquela nuvem levava tudo o que não estava amarrado e o sobrinho () o lobo numa figueira. Passando tantos dias um macaco foi comer figo na figueira e encontrou o lobo amarrado o lobo pediu ao macaco que botasse-lhe um figo ele botou e caiu dentro da boca do lobo e pediu que dessamarra-lo ele não concordou lobo pediu por quatro vezes para que o macaco dessamarra-lo em que prometeu dar-lhe tudo o que havia na sua terra ele dessamarrou-o e o lobo pegou-lhe no rabo e o macaco disse a onde vais me levar e lobo disse que ia lhe comer o sobrinho estava por perto e disse tio lobo sabes qual é o melhor maneira de comer um macaco, amarra-o os pés e atira-o para cima que caí dentro da sua boca que não ficará nenhum ponta do fio do cabelo, o tio lobo concordou e disse ão sobrinho que é um homem sábio, atirou-o para cima e caiu distante da sua boca o lobo ficou um dia a espera do macaco ele agradeceu ao sobrinho por ter salvado.

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo A2 Texto: 18
Idade: 13 Local nascimento: Órgãos
Línguas faladas em casa: Crioulo

A maneira de comer um macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O lobo comia muito e era preguiçoso mas o sobrinho era um rapazinho muito trabalhador. Num certo dia o sobrinho convidou o tio para irem plantar a mandioca mas o tio recosou, então o rapazinho foi plantar a sua mandioca sozinho. Passando alguns dias o tio lobo foi ter com o sobrinho na horta e pediu-lhe um pedaço de mandioca para comer, mas o rapazinho disse-lhe que ainda não era tempo para tirar a mandioca, mas o tio lobo insistiu e o sobrinho satisfazer a vontade do tio, o tio lobo logo que provou a mandioca viu que era bom e começou a planejar como correr com o sobrinho da horta para poder ficar com todas aquelas mandiocas. Passando três dias o sobrinho estava a passar a porta da casa do tio lobo com umas cordas e o tio ao viu passar perguntou-lhe para onde ia com aquelas cordas e o sobrinho apontou-lhe o dedo numa nuvem que estava muito escura e disse-lhe que ia ter uma tempestade e todos os devem marar porque senão iam morrer. O sobrinho começou a marar e o tio pediu-lhe que marasse primeiro e o sobrinho amarou-lhe. Passando uns dias um macaco veio comer figos quando o lobo estava amarrado. O tio lobo pediu ao macaco que lhe botasse uns figos e o macaco botou-lhe e caiu-lhe mesmo na boca, mas o tio lobo não conformou e pediu ao macaco que lhe desamarar-se e o macaco disse-lhe que não vai desamarar-lhe porque o lobo era muito esperto e era capaz de o comer-lhe. Mas o lobo insistiu e disse para o macaco que ia dar-lhe todos os bens que lhe o pertencia, o lobo insistiu ao macaco quatro vezes e por fim o macaco desamarou-lhe, logo que o macaco começou desamarar-lhe a mão ele agarou o macaco e o macaco disse-lhe: o quê que estas a fazer e ele respondeu: eu vou-te comer agora e o macaco pediu-lhe para não o comer. Naquele momento o sobrinho do lobo apareceu e disse ao lobo: Meu tio não é assim que come um macaco é só amarar-lhe os pés e botar pr'a cima que vai cair mesmo na sua boca e o lobo agradeceu o sobrinho botou o macaco prá cima e o macaco caiu longe do alcance do lobo, e o macaco disse ao rapazinho eidi-o recompensa-lo porque salvasti-me a vida.

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo A2 Texto: 19
Idade: 15 Local nascimento: Em Ponta D' Agua
Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez um tio lobo e o sobrinho. O tio lobo era muito preguiçoso mas o sobrinho não, o sobrinho resolveu plantar algum pé de mandioca num campo. O tio lobo veio a casa do seu sobrinho e disse para dar um pé de mandioca para comer e o sobrinho disse que ainda não dá para comer e depois o sobrinho ficou com pena e rincou um pé de mandioca e deu para o tio lobo, e o tio lobo achou muito saboroso. E um dia foi a casa do sobrinho e apanhou os pés da mandioca que lá estava plantada, e o sobrinho que era muito esperto foi enganar o tio lobo. Naquele dia o tempo estava muito bafado e o sobrinho foi a casa do tio lobo com uma corda e o tio lobo perguntou essa corda é para quê e o sobrinho respondeu você está vendo esta nuvem preta que está lá no alto e disse é para marrar-me porque todos as pessoas vão se marar porque vem uma tempestade e o tio lobo disse amara-me primeiro e o sobrinho disse não e depois o sobrinho, amarrou o tio lobo bem amarado deixou passar um dia dois dias e não choveu e apareceu um macaco e estava nem pé do figo e o tio lobo disse bota-me um figo e o macaco botou na boca e o tio lobo disse ao macaco desmara-me macaco e o macaco disse não e voltou a repetir muitas vezes e o macaco e o macaco disse não e o tio lobo disse desmara-me e darei tudo que tenho darei as minhas terás e darei tuodo e o macaco disse que não e depois o macaco desmarou o tio lobo e o tio lobo agarou-lhe ao rabo e disse agora vou te comer e o sobrinho estava por perto disse sobe qual é a melhor maneira de lhe comer amara-lhe os pés e as ma~es e bota-o para cima e não vai restar nenhum pedaço e o tio lobo disse ao sobrinho tu és muito esperto e é isso mesmo que vou fazer e o tio lobo, amarrou o macaco e botou para cima sem alto e o sobrinho agarou o macaco e o tio lobo ficou um dia a espera do macaco e o macaco caiu do outro lado. O macaco disse obrigado sobrinho salvasti-me da boca do tio lobo.

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo A2 Texto: 20
Idade: 14 Local nascimento: Achada S. Filipe
Línguas faladas em casa: Língua materna, Crioulo, Português

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O tio lobo era malandro comia tudo que aparecia. Os dois foram plantar mandioca o sobrinho plantava, enquanto que o tio lobo comia, passando alguns dias o lobo ficou com fome e recoreu ao sobrinho pedindo-lhe que dase-he uma mandioca para provar. O sobrinho não quis dar mas ele insistio, provando a mandeoca o lobo pensou em correr com o sobrinho. Dias depois o sobrinho tinha uma corda grande, e o lobo perguntou-o pra que presizava da corda, e ele disse que é um temporal que estava pra chegar e que levava tudo que não estava amarado o lobo dideu que o amarase e ele marou. Passando dias o lobo ficou com fome e um macaco estava na figueira onde o lobo estava amarado e ele pediu que o da-se um figo e ele deu-o, ele pediu ão macaco que-lhe desmara-se e que ele daria a sua terra ao macaco e tudo que la encontra-se, o macaco recusou pediu varias vezes pela ultima o macaco aceitou e o desmarou, quando o desmarou e ele agarou o macaco pelo rabo querendo comelo. O sobrinho que estava por perto dese-lhe que a melhor maneira de comer o macaco é amarlo e boutar para cima e não perderá nem uma pontinha de cabelo e ele fez. O lobo ficou um dia de bocas aberta, a espera do macaco. Dias depois o macaco agradece o sobrinho por lhe ter salvo a vida.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 1

Idade: 16 Local nascimento:Covada

Línguas faladas em casa: Crioulo

Na história que eu acabei de ouvir entendi que o lobo e o sobrinho teve uma pequena discussão porque o lobo era malandro não trabalhava e sobrinho trabalhava plantava mandioca depois do lobo fui para o campo de sobrinho e disse para o sobrinho que tem fome e que quer provar a mandioca, o sobrinho não deu a mandioca e o lobo disse para o sobrinho para arranjar qual quer coisa para comer; Depois o sobrinho estava a passar com muitas corda e o lobo disse ão sobrinho para quê que o sobrinho estavas a caregar as cordas e elle pediu a corda ão sobrinho e ele não deu a corda ão lobo e disse ão lobo que aquelas nuvens pretas era temporal e que tem de marar as mandiocas. O lobo fui e encontrou o sobrinho a marar as mandiocas e desse para o sobrinho para marar elle e o sobrinho morreu bem marado.e de três ou quatros dias o macaco estava a passar e a comer figo e pediu o figo ão macaco e o macaco arrancou o figo deu ão lobo despoes o lobo queria comer o macaco e desse ão macaco para desamar elle e que o macaco tem a terra e todos as plantas, o macaco não queria assoltar o lobo mais em gonou o macaco e assaltou o lobo e o lobo agarou no rabo e disse que vai comer o macaco agora, depois o sobrinho estava perto disse lobo para amarar o pé de macaco para fluiar o lobo marou o macaco e fluiou com muita forca e ficou um dia com a boca aberta a espera para o macaco e o macaco disse para o sobrinho que elle era muita esperto.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 2

Idade: 14 Local nascimento: Rebeireta Línguas faladas em casa: Crioulo

Como comer o macaco

O tio lobo era malandro e comia tudo o que encontrava e o subrinho era trabalhador, pois um dia o subrinho cultivou a terra para mandioca e a mandioca começou a crescer e o tio lobo tinha fome e pediu ao subrinho da-me um da sua mandioca e o subrinho disse, ela ainda não tá pronta tio e o lobo disse da-me o que tens de comer o subrinho atreventou, o lobo diz quero prova-lo e o subrinho deu e o lobo godtou e queria fazer maneira de ficar com a mandioqueira toda só para ele e depois de 2 dias o subrinho passou na casa do lobo com muitas cordas e o subrinho apontou para um nuvem preta e disse para o lobo se ta vendo o que tem aquela nuvem, subrinho disse é um temporal que vai acontecer e quem não estar amarado morre o lobo pediu para vender um pouco da corda o subrinho disse que não ia vender porque precisa dela para amarar e ele começou a marrar e o lobo disse amara me premeiro e o subrinho começou a marar o lobo num pé de arveres e depois de 5 dias um macaco estava comer o figo onde o lobo estava amarado e o lobo desse macaco joga me um figo e o macaco jogou e cai por dentro da boca mesmo o lobo começou a pedir para desmara-lo e o macaco recozou e ele pedir de novo dis que dava tudo que tinha que da toda a sua terra o macaco diz que ele não e gente, o macaco recozou por quatro vezes o ele acabou por concordar por desmara-lo e o lobo pegou no rabo o macaco dise vou comedo aque mesmo porque ta me agarando o rabo lobo depois de tanto tempo amarado o macaco disse se que eu fui emportante para te, o subrinho estava la no alto e disse tio lobo tu sabe a melhor maneira de comer macaco amaralo os pés e joga para o alto e abra a boca que come-o todo que nen os cabelos resta o lobo disse boa ideias, o lobo jogou para o alto e ficou a esperar de boca aberta e o macaco foi cair fora do alcance do lobo o macaco disse obriga subrino por me livrar do lobo.

Escola Secundária Padre MonizGrupo
: A3 Texto: 3
Idade: 16 Local nascimento: Espinho Branco
Línguas faladas em casa: Crioulo

Maneira de comer macacos

o lobo e o seu subrinho fizeram uma hosta mais o lobo era muito malandro o seu subrino era trabaliado a horta do seu subrindo estava muito verde a horta do lobo não tinha nada o lobo tinha fome foi ate a horta do seu subrinho e desse-lhe estou com muita fome aranjame um resto do seu mandioca para comer o subrinho desse que a mandioca ainda não chega comer o lobo desse então qualquer coisa que da para comer o subrinho desse que não tem outro coisa que da para comer ele deu mandiocas para o lobo o lobo comeu e dicituiu aranzar maneira de tornar mandioca ao céu subrinho o subrinho o subrinho mareu o lobo é o lobo viu uma nuvem preta a perguntou que isso macaco o macaco desse isto é a temporal que mata todo aquilo que esta marado a nossa volta o lobo pediu paramacaco deu a corda que tinha na mão o macaco disse que não o lobo de então para macaco asolta ele que ele vai dar todo o seu terreno que ele tinha o macaco desse que não por que ele já conheceu a espertesa do lobo o lobo pediu três vezes macaco a ele quando o macaco asolta ele. Ele pegou ao rabo do macaco. o macaco pediu para tilobo asoltaele o tilobo disse que não o subrinho do tilobo desse-lhe meu tio eu aranzo você maneira de comer macaco manda ele para cima com muita força ele vem directamente para sua boca não vai arestar num um fio de cabelo ele desse ès muito esperto meu sobrinho. Ti lobo mandou macaco derectamente para cima na macaco caiu longe da sua boca o lobo ficou de boca aberta a esperar para todo tempo.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 4

Idade: 16 Local nascimento: S. Miguel Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

A história que acabei de ter ouvido está referir uma história entre o lobo e o subrinho era a melhor forma de comer macaco, que daí um belo dia em que o lobo encontrava o subrinho com uma horta que continha muitas mandiocas ele comessava a pedir o subrinho aquele mandioca para comer e o subrinho não queria lhe dar mais atromentou até que no momento resolveu entregar para o lobo um pé daquele mandioca e o lobo passou a gostar muito resolveu a tomar conta de tudo para comandar e o subrinho não queria que isso acontecia pençou prender o lobo agarou numas tiras de corda deu uma volta até a presença do lobo e o lobo disse-lhe então subrinho para quê que você tens tantas cordas a subrinho respondeu com um sinal em direção a umas nuvens escura e o lobo disse quê isso o subrinho respondeu olha nessa semana vai fazer um temporal muito forte e quem não estivesse amarado vai sofrer a consequência de morte agora eu te rago essa corda para me amarar e o lobo respondeu não amara-me o subrinho marou lhe bem amarado numa pé de figueira passando alguns dias um macaco passou por aí e o lobo disse o macaco desamara me eu vou te entregar a minha terra dou todos os frutos o macaco disse não vou desmarar você não é alguém de confiar tudo descotiram por cinco vezes o macaco desmarou-o e o lobo agarou na ponta do rabo para correr e o macaco disse lhe para deixar e o subrinho que estava numa montanha ali perto disse o tiu lobo quero dizer te qual é a melhor forma de comer macaco ó amarar e dirigir ao alto vai entrar a por dentro da boca e o lobo concordou dirou o macaco para o ar e o macaco perdeu muito longe e o lobo ficou a espera.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 5

Idade: 15 Local nascimento: Praia Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Havia lobo e o sobrinho o lobo não gostava de trabalhar o sobrinho trabalhava. O sobrinho pegou numa terra começou a cavar para plantar pés de mandioca. um dia o lobo viu a planta do sobrinho e disse ao sobrinho tenho fome e quero provar a mandioca o sobrinho disse que ainda a mandioqueira não tem filhos o lobo pediu-o de novo o sobrinho resolveu e pegou num pé da mandioqueira e deu-lhe o lobo provar e resolveu tomar terra onde o sobrinho cultivou mandioca. Dois dias o sobrinho passou pela rua da casa do lobo com duas cordas e lobo viu-o e perguntou, sobrinho isto é para que?. O sobrinho apontou o dedo para uma nuvem preta ao norte, o lobo disse o que é isto. É um temporal que vai apanhar todas as pessoas que estão disamaradas, o lobo disse vende-me a corda o sobrinho disse não e para ver e o sobrinho começou a amarar o lobo disse amara-me, o sobrinho amarou o lobo numa figueira bem amarado e deixou-o. Cinco dias depois um macaco foi comer figo, e o lobo disse da-me um figo porque tenho muito fome o macaco tirou o figo para o lobo e caiu mesmo dentro da boca. O lobo pedia ao macaco para o largar a macaco disse não és um homem que eu confio, o lobo tornou a repetir 4 vezes e o macaco concordou a largar o lobo, o macaco largou-o e o lobo pegou-o no rabo, o macaco viveu e perguntou porque é que estão a pegar no meu rabo. Já teves muito tempo amarado vou-te matar agora e comer aqui mesmo, larga-me, não te largarei. o sobrinho que estava num monte muito alto e ele disse Tudo para te dizer a melhor maneira de comer macaco o lobo disse sim, marca-o os pés e atira para o ar. o lobo atirou com toda a força e caiu fora do seu alcance.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 6

Idade: 16 Local nascimento: Achada do monte Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

O lobo e um rapaz muito prigoso o seu sobrinho andava a trabalhar muito e plantava mandioca e o tio lobo nada não fix depois um dia o tio lobo resolveu a comer a mandioca e dese ao sobrinho para lhe dar a mandioca ou qualquer coisa de comer porque ele está com muita fome o sobrinho respondeu au fio lobo ele não esta pronto para comer e o lobo dese que ele quer esprimetar a mandioca dai o sobrinho muito priciptado e rincou um pê da mandioquera e deu lhe ou tio lobo depois um dia o subrinho amarou a corda na casa dele e o lobo perguntou para que é toda esa corda e o sobrinho apontou o dedo para uma nuvem muito preto e dese ão lobo é um temporal que vaise formar para levam toda aquela que não esteve amarado dai o lobo resolveu que o sobrinho vendia-lhe a corda depois o lobo respondeu então amara me primeiro e o sobrinho amarou o lobo ao pé de uma figeira daí a quatro dia dipos apareceu um macaco a comer figo e o lobo dese ao macaco para botar-lhe o figo porque ele tinha muita fome e o macaco botou-o e caio mesmo na boca dai o lobo dese para o macaco para lhe desmarar que lhe dar todo que ele tem e o macaco dese que o lobo não é um homem de palavra o lobo pidio-lhe quatro vezes e o macaco não concordou ao fim o macaco resolveu a desmarar-o e o lobo agarou-o no rabo e o macaco dese, porque que o senhor esta a agarrar o meu rabo o lobo respondeu eu vou ti comer agora dai o sobrinho apareceu em cima do monte e dese au tio eu vou-te dezer melhor maneira de comer macaco amara-o e atira-o para cima e vai-se abriro boca e vais comer e não vai restar nennum fio de cabelo dai o lobo concordou com o sobrinho e o lobo atirou o macaco e o macaco caio fora do alcance do lobo e o lobo ficou um dia a espera de boca aberto.

A melhor maneira de comer macaco

O lobo era malandro e comia tudo que aparecia. Mas um dia ele combinou com o sobrinho para irem plantar as mandioqueira e quando as mandioqueira do lobo cresceu ele comeu tudo e do sobrinho cresceu e o lobo resolveu comer as mandioqueiras do sobrinho. O sobrinho passa uma corda da casa do lobo até uma pé de figueira e o lobo pediu au sobrinho que lhe amara-se 1º e o sobrinho amarou o lobo pasando cinco dia apareceu um macaco a comer figo ele pediu o macaco que lhe da-se um figo e o macaco atero-lhe umo que caiu dentro da boca e ele disse mocado me solta o macaco disse mas elle prometeu au macaco que ele daria o terreno dele com tudo o que ca estiver o macaco desmarou ele e o lobo pegou o macaco no rabo e o maco perguntou ele porquê que ele esta a pegar ele na rabo ele respondeu que vai comer ele agora e o sobrinho que estava em cima de um manto gritou tio lobo queres eu te enzine a melhor forma de comer macaco ele disse sim o sobrinho disse amara-lhe os pés e atira para o alto ate caira dentro da tua boca o lobo disse és tão esperto o lobo fez e atirou o macaco com toda o força e o macaco caiu longe e lobo não vio o macaco e o macaco foi agradecer o sobrinho por ter-lhe salvado a vida.

A melhor maneira de comer o macaco
História! História!

tinha um tio lobo e um subrinho o ti lobo o tio lobo era preguiçoso e o subrinho era trabalhador e elles queram fazer uma orta, o subrinho cavou o chão e plantou mandioca e o tio lobo tinha fome e pediu ao seu subrinho para dar mandioca para comer porque tinha fome e o subrinho disse para elle que não estava bem bem para comer e o tio lobo disse para arranjar alguma coisa para comer e o tio lobo disse para dar mandioca para comer e subrinho tirou e deu-lhe e o tio lobo comia tudo e o subrinho buscava maneira para não comer arranjou duas cordas e fui a casa do seu tio e perguntou essas cordas e para quê pontou o dedo para nuvens pretas, que significa subrinho é sim temporal que quer fazer, para marrar toda gente, o tio lobo disse vendi-me um corda, ele disse não vou vender, o subrinho foi para marrar e o tio lobo disse Mara-me primeiro e subrinho marou ao pê da figueira e o subrinho fugiu de lá, um dia apareceu um macaco e subiu a figueira e elle disse dá-me ficos para comer, e o macaco atirou um e caiu dentro da boca do tio lobo e o tio lobo disse dismara-me e o macaco disse não vou ficar e o tio lobo disse outra vez e o macaco disse não vou confiar em você não és homem para eu confiar e o tio lobo disse mais 4 vezes e o macaco desmarou-lhe e ele agarou o macaco e o macaco disse porquê que estas a pegar-me no rabo e o ti lobo, disse, porque eu estava tanto dia marrado e eu quero para minha mão acordare o macaco disse larga-me para eu ir e o lobo disse não vou largar, e o macaco disse vou comer você aqui mesmo o subrinho estava perto e disse tio lobo vou te disser a melhor maneira de comer macaco e subrinho disse amara-lhes os pés e larga para cima com força vai cair dentro da boca e o tio lobo disse és esperto e o ti lobo largou para cima com muita força e caiu longe da sua alcance e o tio lobo ficou um dia com a boca aberta.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 9

Idade: 16 Local nascimento: Pilão-cão Línguas faladas em casa: Crioulo

Entendi que havia um lobo e o sobrinho que um dia eles resolveram plantar pãos de mandioca. O lobo comeu o seu mandioca todo e resolveu comer o mandioca do sobrinho. Ele disse para o sobrinho que ele tem fome que para a sobrinha dar-lhe um pé do seu mandioqueira e o sobrinho disse que ainda não está boa para comer. E disse para o sobrinho que arranja qualquer coisa para comer. E ele disse que vai ranjar maneira para correr com o sobrinho para ficar com toda essa mandioca. O sobrinho disse à um nuvem preta que vai matar toda gente que não está amarado. O sobrinho vem com a sua corda para marrar a sua cabeça e o lobo disse para amarrar de premeiro e o sobrinho amarar-te num pé do figueira bem amarado durante quatra à cinco dia chegou um macaco ao pé de figueira para comer figo. o lobo disse ó senhor macaco bota-me um figo e o macaco bata aquele figo e caiu dentro da sua boca. O lobo disse ao macaco desamarou-me vou dar-te toda a minha terra e tudo que encontra na terra. O macaco disse que não vai desmarar-te porque não és pessoa de confiança. ele voltou a diser quatro vezes e o macaco concordou. O macaco começou a desamarar e o lobo agarou macaco no seu rabo. O macaco disse para que é que está agarar no meu rabo e o lobo respondeu para comer-te agora mesmo e o sobrinho estava perto encima de um monte gritou e disse o lobo. sabia que a melhor maneira de comer macaco é para amarar o pé e atirou para o ar. E o lobo disse ao sobrinho que és muito esperto. O lobo amarou o pé e atirou ao ar. O macaco caiu tão longe. E o lobo teve um dia com a boca aberta à espera da macaco.

Escola Secundária Padre Moniz

Grupo: A3 Texto: 10

Idade: 17 Local nascimento: Veneza Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

havia um lobo e o seu sobrinho o lobo era o mais comelom. Comia tudo o que axava. O sobrinho era mais trabalhador o lobo e o mais malandro, o sobrinho plantava a mandioca e o lobo gosta muito queria arangar uma maneira de tirar o sobrinho da orta dai o tio lobo disse sobrinho vê o nuvem como esta ele disse e o sinal da tempestade tio lobo deisse ão sobrinho para aranzar uma corda. O lobo estava a passar junto de uma figueira e o macaco amarou, tio lobo disse macaco para longar um figo o macaco deu tornou a pedir. O lobo disse para o macaco que largou e vai dar todos os campos, o macaco disse que não e homem de confiança. O macaco disarmou o lobo. o lobo pegou no rabo e o macaco disse o que estas a agarrar o meu rabo e porque estava marado tanto tempo quer acordar deixa-me ir embora não vão de matar e comer di mesmo. Eai apareceu o sobrinho e disse tio lobo vão aranzar a melhor maneira de comer macaco e o sobrinho disse o tio lobo que o (torar o macaco e empura com forsa para cima e vai comer de melhor o tio lobo disse ão sobrinho que é o mais esperto. O tio lobo fez tudo o que o sobrinho disse, o macaco caiu muito longe. O tio lobo disse ão sobrinho que esta a dever uma. O macaco disse o sobrinha que salvou do lobo.

A melhor maneira de comer o macaco

Era um vez um tio lobo e um sobrinho. O tio lobo era muito preguiçoso, e o sobrinho é muito trabalhador, plantava mandioca e quando que o tio lobo viu a planta do sobrinho a crescer de pediu ao sobrinho uma pé da planta e o sobrinho disse que a planta ainda não esta pronto para comer e o tio lobo respondeu que então para lhe dar o que ele come, e o sobrinho ficou abaralhado ate arancou um pe de planta e deu ao ti lobo. Um dia sobrinho apanhou duas cordas e passar frente de tio lobo e ele vio e perguntou o sobrinho para quê que serve esta corda? O sobrinho apontou uma nuvens preta e disse aquela nuvem aproxima e mata todo que esta solto, tio lobo desse não e o sobrinho começou a marar ele mesmo e o tio lobo desse amara-me premeiro. O sobrinho amarrou-lhe muito bem amarrado. Ele ficou la 4 a 5 dias e vio um macaco que esta a comer figo ele disse deu-me um figo, o macaco tirou-lhe o figo e deu ao ti lobo e caiu dentro da boca. O tio lobo pediu ao macaco que alargou ele. O macaco disse não. Ele voltou a pedir ao macaco que se alarga-se ele vai dar todo a sua terra e aquilo que nela esta. O macaco respondeu que não vai confiar nele. o ti lobo desse 4 veses o macaco acreditoi nele e desse que vai largar ele. O macaco alargou o tio lobo. Quando o macaco alargou ele o tio lobo pegou o macaco no rabo. o macaco disse para ele largar o seu rabo e ele disse que ja tem quanto tempo marado e o seu mão esta morto e que coloca vivo Ele disse eu vou matar-te agora e comer o macaco disse eu sou fiel contigo. O sobrinho estava no alto da montanha e vio o tio lobo com macaco pegado no rabo e desse ao tio lobo se ele pode dizer a melhor maneira de comer macaco e ele desse sim. O sobrinho desse para o tio lobo amarrou o macaco pé e flhou-lhe na altura o tio lobo fez sima o sobrinho disse e o macaco caia em longe distancia que não pode alcansar. e o macaco disse o sobrinho que lhe salvou. O tio lobo ficou um dia inteiro com a boca aberta.

A melhor maneira de comer macaco

Era um vez o tio lobo e o seu sobrinho, mas só que o tio lobo era muito malandro e o seu subrinho era trabalhador. Um dia eles foram plantar mandioca mas o lobo comia tudo que tinha e quando viu as plantas de subrinho a crescerem ele foi pedir ao sobrinho e o subrinho disse: - Eu não posso te dar porque ainda não é tempo para recolher. Mas o lobo insistiu e disse-lhe então dá-me o que tens de comer. E atormentou o subrinho até que o subrinho tirou e deu-lhe uma mandioca. Mas o lobo foi fazer um plano para correr com o sobrinho e ficar com tudo o que era do subrinho. Mas um dia o subrinho passou em frente da casa do lobo e o lobo perguntou-lhe: O sobrinho, onde é que vais com essas cordas grossas? O subrinho apontou-lhe o dedo para o norte e disse-lhe: - Estas a ver essa nuvem preta (escura) ali, ela é uma temporal que vem e mata tudo o que não está amarrado. E o lobo disse-lhe: - vende-me um pedaço da corda. O subrinho disse-lhe: - não posso vender-lhe porque eu vou amarrar a mim. E o subrinho fingiu que estava a amarrar e o lobo disse: - Amarra a mim primeiro. O subrinho amarrou-o bem amarrado e foi embora. Quatro dias depois passou um macaco e subiu uma figueira em que o lobo estava amarrado e o lobo disse-lhe: - Ho macaco, atira-me um figo. E o macaco atirou-lhe que acertou mesmo dentro da boca. E o lobo voltou a pedir-lhe: - dá-me macaco. O macaco respondeu-lhe não não posso dar-lhe porque tu não és uma pessoa que posso confiar. E o lobo disse-lhe dá-me macaco eu ti darei toda a minha terra. E o macaco recusou por 4 vezes. E por último o macaco concordou e amarrou-o. Mas o lobo agarrou-o no rabo e o macaco disse-lhe: - o lobo porque é que estás a agarrar-me na minha cauda? E o lobo respondeu-lhe: - É que as minhas mãos estão dormentes, e eu quero acordá-las. E o macaco disse-lhe: - solta-me lobo, porque isso é bom para ti. O lobo disse-lhe: - Eu vou matar-te aqui e comerei-te aqui. Mas o sobrinho estava por perto e disse ao lobo gritando: - O tio lobo você sabe qual é a melhor forma de comer macaco? - Amarra-lhe os pés e atira-o para cima e abre a boca e olha que não vai sobrar nem uma ponta do cabelo. E o lobo disse ao sobrinho és mesmo esperto. E é assim que eu vou fazer. E o lobo atirou o macaco para cima com toda a força mas só que o macaco tinha caído fora do seu alcance, e o lobo ficou com a boca aberta para o céu durante um dia. E o macaco disse ao sobrinho: - obrigado subrinho, obrigado por ter-me salvo do seu tio lobo.

Um lobo e o seu sobrinho

Um lobo que comia tudo o que encontrava. Um dia o seu sobrinho foi plantar mandjoca, e o tio lobo não plantara nenhuma e quando o sobrinho já tinha plantado todo o lobo viu a mandjoca do sobrinho a crescer, pideo ao sobrinho para dar um povo da sua mandjoca e o sobrinho diz que a mandjoca não está pronta ainda para comer e o tio lobo diz para lhe dar um qualquer comida para comer e o sobrinho rincou um pé para lhe dar, o tio lobo sentiu gostoso, queria ficar com a mandjoquera. No dia seguinte o tio lobo viu o sobrinho com muitas corda, perguntou-lhe onde vai com esa corda, e o sobrinho diz que vai over um temporal que mata tudo o que não estiver marado, o lobo diz para sobrinho vender um poço de corda e ele não vendeu e foi ao pé de um arve e pois a marar, o tio lobo diz para parar ele primeira, o sobrinho marou-o num figueira e foi embora. Chegou um macaco foi comer figo e o lobo diz para o macaco deu-lhe um figo e o macaco aterou-lhe um figo que caia mesmo dentro da sua boca, o tio lobo pediu para o macaco desmara-lhe e de quatro vezis o macaco desmaro e o lobo agarou-o no rabo o macaco diz porque que ele agara no rabo e o lobo diz que já tinha quanto tempo amarado que a mão estava adormente que vai acorda-la e o lobo diz para o macaco que ele vai matar ele e comer ele mesmo. De repente pegou o sobrinho que salvou o macaco.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo: A3 Texto: 14

Idade: 16 Local nascimento: Nossa Senhora da Graça-Praia

Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Era um vez o lobo e o seu sobrinho, o sobrinho era trabalhador, plantava tudo o que tinha. e o lobo comia tudo. O lobo via as plantas do sobrinho a crescer, ele pediu ao sobrinho uma das mandiocas dele porque ele estava com fome, o sobrinho dese que não estava boa para comer, ele emplorou até. Sobrinho deu uma das mandiocas dele. O lobo gostou muito e pensou na maneira de ficar com tudo o do sobrinho 2 dias depois o sobrinho pegou na duas cordas e passou por cima da casa do lobo. o lobo perguntou o que era aquilo, o sobrinho disse que ele ia-se amarar porque uma tempestade estava aproximando que ia matar tudo o que não estava amarado. O lobo pediu que o vendesse a corda, o sobrinho desse que não, o lobo pediu então para o amarar. o sobrinho amarou-o. 5 dias depois o macaco saltou na figueira onde o lobo estava amarado para comer figo. O lobo pediu um figo ao macaco, o macaco deu figo ao lobo, o lobo pediu que o saltasse o macaco desse que não que ele não era pessoa para confiar o lobo pediu ate o macaco o saltou. O lobo pegou macaco no rabo. o macaco desse para o saltar, o lobo desse que não que ele ia comer-o ali mesmo. Ai apareceu o sobrinho que disse a melhor maneira de comer macaco e amarar os pés e aterar-o para cima não vai ficar nem um fio de cabelo. O lobo assim fez. O macaco foi cair fora do alcance do lobo. o lobo ficou 1 dia de boca aberta o macaco agradeceu ao sobrinho de o ter salvado de lobo.

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo: A3 Texto: 15
Idade: 16 Local nascimento: Praia
Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer o macaco

A historia fala de tio lobo e o seu sobrinho. O tio era malandro e o sobrinho era trabalhador, o tio comia tudo que tinha. Certo dia decidiram plantar mandioca, mas o lobo comeu-o dele e o sobrinho plantou a sua mandioca, dias depois o tio viu a mandioqueira do sobrinho a crescer então foi ele pedir um pé de mandioca au sobrinho e o sobrinho lhe disse não o tiu insistiu, então o sobrinho tirou um pé de mandioca e deu au tio, ele comeu e gostou muito. Queria aranzar maneira de tirar o sobrinho dele mas dois dias depois o sobrinho apareceu no quintal de tio com duas cordas nas mãos, o tio perguntou-lhe para que soriam ele disse quepur ver aquela nuvem preta ou norte vai haver um tempestade e vai levar tudo que estava desamarrado. O tio pediu as cordas o sobrinho não deu ele insistiu então o sobrinho amarou-o tio bem amarado e durante 4 ou 5 dias apareceu um macaco a comer figos ele pediu um figo ao macaco e o macaco atirou o figo na boca dele e pediu mais vezes. E le pediu ao macaco que lhe disarmra-se e o macaco disse não que ele não era de confiança e insistiu com o macaco e o macaco desamarrou, e ele pegou no rabo do macaco e o macaco perguntou purque, ele disse que as mão estavam durmentes e tinha de acorda-las o tio lobo pensou em comer o macaco naquele momento, mas o sobrinho la estava o sobrinho perguntou ao tio sabes qual é a melhor maneira de comer macaco e ele disse não,o sobrinho disse au tio para atirar o macaco para cima e abrir a boca que caia bem na boca dela e o porque do tio atirou com força e o macaco caiu fora de alcance dele e ficou um dia a espera. O macaco agradeceu o sobrinho pur ter salvo a vida.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo: A3 Texto: 16

Idade: 15 Local nascimento: Nossa Senhora da Graça Praia

Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez tio lobo e o seu sobrinho. O lobo era muito preguiçoso, comia tudo o que tinha o sobrinho era muito trabalhador, o lobo foi a horta do sobrinho viu as plantas do sobrinho a crescer e pediu o sobrinho para lhe dar um pés das suas mandiocas. O sobrinho disse que ainda não estava boa para comer, mais o lobo explorou ate que o sobrinho deu-lhes a mandiocas. ele arancou a maneira para o sobrinho saiu da horta para poder comer todas as plantas do subrinho Dois dias depois o sobrinho passou por casa do lobo com uma, corda na mão. O lobo disse para que serve está corda, o subrinho disse-se ele não esta a ver aquela nuvens preta. O lobo dessi sim o sobrinho que era uma tempestade que ia aproximar e levar tudo o que esta amarado o sobrinho dessi que ia amarar na figueira, o lobo pediu-lhe para amarar primeiro então o subrinho amarou o lobo no pé da figueira. Quatro dias depois o macaco passou para comer figo encontrou o lobo amarado no pé da figueira o lobo pediu-lhe para assoltasse o macaco dessi que ele ia comer que não posso assoltasse depois o macaco dessi que ele ia comer que não posso assaltasse depois o macaco tirou-lhe da corda depois o lobo agarou o macaco no rabo, o macaco pediu para assaltasse a não largou o macaco naquele momento o sobrinho apareceu num monte e dessi ao lobo a melhor maneira de comer macaco é para e amar-lhes os pés e atirou acima e que não perder nem fiu de cabelo o lobo dessi ao sobrinho que ele era muito esperto, mas o macaco cai bem longe do seu alcance. O lobo abriu a boca e ficou a espera até um dia. Depois o macaco agradeceu-o sobrinho por ter salvado do lobo.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo: A3 Texto: 17

Idade: 15 Local nascimento: Nossa Senhora da Graça Praia

Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez tinha um lobo e o seu sobrinho. Os dois trabalhavam numa certa, que plantava mandioca, mas só que o lobo era preguiçoso e o sobrinho era trabalhador. Um dia o lobo viu a mandioca do sobrinho a crescer, então ele foi pedir ao sobrinho que lhe desse uma mandioca, mas o sobrinho disse que não. Ele pediu, pediu até que o sobrinho tirou e deu-lhe. Então dois dias depois o sobrinho veio com duas cordas e o lobo perguntou o que via fazer com a corda, então o sobrinho disse que havia uma nuvem escura e que iam morrer todos. O lobo ficou com medo e disse para o sobrinho amarasse, então o sobrinho amarou-o a uma árvore, e depois de 4 ou 5 dias amarrado, apareceu um macaco que estava a comer o figo, então o lobo pediu ao macaco que lhe desse uma, o macaco deu-lhe, outra vez o lobo pediu ao macaco que o desamarasse, o macaco disse que não porque ele não era pessoa a confiar. O lobo ofereceu ao macaco a sua terra e o macaco desamarou, o lobo pegou o macaco ao rabo, então o macaco disse para o lobo. larga-se o rabo, mas o lobo disse que não, que vai comer aqui. Logo apareceu o sobrinho e disse ao lobo que a melhor maneira de comer macaco é amarrá-lo um dos pés à corda e botar bem alto, então o lobo fez e teve um dia de boca aberta a espera do macaco. o macaco agradeceu o sobrinho por ter salvado.

Escola Secundária Constantino Semedo

Grupo: A3 Texto: 18

Idade: 15 Local nascimento: Hospital Agostinho Neto

Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer um macaco

Havia o tio lobo e o seu sobrinho, um era malandro e outro era trabalhador, o sobrinho tinha uma horta e plantava a sua mandioca e o tio lobo comia um dia ele tinha fome e disse ao sobrinho da-me uma mandioca para eu comer porque tenho fome e não tenho algo para comer e o sobrinho disse-lhe ainda não porque a mandioca esta muito nova, e ele insistiu até que o sobrinho foi tirar a mandioca para dar ao tio lobo e um dia o tio lobo resolveu tirar o sobrinho para fora da sua casa e o sobrinho saiu ele pensou em ficar com tudo que era do seu sobrinho. Um dia o sobrinho passou por quintal da casa do tio lobo com duas cordas nas mão e o tio lobo disse-lhe para que são aquelas cordas e ele disse vês aquelas nuvens pretas ai é um tempestade que vai levar tudo que não está amarrado, e o sobrinho começou a amarrar-se o tio lobo disse: Venda-me um pedaço da sua corda e o sobrinho disse que não e ele disse então amarra-me primeiro e o sobrinho o amarrou-o passando 4 ou 5 dias depois passou um macaco num pé de figo a comer e o lobo pediu-lhe que o atira-se um figo e o macaco atirou-lhe dentro da sua boca e o lobo pediu o macaco que o desamarro-se e o macaco disse que não e ele insistiu por 4 vezes e o macaco o soltou e ele segurou-o rabo e o macaco perguntou-lhe porque é que pegaste no meu rabo porque as mãos estão dormente, e no esato momento a pareceu o sobrinho do outro lado disse em voz alta tio lobo sabes qual é a melhor maneira de comer um macaco amarra-lhe os pés e joga-lhe para bem alto vais comer tudo e não vai sobrar nem um fio de cabelo e ele pegou-lhe e jogou-lha para o alto e ficou a espera um dia para comer macaco com os olhos fechados e a boca aberta.

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo: A3 Texto: 19
Idade: 14 Local nascimento: Praia
Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez o tio lobo e o seu sobrinho, o tio lobo era preguiçoso e goloso, e o seu sobrinho era trabalhador. Cada um deles tinham as suas hortas para plantar mandiocas. Mas o tio lobo comia tudo o que era para plantar e o sobrinho plantava tudo a sua mandioca. Um dia o tio lobo tinha fome e foi peder ao seu sobrinho para dar-lhe uma pé da sua mandioca para comer e o sobrinho recusou e ele insistiu até que o sobrinho lhe deu uma pé e ele notou que a mandioca era muito gostosa a arranjou uma forma para tirar o sobrinho dali e para ficar com toda a mandioca, e o sobrinho notou o que o tio queria fazer e 2 dias depois apareceu com duas cordas na mão e o tio lobo perguntou para que servia aquela corda, e o sobrinho apontou para uma nuvem preta ao norte e disse que era uma tempestade que iria vir e matava tudo o que não estiver amarrado. E ele pediu ao sobrinho que o marrase, e o sobrinho lhe amarrou e o Deixou ali amarrado. 5 dias depois o macaco apareceu ali para comer o figo e o tio lobo pediu-lhe um figo e caiu mesmo na sua boca. Ele pediu ao macaco que lhe desamarrar e o macaco recusou e ele ofereceu ao macaco a sua terra quatro vezes e o macaco Desmarrou-lhe, e ele pegou no macaco ao rabo e o macaco pediu-lhe que o soltasse e ele recusou e disse que o vai comer, e o sobrinho ensinar-lhe a melhor forma de comer o macaco e assim fez e jogou o macaco para cima e o macaco caiu fora do seu alcance e ficou um dio de boca aberta à espera e o macaco foi agradecer ao sobrinho porque ele lhe livrou de ser tão burro e parvo (), e o macaco foi-se embora e escapou da morte nas mão do goloso e preguiçoso tio lobo, e assim terminou a linda história

Escola Secundária Constantino Semedo
Grupo: A3 Texto: 20
Idade: 15 Local nascimento: Ponta d'água
Línguas faladas em casa: Crioulo

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez tinha um tio lobo e o seu sobrinho, o lobo era priguiçoso e o sobrinho era trabalhador um dia o sobrinho plantou as suas mandiocas o lobo pediu o sobrinho que desse um pé da sua mandioca o sobrinho disse que não, que não estava pronta para comer ele pediu até o sobre tirou um pé e deu para ele e ele gosto tentou arranjar uma maneira para correr com o sobrinho de casa para ficar com todo o que era do sobrinho. um dia o sobrinho pegou numa corda saltou para cima do Quental do lado, ele desso o que é isso é uma tempestade que esta a aproximando que matava todo que não estava amarado, o lobo disse ao sobrinho que o vendesse a corda o sobrinho recusou ele desse ao sobrinho que o amara-se premeiro o sobrinho amarou-o 4-5 dias um macaco polou em cima de uma fequeria o lobo dese ao macaco me da um figo porque estou com fome o deu-lhe um figo depois ele desse ou macaco que lhe desamarasse o macaco disse que ele não é gente para confiar nele ele desse que dave tudo que tenho para o macaco, o macaco desamarou-lhe ele pegou no macaco no rabo o macabo pediu para ele saltar-o ele disse que não ea comer ai mesmo, o sobrinho disse ao lobo a melhor maneira de comer macaco, amara-lhe as pés a aterá. Para cima vais cair dentro da sua boca não vai ficar nem um fio de cabelo o lobo fez como o sobrinho desse amarou-lhe o pés aterou-lhe para cima o macaco cai longe do alcance do lobo, ele ficou um dia anteiro á espera do macaco. O macaco foi agradecer o sobrinho ter-lhe salvado.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 1
Idade: 12 Local nascimento: São Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo muito preguiçoso e comia tudo o que parecia pela sua frente, mas tinha um sobrinho muito trabalhado que plantou mandioca na sua horta e o lobo insistiu dizendo que queria uma, até que o sobrinho apanhou um pé a deu-lhe. Passado dois dias o lobo foi marrado numa figueira pelo seu sobrinho que disse que iria ter uma tempestade e quem não esteve-se amarrado iria morrer. lá na árvore chegou um macaco a comer figo e o lobo pediu-lhe e ele resolveu atira-lo um fígado. O lobo insistiu ao macaco dizendo que o daria o seu terreno se o desmarra-se, mas o macaco disse que não confiava no lobo. Mas resolveu desmaralo depois. O lobo pegou o macaco pelo rabo dizendo que iria comelo e o sobrinho chegou naquela altura e disse ao tio que iria ser melhor que ele amarra-se o macaco e o atira-se assim cairia mesmo na boca e ele acriditou no sobrinho chamando-o sábio e atirou o macaco. Mas o macaco caiu fora do alcance do lobo e agradeceu o sobrinho por o ter salvo e o preguiçoso do lobo ficou um dia com a boca aberta a espera que o macaco cai-se na sua boca.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 2
Idade: 12 Local nascimento: Holanda
Línguas faladas em casa:

O texto contanos a história de dois lobos. Um era grande, mau e preguiçoso e tinha um sobrinho pequeno, esperto e trabalhador. Conta-nos também que nunca devemos confiar em quem não nos dá confiança. Como por exemplo quando o lobo mau foi amado pelo sobrinho, um pobre macaco deu-lhe de comer, ajudou-o a se desamarar e este que devia se mostrar grato tentou come-lo. O sobrinho com a sua esperteza fez o tio cair num simples golpe. O lobo deitou o macaco para o ar esperando que o macaco cai-se em sua boca mas o macaco foi cair noutra lugar ficando a salvo e agradecendo o sobrinho do lobo, demonstrando um gesto de gratidão. Pobre lobo que ficou dois dias de boca aberta, esperando o macaco cair.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 3
Idade: 12 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

Era uma vez um lobo que andava muito esfomeado e do seu primo que era muito trabalhador. Um dia o seu primo enganou-o e amarrou-o para ele não ter que comer as hortaliças que estavam na orta do seu primo passado cinco dia um macaco desamarrou-o e como estava com fome resolveu comer o macaco. O seu primo como era muito esperto disse-lhe para amarar o macaco e atira-lo ão ar, assim caia-lhe dentro da boca sem sair um fio de cabelo.Então assim foi feito o lobo atirou o macaco ao ar e ele abriu a boca e o macaco caiu mnoutro lugar.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 4
Idade: 12 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

A história fala de três personagens: ti lobo, o sobrinho e o macaco. Ti lobo era muito preguiçoso enquanto o sobrinho trabalhava. Certo dia o sobrinho passou pela casa de ti lobo com uma corda e ti lobo perguntou-lhe o que ia fazer. O sobrinho disse-lhe que vinha uma tempestade e que ia amarrar-se. Quando o sobrinho começou a amarrar-se ti lobo pediu-lhe para o amarrar primeiro e o sobrinho amarrou-lhe numa figueira. Passado alguns dias ti lobo começou a queixar fome e apareceu um macaco. Ti lobo pediu-lhe para o mandar um figo e assim fez. Depois ti lobo pediu-lhe para lhe desamarrar mas o macaco não aceitou e ti lobo o atormentou tanto que lhe tirou-lhe de lá. Ti lobo agarrou-lhe pelo rabo e o macaco disse-lhe para a tira a mão e foi nesse momento que apareceu o sobrinho e disse ao ti lobo para lançar macaco ao alto que lhe caía dentro da boca. Mas o macaco caiu noutra lugar. E ti lobo ficou um dia com a boca aberta a espera do macaco.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 5
Idade: 12 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

Havia o lobo e o seu sobrinho

Um dia o lobo e sobrinho plantaram um pé de mandioca. No dia seguinte o tio lobo estava pedindo mandioca porque estava com fome, o sobrinho lhe deu mandioca. No outro dia o sobrinho estava com muita corda e perguntou para quê precisava. O sobrinho disse que era para amarrar porque se não ia morrer. O tio lobo disse para lhe amarrar primeiro, sobrinho amarrou-lhe muito bem num pé de figo. Passando 5 dias, apareceu um macaco subiu na árvore e começou a comer figo, o lobo pediu-lhe um figo arremeçou e caiu-lhe na boca pediu mais, mas depois o lobo pediu para lhe soltar o macaco disse que não porque ele não era um homem de confiança. Depois lhe soltou, o lobo pegou-lhe no rabo, o macaco perguntou porquê que ele estava pegando no rabo. Porque as mãos estavam dormindo. O lobo viu o sobrinho. O sobrinho lhe disse para arrancar os pés e arremeçar no alto e cai-se na boca. O lobo fez-se assim e arremeçou o lobo bem longe e foi que não se via o macaco se caía na boca.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 6
Idade: 12 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

O texto falava do lobo, preioso e comia de mais, e o seu sobrinho que trabalhava de mais. O seu sobrinho plantou uns pés de mandioca o lobo pediu o sobrinho disse que não depois ele insistiu e depois deu uma e ele encontrou boa e queria mais. Depois marrou uma corda numa pe de figueira e viu uma nuvem e perguntou o que é aquilo ele disse que não e depois o lobo disse para marar primeiro e o sobrinho amarrou primeiro. Ele ficou quatro ou cinco dia amarado até que o macaco apareceu. Ele pediu o macaco para mandar o figo e o macaco mandou pediu outro e o macaco mandou mais e depois pediu para soltar e o macaco disse que não era homem de confiança. Depois soltou e pegou o macaco no rabo e o macaco perguntou porque ele pegou ele disse que estava com fome ia matar logo la.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 7
Idade: 12 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

Melhor maneira de comer um macaco

Numa casa, no meio do bosque vivia o lobo e o seu sobrinho. O lobo era preguiçoso e comia tudo o que parecia pela frente e o sobrinho era trabalhador. Um dia eles foram plantar mandioca. O lobo comeu toda a mandioca que ia plantar e o sobrinho plantou os seus. O lobo, vendo as mandiocas do sobrinho a crescer, pediu-lhe um pé para comer, mas o sobrinho recusou porque ainda não estavam crescidas. O lobo implorou-lhe até que lhe deu um pé da mandioca. O lobo pensou na melhor maneira de correr com o sobrinho para ficar com as mandiocas. Dois dias depois o sobrinho estava com duas cordas. O lobo perguntou para que queria as cordas e o sobrinho apontou para uma nuvem negra no norte. O lobo perguntou o que era aquilo e o sobrinho respondeu que era uma tempestade que levaria muita gente. O lobo disse para o amarrar primeiro e o ele o amarrou com força. Cinco dias depois, apareceu um macaco ali e o lobo implorou-o para o desamarar, assim o fez. Logo o lobo pegou-lhe no rabo e o sobrinho do alto disse-lhe a melhor maneira de comer um macaco. O lobo acreditou e fez tudo o que o sobrinho disse. O lobo atou-lhe com força e caiu ao outro lado do bosque e assim o lobo esperava por muitos dias de boca aberta.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B1 Texto: 8

Idade: 12 Local nascimento: Ribeira Grande Sto Antão

Línguas faladas em casa:

A melhor forma de comer macaco

Um lobo comilão e preguiçoso, como tudo o que lhe aparecia pela frente pois não gostava de trabalhar, ao contrário do seu sobrinho que era muito trabalhador. Certo dia decidiram plantar mandiocas, mas o lobo comia a sua plantação antes da hora. Passado tempos verificou que a outra plantação crescia, e pediu-lhe (ao seu primo) que lhe desse um pouco da sua mandioca. Insistiu tanto que convenceu-lhe. O lobo gostou tanto que quis apossar-se da plantação. Passaram dois dias O sobrinho apareceu na casa do lobo com duas cordas pois dizia que vinha uma tempestade. O lobo pediu-lhe corda mas não o quis dar. Já quando o sobrinho ia se amarrar deu um pouco de corda ao lobo pela sua insistência (pressão). Passado 4 a 5 dias o lobo ficou amarrado até que apareceu um macaco comendo fogo, o lobo pediu-lhe que lhe desse um figo porque estava com fome e pediu-lhe que o soltasse, até que convenceu o macaco. Mas logo que este foi solto agarrou o macaco pelo rabo e o quis comer. Aí apareceu o seu sobrinho que lhe disse a melhor forma de comer macaco, e o lobo assim fez, pegou o macaco amarrou-o pelos pés e atirou-o pelos pés e atirou-o pelo ar. Ficou 1 dia com a boca aberta a espera do macaco.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B1 Texto: 9

Idade: 12 Local nascimento:

Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Avia um lobo muito preguiçoso comia todo o que o sobrinho o sobrinho plantou umas mandiocas o lobo viu a mandioca a crescer e foi pedir ao sobrinho o sobrinho disse não estão boas de comer o lobo atormentou até o sobrinho deu-lhe um o lobo arranjou maneira de mandar o sobrinho embora passou com uma corda a frente da casa do lobo e o lobo perguntou-nhe para que é essa corda é para amarrarem a uma árvore porque vem aí uma tempestade apontou a uma nuvem preta que vinha a norte e o lobo disse amarrame primeiro e o sobrinho amarrado bem amarrado passaram 5 dias e apareceu um macaco em cima da figueira a comer figueiras disse o macaco dá-me um e o macaco deu-lhe um mesmo dentro da boca e o lobo pediu para o macaco desamar-lhe 4 vezes e o macaco desamarou-lhe e o lobo pegou-lhe no rabo e disse vou esfolarte agora e o sobrinho que estava atrás disse o teu lobo amarra-lho as pernas bem amarradas e atirou ao ar e o lobo amarrado e atirou-lhe ao ar e o macaco caiu muito longe fora do seu alcance e o lobo esperou um dia com boca aberta e o macaco foi agradecer o sobrinho.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B1 Texto: 10
Idade: 12 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

A história falamos de um lobo e do seu sobrinho. O lobo era preguiçoso e comilão. Certo dia o lobo foi há casa do sobrinho, e viu que ele tinha plantado algumas mandiociras, pediu-lhe algo para comer, o sobrinho disse-lhe que as mandiocas ainda não estavam boas para comer. O lobo pediu ao sobrinho que lhe desse algumas mandiocas. O sobrinho não quis mas o tio lobo arrancou-lhe alguns pés de mandiocas e regressou à casa. O sobrinho como era esperto foi ter com o tio. Cercou a casa com uma corda, o tio perguntou-lhe porquê. Ele respondeu que vinha um temporal e quem não tivesse amarrado seria levado pelo temporal. O sobrinho amarrou o tio a uma árvore. Passado dois dias apareceu um macaco a comer figos o lobo disse para lhe atirar um figo que caiu-lhe dentro da boca, o lobo pediu para soltar-lhe e ele soltou e o lobo quis comer o macaco mas apareceu o sobrinho que salvou o macaco das garras do tio.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 11
Idade: 12 Local nascimento: Luanda
Línguas faladas em casa: crioulo

A melhor maneira de comer macacos

A história conta-nos de um lobo e o seu sobrinho. O lobo era preguiçoso só queria comer. Ele e o seu sobrinho foram plantar mandioca e o lobo comeu tudo o que plantou e quando viu a mandiocueira do seu sobrinho a crescer e a desenvolver pediu ao sobrinho que lhe dá-se uma mandioca e o sobrinho negou, ele não desistiu e insistiu mas ainda, até que o sobrinho arancou um pé e lhe deu. Achou-o bom e quis ficar com a mandiocueira para ele passou alguns dias e o sobrinho passou por ele com 2 cordas a dizer que se ia amarar que aproximava-se uma tempestade. E pediu ao sobrinho que lhe amara-se e ele amarrou-lhe e deixou-lhe lá uns 5 dias. A pareceu um macaco que depois de ter pedido tanto lhe desamarou e queria comer o macaco, o seu sobrinho lhe deu uma dica de como comer macacos atirou-lhe para cima e ficou a esperar com a boca aberta a espera do macaco.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 12
Idade: 12 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macacos

Jhavia um lobo e o sobrinho. O lobo era preguiçoso e comia tudo o que ia plantando. O sobrinho era trabalhador, plantava e deixava crescer as suas mandiocas. O lobo viu que as mandiocas do sobrinho estavam crescendo e foi pedir uma ao sobrinho. O sobrinho disse-lhe que as mandiocas ainda não estavam boas para comer. Então o lobo pediu-lhe que lhe desse algo para comer. O sobrinho arrancou uma mandioca e deu ao tio. O lobo gostou tanto da mandioca que decidiu correr com o sobrinho para poder ficar com a mandioqueira do sobrinho. Mas, como o sobrinho era esperto, arranhou duas cordas e passou pela casa do lobo. O lobo viu-o e perguntou-lhe para quê eram aquelas cordas. O sobrinho apontou para uma nuvem escura e disse-lhe que era uma forte tempestade e que mataria tudo o que não estar amarrado. O lobo pediu-o que lhe vendesse uma corda, mas o sobrinho recusou. Quando o sobrinho começou a amarrar-se, o lobo pediu-lhe que o amarra-se primeiro. O sobrinho amarrou-o a uma figueira. Quatro ou cinco dias depois apareceu um macaco a comer figos na figueira onde estava o lobo e ele pediu-lhe que deitasse um figo. o figo caiu-lhe na boca. O lobo pediu-lhe que lhe soltasse umas quatro vezes, mas o macaco recusou. No último vez o macaco aceitou, mas ao desamarrar-lhe o lobo segurou-lhe nas patas e disse-lhe que ia comelo. O sobrinho que viu tudo do cimo de um monte, disse ao tio que a melhor maneira de comer um macaco era amarrar-lhe o pé e deitar-lhe ao ar. O lobo assim fez, mas o macaco caiu fora do seu alcance. O lobo ficou um dia a espera de boca aberta. o macaco agradeceu o sobrinho por ter-lhe salvo a vida.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 13
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um lobo. Ele tinha um subrinho que tinha uma plantação de mandiocas. O lobo gostava de comer tudo o que plantava, mas certo dia o lobo pediu uma mandioca ao subrinho e ele recusou porque a mandioca encontra-se verde. O lobo pediu tanto que ele acabou por sedar, ao pedido. O lobo gostou tanto e tentou arranjar maneiras de sabotar e ficar com a mandioqueira. Como o subrinho era difícil de roer, certo dia passou pela casa do tio com umas cordas e disse-lhe, que ele ia amarrar-se porque vinha um temporal que ia matar a todos. Ele tentou comprar as cordas mas o sobrinho, não o quis vender, então pediu que lhe amarra-se. E assim o sobrinho fez assim e ele ficou 4 dias. Apareceu um macaco e lhe pediu um figo, depois pediu que o solta-se. O macaco não queria mas depois acabou por ceder. O lobo o agarou pelo rabo e não tirou a ideia de o comer da cabeça. O sobrinho no alto da montanha mandou-lhe o amarar e o atira para o ar assim ele o comia melhor. O lobo assim fez e ficou a espera do macaco com a boca aberta durante um dia.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 14
Idade: 12 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

O texto falava de um lobo preguiçoso e que comia demais e o seu sobrinho que trabalhava demais. Então um dia o seu sobrinho estava a plantar a sua mandioca e lhe disse que estava com fome para lhe dar uma mandioca e ele não quis porque as mandiocas ainda não estavam boas para comer ele insistiu e o sobrinho deu-lhe e achou-a boa e queria comer tudo. Então o filho amarrou-o e pediu o macaco para o desamarrear e o macaco desamarrou-o e ele pegou o macaco e amarrou-o. Então ia o comer e o seu sobrinho disse: Tio queres saber a melhor maneira de comer macaco amarra-o as e mandou-o para cima e caiu na sua boca Então o tio fez assim e mandou muito forte. E ele caiu noutras redondezas.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 15
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macacos

havia um lobo e o seu sobrinho e o lobo comia o que for preciso. E tinha um sobrinho que era muito esperto ate decidiram plantar uma mandio queira. Quando ele plantou as mandiocas o próprio lobo queria comer todas as que havia plantados, e o sobrinho não deixou-o e então o lobo queria raptar o sobrinho para ficar com as mandiocas. É o sobrinho que era muito esperto rodou uma corda na na porta do lobo, e o lobo perguntou-o que estava a fazer, o menino apontou para uma nuvem escura e disse ao tio lobo que viria uma tempestade e matava todos os que não estavam amarados. Então o lobo disse para amara-lo primeiro. e passou dias e mais dias, ate que apareceu um macaco. O lobo disse desamarra-me sr. Macaco, e o macaco na quis. Até que um dia o lobo disse se ele desamarra-se ele daria as suas terras. Ate que o macaco convenceu em desamara-lo. Quando desamarou-o o lobo não cumpriu a sua palavra. E perguntou qual a melhor maneira de comer macacos, e o sobrinho disse que era atira-lo para cima. O lobo atirou para cima e esperou-o 1 e o macaco caiu muito longe e o lobo ficou de boca aberta a espera-lo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 16
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de apanhar um macaco

havia um lobo e o seu sobrinho. o tio era pregissoso e comia tudo o que plantava. O subrinho era trabalhador, ele estava plantando man diocas. O tio pediu-lhe uma mandioca mas ainda estavam novos ele insistiu até que o subrinho lhe deu uma por causa das mandeocos o tio correu com o subrinho. Passado alguns dias o subrinho aranjou uma corda e passou pela casa do tio, o tio perguntou o que ia fazer com a corda, ele ia amarar numa arvore porque vinha um mau tempo, o tio disse lhe para o amarar e ele o amarou passado 5 dias apareceu um macaco e subio naquela arvore para comer figos o lobo pediu-lhe um e depois pediu que o desamarar ele o desamarou e o lobo queria o comer. A pareceu o seu subrinho que disse que a melhor maneira de comer macacos era amarar os pés e mandar para o alto o lobo fez exactamente isso e ficou 1 dia a espera que o caise na boca. O macaco agradeseu o seu subrinho por ter salvo dos garras do seu tio.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 17
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um lobo pregicoso e comilão. Um dia ele estava com fome e foi pedir uma mandioca ao seu sobrinho, mas o sobrinho não quis e ele continua a insistir até que ele convenceu o seu sobrinho, ele deu-lhe uma mandioca e ele gostou e resolveu reubar-lhe as mandiocas mas como o sobrinho era muito esperto arranjou uma corda e disse que vinha uma tempestade e o tio disse para ele amarrasse-lhe primeiro e o sobrinho amarrou-lhe bem amarrado e o tio ficou ali durante cinco dias. No quinto dia apareceu um macaco e o tio disse para o macaco que lhe desamarasse e o macaco desamarrou-lhe e o tio apanhou-lhe mas de repente apareceu o seu sobrinho e ele disse que a melhor maneira de comer macaco era ele amarra-se os pés e atira-se-o para o ar e o tio fez como o seu sobrinho mandou-lhe, mas o macaco caiu tão longe que o tio não conseguia o alcançar e depois o macaco foi agradecer o sobrinho e disse que ia recompensá-lo por ter lhe livrado das garras do tio.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 18
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

Havia um lobo preguiçoso e o seu sobrinho trabalhador. O sobrinho fez uma plantação de mandiocas. O tio queria apossar-se da mandioqueira por ser comilão e conseguiu. O sobrinho armou uma cilada ao tio, recuperando aquilo que lhe havia sido roubado e amarrou o tio. O lobo pediu à um macaco que o soltasse e seria recompensado. Este não confiava no lobo e recusou o macaco e foi solto. O lobo não foi honesto e prendeu o macaco para o comer. vendo isto, o sobrinho enganou novamente o tio e ajudou o macaco a libertar-se o lobo caiu na armadilha e o macaco prometeu recompensou o sobrinho do lobo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 19
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

A historia trata-se de um lobo que era preguiçoso e malandrão. O lobo e o sobrinho decidiram plantar mandiocas, mas antes delas estarem boas para comer o lobo já os queria comer. O sobrinho não queria que o tio comesse mas mesmo assim ele os comeu. Um dia o sobrinho, ao passar perto da casa do tio trazia cordas, o tio perguntou-lhe para quê os queria e porque; o sobrinho respondeu que os necessitava para se amarrar por causa do temporal que se vinha passar. O sobrinho era muito esperto e como ele ia-se amarra, ele não queria dar ao tio um pouco de corda, mas, o tio insistiu e ele cedeu. Amarrou o tio em 1º lugar e depois amarrou-se numa arvore passado 4 ou dias um macaco estava a comer figos numa arvore quando o lobo pede-lhe um figo e para desmarar-lhe da arvore o macaco não quis primeira mas depois prestou o serviço. O lobo mal agradecido quis comer o macaco, o sobrinho ao passar por aqueles lados ouviu e disse ao tio que a melhor maneira de comer um macaco era atirando-lhe ao ar e como o sobrinho era esperto o tio aceitou a sugestão e atirou o macaco ao ar mas longe do seu alcance, a passou 1 dia com a boca aberta. O macaco agradeceu ao sobrinho por ter o salvo das garas do tio.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B1 Texto: 20
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Essa é uma história de um lobo e o sobrinho, só que o lobo era muito malandro mais o seu sobrinho era o contrario do seu tio. Um dia eles estavam a plantar mandioca uns dias depois as mandiocas do sobrinho cresceu e os do lobo não e lobo estava com fome da-me uma mandioca sobrinho não estão notempo de colher. Mas o lobo insistiu e sobrinho deu-lhe a mandioca e o lobo adorou e queria mais, resolveu fazer para o sobrinho fugi-se mas o sobrinho era mais esperto, passando dois dias e sobrinho passou por lá com duas cordas e o lobo perguntou para que queria e o sobrinho lhe disse para que... o lobo disse amarrame primeiro senão ele me leva e o sobrinho amarrou-lhe 5 dias depois o lobo viu o macaco a comer figo na figeira e o lobo pediu e o macaco deu-lhe e o lobo disse dessamarra-me, o macaco recusou mais depois o macaco dessamou. E o lobo pegou-lhe pelo rabo, e o macaco resmungou. O lobo disse vou te comer. e logo apareceu o sobrinho e disse a melhor maneira de comer um macaco e marrando os pés e jogalo pelo ar e caia dentro da boca e não foi comprido e depois o macaco veio agradecer o sobrinho.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 1
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A historia falo sobe o tilobo que era comilão e o sobrinho muito esperto. Um dia o tilobo, não gosta de trabalhar e o sobrinho que era trabalhador cultivou umas mandiocas. Então o tilobo foi la pedir mandioca. Ele recusou disendo de não estavam boas para comer, mas em contrapartida ele encistiu ate que o sobrinho lhe deu a mandioca e ele comeu e gostou. Queria as mandiocas so para si então fez com que o sobrinho desapareceu, mas naquele dia o sobrinho passou por la e estava com duas cordas na mão. O lobo perguntou para que as cordas ele apontou para uma nuvem preta e diz: aquela nuvem e uma catástrofe que aprosima e quem não tiver amarado elevava com ele. O Lopo pediu que lhe marrace ele marrou passado 5 dias um macaco subio na arvore e começou a comer. O lobo pediu para lhe para lhe tirar um figo, ele atirou e caio dentro da boca. O macaco pediu para desmarrare mas ele disse não e gente que possa confiar e o lobo convenceu-o ate que ele desmaro. Mas logo o tilobo pegou no rabo ele disse que ia comer. Mas o sobrinho que estava encima de uma arvore disse: e amarrou o pés e atira-o por o ar e lhe caio longe fora do alcance.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 2
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. o seu subrinho plantava mandiocas e o lobo comia tudo. Disse ao subrinho estava com fome o subrinho disse que ainda não estava bom para comer, o lobo insistiu até que o subrinho concordou, deu-lhe uma mandioca, o lobo gostou e levou-o para sua casa para manter mais junto da plantação. O subrinho viu uma nuvem escura e disse que matava todas as pessoas que não estavam amarrados. O seu tio pediu para amarrá-lo e o subrinho amarrou-o e ficou 4 dias amarrado, apareceu um macaco queria comer figo junto a ele. O lobo disse para desamarrá-lo 4 vezes e o macaco assentou, desamarrou-o e o lobo estava com as mãos dormidas pegou o macaco na cauda e disse-lhe que ia comer de repente apareceu o seu sobrinho e disse que a melhor forma de comer macaco era lançar o macaco para cima e esperar que ele caísse dentro da boca e esperar um dia. Apareceu o macaco a agradecer o sobrinho do tio lobo.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 3
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho. O lobo era muito preguiçoso e o sobrinho é que fazia tudo. Um dia o sobrinho plantou umas mandiocas e depois de alguns dias as mandiocas começaram a crescer, o lobo que estava com fome pediu umas mandiocas ao sobrinho. O sobrinho recusou. Mas com a insistência do lobo o sobrinho acabou por lhe dar. Um dia o lobo viu o sobrinho com umas cordas e perguntou-lhe para quê que queria as cordas. O sobrinho mostrou-lhe uma nuvem negra e disse que era um temporal, e que iria levar tudo à sua frente. O lobo pediu ao sobrinho que o amarrasse primeiro, e assim fez o sobrinho. Passados alguns dias apareceu um macaco e o lobo pediu para a desamarar o macaco recusou mas por fim o macaco assentou. Quando o lobo foi desamarar pegou o macaco e disse que ia comê-lo. O sobrinho que ouviu tudo, disse ao seu tio que a melhor maneira de comer um macaco era atirá-lo para cima e esperá-lo de boca aberta. O lobo atirou o macaco e o macaco caiu longe e o lobo ficou a esperar um dia.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 4
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor forma de comer um macaco

Avia um lobo e o seu subrinho. o tio lobo era preguiçoso e comia todo o subrinho era trabalhador e começou a trabalhar e a plantar as mandeocas. O tio lobo comia toda que encontrava passado dois dia o tio lobo pediu uma mandeoca o subrinho deu uma mandeoca ao tio lobo. O lobo queria afastar o menino da sua casa para comer todas as mandeocas. no outro dia o subrinho chegou com duas cordas. O tio apontou para a nuvem no norte e disse o que era aquilo o menino disse que era uma tempestade e que quem estivesse amarrado ia morrer o lobo disse para vender as cordas o menino disse que não ia vender. O lobo disse o menino para marcar primeiro e amarrar o lobo com todas as forças quatro ou cinco dias chegou um macaco a comer figo o lobo disse para dar um figo e deitou um figo na boca o lobo disse ao macaco para desamarar o macaco disse que não confiava num lobo e depois desamarou o lobo e logo o lobo pegou no rabo do macaco e disse que e comer logo de perto o subrinho estava e disse oh tio quer que digar uma maneira de comer só amarrar os pés e deitar para a altura o lobo esta com a boca aberta a espera do macaco.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 5
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho. Naqueles dias, ondavam a plantar mandiocas mas como o lobo era muito preguiçoso, só se enteresa va em comer. Foi então que o lobo vio que as mandiocas do sobrinho estavam a crescer e ele foi pedir ao sobrinho que lhe desse uma mandioca. Ainda não estava no tempo da colheita mas o lobo enssistio que o sobrinho acabou por lhe dar um. O lobo gostou tanto da mandioca que quis mandar o sobrinho para longe para ficar com a terra. Como o sobrinho era mais esperto foi a casa do tio com umas cordas e enganou que havia uma tempestade o que levou a marrar o seu tio durante 5 dias. Depois apareceu um macaco que soltou o lobo mas depois do lobo ter insistido tanto. O lobo depois de ser desamarrado teve uma atitude ingrata pegou no rabo do macaco e ia come-lo, mas como o sobrinho estava por perto disse au seu tio que a melhor maneira de comer um macaco era marrar-lhe os pés e atirar-lhe para cima assim ele perderia nunham fio de cabelo do macaco. no fim o lobo ficou a espera do macaco com a boca aberta em quanto o macaco agradecia ao sobrinho por ele ter-lhe salvo a vida.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios Grupo: B2 Texto: 6

Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente

Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Encontrava-se num certo local dois familiares, (o tio e o sobrinho). O tio lobo era preguiçoso ao contrario que era trabalhador e que plantava mandioca. Certo dia, o lobo que estava com fome pediu um pouco de mandioca ao sobrinho. Mas ele por sua vez dizendo e rejeitando que as mandiocas ainda não estavam aprovadas para comer. O lobo de tanto insistir o sobrinho deu-lhe um bocadinho, mas ele gostou tanto que fez uma maneira de tirar o sobrinho dali. Um dia o sobrinho estava a passar a frente da casa do lobo com um monte de corda. O lobo viu-o e disse para onde ele ia com toda aquela corda. O sobrinho disse que ia amarrar-se a figueira que a nuvem preta que estava no céu era um grande temporal que se aproximava e quem não estava amarrado ia ser levado pela chuva. O lobo pediu que lhe vende-se um pouco, mas ele disse que não. Então pediu que lhe amarra-se primeiro, e ele o amarrou. Passado alguns dias um macaco pensou sobre a arvore. O lobo pediu um figo. Depois que lhe desamarra-se, ele recusou mas depois aceitou. O lobo quis come-lo e o mas o sobrinho disse para lhe amarrar os pés e jogar para o ar. Ele fez isso ficando o dia inteiro com a boca aberta e o macaco agradeceu ao sobrinho.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 7
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez um lobo e um sobrinho. O lobo era preguiçoso e o sobrinho era trabalhador. O sobrinho estava a passar perto da casa do lobo com duas cordas. O lobo disse ao sobrinho que vende-se um (pouco) da corda, o sobrinho disse:- Eu não vendo cordas. O lobo pediu, tornou a pedir até que o sobrinho deu a corda.
...O lobo mandou o sobrinho marar ele, o sobrinho marou ele e foi-se embora.
...Estava a passar um Macaco, o lobo chamou e disse:- Me desamara por favor, o macaco não quiz. O lobo pediu, tornou a pedir até que o macaco desmarou-se. O lobo pegou o macaco e queria correr ele. Apareceu o sobrinho e disse: tu sabes a melhor maneira de comer macaco? Amara o pé manda para cima e ele cairá dentro da sua boca. O lobo agradeceu o sobrinho e assim fez. O lobo ficou 1 dia com a boca aberta a espera do macaco. O macaco caiu muito longe...

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 8
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

O tio lobo é muito preguiçoso, não gostava de trabalhar, enquanto que o sobrinho era trabalhador e gostava de trabalhar, resolveram então plantar mandioca. O tio lobo ia plantando e ia comendo, até que chegou ao seu sobrinho e pediu-lhe mandioca para comer, o sobrinho disse-lhe que ainda não estavam boas para comer, então ele pediu-lhe algo para comer porque estava cheio de fome. Um certo dia o macaco passou perto da sua casa com uma corda, o lobo perguntou-lhe o que ia fazer com a corda, ele então apontou para uma nuvem e disse que ia passar uma chuva que ia levar quem estava desamarrado, e ele ia amarrar-se a uma árvore, então o lobo pediu que lhe amarra-se primeiro, foi então que amarrou o lobo na árvore. Passado cinco ou quatro dias ele passou por lá e o lobo pediu-lhe que o desamarra-se, depois de pedir quatro vezes ele desamarrou-o, e o lobo agarrou-o pelo rabo. O macaco perguntou-lhe porque o tinha agarrado, o sobrinho disse-lhe que a melhor forma de comer um macaco é amarrar-lhe pelos pés e arremessar para o ar, e ficar com a boca aberta a espera do macaco, e assim ele fez, e ficou um dia inteiro de boca aberta a espera do macaco.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 9
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

É uma historia de um subrinho do tio lobo que o subrinho estava a plantar mandiocas e o tio também. Mas o tio lobo tudo o que ele plantava ele ia comer. Um dia o tio lobo foi ate a casa o subrinho e desse que estava com fome mas o subrinho deze que ainda não estavam prontas para rectirar, e o tio lobo ensestiu ate que ele deu um pé de mandioca, ele gostou. Então o tio lobo queria ficar com a orta. Então como o subrinho era esperto ele levou duas cordas, passou na frente da casa do tio e ele perguntou: - para que que tu vais precisar dessa corda apontou para uma nuvem negra. O que de significa. É uma tempestade que matara todos os que não estão amarados. Ele pedio para vender um pouco de corda, e ele não queria. Depois ele foi-se amarar e o tio lobo, pediu que lhe amara-se primeiro, e ele amaou bem amarado. Cinco dias depois um macaco estava emcima da figueira a comer figos e o lobo pediu para dalhe um. Ele mandou-lhe um e caio em cheio na boca, voltou a pedir que lhe desmara-se, ele desse que não era homem de confiar. desse que ia dar todo o seu terreno, mas não queria e ele insistio e libertoulhe. Pegou-lhe no rabo e desse-lhe que ia lhe comer então o sobrinho estava perto e disse-lhe que a melhor maneira de comer o macaco era amararlhe os pés e andar pelo alto. e ele mandou muito alto, depois ele agradeseu.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios
Grupo: B2 Texto: 10
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Avia um lobo e o seu sobrinho, o tio lobo era preguiçoso, o sobrinho era trabalhador lançaram ao trabalho lhe de plantar mandeocas, o sobrinho cavava e o lobo comia tudo o que plantava, o lobo disse da-me um bocado da sua mandioca, o sobrinho disse ainda não é tempo para o colher, e o lobo logo pensou numa maneira de correr com o sobrinho para ficar com a plantação. Então o sobrinho comerou um pedaço bem grande de uma corda. O lobo perguntou-lhe para que seria a corda o sobrinho apontou para o céu para uma nuvem escura o lobo disse o que é isso? O sobrinho disse é uma nuvem que vai acertar todas as pessoas que não estiverem amarradas, então o sobrinho começou a marar-se o lobo disse amarra-me primeiro e então assim fez, logo apareceu um macaco ao simo de uma arvore a comer figo o lobo disse manda-me um figo o macaco mandou e caiu junto da sua boca, depois o lobo disse ó macaco dezemarra-me por favor o macaco reagou disendo não não es um homem em que possa confiar depois o lobo disse eu dou-te lobo a minha plantação o macaco disse não não és uma pessoa que possa confiar pelo quarta vez o macaco tirou a corda logo o lobo agarrou-o o macaco disse porque estas a me agarra larga-me o lobo disse não e vou amarrar-te e comer-te logo o sobrinho apareceu e disse tio sabe a maneira mais fácil que comer um macaco, o lobo disse. Como? Amarrar uma corda ao pé manda-lo para sima e esperar com a boca aberta o lobo disse sobrinho as um rapaz sabido obrigado o lobo mando-o para cima e ficou um dia a espera com a boca aberta porque o macaco foi parar a um lugar distante. E depois apareceu o macaco disendo obrigado salvaste-me do lobo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 11
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo que queria aposar-se da mandioca do sobrinho, e ele já pensava num plano maléfico para afastar o sobrinho. Um certo dia apareceu uma nuvem negra, e o lobo perguntou ao sobrinho o que era. O sobrinho disse-lhe que vinha aí uma tempestade, e que ia arrastar tudo o que não estiver bem amarrado. O lobo viu uma corda e disse ao sobrinho para lhe vender, e desculpando-se o sobrinho disse que não podia vende-lo porque iria amarrar-se a uma árvore. Depois de muito insistir o sobrinho concordou e amarrou o tio a uma figueira. Passado 5 dias, havia um macaco na figueira a comer figos e o lobo disse-lhe para atirar-lhe um porque estava com muita fome. Atirou-lhe um que caiu-lhe mesmo na boca. O lobo manhoso que era só ele pediu ao macaco para o desamarar. O macaco repetiu-lhe muitas vezes que ele não era pessoa em quem confiar até que ele o desamarou e o lobo apanhou o macaco pelo rabo, e logo chegou o sobrinho dizendo ao tio que a melhor maneira de comer um macaco, era amarrar-lhe os pés e atirar-lhe ao alto e deixa-lo cair dentro da boca. E passou-se um dia e nada do macaco.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 12
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

A historia fala-nos de um lobo e o seu sobrinho que um dia resolveu plantar o lobo era malandro comia tudo o que plantava e o sobrinho não! quando ele vio as mandioca do sobrinho crescer foi pedir ao sobrinho que desse uma mandioca. sobrinho da-me uma mandioca não ainda não estão boa para comer então ele disse ao sobrinho para lhe dar qualquer coisa de comer mais ele cria era a mandioca o sobrinho arrancou um pé e deu-lhe ele gostou que queria afastar o sobrinho para ficar com as suas terras o sobrinho como era esperto arranhou duas cordas e foi para casa do sobrinho ele perguntou ao sobrinho para que ele quere as cordas o sobrinho apontou para um nuvem e disse que via um teporalho e queia matar tudo o que não estiver amarrado. ele pediu ao sobrinho para amarralo o sobrinho disse que não o sobrinho foi para perto de uma figueira e o lobo pediu para amarralo primeiro o sobrinho amarrou tão forte que ele ficou ai 4 ou 5 dias um dia um macaco vai comer figos e ele disse ao macaco para atira-lhe um figo o macaco atirou caio mesmo na boca. Depois pediu ao macaco para desamarar e macaco diz não não era gente para confiar ele tornou a pedir o macaco e sou no fim o macaco concordou quando desamarou o lobo agarou pelo rabo e ele pediu ao lobo para largar o lobo disse que não ia comer como o sobrinho estava por perto e disse o ti lobo tu sabe a maior maneira de comer macaco atira para cima e cai dentro da tua boca e não perdes nem um fio de cabelo e ele disse obrigada primo ele atirou e foi fora do seu alcance e ele ficou a espera um dia de boca aberta o macaco disse obrigado primo por teres salvado do tio lobo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 13
Idade: 14 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

Havia um lobo e o seu sobrinho (sabido). Um certo dia resolveram plantar mandiocas, mas o tio lobo ia plantando e comendo ao mesmo tempo enquanto que o sobrinho ia plantando com a ideia de ter um fruto melhor. Então quando o tio lobo acabou de comer toda a sua mandioca foi pedir ao sobrinho e o sobrinho automaticamente recusou dizendo que esperasse mais uns dias e ao colher colhia uma mandioca mais saborosa, mas mesmo assim o tio lobo voltou a pedir mais umas vezes até que o sobrinho cedeu um pedacinho da sua mandioca. Ele gostou e arranhou maneira de correr com o sobrinho. passado algum tempo o sobrinho passou com uma corda enorme e o tio lobo perguntou para que é que queres essa corda e ele disse que ia amarrar porque vinha uma grande tempestade então o tio lobo queria amarrar-se. O sobrinho disse não mas depois disse sim e ele amarrou o tio bem amarrado e deixou-lhe durante 5 dias no quinto apareceu um macaco o tio lobo pediu um figo e ele deu-lhe um depois pediu para desamarra-lo ele disse que não depois de muita insistência desamarrou-o ele pegou no macaco com a ideia de comê-lo mas o sobrinho disse-lhe que a melhor maneira de comer macaco era de manda-lo para o ar ele mandou-o para o ar e nunca mais o viu. Depois o macaco viu o sobrinho e agradeceu-lhe.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 14
Idade: 13 Local nascimento: S.Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

O texto fala de um lobo e o seu sobrinho em que o lobo era preguiçoso e cumilão e o seu sobrinho era trabalhador. O lobo e o sobrinho tinham mandiocas mas o lobo, comeu todas as mandiocas, e diz ao sobrinho para que lhe desse algo para comer, mas o sobrinho disse-lhe que não estavam boas para comer e o lobo disse que precisava de comer qualquer coisa então o sobrinho resolveu dar-lhe os mandiocas. O lobo comeu e gostou então queria eliminar o sobrinho para que ficasse, com a plantação só para ele. O sobrinho estava com umas cordas e, como estava com uma grande nuvem no céu o lobo perguntou-lhe eram para quê as cordas. O sobrinho disse que vinha uma tempestade e quem não estivesse amarrado seria apanhado pela tempestade, o sobrinho começou a amarrar, então o lobo disse para amarrar-lhe primeiro. Assim fez o lobo ficou ali amarrado. Passou um macaco e então o lobo disse-lhe para desmarra-lo mas o macaco disse que não confiava nele. O lobo pediu-lhe umas 4 vezes e ele sempre recusava, mas depois resolveu desmarra-lo então o lobo pegou o macaco pelo rabo, o macaco pediu-lhe que o largasse afinal ele o tinha desmarrado. O sobrinho apareceu e disse ao lobo que a melhor forma de comer um macaco é pegá-lo nos pés e atirá-lo. Deitou um cocô que caiu dentro da boca do lobo. o macaco agradeceu ao sobrinho por lhe ter livrado das garras do lobo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 15
Idade: 14 Local nascimento: Santo Antão
Línguas faladas em casa:

História do lobo, do macaco e do sobrinho

O lobo gostava de mandioca era preguiçoso e corria atrás do sobrinho para ver quem ficava com o pé de mandioca. O lobo ficou com o pé de mandioca e perguntou que estas a fazer com esta corda. O lobo era preguiçoso. O macaco amarrou o lobo numa árvore. O lobo pediu um figo ao macaco, o macaco deu logo da árvore. Depois o lobo disse: Sr. Macaco desamarra-me, o macaco disse que não o lobo insistiu e acabou por ser desmarado. Apanhou o macaco atirou-o ao ar, o macaco caiu longe escapou do lobo graças ao sobrinho do lobo. O lobo esperou todo o dia pelo macaco. O macaco agradeceu ao sobrinho por tê-lo salvo das garras do lobo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 16
Idade: 13 Local nascimento: Santo Antão
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho, o lobo era preguiçoso e comilão, devia muito á inteligência o sobrinho era o oposto. Os dois plantaram mandioca. O tio comia tudo o que plantava o sobrinho esperou que as plantas aribassem, o tio queria logo comer as mandiocas do sobrinho e queria manda-lo para bem longe. Este arranjou umas cordas e passou pela casa do tio alegando que vinha uma tempestade que levaria tudo o que estivesse amarrado ele pediu ao sobrinho que lhe amarra-se este fez a vontade do seu tio. Cinco dipois apareceu um macaco a comer em cima da árvore onde estava o lobo este pediu um figo e ele o atirou o lobo pediu que o soltasse este retorqui que não o soltaria o lobo insistiu prometendo muitas coisas. O macaco soltou e o lobo agarrou-o pelo rabo dizendo que o iria comer, o sobrinho avisto-os de um monte e disse tio a melhor maneira de o comer é amarra-los nos pés e atirou-o ao ar e ela caira dentro da sua boca, o tio de tão ingénuo atirou-o com toda a força este caindo bem longe, agradeceu ao sobrinho e foi-se embora.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 17
Idade: 14 Local nascimento: S. Vicente
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

O texto retrata-nos, o tio lobo que era preguiçoso e o subrinho que era trabalhador, o subrinho plantou umas mandiocas, o lobo como era preguiçoso não plantou nada só comia o que o subrinho plantava, ele comia tudo, o lobo queria ficar com a mandioca, o subrinho como era esperto amarrou a casa do tio lobo, o lobo perguntou-lhe porque ele disse por causa de uma nuvem preta então o lobo pediu que o subrinho o amara-se o subrinho amarrou-no numa árvore, depois de quatro dias, um macaco estava em cima da árvore a comer figos o lobo pediu-lhe um e o macaco mandou um que deu o lobo dentro da boca, depois o lobo pediu-lhe 4 vezes para o macaco lhe desamara-se daqui o macaco disse que não confiava. O macaco acabou por aceitar, logo o lobo ia o comer, apareceu o subrinho que lhe ensinou como comer macaco o tio lobo aleijou-o o lobo fez com o subrinho disse mas passou um dia com a boca aberta a espera do macaco.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 18
Idade: 14 Local nascimento: Lisboa
Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macacos

O texto conta-nos uma história de dois lobos o tio lobo e o sobrinho. O lobo era preguiçoso e o sobrinho era o antónimo, resolveram plantar mandiocas, o lobo plantava e comia logo, enquanto o sobrinho deixa as criar, um dia o lobo insistiu tanto que o sobrinho acabou por lhe dar umas das suas mandiocas. O lobo quis logo apoderar-se da mandioqueira após ter achado a mandioca deliciosa e gostou o sobrinho apoderando-se assim da mandioqueira. O sobrinho muito esperto enganou ao tipo que vinha um grande temporal e quem não se amarrasse seria arrastado. O lobo quis comprar-lhe uma corda mas o sobrinho não quis, então o lobo mandou-o amarrar-lhe primeiro e ele assim o fez deixando amarrado por quatro ou cinco dias. Depois desses dias apareceu um macaco comendo figos, ele deu um ao lobo e depois de muita insistência da parte do lobo ele acabou por o soltar. O lobo apanhou e disse que o ia comer. Foi aí que o sobrinho apareceu no cimo de um monte dizendo que sabia a melhor maneira de comer um macaco: amaralhe os pés e atira-o para o ar, abre a boca e engole-o. O lobo disse que o sobrinho era muito esperto. Ele atirou o macaco e ele caiu num lugar fora do seu alcance. O macaco agradeceu o sobrinho. É essa história contada que nos deixa a seguinte mensagem: não devemos querer possuir o que não nos pertence.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B2 Texto: 19
Idade: 13 Local nascimento: Santo Antão
Línguas faladas em casa:

As historia falanos de um lobo

O lobo era prigisoso e o seu sobrinho era trabalhador. Um dia foram plantar mandioca, o lobo comeu os seus e pediu depois o sobrinho inplorou tanto que o sobrinho retirou um pé e ele gosto que ajanjou uma forma de escurasalo para posuir da mandioqueira o sobrinho como é esperto aranjou corda e passou em frente da casa do lobo que dise que estava a aproximar uma tempe estade que levava tudo o que tiver desamarado o lobo pediu para ser amarado assim o pés ficou ali amarado durante 5 dias donde apareceu um macaco e pediu figo e também pedi que o desamarase o macaco só sedeu 4 vezes depois acabou de seder desmarou e o lobo pegou no seu rabo e disse que ia comelo o sobrinho estava perto disse óti lobo queres saber a melhor maneira de comer macaco amaras os pés e atira para o alto assim fés o lobo o macaco caiu longe de seu alcance que depôs o macaco vai agradaser o sobrinho e o lobo ficou um dia a espera do macaco assim termina a historia.

Escola Secundária José Augusto Pinto

Grupo: B2 Texto: 20

Idade: 14 Local nascimento: Boa Vista Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Avia um lobo e o sobrinho o lobo era preguiçoso e o sobrinho era trabalhador plantava nas suas terras fantásicas e aí o lobo preguiçoso foi para as terras do sobrinho e aí viu que as plantas que o sobrinho plantava estavam já grandes e aí o lobo começou a comer frutos e aí um dia o sobrinho viu o lobo nas suas terras e aí o sobrinho amarró o lobo nas suas terras. Passados alguns dias chegou um macaco a tirar figos para comer e aí o lobo ao macaco atira uma coisa para comer o macaco atirou um figado para o lobo e o lobo disse ao macaco me desmarras dessa árvore e o macaco disse eu não desmarro porque não és um homem de confiança e o lobo disse ao macaco me desmarro da porque não és uma pessoa de confiança e aí o macaco desmarro o lobo e o lobo agarou nos pés do macaco quero que digas a melhor maneira de comer macaco amarra nos pés põe numa árvore e aí caí na tua boca o lobo largou o macaco o lobo plantava mendras comia logo enquanto que o macaco plantava figos esperava crescer e depois comia.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 1

Idade: 14 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um tio lobo e o sobrinho o tio lobo era preguiçoso comi tudo que havia o sobrinho plantava e o sobrinho lançou os pés de mandioca o tio lobo viu o as plantas do sobrinho a crescer e disse estou com fome o sobrinho disse quer esperimentar a mandioca, e o lobo fez de tudo para que o sobrinho se afastar da horta para muito tempo para que podia ficar com a horta. Passou 2 dias o sobrinho arranjou uma maneira e comprou uma corda para marrar um pé arvore e apareceu o lobo e o sobrinho disse que estava a marrar a mandioqueira assim não comia e o lobo disse vende-me o pouco dessa a corda ele disse não então o lobo disse marra-me primeiro o sobrinho deixou ele lá amarrado depois apareceu um macaco estava a comer figo e o lobo disse manda um e caiu dentro da boca. Depois o tio lobo disse ó sr. Macaco desmara-me que dava todas as terras o macaco disse que não era pessoa de confiança o lobo ficou a disse o macaco foi lá desmarou e depois o lobo disse que era o seu jantar apareceu o sobrinho. O sobrinho disse a melhor maneira de comer um macaco é marra um corda para que não fica nem um fio de cabelo é arremeçar bem longe e abre a boca e caiu dentro da boca. E o lobo ficou com boca aberta durante um dia.

A melhor maneira de comer macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho. O sobrinho era um rapaz honesto e trabalhador, mas o lobo era esfomeado, comia todo o que aparecia pela frente, mas como não trabalhava dependia do seu sobrinho. Um dia eles foram plantar mandioca. O sobrinho começou a plantar as suas mandiocas enquanto o lobo comia o que restava da sua comida. O lobo quando viu as mandiocas do sobrinho crescerem rapidamente este pediu uma ao sobrinho, mas o sobrinho não lhe deu, tornou a pedir, depois de vários pedidos o sobrinho deu uma ao lobo. Passado dois dias o lobo começou a pensar como é que ele ia tirar o sobrinho da sua horta. Mas o sobrinho como era esperto apanhou um bom pedaço de corda e dirigiu ao lobo. Quando o lobo viu o sobrinho com aquelas cordas perguntou para que queria. O sobrinho respondeu. Estas a ver aquela nuvem preta, pois é uma tempestade que esta para cair na terá, e matará todo o que não estiver amarado. Então o lobo disse ao sobrinho: Dame um pedaço da sua corda. O sobrinho não quis. Depois o lobo disse sobrinho amareme primeiro. O sobrinho amarou bem amarado junto de uma figueira. Passado quatro dias um macaco estava a comer figo, então o lobo pediu ao macaco que lhe desse um figo. O macaco atirou-lhe o figo e caio mesmo dentro da boca. Então o lobo pediu ao macaco que lhe desamarasse o macaco recosou. O lobo pediu novamente o macaco tornou a recusar. Após 4 pedidos o macaco desamarou o lobo. O lobo agarrou o macaco pelo rabo, o macaco disse soltame sr. Lobo. Não soltareite porque as minhas mãos não estão cheias de camcras. O lobo disse aõ macaco. Vou te comer aqui mesmo. Os sobrinho estava por perto em cima de uma rocha e respondeu. Ti lobo posso lhe dizer a melhor maneira de comer macaco. Atira-o ao ar depois comeo e fará como naõ sobrara um fio de cabelo. O lobo disse sobrinho es esperto. O lobo atirou ao ar e o macaco caio fora do seu alcance. O lobo ficou um dia de boca aberta espera do macaco.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 3

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Eu recordo que havia um lobo o seu sobrinho. O lobo era malandro e que gostava de comer muito e que era esfomeado e que não gostava de trabalhar. O menino era trabalhador e era agricultor. Num certo dia o lobo estava tão esfomeado que foi ter com o menino pedir lhe comida e o menino diz-se que não tinha, o menino estava a tomar conta dos pés de mandeoca. O lobo pediu-lhe para ele da-se um pe de mandioca e o menino diz que ainda eles estava muito pequeno que não dava para colheitar e o lobo continuou a pedir então o menino deu-lhe um pe de mandioca e tornou a pedir outro pe e o menino diz tu ainda não dá para comer. Algumas dias passaram. Um dia o lobo viu ao longe um coisa e perguntou ao seu sobrinho que era o menino o que é aquela coisa negra? E o menino diz que era uma tempestade que ia destruir as coisas que não estava amarrado. Então o lobo pediu ao seu sobrinho que lhe amarra-se primeiro. O menino então amarrou o seu tio lobo o menino deixou o lobo sozinho lá. Então veio um macaco e começou a comer figo e o lobo diz para o macaco para ele atirar um figo para ele comer. O macaco atirou bem na sua boca. O lobo pediu para o macaco para ele desamarar e o macaco para ele desamarar e o macaco não queria. O lobo diz que daria a sua terra e o macaco diz que não confiava nele e o lobo implorou quatro vezes então o macaco desamarou e o lobo pegou o macaco no rabo, e o macaco perguntou o que estava a fazer. O lobo ia comer o macaco e não sabia como comer e o menino apareceu e diz para o seu tio para ele a melhor maneira de comer um macaco é mandar bem alto e o lobo assim fez e o macaco caiu no outro sítio. O lobo esperou 1 dia inteiro com boca aberta a espera de o macaco. e o macaco agradeceu o menino o salvar das garras do lobo.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 4

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um tio que chamava tio lobo e um sobrinho e o macaco. O tio lobo era preguiçoso não fazia nada não plantava nada só comia tudo o que o sobrinho plantava e recolhia. Um dia o sobrinho arranhou duas cordas estava a passar e viu o lobo e o lobo perguntou-lhe para que serve aquelas cordas e o sobrinho respondeu, e para amarrar tudo o aparece a sua frente e o lobo disse então arranja-me também e o sobrinho disse não e o lobo disse ao sobrinho para ele amarrar e o sobrinho amarrou-o e deitou-o aí e logo o macaco estava a passar, o lobo chamou-lhe e disse: Macaco desmarre-me por favor e o macaco respondeu-lhe eu não desmarro porque não és homem que eu confio e o lobo repetiu, macaco desmarre-me por favor e o macaco respondeu eu não desmarro porque não és homem que eu confio e assim o lobo enganou o macaco se ele desmarrava-lhe daria tudo o que ele tinha e o macaco resolveu desmarrar-lhe e quando o macaco desmarrou o lobo e assim o lobo ficou a correr-mão no rabo do macaco e o lobo disse-lhe agora dou-me vontade de comer-o sem ficar nem um fio de cabelo e logo chegou o sobrinho, o sobrinho disse ao lobo para ele amarrava-se e atirava-se o macaco ao alto e abria dentro da sua boca e o lobo atirou-o e o macaco foi-se cair no outro sítio e o lobo ficou com a boca aberta até no outro dia seguinte a espera do macaco a cair-se na sua boca. E assim a história terminou-se entre o sobrinho e o tio lobo.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 5

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho, o lobo era preguiçoso e comia tudo o que aparecia e o sobrinho era trabalhador, o sobrinho estava numa orte a tirar uma pé de mandioca e o lobo estava com a boca afiada para comer um pé de mandioca que o sobrinho estava a tirar, o lobo estava a pedir ao sobrinho que lhe desse um pé de mandioca mas o sobrinho não dava ao lobo, mas o lobo estava enfrontado e o sobrinho tirou um pé e deu ao lobo, e o lobo agora queria tirar o sobrinho a orte mais a frente o sobrinho pôs o olho para cima e o lobo perguntou? O que é aquela coisa? O sobrinho respondeu. Aquela coisa é um tempestade que vai dar e tudo o que estiver desamarrado a tempestade vais arrastar. Então o sobrinho tinha um bom pedaço de corda e o lobo estava a pedir ao sobrinho que lhe desse um pedaço da corda, depois o sobrinho estava a começar a amarrar num tronco duma árvore e o lobo disse começa a amarrarme primeiro o sobrinho apanhou a corda e amarrou o lobo, o lobo tão enfrontado pediu o sobrinho para lhe desmarrar o sobrinho atirou o lobo uma fruta e deu-lhe na boca, e o lobo queria que o sobrinho desmarrava mas o sobrinho disse ao lobo que não era de confiança mas depois o sobrinho desmarrou. O lobo, e o lobo agarrou no rabo do macaco e o macaco perguntou! Porque estas a pegarme no meu rabo! disse o lobo a muito tempo a minha boca estava desafiada e agora quero afia-la então o macaco não disse nada: o lobo atirou o macaco para o alto com toda a força e o lobo ficou com a boca aberta a espera do macaco mas só que o macaco não caiu no mesmo local caiu noutra parte, e o lobo com a boca aberta a espera que o macaco vai cair.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 6

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um lobo e o seu subrinho, o lobo era desonesto e o seu subrinho era trabalhador plantavam mandioca o lobo era malandro e esfomeado comia tudo sem deixar de alargar e amadurecer. Certo dia ele já não tinha mais mandioca e foi pedir ao seu subrinho que logo negou-lhe a dar a sua mandioca. Ele ficou com raiva do subrinho e mandou-lhe embora. Depois de dois três dias o seu subrinho apareceu por pela volta da sua casa e disse ao lobo, estas a ver aquela nuvem negra pois vai passar uma grande tempestade e quem não estiver amarado numa árvore vai ser arastado pela tempestade. Então o lobo pediu para lhe vender um bocado de corda por favor eu preciso dela para me amarar. Depois de o lobo ter insistido o subrinho aseitou amara-lo, amarou-lhe com muita força de maneira que ele não pode-se soltar depois de ter passado 5 dias um macaco subia a árvore ou de o lobo estava amarado. O lobo disse-lhe bota-me um figo aqui em baixo e () o figo dentro da boca depois o lobo disse para o macaco desamarar-lhe não confio em ti o lobo implorou-lhe até que o macaco desamarou-u e o lobo agarrou-lhe no rabo pronto para lhe comer. O subrinho que assistia tudo disse ao lobo, posso mostrar-lhe a melhor maneira de comer macaco atira-o para o ar e fica com a boca aberta, o lobo ficou surpreendido com a ideia e atirou o macaco para o ar com toda a sua força, e o macaco foi cair muito longe da floresta e o lobo ficou o dia inteiro com a boca aberta a espera que o macaco cair-lhe dentro da boca.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 7

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer o macaco

Historia de um sobrinho, um lobo e um macaco que viviam na floresta. O sobrinho era trabalhador plantava mandiocas. O lobo preguiçoso, e esperto sempre que o sobrinho plantava as mandiocas ai comer. Obrigava o sobrinho a tirar as plantas sem os crescer. Um dia o louco viu uma mancha escura no céu, e perguntou ao sobrinho o que era a mancha. O sobrinho disse era um mau tempo que ia passar daqui alguns dias amarrado numa arvore e o lobo não tinha nada para amarrar, pediu ao sobrinho que dá-se um pedaço de corda. O sobrinho disse que não podia sopor a corda. O lobo insistindo que vendese um pedaço. O sobrinho não quis. O lobo ficou quatro dia amarrado num pé de figueira por causa do mau tempo. Apareceu um macaco que o salvou. O macaco foi o deus pelo lobo no momento. O lobo pediu ao macaco um figo, porque estava morrendo de fome. O macaco deu-lhe o figo e desmarrrou-o. O macaco ao desmarrar o lobo, o lobo queria comer o macaco. O lobo pegou o macaco e não queria o soltar. O macaco sempre insistendo para o soltar. Derepente apareceu o sobrinho que o salvou o macaco, a mando uma armadilha ao lobo. O sobrinho disse ao lobo, amarra os pés do macaco atira bem longe e fica com a boca aberta a espera que o macaco vai cair justo dentro da sua boca. O lobo por comida faria tudo. E fez como o sobrinho mandou-lhe. E o macaco caiu bem longue. O lobo com a vontade de comer, teve que ficar um dia com a boca aberta a espera que o macaco cai-se na boca. E o lobo com a certeza que ia fazer o macaco o petisco do dia. E assim o lobo deu o seu fim da história sozinho, com fome. O macaco salvo da boca do lobo. Que sorte. O sobrinho com as mandiocas feliz, livre do lobo.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 8

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O sobrinho era trabalhador e o tio lobo era um preguiçoso, o sobrinho tinha uma plantação onde plantava mandioca, e o tio logo pediu uma mandioca ao sobrinho e o sobrinho respondeu-lhe que as mandiocas não estavam boas, mas o lobo continuou a insistir. Estava a querer da um sumiso no sobrinho. O sobrinho viu uma nuvem negra e disse estas a ver aquela nuvem, ai vem um grande temporal e que ai arrastar todas os que não estivessem amarrado e pediu ao tio que lhe amarra-se, mas o yio lobo pediu-lhe que amarrase-o primeiro. O sobrinho amarrou-o num arvore. Momentos depois apareceu um macaco. E pediu ao macaco que o desmarace e o macaco disse que não porque ai comer todos os figos da figueira, e o lobo disse ao macaco que lhe de-se um figo e o macaco jogou um figo mesmo dentro da boca do lobo, e voltou a insistir que o macaco solta-se e prometeu ao macaco que daria a terra dele. E o macaco soltou o lobo que logo lhe prendeu o rabo. E o sobrinho que estava em cima de uma montanha disse ao tio lobo se queria que lhe ensina-se a melhore maneira de comer um macaco. E o tio concordou e o sobrinho disse atira para cima e abre a boca e o tio lobo jogou-o para cima mas bem alto e o macaco caiu bem longe e o tio lobo ficou a espera dele durante um dia com a boca aberta, e o macaco agradeceu ao sobrinho por ter-lhe salvo.

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez o tio lobo e o seu sobrinho. O tio lobo era muito preguiçoso e esfomeado mas o sobrinho era muito trabalhador. O sobrinho resolveu plantar mandioca, e pediu ajuda ao tio, mas, ele recusou, ele resolveu plantar sozinho. Passado alguns tempos as mandiocas começaram a crescer, quando o lobo viu-as viçosas ele foi pedir ao sobrinho para dar-lhe uma mandioca porque ele estava esfomeado. O sobrinho disse-lhe que não porque ainda elas não serviam para comer. O lobo insistiu tanto até que o sobrinho concordou em dar-lhe uma. Ele comeu-a e gostou, e ele resolveu dar um sumisso ao sobrinho e arranjar uma maneira de ficar com as suas terras. O sobrinho desconfiou que o tio estava a aprontar algo contra ele. Ele viu uma nuvem negra e teve uma ideia, apanhou um pedaço de corda e aproximou-se de uma árvore, o tio chegou ao pé dele e apontou para a nuvem e perguntou o que era, o sobrinho respondeu que era uma tempestade que se aproximava e levaria tudo o que não estava amarrado, ele disse o que ia amarrar a si próprio o lobo aflito pediu que da-se-lhe um pedaço de corda o sobrinho disse-lhe que não podia porque ia amarrar e o tio lobo pediu-o para amarra-lo primeiro, e assim foi, pasado alguns dias e o lobo estava cheio de fome. Apareceu um macaco que foi atirar figos na árvore para comer. O tio lobo pediu-o que lhe dé-se um figo porque estava com fome. O macaco atirou-o um que caiu-lhe mesmo dentro da boca, depois ele pediu-o que desamarasse-o mas o macaco não queria porque ele não confiava no lobo, mas ele insistiu tanto que ele concordou, mas com uma condição depois deixa-lo ir sem fazer mal nenhum. O lobo concordou e prometeu entregar-lhe todas as terras que pertencia e tudo o que era seu. E convenceu o macaco que o desamarou. Ao desamaralo o tio lobo pegou no rabo do macaco e o coitado pediu que o soltasse, ele disse que não porque ele ia o comer. ao ouvir isso o sobrinho que estava em cima de uma montanha disse. Sabe qual é a melhor maneira de comer um macaco é amarrar-lhe os pés e atirar-lhe ou ar. Assim fez, o macaco foi tão longe que caiu fora do alcance da boca do lobo. O macaco agradeceu ao sobrinho e ficou fora das garras do lobo.

Escola Salesiana de Artes e Ofícios

Grupo: B3 Texto: 10

Idade: 17 Local nascimento: São Vicente Línguas faladas em casa:

A melhor maneira de comer macaco

Havia um lobo, o seu sobrinho e o macaco. O lobo era um endividado muito priguisoso, e o subrinho era trabalhador. Eles lançaram a enxada no chão para plantar a mandioca. As mandiocas do subrinho nasceram todas, como o lobo era priguisoso e não tinha mandioca para comer ele foi queixar fome no subrinho, podes medar um pouco da sua mandioca? como o lobo era muito esperto e priguisoso ele queria ficar com as terras com mandiocas do subrinho. O subrinho já sabia que o seu tio ia tirar as mandiocas resolveu enganar o seu tio, ele arranhou duas cordas e o seu tio viu as cordas e disse para que ele queria as cordas, o subrinho respondeu, tio o sr. Está a ver aquela nuvem negra, pois se ele desabar a gente tem que estar amarrados se não ela leva todos os que encontraram desmarrados e leva tudo. O lobo tão inesperiente e com tanta medo disse ao subrinho que queria ser amarrado primeiro, o subrinho amarrou o lobo num pé de figueira e o macaco estava a comer no pé da figueira e o lobo estava com fome, pediu para o macaco lançar um figo, e o macaco lançou a direcção da boca do lobo. O lobo pediu ao macaco para ele desmarrar ele, disse que o lobo não era pessoa que ele ia confiar, para desmarrar, depois pediu mais outra vez para desmarrar, por quatro vezes depois o macaco desmarrou o lobo. o lobo pegou o macaco para comer, o subrinho apareceu e disse ao lobo para marrar o macaco o pé e lançar para o ar assim o macaco ia cair justo na boca dele e não ia sobrar nenhum fio de cabelo o lobo fez isso e mandou o macaco e o macaco caia noutra sitio e o lobo passou um dia de boca aberta esperando que o macaco caísse na boca dele. depois o macaco foi agradecer o subrinho, o que seria dele sem o subrinho porque ele salvou das garras do lobo.

A melhor maneira de comer o macaco

A historia fala de um lobo e do seu sobrinho. ti lobo era priguiçoso enquanto que o sobrinho era trabalhador. O sobrinho plantava mandioca. quando a mandioca esta quase pronta o tio lobo foi pedir o seu sobrinho mandioca. o sobrinho não queria darlhe mandioca porque ainda não esta pronta mas o tio lobo voltou a pedir e o sobrinho um pé de mandioca e deu o tio lobo ele comeu e gostou ele decidio fazer desaparecer o seu sobrinho para tomar conta de todo aquela mandioqueira. Depois de 3 dia o sobrinho passou a frente da casa do tio lobo com uma corda e o tio perguntou-lhe para que que ele queria aquela corda o sobrinho apontou para uma nuvem escura e o tio lobo perguntou que ele queria dizer. O sobrinho disse que estava para vir uma tempestade e iria levar tudo encontrar para frente e ele iria amarra-se numa arve e o tio pedio para o sobrinho amarrar-lhe primeiro o tio lobo passou durante 5 dias naquela arve amarrado no dia 6 o apareceu um macaco na arve para comer figo e o tio lobo pedio o macaco para lhe dar um figo porque estava com fome e o macaco orremeçoulhe um que lhe caio dentro da boca. Depois o lobo pedio para lhe desamarrrar e o macaco disse que não porque ele não era gente para se confiar, mas o lobo voltou a pedir e o macaco recusou. E depois o macaco desamarrou ele o lobo pegou no rabo do macaco e o macaco perguntou-lhe porque que lhe estava a agorar o seu rabo e o lobo disse depois de 5 dias amarrado estou com fome. E o sobrinho do lobo perguntou-lhe se queria que ele encina-se a melhor maneira de comer macacos e o tio lobo disse que sim. O sobrinho dice que ele pegava me no rabo e nos pés de macaco e o atirou o macaco para cima e ficou com a boca aberta a espera. E assim o tio lobo fez. Mas so que o macaco caio noutro lugar e o lobo ficou durante um dia de boca aberta a espera do macaco. E assim o macaco se livrou das garras do lobo.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B3 Texto: 12
Idade: 17 Local nascimento: São Vicente

A melhor maneira de comer o macaco

As personagens da historia são: Ti lobo é o sobrinho e o Macaco O sobrinho era trabalhador, o ti lobo era preguiçoso e esfomeado, ficava a dormir e a comer, so queria saber de comer..., e comeu tudo e sobrinho ficava desesperado um dia o sobrinho plantou alguns madiocas na sua parte de terra, e o lobo tambem plantou mas so que os do sobrinho crescia rápido do que os de tio lobo do dia seguinte o ti lobo foi pedir ao sobrinho que se comer e ele viu a mandioca que era do sobrinho o sobrinho disse que não estava pronta para comer, o lobo insistiu e disse so uma pedacinho, o sobrinho deu um padacinho, o lobo achou soboroso e desidiu acabar com o sobrinho. No dia seguinte quanto o lobo viu uma nuvem negra e desse que vinha uma grande tempestade e todos tinha que estar amarrados e o lobo pediu ao sobrinho que o amarra-se ao pe de uma figueira e de repente apareceu o macaco, e ele desse que não o desmara-va e prometeu-se ao macaco se o desmar-se daria tudo o que tinha e o macaco soltou o lobo agarrou pelo rabo sobrinho estava la em cima de uma montanha e disse ao tio lobo sequeria ele ensinar como comer o melhor maneira de comer macaco e o lobo desse que sim. E o sobrinho desse ao lobo para amararse o macaco de jogar para cima e o lobo jogou muito alto caiu fora do alcance e ficou com a boca e assim o macaco livrou de uma morte certa.

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O tio lobo era muito, pois, ele comia tudo o que via, mas o sobrinho já não era, ele era bastante trabalhador e sábio. Eles tiveram a ideia de plantar mandiocas. O lobo plantava e comia tudo de novo. O sobrinho já era diferente porque plantava e via a sua mandioqueira a desenvolver. Um dia o lobo sentiu fome porque já tinha comido tudo o que tinha plantado, então foi queixar fome ao sobrinho e pediu-lhes as suas mandiocas. O sobrinho recusou pois as mandiocas ainda não estavam prontas para comer. Dois dias depois o sobrinho encontrava-se numa montanha perto da casa do tio lobo com uma corda nas mãos e o tio lobo aproximou-se e perguntou-lhe para quê a corda. O sobrinho disse que ia amarrar-se com aquela corda porque estava por vir uma tempestade e que o que não estivesse amarrado ia ser carregado pela tempestade. O sobrinho começou a amarrar-se ao pé de uma figueira e o lobo pediu-lhe que o amarrasse primeiro e o sobrinho o amarrou. O tio lobo ficou amarrado durante 4 ou 5 dias. Depois apareceu um macaco ao pé da figueira a comer figos. O lobo pediu ao macaco que o desamarrasse e o macaco disse que não era homem que lhe pudesse confiar e o lobo repetiu a frase mais 3 vezes e o macaco recusou mais vezes, mas por fim acabou concordando, o macaco o desamarrou. O lobo pegou o macaco no rabo e amarrou-lhe os pés, pois ia comer o pobre macaco. O sobrinho apareceu e perguntou ao seu tio se lhe podia dizer a melhor maneira de comer um macaco, e o tio concordou, o sobrinho disse que ele amarrou os pés do macaco e lançava-o ao ar e ele caía directamente na boca. O tio lobo ficou durante um dia com a boca aberta a espera do macaco mas com sorte o macaco foi para bem longe do tio lobo e que lhe daria uma recompensa. Quanto ao lobo, ficou como sempre preparando as suas artimanhas mas longe do seu sobrinho.

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. O lobo era preguioso e comia tudo o que avia. Puseram-se a plantar mandeioca. enquanto o tio lobo plantava e ia logo comendo, o sobrinho era mais esperto plantava e os deixava crescer. O lobo já não tinha nada, enquanto via o do sobrinho a crescer. Estava com fome. – Ó sobrinho, me dá um pouco da sua mandeioca. O sobrinho recusou. O lobo implorou, implorou até que o sobrinho lhe deu uma mandeioca. O lobo gostou tanto que quis expulsar o sobrinho para ficar com as mandeioças. o sobrinho viu que o lobo queria tirar-lhe o que lhe pertencia, e arranjou uma maneira de livrar dele. Passou com umas cordas justo na porta do lobo para lhe chamar atenção. O lobo disse:- ó sobrinho para que e que queres estas cordas. O sobrinho inventou que haveria uma tempestade e que iria arrancar tudo o que estava solto. O lobo esaltou-se e queria que o sobrinho lhe vendesse aquela corda. O sobrinho para disfarçar recusou, recusou e depois aceitou. Amarrou o lobo bem amarrado, e ficou livre do lobo. Ele ficou 5 dias amarrado com fome. Apareceu um macaco, subiu numa mesma árvore onde estava o lobo amarrado e começou a comer figueiras. O lobo com fome viu o macaco e disse-lhe: -O macaco atira-me uma figuirinha. O macaco atirou-lhe uma que lhe caiu bem na boca. – O lobo disse-lhe depois para o desamarrear o macaco recusou, recusou, até que o lobo o convenceu. O macaco desamarrou-o, e o lobo pegou-lhe no rabo queria comê-lo mais o sobrinho não o deixou, disse-lhe: -Amarralhe uma corda nos pés e atira-lhe para cima. O lobo atirou-o e ficou muito tempo à espera. O macaco desapareceu. Nunca mais o viu. O macaco agradeceu o sobrinho por ter salvado.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B3 Texto: 15
Idade: 14 Local nascimento: São Vicente

A melhor maneira de comer o macaco

Havia o lobo e o seu sobrinho . O lobo era prigoçoso, comi tudo o que o sobrinho plantava e o sobrinho lançou os pés da mandioca o tiolobo viu as plantas do sobrinho a crescer e disse estou com fome o sobrinho disse quere espermentar a mandioca.

Depois o sobrinho arranjou uma maneira de afastar o seu tio lobo. Então comprou uma cordas e o lobo disse vai chover uma tempestade por isso tinha de estar bem amarrado. Quando o sobrinho esta a marrar e tio lobo disse amarra-me e depois deixo-o lá. Depois apareceu o macaco e estava a comer figo. Pediu o macaco para o desamarra-se e o macaco disse que ele nao era uma pessoa de confiança e o macaco dêsmarrou-no e depois o lobo queria comer o macaco mas depois o sobrinho apareceu e o sobrinho disse vou ensina-lhe uma forma mais fácil de comer o macaco, amarra-o o rabo e ele lançou-o para cima e o lobo ficou com a boca aberta a espera do macaco. E depois o macaco disse o sobrinho que ia recupensa-lo porque o salvou das garras do macaco

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho. O lobo era preguiçoso, porém o seu sobrinho era trabalhador.

Lançaram-se ao trabalho de plantar mandioca. O sobrinho cavou o chão e plantou as suas mandiocas. O tio lobo comia tudo o q' plantava. Então o tio lobo viu as mandioqueiras. O tio lobo estava com muita fome e foi pedir comida ao sobrinho. Chegou bateu a porá, o sobrinho abriu e o tio lobo disse-lhe tenho fome, da-me um pouco da sua mandioca. Depois de falarem o sobrinho deu-lhe uma mandioca. O tio lobo gostou e resolveu arranjar uma maneira de tirar o sobrinho dali para ficar com o mandioqueiro.

Alguns dias depois o tio lobo viu o sobrinho com uma corda e perguntou-lhe: o que vais fazer com essa corda? E o sobrinho respondeu:

Estás a ver aquela nuvem preta, é um temporal q' se aproximou e vai levar tudo o q' não estiver amarrado. Venda-me um pouco dessa corda - disse o tio lobo. Não posso vender, vou amarrar-me com ela. O sobrinho pôs-se a amarrar-se. O Lobo disse-lhe: Amarra-me primeiro. O sobrinho amarrou o lobo bem amarrado. 4 ou 5 dias depois apareceu o macaco para comer figo. Atira-me um fio disse o lobo eo macaco atirou-lhe um que caiu-lhe mesmo dentro da boca. Desamarra-me disse o lobo e o macaco disse - não, tu não és pessoa em q' eu se possa confiar. O lobo continuou a pedir. O macaco porém decidiu desamarrar-lhe. Quando o macaco desamarrou o lobo, essa por sua vez agorrou o macaco e tentou comer-lhe. Nesse mesmo instante apareceu o sobrinho em cima de um monte e gritou: ti lobo quer que lhe diga a melhor maneira de comer um macaco? Amara-lhe os pés e atira-lhe ao ar e abra a boca, que ele vai cair dentro da tua boca e vais ver como não vai sobrar nem um fio de cabelo.

És um sábio sobrinho - disse o lobo.

É isso mesmo que vou fazer. O lobo atirou o macaco com toda a força para o ar e abriu a boca. Quando o macaco caiu foi parar longe do alcance do lobo.

O tio lobo ficou um dia a espera do macaco com a boca aberta.

Um dia compensarte-ei, por me teres salvo a vida sobrinho - disse o macaco

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo que era prigisoso e comia o que encontrava, o sobrinho era trabalhador. Lançaram-se ao trabalho de cultivar o chão. O sobrinho cavou o chão e plantou o pé de mandioqueira.

O tio lobo sim que as plantas do sobrinho a crescer e disse estou com fome.

O sobrinho disse ainda estão bons para comer.

O tio lobo disse então da-me qualquer coisa para eu comer.

Passaram dois dias. O sobrinho arranjou duas cordas passou para a casa do tio lobo. O tio lobo perguntou para que é que queres estas cordas? O sobrinho disse olha sabes aquela nuvem que esta lá no céu vai haver uma tempestade e vou amarra-me. O tio lobo disse então amarra-me primeiro o sobrinho amarró o tio lobo no pé da bananeira.

Alguns dias depois, vem lá um macaco. O macaco estava na árvore a comer banana e o tio lobo disse ó macaco me dá uma banana. O macaco deu ele a banana. Depois o tio disse desmarra-me que eu te dou todas as minha terras. O macaco disse você não é homem que eu posso confiar. O tio lobo insistiu até que o macaco concordou.

O macaco desmarrou o tio lobo e ele pegou no rabo do macaco .

O tio lobo ia comer o macaco. E logo apareceu o sobrinho e disse eu tenho uma maneira de comer o macaco e assim o tio lobo perguntou como? O sobrinho respondeu amarres o macaco as pernas e lanças para cima. O macaco ao ser lançado ele fugiu. O tio lobo ficou com a boca aberta um dia.

O macaco agradeceu o sobrinho por ter salvado de ser comido pelo lobo.

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho . O lobo comia tudo o que plantava e o lobo ao ver as plantas do sobrinho a crescer foi a correr pedir ao sobrinho uma mandioca e o sobrinho não queria , tanto que o implorou que o sobrinho lhe desse uma mandioca. Passou 2 dias e o lobo viu o sobrinho a passar e perguntou para onde é que ele ia com essa corda e o sobrinho respondeu vou amarrar-me a árvore mais grande do bosque para que a tempestade que vem não me ganhe. O lobo disse amarra-me com esta corda e o sobrinho amarrou-o bem amarrado para que não pudesse desamarrar. Depois de um tempo apareceu um macaco a comer figos, o lobo ao ver comida chorou porque a muito tempo não tinha visto comida e disse dá-me um figo e o macaco soltou um e caiu dentro da boca do lobo e ele depois disse para o macaco desamarrar-o e o macaco disse que não porque o lobo não era de confiança e o lobo disse dá-me tudo o que eu tenho o macaco como era doido em dinheiro desamarrar-o e o lobo pegou o macaco e meteu-o na boca, já com a cabeça dentro da boca chegou o sobrinho e disse: ó lobo a melhor maneira de comer um macaco é amarrar-lhe os pés e mandar-lhe para cima e cairá dentro da boca e assim ele fez e o macaco caiu longe e disse: ô sobrinho agradeço-te e vou-te recompensar por me teres salvo.

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo preguioso e o seu sobrinho que era trabalhador. Resolveram trabalhar de plantar mandioca . O tio lobo comia tudo o que plantava, quando viu que a mandioca do sobrinho estava a crescer, foi pedir lo um pouco de mandioca, mas este recusou dizendo:”ainda não esta boa para comer”, mas o tio lobo insistiu tanto que o sobrinho acabou cedendo. Quando o tio lobo comeu, gostou muito, pensou em arranjar uma maneira de correr com o sobrinho, de modo a ficar com a mandioca. Passado dois dias o sobrinho estava a amarrar a casa do tio lobo e este perguntou-lhe, a que proposito fazia aquilo, e o sobrinho apontou para uma nuvem negra ao norte e disse que vinha uma tempestade que vai levar tudo que não estivesse amarrado. Depois o sobrinho comecou a amarrar-se a si, o tio lobo pediu que o amarra-se primeiro, e assim ele fez, amarrou o tio a uma figueira e deixou ali. Depois 4 ou 5 dias apareceu o macaco que andava a comer figo. O tio lobo pediu um figo ao macaco, que lhe arremecou um, mesmo dentro da boca. O tio lobo pediu ao macaco que o desamarra-se, mas ele recusou, poi disse que o tio lobo não era pessoa em que se podia confiar, mas o tio insistiu ate que ele concordou. Quando o macaco desamarrou-o, o lobo quis come-lo. Pegou-o no rabo dizendo que ia come-lo, o macaco pedia que o largar-se dizendo”lembra-te que te ajudei”, mas este nem por isso o largou. O sobrinho, muito esperto interviu, dando uma sugestão:”Amarra-lhe os pés e atira-lhe ao ar; pais assim não perderas nenhum fio de cabelo”, e assim fez o tio lobo, só que ele atirou o macaco com tanta forca, que ele caiu muito longe. O tio lobo ficou um dia de boca aberta a espera que o macaco cai-se. Passado uns dias o macaco foi agradecer o sobrinho:”um dia recompensarei-te por me teres salvo do teu tio”.

Escola Secundária José Augusto Pinto
Grupo: B3 Texto: 20
Idade: 14 Local nascimento: Santo Antão

A melhor maneira de comer o macaco

Avia um lobo e o seu sobrinho o sobrinho era trabalhador e o tio lobo era preguiçoso . o sobriho estava na plantação de mandioca e o lobo viu amandioqueira mais o sobrinho dizia que ai não era boa de comer mais o tio lobo encistiu de tal maneira que o sobrinho “arancou”opé de amandioca. Mais um dia o sobrinho preparou-lhe uma supreza enganou-lhe que vinha um tempestade e disse-lhe que a nuvem breta levaria tudo o que não estaria amarado perante esta cituação o lobo disse-lhe que lhe vende-se a corda mais o sobrinho disse:

-- Não isto é para me amar numa arvore. E quando o sobrinho foi-se amarar o tio lobo disse: Amara-me primeiro. O sobrinho amarou-o e deixou-o foise embora. Até que apareceu o macabu que estava a comer figo, e o lobo disselhe atirame uma e o macaco atirou uma que caiu mesmo na boca. Depois o tio lobo disse desamarre-me e o macaco disse: Não!não es pessoa que se possa confiar e o lobo emsistiu de tal maneira que até lhe disse que o daria tudo o que tinha mais emsistiu até que o macaco lhe desamarou quando ele lhe disamanou ele begou-lhe no rabo e o macaco disse: - largame lembre que fui bom para ti. E o lobo disse: - Não! Te matareie te comerei aqui mais mesmo a calhar o sobrinho naquele momento o sobrinho estava num monte e disse tio lobo sabes uma melhor maneira o macaco atira-lhe ao ar mais amarrado nos pes e o lobo assim o fez e disse: ao sobrinho es um homem sabio.

O lobo ficou um dia a estera do macaco de bocas abertas.

E depois o macaco foi ter com o sobrinho e disse-lhe te darei uma recompença

Fim

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 1

Idade: 14 Local nascimento: Cabo Verde Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: cabo-verdiano Origem da mãe: cabo-verdiana

A melhor maneira de comer macaco

Havia um lobo e o sobrinho o tio lobo comia tudo que via e era pegisoço e o sobrinho era muito trabalhador e resolveu planta mandioca e o tio lobo pediu-lhe um pedaço e o sobrinho diz-se que ainda não estava pronto para comer e aí o tio lobo pensou numa forma de o afastar para poder ficar com tudo para ele e tentou-o afastar; e estava uma nuvem preta e ele diz estas a ver esse nuvem preto esta no céu, olha é um tempestade que leva tudo que encontra tem que te amarar porque sem o levava e o sobrinho tinha uma corda e ele diz-se para o amarar numa árvore da figueira que havia e o lobo desse não primeiro amara-me tu e o sobrinho o amarou e foi-se embora apareceu o macaco que estava a comer figo e o tio lobo disse ao macaco que esta com fome que e atirar-lhe um figo que foi direitinho para boca e depois disse podias desamarar-me não porque não es homem de palavra e o tio lobo disse se me desamarar-se dava a minha terra com tudo e o macaco pensou e disse também e ele desamarou o macaco e o agarou no rabo e o macaco disse para que que estas a agarrar o meu rabo para te comer mais to prometeste que não me ias comer o macaco disse sabes qual é a melhor forma de comer um maco amara e atirar ao ar e vem direitinha a tua boca e ele disse que atira ideia e então o lobo o amarou e o atirou ao ar e ficou um dia a espera que o macaco vinha para a sua boca.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 2

Idade: 14 Local nascimento: Cabo Verde Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: cabo-verdiano Origem da mãe: cabo-verdiana

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez o lobo e o sobrinho um dia sobrinho tinha uma orte e o sobrinho plantou mandioca e o sobrinho desse e ainda estava muito nova para comer e ele achou muito deca e tento livra do cubrinho para poder ficar com mandiocaira um dia ele pasou com a corda ao de do tio lobo e ele o lho para o céu e vio uma nuvem preta e perguto tio lobo para que a acorda para me amarar porque ve ai um tempe estade e que não teves amarado morre e ele pidio um bocadinho de cordo ao cubrio o subrinho desse mem pensar o subrimo foi o pé da figeira e amaro com força o tio lobo desse amarra-me primeiro o o subrimo amarou o com força e pássaro dia e ele focomo fome e ele desse desamara-me e deute o meu lugar com tudo só que o sobrinho não comzio em vose fovar desamare-me mão em amado-me um figo átrio o um figo que acentou em cheio na boca do tio lobo e ele pegou o macaco e o subrimo apareceu o tio lobo sabes qual e o melhor maneira de cumer macaco atira o ao ar e o tio atirou-o o ar e esperou um dia com a boca aberta a espero do macaco e o macaco foi agradecer ao subrinho.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 3

Idade: 13 Local nascimento: Portugal Línguas faladas em casa: Crioulo

Origem do pai: São Tomé Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer o macaco

O tio lobo e o sobrinho, o tio lobo era muito prigoçoso, mas o sobrinho era trabalhador. O sobrinho tinha uma hosta que tinha simiado mandioca. O tio lobo como estava com muito fome, deessidio peder ao sobrinho madioca. O tio foi pedir e disse: -Sobrinho podes me dar mandioca para eu comer porque eu estou com muita fome. O sobrinho disse:-Não posso porque ainda não estão boas para comer, o tio ensistiu e o sobrinho deu lhe um pé de mandioca. Passado um dia o sobrinho tinha trazido corda o tio pediu-lhe para lhe dar um bocado da corda mas o sobrinho disse, que não pode porque vinha ai uma grande tempostade, e tem que tapar a minha horta- o sobrinho amarou o tio debaixo duma arvore que estava lá um macaco a comer figo. o lobo pediu ao macaco para ele dar figo o macaco amandou-lhe até acertou-lhe na boca. Depois ele tava com muita fome e agarou o macaco o sobrinho veio e disse: para ele amam-dar o macaco ao ar, aman-dou e o macaco consseguiu escapar. O macaco agradeceu a ajuda do sobrinho.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 4

Idade: 13 Local nascimento: Portugal Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer macaco

Havia um lobo muito malandro que tinha um sobrinho trabalhador que tudo o que o sobrinho plantava ele comia e não o ajudava. Chegou um certo dia que o sobrinho passou pelo tio lobo com uma corda na mão, e o sobrinho disse ao tio que aquilo era para se amarrar a uma árvore porque vinha um grande temporal que se avistava numa nuvem ao longe. O tio pediu-lhe para lhe vender a corda e ele negou então pediu-lhe para o amarrar primeiro à árvore. O sobrinho o amarrou muito bem e o deixou lá durante três dias, quando o lobo viu o macaco lhe pediu inúmeras vezes para o tirar daquela árvore e prometeu-lhe dar-lhe as suas terras com tudo incluído e o macaco concordou. Quando o macaco lhe desamarou ele o pegou pelo rabo e amarrou-lhe para o tentar comer mas felizmente o sobrinho dele estava próximo e armou-lhe uma silada que o deixou dois dias com a boca aberta.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 5

Idade: 14 Local nascimento: Portugal Línguas faladas em casa: Crioulo

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um tio lobo e o seu sobrinho decidiram plantar uma árvore para dar mandioca. Certo dia o tio lobo estava com uma fome desesperada, e então o tio lobo disse ao sobrinho: -Sobrinho eu estou cheio de fome da-me um pedaço dessa mandioca, e o sobrinho deu-lhe um pedaço, o tio lobo gostou tanto que queria mais. Certo dia o tio lobo quis ir buscar mais mandioca mas na altura apareceu um macaco, e o macaco perguntou: O que fazes aqui? E o tio lobo ficou sem resposta o macaco como sabia que o tio lobo iria roubar a mandioca amarou o tio lobo, e o tio lobo disse: -por favor macaco tir-me daqui e o macaco disse: Não porque tu não és de confiança. -por favor dou-lhe as terras e tudo o que há em ela, o tio lobo pediu 4 x e o macaco sempre negava mas acabou por concordar, mas assim que o desatou o tio lobo agarrou pela cauda e o macaco suplicou-lhe que lhe larga-se mas o lobo não largou, apareceu o sobrinho e perguntou, tio lobo sabes qual é a maior maneira de comer macaco, amara-o aos pés e depois atirou ao ar e abre a boca e assim o lobo fez, e ficou ali espera um dia, e o macaco agradeceu por lhe ter salvado do lobo.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 6

Idade: 13 Local nascimento: Cabo-verde Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A pior maneira de comer macaco

Era um lobo e o seu sobrinho. O sobrinho era um grande trabalhador e o lobo só queria comer dos outros, o sobrinho plantou mandeocas e o lobo que não plantou nada pediu ao sobrinho que lhe desse uma mandeoca. O lobo insistiu tanto que o sobrinho-lhe deu mas o lobo gostou tanto e queria mais mas como foi o sobrinho quem plantou achou que as mandeocas estavam em perigo, teve que enganar o lobo. ele aranjou cordas e passou perto da casa do lobo, o lobo lhe viu e perguntou o sobrinho para quê que eram aquelas cordas e o sobrinho disse: é para me amarrar a uma figueira porque vem ai grande tempestade que vai levar tudo. Então o lobo pediu que lhe amarrasse primeiro e o sobrinho amarrou muito bem e com 4 cordas, o lobo ficou lá 1,2,3,4 dias nada de tempestade que o sobrinho inventou para não lhe comer às mandeocas. Passou um corvo o lobo pediu que lhe desamarrasse mas o corvo disse: não vais me comer e depois passou um pássaro o lobo pediu o pássaro disse: não vais comer por seguida passou o macaco e lobo disse: Macaco desamarrar-me vou te servir bem, o lobo insistiu muitas vezes e tanto tanto que o macaco aceitou. Desamarrou-lhe e o lobo agarrou-lhe e disse vou te comer macaco aqui e agora. Passou o sobrinho e disse. lobo antes de comer amando três vezes não ar o lobo amando 12 e em 3^a vez o macaco fugiu e disse que o sobrinho lhe salvou.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 7

Idade: 13 Local nascimento: Faro Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

A melhor maneira de comer um macaco

Um dia o sobrinho do senhor lobo foi plantar mandioca depois uns dias o lobo foi pedir uma mandioca ao sobrinho, mas o sobrinho não queria das e o lobo disse que era só uma, depois o sobrinho deu-lhe um pé, depois passado um tempo o sobrinho estava a amarrar-se numa corda presa à casa depois o lobo disse-lhe que lhe amarra-se primeiro, o sobrinho amarrou-lhe com toda a força numa figuira. Então o lobo ficou lá quando apareceu um macaco que subiu á arvore para comer figo, o lobo disse mandeme um figo porque estava com muita fome depois o macaco atirou-lhe para a boca um figo, logo aseguir o lobo disse se lhe podia dezamarrar e o macaco disse que não o lobo tornou a pedir e o macaco recusou-se a lhe dezamarrar, na vez 4 o macaco foi-lhe dezamarrar, depois o lobo pegou-lhe na cauda e disse que lhe ia comer depois o seu sobrinho disselhe que a melhor maneira de comer um macaco era atirar o macaco com toda a força para cima depois o lobo atirou-lhe e nunca mais volto-lhe.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 8

Idade: 15 Local nascimento: Portugal Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

O lobo perguntou para que serve ele respondeu era para se amarar numa àrvore e o lobo perguntou o lobo o que era aquilo que estava em cima ele disse que era uma nuvem de tempestada e o lobo pediu-lhe para amarrar primeiro na àrvore e lá ficou uns certos dias amarado na àrvore depois apareceu um macaco a comer figos e o lobo perguntou se podia amandar um figo e caiu figo para a boca dele e ele pediu ao macaco para tirar da àrvore o macaco disse não és pessoas de confiança o lobo pediu mais umas quantas vezes para tirar da àrvore e o macaco disse não e depois o macaco acabou por lhe tirar da àrvore e o lobo pegou-lhe no rabo do macaco e o macaco disse larga-me larga-me por favor deixe-me ir embora o lobo disse que não lhe largava que ia lhe comer depois soprinho apareceu e disse para atirar ao ar e amarrar que caia para dentro da boca.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 9

Idade: 13 Local nascimento: Portugal Línguas faladas em casa: Cabo-verdiano e Português

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

A melho maneira de comer um macaco

Era uma vez um lobo e um sobrinho o sobrinho platava mandiocas e o lobo comia tudo do subrinho. Num dia o lobo disse au sobrinho. – Dame um bocado da tua mandioca E ele respondeu – Não estão boas tio. O lobo insistio poi ele queria um bocado – Vala dai me um bocado. E o sobrinho deulhe um bocado. O lobo que ia a todo, e tentou tirar o sobrinho para poder comer a mandiocada. Nundia seguinte o lobo vio subrinho com uma corda e disse: Para que serve essa corda. – Para que serve essa corda. – Para a marar, ta a ver a quela nuvem vai arrastar tudo. E o lobo disse: - vendeme essa corda. E o sobrinho respondeu – Não posso. – Então amara me primeiro. E a sim fez amaralhe primeiro. Passado algum tempo o lobo vio um macaco a comer figueira – Dame uma e o macaco lhe caiu ti ra me da qui. E ele disse que não do te as minhas terás. E ele dise que não porque não confiava nele. O lobo vou to lhe perguntar se ele podia tirar da li e o macaco disse que não. E o lobo disse que lhe dava as suas terra e o macaco lhe tirou o lobo lhe agarou pela cauda e disse vou te co mer o macaco disse que ele foi muito bom para ele. O sobrinho que estava perto deles di sse que a marrasse o macaco e lhe a tirase assim ele comia e assim fez o lobo ficou 5 dias a espera que lhe caísse pra boca o macaco agraceseu.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C1 Texto: 10

Idade: 14 Local nascimento: Cabo Verde Línguas faladas em casa: Caboverdiano

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

milo mandi de comer macaco

Era uma lobo e um sobrinho lobo era prijiçosu o sobrinho era trabalhador o lobo comia todo que via um dia o sobrinho plantou mandioca o lobo dizia o sobriho tenho fomi lobo viu mandioca cricendo que o sobriho mandioca dizia Aida mandioca no esta priciza alma cozi para comer o lobo correu com sobrinha tenha mitos corda. Lobo dizia para que isso sobriho dizia vem muitos vimtos Mara eu. O sobrinho marou o lobo viu macaco o macaco estava a comer o figo lobo dizia o macaco deu me um figo estou cheia de fome lobo virou a pitite e dise desmora me macaco dizia não posso confiar em te lobo dizia eu fora-te terra macaco desmorou o lobo o lobo agarou no macaco dizia lar-me lobo eu mato-e comu o sobrinho critou dizia o tio lobo pola macaco para sima cai dentro da boca não fica nada lobo dizia sobrinho es esperto lobo polou macaco para sima macaco não o cai detro da cai no chão lobo ficou com boca aberta dorante um ano.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 11

Idade: 15 Local nascimento: Portugal

Línguas faladas em casa: Caboverdiano e Português

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Portuguesa

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo é o seu sobrinho. O tio comia, tudo que avia ou encontra-se, o sobrinho era muito trabalhador. Até que um dia o tio e o sobrinho queriam ir plantar mandioca. O sobrinho tinha tudo bem encanto ou tio já tinha comido tudo, então foi. Para a parte da plantação do sobrinho querido sobrinho estou com fome não me arranjas nada para comer dáme um pé da tua madioca. Ainda não está madura o tio ensetio ate que o sobrinho lhe ofereceu um bocado mas também para ele ir-se embora. Um dia o tio encontro-se com o sobrinho e perguntou onde e que vai com as cordas o sobrinho disse olla para esto a ver a quela nuvem negra a norte vam ai uma forte tempestade, tenho que amarar tudo se não a tempestade leva. O subrinho () a amarra-o o tio disse para lhe amara o primeiro o sobrinho fez a sua vontade e ele ficou amarrado na figeira. A uma certa altura na figeira mesmo para sima de atareceu um macaco ele disse para amadar-lhe um figo ento o macaco atirou-lhe mesmo na boca. Ele dise para lhe desamarar-lhe o macaco disse que ele não era de confiar, o tio disse dou-te todas a minha terra e tu que tem. Voltou a pedir te tirra da aqui, o tio () a cabeça do macaco que o macaco lhe desamarou. Ele logo em siguida pegou-lhe pelo o rabo, o macaco eu confiou em ti. O tio disse o que lhe ia fazer o macaco dise o quê vou te comer. O sobrinho estava ali perto que disse ão tio para amarar o pés e amandou o macaco ele caira na sua boca sem sequer perder um pelo, boa idia. Assim o fazirei o mandoume ou ar o macaco cai loge e que longe o tio ficou 1 dia espera para o macaco cair. O macaco disse para o sobrinho obrigado por me teres salvado.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 12

Idade: 12 Local nascimento: Almada

Línguas faladas em casa: Português

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho, o lobo era muito comilão e o seu sobrinho era muito trabalhador. O seu sobrinho ia plantar mandioca o sobrinho cava plantas e o lobo só comia. Passado 2 dias o lobo queria se ver livre do seu sobrinho para comer as suas plantações. O sobrinho tinha corda para atar-se a uma árvore e o lobo disse:

-Vende-me essa corda! O sobrinho disse:

-Não posso te vender essa corda! Então pos a atar-se a árvore e o lobo atare primeiro então o sobrinho atou-lhe a uma árvore e deixou-lhe , passado 5 dias um macaco foi a tal árvore o lobo disse: - macaco mandame um linho estou cheio de fome! O macaco atirou e foi parar direitinho à boca do lobo. Lobo disse:

- Desamara-me macaco o macaco exclamou : - Não porque és mau! O lobo disse que dava a terra dele e tudo o que estiver la dentro o macaco disse : - Não!!! O lobo ao disser três vezes e sempre a mesma resposta e o macaco acabou-se por desamaralo ao desamaralo o lobo pego lhe pela cauda e disse:

- Vou te matar agora e vou te comer! O sobrinho estava perto ali no monte e gritou:

- Ó lobo sabes a melhor maneira de comer macacos e atiralos ao ar que vai parar te os à boca então o lobo atirou o macaco ao ar o macaco foi para longe de alcançar e o lobo com a boca aberta à espera do macaco.

O macaco agradecer ao sobrinho por telo salvado do lobo.

Fim

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C1 Texto: 13
Idade: 12 Local nascimento: Cabo Verde
Línguas faladas em casa: Criolo e Português
Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo que tinha um sobrinho. O tio lobo era perguisoso, enquanto se sobrinho era trabalhador fizeram uma plantação de mandioca. Quando o tio lobo passou pelas mandiocas, apeteceu-lhe come-las. Então foi ter com o seu sobrinho e pediu-lhe algumas mandiocas, dizendo:

-- sobrinho deixe-me apanhar algumas mandiocas porque estou cheio de fome. Seu sobrinho respondeu:

-- Não tio, as mandiocas ainda não estão prontas. Mas seu tio tão teimoso continuou a insistir. Pedindo mais quatro vezes, seu sobrinho recusando as quatro vezes. O tio lobo muito aborrecido pelas recusações de seu sobrinho decidiu vingar-se. Passou muito tempo a pensar qual seria vingança, até que chegou a uma conclusão. Decidiu que ia arranjar uma corda e amarrar se sobrinho a uma árvore, para poder ficar com todas as mandiocas. Felizmente o seu sobrinho ouviu tudo.

Passado dois dias o sobrinho passou com duas cordas na mão pela casa de seu tio lobo, foi sabes para que aquelas cordas.

Perguntando:

-- Para quê estas cordas, ti lobo?

-- Para amarrar-me a uma árvore. Respondeu o sobrinho.

-- Porquê? Perguntou o tio lobo.

-- Porque se aproxima-se uma grande nuvem negra, em que traz uma tempestade muito forte, que leva tudo o que não estiver amarrado. O tio lobo muito assustado pediu.

-- Vende-me esta corda.

-- Não, tenho que amarrar-me. Respondeu o sobrinho.

O sobrinho foi directo a uma árvore amarrar-se. Quando amarrava-se, seu tio lobo disse lobo:

-- Antes de te amarrares amarra-me a mim primeiro. O sobrinho fez-lhe a sua vontade.

Passaram 4 ou 5 dias o tio lobo viu um macaco que passou por lá perto e disse:

-- Ei! Tira-me daqui!

-- Não! Respondeu o macaco.

-- Valá prometo que te dou todas as minha terras.

-- Não vais-me comer. Disse o macaco. Pedindo muitas vezes, o macaco acabou por aceitar e desamarrou o lobo. O tio lobo pega-lhe na cauda o macaco pergunta:

-- Porque é que agaras-me na cauda? Ele disse:

-- Porque tenho as mãos dormentes.

-- Larga-me! Grita o macaco!

-- Não vou matar-te e comer-te. O sobrinho viu-o e disse:

-- Tio, sabe a melhor maneira de comer o macaco? É rodá-lo com muita força e atirato para cima de forma a que caia na sua boca! Assim o fez, mas o macaco foi na direcção errada e agradeceu o sobrinho do lobo por ter-lhe ajudado.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 14

Idade: 12 Local nascimento: Lisboa

Línguas faladas em casa: Português

Origem do pai: Português Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo tio de um miúdo que lançaram-se ao trabalho de plantar uma horta de mandioca .O tio lobo pediu uma e o miúdo disse que ainda não tavam boas para comer.O tio lobo inestiu muito então o miúdo deu-lhe uma .O tio lobo comeu viu que tavam boas então começou a planejar para tirar a horta ao sobrinho. E depois o tio lobo viu o sobrinho com a corda e perguntou: Aonde vais com a corda?

O sobrinho respondeu-lhe olha para o céu vê aquela nuvem cinzenta vem ai uma grande chuva e vai matar quem não estiver amarado. E o tio lobo disse: vende-me um pouco de corda? E o sobrinho respondeu não posso vende-la. Então podes amarar-me aquela figeira? O sobrinho tábem. Então o sobrinho amarou e por fim passado 4 dias depois o tio lobo ainda tava lá e derrepente apareceu um macaco tava em cima da figeira a comer figos. O tio lobo disse! Podes dar um figo estou cheio de fome senhor macaco? E o macaco amandou um figo e entrou logo na boca...

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 15

Idade: 14 Local nascimento: Cabo Verde

Línguas faladas em casa: Português e Crioulo

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo que morava com o sobrinho certo o sobrinho resolveu plantar mandioca cada vez que o sobrinho plantava um pé de mandioca o lobo pedia ao sobrinho que lhe desse umas folhas de mandioca. Mas o sobrinho não lhe deu até que o lobo resolveu inranjar uma maneira do sobrinho ir embora, para ele come os madiocas todas.

Estava uma nuvens escuras e o lobo disse o que é aquilo o sobrinho respondeu lá vem tempestade. O sobrinho pegou numa corda o logo disse vende-me esta corda o sobrinho disse não vou aramarar au pé de uma arvore o lobo disse então mara-me primeiro, o sobrinho amarou ele ao pé de um pé de figo.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 16

Idade: 14 Local nascimento: Cabo Verde

Línguas faladas em casa: Crioulo

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco”

Havia um lobo e o seu sobrinho, o lobo era muito preguiçoso e o sobrinho era muito trabalhador e o lobo estava com fome e disse ao sobrinho que lhe podese dar um bocadinho da sua mandioca não, ainda não esta boa para comer.

Dois dias depois o lobo ja tinha ideia para ficar cão a orta do sobrinho, depois drose um corda muito grande e o sobrinho disse para lhe vender a corda e o lobo disse que e para faser um jogo para amarar um ao outro e o sobrinho disse eu amaroti primeiro e o lobo disse todo bem.

passado 4 dia despo o macaco estava a comer figo e o lobo disse ao senho macaco podia dar um figo e o macaco atirou o figo para a boca dele.

O lobo votou a pedir mas um coso, e disse do macaco ppara lhe disamarama não posso cofiar, e o lobo disse se lhe desamara.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 17

Idade: 16 Local nascimento: Cabo Verde

Línguas faladas em casa: Creoulo

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo e o sobrinho, o lobo era muito preguiçoso, comia tudo o que via pela frente. Eles decidiram plantar mandioca. O lobo comeu toda a mandioca e disse ao sobrinho deu-me alguma coisa para comer estou com fome. Depois de ter pedido varias vezes o sobrinho tirou uma mandioca e deu ao lobo. O sobrinho tinha de arranjar maneira de afastar o lobo das suas plantações que já estava com folhas verde. Passaram dois dias o sobrinho arranjou duas cordas e passou pela casa do lobo e o lobo perguntou-lhe para que é que precisas destas cordas o sobrinho disse-lhe para aquela novem escura ali, vem uma tempestade que vai arastar tudo que não esta amarrado e o lobo disse vende-mes um pouco de corda, o sobrinho não posso vender. O lobo pediu ao sobrinho para lhe amarrar primeiro, passado quatro ou cinco dias, apareceu um macaco para comer figo e o lobo pediu-lhe para o desamarar, o macaco disse que não porque ele era um mentiroso e aldrabão, o lobo voltou a dizer desamaram e dou-te todas as minhas terras com tudo que tem nelas, depois de tanto ter pedido quatro vezes, o macaco desamarou e o lobo agarou no rabo dele o macaco disse-lhe para que quer agarrar no meu rabo os meus estão mortos de desamarar-lo larga-me para dar-lhes força, o lobo disse-lhe vou comer-te, mas o sobrinho que estava em cima de uma rocha gritou ao lobo, quer que te encina com comer um macaco, amarra-o nos pés e joga-o para cima que ele vai cair-te na boca sem perder um fio de cabelo se quer, o lobo disse ao sobrinho és um sábio. Assim fez o lobo, amarrar o macaco e jogou-o para cima, ficando com a boca aberta durante dois dias a espera que o macaco caísse na boca, mas o macaco tinha caído para lá fora, que depois foi agradecer o sobrinho por ter-lhe salvo a vida.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C1 Texto: 18
Idade: 13 Local nascimento: Almada
Línguas faladas em casa: Português e crioulo
Origem do pai: caverdiana Origem da mãe: caverdiana

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e seu sobrinho o lobo era perguiço, mas o sobrinho era trabalhador. Um dia o sobrinho decidiu plantar uma mandioca. Passado alguns tempo o lobo queria uma mandioca. Mas o sobrinho disse que ainda não estavam prontas para comer. Depois o tio lobo olhou para o céu e disse ao seu sobrinho o que era aquilo o seu sobrinho disse que era um temporal que lavinha, e quem não esteve-sse bem amarrado serio levado com ele. Passado com cinco dias um macaco foi comer figos na arvore onde estava amarrado o lobo. O lobo olhou para cima e disse ao macaco que lhe desse um figo. O macaco amandou o figo no boca do lobo, depois o lobo pedi-lhe que lhe dezamarrase, mas o macaco disse que não confiava na sua palavra. O lobo disse que lhe dava as suas terras ,depois pedi lhe para lhe desamarrear o macaco dezamarrou, e o lobo pegou na calda do macaco. O macaco disse porque pegas não minha calda porque as minha mãos eistam dormentes mas o lobo queria comer o macaco. O sobrinho estava por ali por perto e vio o lobo queria comer o macaco. O sobrinho deu uma idaia ao tio lobo que amarrace o macaco nos pés atirase ao ar e abri-se a boca. Mas ficou fora do seu alcanse. O tio lobo fez e ficou um dia com a boca aberta, e macaco disse obrigada.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 19

Idade: 13 Local nascimento: Lisboa

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer o macaco

Havia um lobo e um seu sobrinho, que o tio lobo era trabalhador e o subrinho era prigesoso. E um dia devanlhe vontade de plantar mandioca. Num dia o toi lobo tinha uma corda e fosse a marra a arvore e focou lá cinco dias até que apareceu o macaco o lobo disse-lhe para dar uma maça e o macaco deu, o lobo disse lhe para ele dezamarar e ele não confiava e o lobo vala, porfavor tireme daqui e o macaco não cofiava passando um bocado o lobo disse –lhe outra vez olha se tu me tirares daqui eu te dou a minha parte das terras e o macaco não confiava o lobo enplorou e o macaco lhe desamarrou, mais quanto ele já ia embora o lobo agarou pela cauda, então a nossa promessa era sou uma mentirinha. O lobo nessa altura estava a morrer de fome que ate ia comer o macaco mais o sobrinho chegou a tempo e disse ao tio lobo, se tu lhe mandares la para cima vem melhor para baixo sem cair um fio do seu pelo, depois o tio macaco agradeceu-lhe por ter salvo de ser comido pelo o lobo.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C1 Texto: 20

Idade: 13 Local nascimento: Cabo-verde

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo e o seu sobrinho. O tio lobo era preguiçoso e comia muito. Como o lobo comia tudo o que plantava, um dia foi para a horta do sobrinho e disse-lhe que tinha fome e queria uma mandioca e o sobrinho disse-lhe que ainda não e o lobo disse que queria qualquer coisa para comer e o sobrinho arrancou umas e deu-lhe. Passado alguns dias viu o sobrinho a passar pela sua casa com duas cordas as costas e perguntou-lhe para que eram as cordas e apontou para uma nuvem que estava negra e disse-lhe que vinha uma grande tempestade e quem não esteve-se amarrado não vai sobreviver. O tio lobo pediu uma corda e ele disse-lhe para lhe dar uma das cordas e ele disse que não dava e o tio lobo voltou a pedir outra vez e o sobrinho tirou uma e foi lhe amarrar numa árvore. Passado dias apareceu um macaco que começou a comer os figos dele e o lobo disse-lhe que era para o desamarrar e o macaco disse que não era de confiança. Quando o macaco desamarrou-o e o tio lobo disse-lhe que o ia comer, mas apareceu o sobrinho e disse-lhe que era para o amandar ao ar e o sobrinho apanhou-o e o lobo esperou o dia todo e o macaco agradeceu por ter salvo.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 1

Idade: 13 Local nascimento: Cabo Verde

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um lobo que gostava muito de comer. Um dia o sobrinho do lobo plantou umas mandiocas e o lobo queria muito comer essas mandiocas e foi pedir ao sobrinho e o sobrinho respondeu, que ainda estavam muito novas o lobo enstestiu até que o sobrinho acabou por lhe dar uma mandioca. O lobo como era muito goloso comeu todas as mandioca do sobrinho. Um dia o lobo viu o sobrinho com uma corda e perguntou para què era a corda o sobrinho apontou para as nuvens que estavam um pouco nubladas e disse que estava a vir uma tempestade que ia matar a todos e que ele ia se amarrar na arvore para o vento não lhe levar e o lobo disse vende-me metade da tua corda e amarrra-me nesta arvore de figos. Apareceu o macaco e o lobo pediu para lhe dar um figo porque estava com muita fome. O lobo depois pediu-lhe para o desamarrar e o macaco disse que não porque ele não era um homem em que se podia confiar, o lobo pediu outra vez e o macaco recusou novamente e o lobo disse que lhe dava toda a sua terra e tudo o que nela tinha. Pediu quatro veses e macaco recusou até que acabou por dessamarra-lo o lobo pegou-o pelo rabo e disse que não ia lhe largar, que ia lhe matar e comer-lhe. O sobrinho chegou e disse, tio. Amando o macaco para o ar e espera de boca aberta até ele cair e o lobo fez, amandou-o bem com toda a sua força e esperou um dia. O macaco agradeceu ao sobrinho por o ter salvo do lobo que o ia comer.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 2

Idade: 14 Local nascimento: Barreiro

Línguas faladas em casa: português

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez o tio lobo e o sobrinho, o tio lobo era muito preguiçoso, ele comia tudo o que via pela frente, o sobrinho quereres muito trabalhador, plantou mandioca então o tio lobo disse, sobrinho quando e que vamos comer as mandiocas, o sobrinho disse ainda não estão boas, o tio lobo tinha muita fome e disse, sobrinho arranga qual quer coisa para comer, o sobrinho aracou o pé de uma cabra e deu-se, o sobrinho foi embora ele tinha ido boscar cordas e voltou, tio logo disse para que queres estas cordas ele respondeu, tio logo esta a ver aquela nuvem, que dizer que vai haver uma grande tempestade e eu vou-me amarra-me à uma arvore, o tio lobo disse amarra-me primeiro então o sobrinho amarrou-lhe e o tio lobo ficou lá amarrando numa fegueira há uma 1 semana quando passou um semana, um macaco que estava a comer figos o tio lobo disse macaco tira-me estás cordas, quando o tio lobo disse pela 51 vezes, à 5z vezes o macaco tirou-lhe o tio lobo agarrou-lhe na cauda, o sobrinho disse que a melhor maneira de comer o macaco e amandar o macaco ao ar, então o tio lobo amandou o macaco ar e abriu a boca ele ficou com a boca aberta há vinte anos. O macaco tinha caído há 25 quilometro de distância.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 3

Idade: 14 Local nascimento: Barreiro

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo Verde Origem da mãe: Cabo Verde

A melhor maneira de comer um macaco

Havia 2 lobos que moravam numa vila, um lobo era o tio o outro era o sobrinho. Um dia o sobrinho plantou as suas próprias mandiocas, o tio que chegou, tinha fome e pediu uma mandioca ao sobrinho, e este entretendo disse que não podia dar, porque as tinha plantado naquele instante. Todavia o tio disse que lhe desse alguma coisa, de comer, então o sobrinho arrancou um pé de mandioca e deu-lhe p'ra comer, o tio lobo disse que estava muito bom e decidiu expulsar o sobrinho, para ficar com os pés de mandioca só para ele. Um dia o tio lobo viu o sobrinho com uma corda a passar por cima de casa e o tio perguntou-o para que era aquela corda e ele respondeu que aquela nuvem escura que estava no céu, era uma tempestade que matava tudo e todos que não estivessem presos, e o tio disse e então, então o sobrinho disse que ia se amarrar à árvore e o tio disse amarra-me também, amarra-me primeiro e o sobrinho fez. Um dia depois apareceu um macaco a comer figos e o tio lobo disse da-me alguns figos e o macaco atirou. O tio lobo disse solta-me e o macaco soltou-o

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 4

Idade: 14 Local nascimento: Barreiro

Línguas faladas em casa: português e crioulo

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez o lobo, sobrinho e o Macaco. Sobrinho foi para a horta plantar a mandioca, então o lobo comia todo. Até que um dia o lobo tinha muita fome, e disse ao sobrinho: sobrinho eu tenho muita fome e quero a sua mandioca e o sobrinho disse não. Então o lobo foi para casa e o sobrinho passou com a corda na mão e disse! Lobo eu ouvi dizer que vem o vento que vai levar todas as pessoas que não estiverem amarradas. Sobrinho disse assim olha aquela nuvem o lobo, disse assim sobrinho dá-me essa corda, então o sobrinho disse assim não eu não posso então o lobo disse assim sobrinho dá-me essa corda. Então o sobrinho amarrou o lobo. Passado 5 meses o macaco chegou e estava a comer figo, e o lobo disse macaco dá-me um figo e o macaco deu-lhe, e o lobo disse desamarra o macaco, não tu não és homem para desamarrares então o lobo disse macaco desamarra-me, tu não és homem para confiar então o macaco desamarrou e o lobo pegou no rabo do macaco e o macaco disse o lobo porque que pegaste no meu rabo o lobo disse eu tenho muita fome já fiz tanto tempo que eu não comia e o macaco largou o rabo, largou e o sobrinho que estava a passar por ali e ouviu o macaco a gritar lobo me largou e o sobrinho foi e disse ao lobo lança o macaco para cima e abre a boca vou comer ele e o lobo disse sobrinho até que tu és um rapaz então o lobo lançou o macaco para cima e o macaco caiu na árvore fez um fezes que caiu dentro da boca do lobo e o lobo disse ai sobrinho ai sobrinho até que este macaco e um fezes

Fim

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 5

Idade: 15 Local nascimento: Cabo-verde

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer macaco

Era uma vez um macaco que vivia numa aldeia, e um dia viu o seu sobrinho a plantar mandioca, o lobo dirigiu-se ao sobrinho e disse. Oh sobrinho podes me dar uma mandioca e o sobrinho respondeu: não a mandioca não está pronta para comer e o lobo insistiu até que o sobrinho arancou um filhote de mandioca deu-lhe. Passado cinco dias o sobrinho arranhou-lhe uma corda e dirigiu-se a casa do lobo e deu duas voltas, e o lobo perguntou ao sobrinho, o que é que estás a fazer! O sobrinho respondeu; vou-me amarar a uma árvore porque vem aí uma tempestade que vai levar tudo; o lobo disse, ao sobrinho para-lhe amarar primeiro e o sobrinho disse que não e o lobo insistiu até que o sobrinho dissidiu-o amarar; passado 4, 5 dias e um dia um macaco foi à figueira comer figos e o lobo disse ao macaco. Para-lhe atirar um figo e o macaco atirou um figo que-lhe caiu mesmo dentro da boca e o lobo disse-lhe para-lhe atirar mais um figo e o macaco deu-lhe mais um figo e depois o lobo disse-lhe para o desamarar e o macaco respondeu não e o lobo disse-se mas desamarar dou-lhe a minha terra com tudo que tiver lá dentro e o macaco disse não e o lobo insistiu tanto até que o desamarou. O lobo agarrou-o pelo rabo e o macaco disse: porque é que estás a segurar-me no rabo, é para te comer agora e aqui. O sobrinho está por perto e disse ao lobo, alto lobo sabes qual é a melhor maneira de comer macaco e o lobo disse que não e o sobrinho disse atira-o ao ar e abre a boca. O lobo atirou com toda a sua força e esperou dia todo do macaco. O macaco foi parar muito longe.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 6

Idade: 16 Local nascimento: Barreiro

Línguas faladas em casa: Crioulo, Português, Francês

Origem do pai: Origem da mãe: Cabo-verde

Era uma vez um lobo e o seu sobrinho. o sobrinho estava a plantar mandioca e o lobo lhe pediu uma. Mas o sobrinho não lhe deu. Mas ele chateou tanto o sobrinho que lhe deu uma mandioca. Um dia, o sobrinho deparou-se com uma nuvem cinzenta e perguntou ao tio o que era. O tio com duas cordas nas mãos disse-lhe que viria um tempestade e o que não tivesse amarrado voaria. Então o sobrinho amarró-o numa árvore. Passaram-se 4 dias e o lobo ainda estava ali amarrado, no entanto passou um macaco, no qual ele lhe pediu ajuda, e lhe pediu algo de comer. O macaco atirou-lhe o comer á boca e calho mesmo em cheio. Depois o lobo pediu-lhe para lhe desamarar mas o macaco disse que não tinha confiança. O lobo prometeu-lhe as suas terras, mas o macaco não aceitou. Após várias tentativas lá o macaco tirou-lhe as cordas. O lobo agarrou-lhe na calda do macaco, e o macaco pediu ajuda. E ainda perguntou porque estava a fazer isso. E o lobo disse-lhe que tinha a mão durmente. O lobo estava pronto para comer o macaco, quando o seu sobrinho lhe disse que a melhor forma de comer o macaco era amarrando-lhe os pés e atirando-lhe ao ar seria mais fácil de o comer. O lobo aceitou essa sugestão e lá o fez. Atirou o macaco tão longe que foi para fora de seu alcance, no qual o lobo ficou com a boca aberta á espera do macaco descer durante um dia.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 7

Idade: 14 local nascimento: Cabo verde

Línguas faladas em casa: Crioulo

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiana

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo muito preguiçoso que tinha um sobrinho muito trabalhador.

Foram plantar mandioca e o tio comia tudo o que plantava, dias depois o tio viu que as plantas do sobrinho estavam a crescer e disse que queria comer as mandiocas do sobrinho. O sobrinho disse:

-- Tio lobo ainda não estão bem desenvolvidas.

-- Tio lobo insistiu tanto que o sobrinho acabou por ceder. O tio lobo gosta e quis ficar com o terreno das mandiocas para ele, e pençou em expulsar o sobrinho para ficar com as mandiocas. Passaram-se dois dias e o sobrinho passou pelo tio com uma corda, e o tio perguntou-lhe – o que vais fazer com essa corda meu rapaz – o sobrinho apontou para o céu. – olhe essa nuvem negra, vem aí uma tempestade que à de matar todos os que não estiverem amarrados. – então vendeme um pouco dessa corda – não posso, porque vou me amarrar bem à figueira pois não quero morrer. – amarras-me assim primeiro! O sobrinho amarrou-lhe muito bem. Passaram cinco dias e apareceu o macaco a comer figos, o tio lobo pediu-lhe um figo o macaco deu-lhe, aproveitado a gentileza do macaco, o tio lobo pediu que lhe desmarra-se, mas o macaco não é assim tão burro. O tio lobo continuou com a ladainha, sempre prometendo que lhe dava algo em troca. – dou-lhe tudo o que tenho, os meus terrenos minha casa, e muito mais. – disse o tio lobo e respondeu-lhe o macaco.

- Nem tens casa! Quem construiu a casa foi o sobrinho. O tio lobo continuou a “engruchar” o macaco até que ele acaba por aceitar, mas foi dizendo: - sabes o que prometes que é tudo para mim. Assim que o macaco o soltou, o tio lobo agarra-o pelo rabo com toda a sua força (que nem tinha mas prontos) o tio lobo disse: - vou comer-te pois tenho fome à muito tempo que não como.

O sobrinho que se encontrava num monte muito próximo perguntou: - tio sabe qual a melhor maneira de comer um macaco? Atireo para o ar, e fique com a boca aberta, que o macaco á de lhe cair dentro da boca, e assim não perde nem um fio de cabelo – obrigado sobrinho mas eu já sabia era isso mesmo o que eu fazer. E assim fez mas em vez de o macaco cair na sua boca foi parar noutra lugar e fogue a sete pés o tio ficou muito furo e decidiu ir embora para outra terra, e deixar o seu sobrinho à sua própria sorte, (que Bom).

O macaco antes de partir agradeceu ao sobrinho dizendo – se precisares de mim é só chamar, obrigado.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 8

Idade: 14 local nascimento: Cabo verde

Línguas faladas em casa: Crioulo e português

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiana

A melhor maneira de comer um macaco

Era uma vez o lobo que plantava mandiocas um dia o sobrinho foi lá e pediu-lhe um mandioca e o sobrinho lobo disse que não e pediu-lhe novamente e o lobo voltou-a negar-lhe pediu quatro vez e ele negou e na quinta vez e é aceitou e arañçou um pé e deulhe o sobrinho gostou bué e disse que tinha que arranjar uma maneira de tirar o lobo de lá ele camerou um pedaço de corda e estava a amerae-se quando ararcçou o lobo perguntou-lhe o que ele estava a fazer e rdisse-lhe se ele estava a ver aquela nuvem que ia haver uma grande tempestade e tudo o que não estivesse amarrado na iria morrer perguntou-lhe se o sobrinho não lhe podia vender um bocado de corda ele disse que não porque era para ele o lobo tanto insistiu que o sobrinho aceitou o lobo disse que queria ser amarrado primeiro e o sobrinho amarou-lhe e ele ficou 4 dias amarrado e apareceu um macaco e o lobo perguntou-lhe se ele podia arrandar um figo e o macaco amandou e o figo cai na boca do lobo e perguntou-lhe se não lhe podia desamarar e o macaco disse que não porque ele era muito matreiro e o lobo tanto insistiu que ele desamarou e apanhou-lhe na calda e o macaco perguntou-lhe porque ele está a agarrar-lhe e ele disse que estava muito tempo amarado que tinha as mãos dormente e ele insistiu para ele lhe largar e ele disse que não ele ia lhe comer e o sobrinho ia do monte disse que melhor maneira de comer o macaco e atar-lhe o pe e atirar-lhe ao ar e o lobo disse que o sonrinho era um grange sábio e fez aquilo que o sobrinho disse mas o macaco caiu muito longe e o lobo ficou lá um dia.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 9

Idade: 13 Local nascimento: Vila Franca de Xira

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

A melhor maneira de comer um macaco

O tio lobo e o seu sobrinho andavam juntos, o tio lobo comia todo que o seu sobrinho plantava. Passados um dia o seu sobrinho plantou mandioca, o tio lobo como era muito comilão pediu au seu sobrinho se podia comer uma, mas o seu sobrinho disse que não, e seu tio voltou a pedir e ele disse que não vivamente então o tio voltou a pedir varias vezes até que o seu sobrinho que ele podia, então ele esperementou uma como ele viu que estava muito bom ele tinha que arranjar uma maneira para por o seu sobrinho fora de casa para poder comer todas as mandiocas. Depois o seu sobrinho estava a passar pela casa do seu tio, o tio perguntou: Porque que levás essas cordas contigo e o seu sobrinho lhe respondeu que se ele via aquelas nuvens negras que ali vinham e disse que ia matar todo que não estiveçe amarrado. Então o tio lobo disse para lhe amarrar naquela arvore e o seu sobrinho disse: esta bem, então amaralhe. Pasados uns dias o tio lobo viu um macaco para lhe amandar um pêsego, o macaco disse: tudo bem. Então amandou-lhe um pêsego que calhou mesmo na boca do tio lobo. Então o tio lobo disse para lhe desamarar, o macaco disse que não porque o tio lobo não era de confiança, então o tio lobo lhe emplorou e o macaco disse ta bem. Então quando lhe desamarou o tio lobo pegoulhe na cauda, o macaco disse: porque que estas a agarrar a minha cauda, e o tio lobo disse que tinha a mau dormente, e então o macaco disse para lhe deslargar a cauda e o lobo disse que: não porque estava com muita fome e que lhe ia comer. Então o sobrinho dele disse que a melhor maneira de comer um macaco era lhe amarrar os pés e amandar au ar e quando lhe caia na boca não iria perder um único pelo do macaco. Então foi isso que o tio fez, amandou o macaco muito alto e abriu a boca, mas o macaco tinha caído muito longe dele mas ele não deio conta e ficou muitos dias com a boca aberta.

Escola Básica 2/3 Vale da Amoreira

Grupo: C2 Texto: 10

Idade: 14 Local nascimento: São Vicente

Línguas faladas em casa: Crioulo

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

É uma história dum sobrinho lobo e o seu tío que era muito malandro. O tío comia tudo que ele encontrava mais o subrinho era trabalhador. O subrinho resolveu plantar mandiocas. O uns tempos passado a mandioqueira já estava a desenvolver então estava a passar o tío lobo e disse ão sobrinho dame um pouco destas mandiocas que estou com fome meu sobrinho. o sobrinho respondeu não não não te darei depois de tanto chatiar o subrinho ele deu algumas mendiocas. Ele gostou. 2 dias depois o subrinho tava a passar com uma corda e o tío lobo viu. Tío lobo o que tas a fazer sobrinho vem ai uma tempestade a tempestade vai levar ratar tudo por isso vou amarar-me com esa corda numa arvore.ó sobrinho amara-e primeiro. subrinho ta bem eu amarote.

O subrinho amarou bem ele deu bué nós. Pasado 5 dias otío ainda esta amarado. Passou um macaco ele dise dame um fingo s. Macaco

macaco- não não tu darei

tío-lobo por favor

E o macaco deu-lhe o figo e caiu mesmo na boca do tío lobo. Tío lobo desamarar-me daqui macaco não tu és muito mau não te vou desamarar. O tío chateou tanto o macaco que ele teve que desamarar. Tío disendo que dava as terras. Depois de desamarado o tío dise o seu desgrasado maldito agora vou te comer ra!ra!ra! Macaco não não eu ajudeite. Sobrinho estava num monte e ele disse que ira-lhe para sima e ele caite mesmo na boca. O tío atirou o macaco e passou um dias a espera que o macaco caise na boca dele.

Passado um dias o macaco foi agradecer o sobrinho lobo.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C2 Texto: 11

Idade: 13 local nascimento: Barreiro / Portugal

Línguas faladas em casa: Criolo e português

Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Portuguêsa

A melhor maneira de comer o macaco

Havia dois lobos um tio e o outro seu sobrinho. O tio lobo era muito preguiçoso e só gostava de comer, o seu sobrinho era bom rapaz e trabalhador.

Um dia o seu sobrinho plantou mandiocas, e o seu tio logo que viu a mandioqueira, Perguntou que podia tirar uma mandioca e o seu sobrinho negou-lhe a mandioca. Mas o tio lobo foi Precistente, até que o sobrinho farto de o ouvir lá lhe deu uma mandioca.

Alguns dias depois o tio lobo vê o seu sobrinho a passa com uma corda, e logo lhe Perguntou Para quê que necessitava de tal coisa, e o sobrinho disse-lhe se estava a ver uma grande nuvem, e ele disse que sim, o sobrinho disse que estava a aproximar-se uma grande tempestade e que levava tudo o que encontrava à frente. Por isso ia-se amarrar à árvore, e o tio pediu-lhe um bocado de corda, mas o sobrinho disse que não então quando o sobrinho ia-se amarrar, o tio disse para o amarrar Primeiro, e assim foi.

Alguns dias depois aparece um macaco na oliveira onde o tio estava amarrado, e o tio pede para o mandar um figo, e acertou em cheio na boca do tio lobo logo depois pede-lhe para o desamarar, mas o macaco recusa-o o pedido, dizendo que ele não e eu lobo de fiar. Mas alguns tempo depois solta-o, mas para sua desgraça o lobo agarra-o dizendo que o vai comer mas o sobrinho lobo grita do monte pelo seu tio. O sobrinho lobo diz que a melhor maneira de comer um macaco é a marrar os pés mandar ao ar, e ficar de boca aberta à espera que o macaco caia na boca, e assim o fez, passou um dia e o tio lobo sempre com a boca aberta à espera que o macaco cai-se na boca.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C3 Texto: 12
Idade: 18 local nascimento: Bélem
Línguas faladas em casa: Crioulo
Origem do pai: Angola Origem da mãe: Cabo Verdiana

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo que comia tudo o que via, e tinha um sobrinho que era muito trabalhador, um dia combinaram plantar mandioca mais o tio lobo comia tudo o que plantava e o sobrinho deixava a plantação intacta mais o tio lobo era tão goloso que foi ter com o sobrinho e pediu-lhe um pé de mandioca e o sobrinho disse-lhe que não porque a mandioca ainda não estava boa para comer e o tio lobo tanto insistiu que o sobrinho acabou por lhe dar um pé de mandioca, passados alguns dias o sobrinho o sobrinho passou junto a casa do tio lobo com uma corda na mão e o tio lobo perguntou--lhe para que é essa corda e o sobrinho apontou para uma nuvem negra e disse-lhe estas a ver aquela nuvem tio se tudo não estiver preso vai com a tempestade que aí vem, tio lobo pediu-lhe que vende-se um bocado de corda e o sobrinho lhe deu a corda, atandou a uma figueira que por lá havia e por lá ficou cerca cinco dias ele já estava cheio de fome e pediu a um macaco que estava em cima da figueira a comer figos para lhe dar um figo e o macaco atirou-lhe um figo que caiu-lhe dentro da boca e depois o tio disse-lhe tira-me esta corda e o macaco disse-lhe que não ele voltou a pedir e o macaco disse-lhe que não confiava nele ele pediu-lhe por quatro vezes e por quatro vezes o macaco negou e por fim o macaco soltou-lhe as cordas, o tio lobo pegou-lhe de seguida pelo rabo e disse-lhe vou te matar e de seguida vou comer-te e ele disse que não tio lobo lembre-se que vou bom para si soltei-lhe as cordas e o tio lobo disse-lhe não quero saber só sei que estou cheio de fome e vou comer-te foi assim que de lá de cima da montanha o tio lobo ouviu uma voz que lhe disse tio lobo vo sede a melhor maneira de comer macaco e o tio lobo disse-lhe não me sobrinho ele então disse-lhe amare-lhe o pé atire-lhe ao ar assim ele cairá dentro da sua boca sem perder um pelo, sabes meu filho tu és um rapaz muito esperto assim tio lobo vez e ficou um dia inteiro de boca aberta a espera e nada o macaco olhou para o sobrinho do tio lobo e disse sobrinho um dia vou te pagar por me teres livrado das garas do tio lobo.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C3 Texto: 12

Idade: 18 local nascimento: B lem

Línguas faladas em casa: Crioulo

Origem do pai: Angola Origem da mãe: Cabo Verdiana

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C2 Texto: 13

Idade: 13 Local nascimento: Setúbal

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

Era uma vez o tio lobo e o sobrinho

O sobrinho era muito trabalhador e o tio lobo não. Um dia o sobrinho estava a plantar os seus pés de mandioca, e o tio lobo esfomeado disse: - Dá me um poço dessa mandioca. E o sobrinho respondeu: Não te posso dar porquê não está boa para comer. E o tio lobo disse: - Então dá-me algo para eu comer. Com tanta esistencia o macaco arrancou um pé de mandioca. Passaram-se 2 dias e o sobrinho pensou pela casa do lobo com duas cordas na mão, e o lobo perguntou ao sobrinho: - para quê que queres eses cordas. E o sobrinho disse: - Não vês que vem uma, tempestade e eu vou me amarar á quela àrvore. E o tio lobo aflito disse: - Então dá me uma corda dessas. E o sobrinho renegou, com tanta existência o sobrinho amarou o tio á árvore de nespreiras ficou lá uns cinco dias e um macaco passou por ali e o tio disse: - Senhor macaco deíame uma nêpera eu estou esfomeado e o macaco deu e a seguir o lobo disse desamarre-me e o macaco disse que não o tirava dali, o tio lobo depois de tanto ensistir o macaco o desamarou, e quando o desamarou o tio agarrou no rabo do macaco e o macaco perguntou o porquê de ele estar a agarra no rabo dele se ele tinha sido tão bonzinho para ele e o tio disse que o ia matar. O sobrinho estava por perto e gritou ao tio: - Tio se o quer comer amarre os pés com a corda e atire ao alto e o tio assim fez. O tio atirou o macaco com tanta força que o macaco foi parar para outro lado e o macaco agradeceu ao sobrinho. O tio ficou a espera um dia pelo macaco.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C2 Texto: 14
Idade: 17 local nascimento: Cabo Verde
Línguas faladas em casa: Criolo
Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Havia o lobo e o sobrinho, o tio lobo era muito preguiçoso e o sobrinho era trabalhador o tio lobo comia tudo, o que plantava o tio arranjo uma maneira de ficar com a mandioca para si.

Passaram-se dois dias, o sobrinho veio com duas cordas e o tio perguntou-lhe para quê essas duas cordas o sobrinho respondendo é porque vem aí uma tempestade e quem não se amarrar vai morrer. O tio pediu para ele lhe amarrar primeiro. Passaram-se 4 dias apareceu um macaco na árvore onde ele estava o tio estava com muita fome e pediu ao macaco um figo e o macaco lhe deu. Entretanto, o tio disse para o macaco lhe desamarrar 4 vezes dizendo-lhe que lhe dava tudo o que tinha e o macaco camssuo de lhe ouvir desamarrou-lhe, depois o lobo apanhou o macaco ia-lo comer. Então ouviu-se uma voz nas montanhas a voz do seu sobrinho dizendo-lhe que a melhor maneira de comer o Macaco era amarrando-lhe as pernas e amando-lo para o ar. Então o tio fez o que o sobrinho lhe disse. O macaco caiu longe do tio. O Macaco agradeceu o sobrinho de lhe ter ajudado.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C2Texto: 15
Idade: 16ocal nascimento: Cabo Verde
Línguas faladas em casa: português e crioulo
Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiano

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez um lobo muito preguiçoso que vivia com o seu sobrinho. Um dia o sobrinho decidiu plantar mandioca. Sobrinho - tio lobo tu não fazes nada lobo-ó sobrinho, eu faço muitas coisas sobrinho-como por exemplo? Lobo-sobrinho, queres mesmo saber? sei comer, isso já e muita coisa. Sobrinho-cala-te sou preguiço, que eu vou plantar as minhas mandiocas já estava a plantar as suas mandiocas, quand estava todas plantadas o lobo disse:-ó sobrinho da_me um pé mandioca.

Não tio! Porque as mandiocas estão verdes e não da para comer já.

-- sobrinho, só um não faz mal, ele insistiu tanto que arranjou maneira do expulsar o sobrinho, para ficar com a sua plantação.

Passados dois dias o sobrinho passou pela casa do tio, com um corda, e o tio lobo perguntou-lhe: ó sobrinho, para que queres esta corda? Ele respondeu vou amarrar-me, olha aquela nuvem escura, vem ai uma tempestade e quem não estiver amarrado vai pelo ar. Então o lobo disse para o sobrinho:

-- ó sobrinho amarra-me primeiro e o sobrinho amarrou junto a uma figueira. Passado dois dias apareceu um macaco em cima da figueira que estava a comer figos. Então o lobo disse:--atira-me um figo, estou com muita fome o macaco atirou um figo que caiu dentro da boca. De seguida o lobo disse:--“dessararra-me” o macaco respondeu Não confio em lobo. Tio pediu outra vez, e o macaco desamarrou. O lobo pego-lhe na cauda e disse -lhe que ia o comer o macaco disse: --deixa-me seu lobo, eu fiz-lhe bem. Então o sobrinho gritou lá do Monte:--ó tio sabes qual a melhor maneira de comer o macaco? Amarrá-o, e depois lanças ao ar e ficas, com a boca. O lobo lançou o macaco ao ar e ele foi na direcção errada. O lobo ficou com a boca aberta um dia.

Quando o macaco encontrou o sobrinho, agradeceu por ter salvo a vida.

fim

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C2 Texto: 16
Idade: 14 Local nascimento: Lisboa
Línguas faladas em casa: Crioulo
Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Guineense

A melhor maneira de comer o macaco

Era uma vez o tio lobo e o sobrinho. O lobo era cumilão e o sobrinho trabalhador, estava a plantar a sua mandioca enquanto o tio lobo estava a repousar, dias depois o tio lobo estava cheio de fome e queria comer mandioca, mas o sobrinho disse que estava verde e não dava para comer. Dois dias depois o tio lobo vê o sobrinho com uma corda a marrar a casa e o tio lobo pergunta porquê que ele estava a amarrar tudo o sobrinho aponta para uma nuvem negra e diz que vêm uma grande tempestade, entretanto o tio lobo pede-lhe que venda-o a corda para amara-se, o sobrinho recusou porque tinha pouca corda e era para ele, mas acabou para o amarrar. Cinco dias passados estava um macaco a comer figos na figueira estava o tio lobo amarrado, tio lobo pede-lhe para que dê-lhe um figo assim o fez, o tio lobo também pede para o desamarrar, mais de 4 vezes, o macaco negou mas o tio lobo pediu tanto que o macaco acaba por desamarrá-lo, no entanto ele pega no rabo do macaco e o macaco pede-lhe para soltar-se mas nega porque o queria comer, no longe vê o sobrinho, o sobrinho grita e diz-lhe a melhor maneira de comer um macaco era amarrar os pés e mandar-lhe para o alto e abrir a boca, assim o tio fez concordando com a ideia sábia do sobrinho, mas o macaco foi para muito longe agradecendo ao sobrinho.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica
Grupo: C2Texto: 7
Idade: 14local nascimento: Cabo verde
Línguas faladas em casa: Crioulo
Origem do pai: Cabo Verdiano Origem da mãe: Cabo Verdiana

A melhor maneira de comer um macaco

Havia um lobo muito preguiçoso que tinha um sobrinho muito trabalhador. Foram plantar mandioca e o tio comia tudo o que plantava, dias depois o tio viu que as plantas do sobrinho estavam a crescer e disse que queria comer as mandiocas do sobrinho. O sobrinho disse:

-- Tio lobo ainda não estão bem desenvolvidas.

-- Tio lobo insistiu tanto que o sobrinho acabou por ceder. O tio lobo gosta e quis ficar com o terreno das mandiocas para ele, e pençou em expulsar o sobrinho para ficar com as mandiocas. Passaram-se dois dias e o sobrinho passou pelo tio com uma corda, e o tio perguntou-lhe – o que vais fazer com essa corda meu rapaz – o sobrinho apontou para o céu. – olhe essa nuvem negra, vem aí uma tempestade que à de matar todos os que não estiverem amarrados. – então vendeme um pouco dessa corda – não posso, porque vou me amarrar bem à figueira pois não quero morrer. – amarras-me assim primeiro! O sobrinho amarrou-lhe muito bem. Passaram cinco dias e apareceu o macaco a comer figos, o tio lobo pediu-lhe um figo o macaco deu-lhe, aproveitado a gentileza do macaco, o tio lobo pediu que lhe desmarra-se, mas o macaco não é assim tão burro. O tio lobo continuou com a ladainha, sempre prometendo que lhe dava algo em troca. – dou-lhe tudo o que tenho, os meus terrenos minha casa, e muito mais. – disse o tio lobo e respondeu-lhe o macaco.

- Nem tens casa! Quem construiu a casa foi o sobrinho. O tio lobo continuou a “engruchar” o macaco até que ele acaba por aceitar, mas foi dizendo: - sabes o que prometes que é tudo para mim. Assim que o macaco o soltou, o tio lobo agarra-o pelo rabo com toda a sua força (que nem tinha mas prontos) o tio lobo disse: - vou comer-te pois tenho fome à muito tempo que não como.

O sobrinho que se encontrava num monte muito próximo perguntou: - tio sabe qual a melhor maneira de comer um macaco? Atireo para o ar, e fique com a boca aberta, que o macaco á de lhe cair dentro da boca, e assim não perde nem um fio de cabelo – obrigado sobrinho mas eu já sabia era isso mesmo o que eu fazer. E assim fez mas em vez de o macaco cair na sua boca foi parar noutro lugar e fôgio a sete pés o tio ficou muito furo e decidiu ir embora para outra terra, e deixar o seu sobrinho à sua própria sorte, (que Bom).

O macaco antes de partir agradeceu ao sobrinho dizendo – se precisares de mim é só chamar, obrigado.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C2 Texto: 18

Idade: 13 Local nascimento: Faro

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

“A melhor maneira de comer macaco”

Avia um lobo e o seu sobrinho o tio lobo era preguioso comia tudo o que via o sobrinho era trabalhador e estava a plantar umas mandiocas, e o tio lobo comia tudo o que plantava, um dia o tio lobo esta cheio de fome e foi lá pedir uma mandioca ao sobrinho da-me uma mandioca o sobrinho ficou tão saturado que lhe deu uma mandioca depois o tio pensou ficar com a mandioqueira toda para sí. Pasado dois dias o sobrinho passa com duas cordas, e o tio pergunta o que é que precisas desas cordas, e o sobrinho aponta para uma nuvem negra e diz: vem ai um temporal que leva tudo o que não amarado o sobrinho começou a amarar-se e o tio pediu-lhe para o amarar primeiro e o sobrinho assim o fez passado 4 ou 5 dias um macaco manda-me um figo o macaco amandou e foi direitinho a boca do tio lobo e o tio lobo pediu ao macaco para lhe soltar e o macaco disse não porque ele não era homem de se confiar o lobo ofereceu lhe tudo o que tinha as suas terás e tudo o que tinha nelas, mas o macaco não aceitou passado um tempo o macaco desamarou o tio lobo, e o lobo agarou na cauda o macaco perguntou porque me agarar na cauda e o lobo responde tenho a mão dormente e quero acordala, o lobo queria comer o macaco foi quando o sobrinho apareceu e disse tio sabe qual e a melhor maneira de comer um macaco é marando nos pés e a tirando-o ao ar que ele vai direitinho a sua boca e o tio então assim fez atirou o macaco com tanta força o macaco cai longe dali o lobo ficou 1 dia com a boca aberta ficou muito agradecido por o sobrinho o ter salvo do tio lobo.

Escola Básica 2/3 Monte da Caparica

Grupo: C2 Texto: 19

Idade: 15 Local nascimento: Lisboa

Línguas faladas em casa: Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

“A melhor maneira de comer o macaco”

Havia um lobo e o seu sobrinho, o tio lobo era preguiçoso e o seu sobrinho é que se matava a trabalhar e o seu tio lobo quando tinha fome pedia ao seu sobrinho um bocado de mandioca. Passaram dois dias e o sobrinho pasou com duas cordas na mão, e o tio lobo perguntou ao sobrinho para que servia as cordas que tinha na mão, e o sobrinho disse que era para o tio lobo olhar para uma enorme nuvem preta que era um tempestade que estava previsto chegar, e quando o sobrinho estava se amarrar numa árvore o tio lobo perguntou porquê que o sobrinho estava a fazer e o sobrinho disse que era para a tempestade não levar tudo á frente então o tio lobo disse que era para lhe amarrar primeiro e o sobrinho lhe amarrou e ele depois de amarrou também, passaram 4 dias e o tio lobo estava cheio de fome e apareceu lá um macaco a comer figos, o tio lobo pediu ao macaco para lhe mandar um figo e o macaco lhe mandou. O lobo pediu ao macaco para lhe desamarrar e o macaco disse que não o desamarrava porque não era de confiança, mas passado um bocado o macaco lá o desamarrou um boca, o macaco lá o desamarrou e o lobo agarrou o rabo do macaco e o macaco disse porquê que o lobo estava a agarrar no rabo e o lobo disse que iria comer e o sobrinho disse ao tio para amarrar pelo pés e amandalo ao ar e o lobo fez isso que o sobrinho disse, o tio lobo ficou com a boca aberta durante um dia. Depois o macaco agradeceu ao sobrinho por o ter salvo.

Grupo: C2 Texto: 20

Idade: 15 Local nascimento: Cabo-verde

Línguas faladas em casa: Crioulo e Português

Origem do pai: Cabo-verde Origem da mãe: Cabo-verde

Como comer um macaco

Era uma vez um lobo, um trabalhador e um macaco. O lobo era muito preguiçoso e estava sempre a robar mandiocas a trabalhador. e passou dois dias o macaco viu o lobo a robar mandiocas e o macaco foi disser ao trabalhador e o trabalhador agarou o lobo e amarrou-o numa arvore e o macaco ficou em cima da arvore e começou a cantar. O lobo é burro, o lobo é comelau depois o lobo dormiu. E o macaco continuou a cantar depois o lobo acordou e pediu o macaco para desamara-o e o macaco diz não ao lobo. Depois o macaco continuam a cantar. E o lobo voltou a dizer ao macaco para desamara-lo e o macaco disse não porque se desamara-lo. O lobo disse quatro vezes e o macaco dizia sempre não e dali apareceu um rapaz que desamarou o lobo depois o lobo agarou no rabo do macaco e disse “agora vou ti comer, seu macaquinho” e o rapaz tava la em cima e disse para o lobo amandar o macaco para cima a abrir a boca e o lobo amandou o macaco para cima abriu a boca e macaco agarou nom arvore e mandou uma bosta dentro da boca do lobo. e o lobo disse não te comi mas comi a tua bosta.

GRELHA DE ANÁLISE DE DADOS

=====

Interferência Linguística

Grupo –

Nº de texto -

Morfológica					Sintáctica			Semântica	
Conjugação verbal	Concordância de género	Concordância de número	Uso de artigos	derivação	Estrutura frásica	Uso de preposição	Uso de clíticos	Falsos amigos	Significados diferentes

Lexical		Fonética			Outros
Palavras caboverdianas	Palavras aporuguesadas	acentuação	Substituição de e por i	Substituição de R(rr) por r	Hipercorreção e outros

